

JAN VAL ELLAM



SOPHIA

E OS LOCOS CRIADORES

CONECTAR EDITORA



SOPHIA E OS LOGOS CRIADORES

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA



Sophia e os Logos Criadores

Copyright © Jan Val Ellam, 2020. Todos os Direitos Reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistemas de armazenamento em bancos de dados, sem a devida permissão, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos e estudos.



Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Produção: Krysamon Cavalcante

Capa: Luciana Lebel

Revisão: Maria Helena Kummer

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

www.conectareditora.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E46so Ellam, Jan Val, 1959 -

Sophia e os logos criadores /Jan Val Ellam. Natal :

Conectar Editora, 2020.

354 p., 21 cm.

1. Filosofia. 2. Comunidade cósmica - Sophia.

3. Futuro planetário. 4. *Trimurti*. 5. Revelação Cósmica. I. Título.

CDU 133.93

ISBN: 978-65-86157-02-4

1ª Edição - Natal - RN/2020

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Advertência](#)

[Introdução](#)

1. [Os “Logos Criadores”](#)
2. [Perdição e Vexame](#)
3. [Os Avatares e os Agentes dos “Logos Criadores”](#)
4. [Sophia, o “Soberano Universal”](#)
5. [A “Arte Demodharmica” do Possível](#)
6. [A “Sacralização do Absurdo”](#)
7. [O “Cristo Cósmico” se faz Jesus](#)
8. [“Fraqueza” Incompreensível](#)
9. [A “Jaula” de Cada Espécie](#)
10. [“Olhar Adulto”](#)
11. [O “Modo Trimurtiano” de Sophia](#)
12. [Sophia e o Gênero Biodemo](#)
13. [João e a “Cápsula do Tempo” de Sophia](#)
14. [Sophia e a Ressurreição de Jesus](#)
15. [Os “Agentes” do “Quarto Logos”](#)
16. [Sophia e os Três Primeiros “Logos”](#)
17. [A Falsa Trindade](#)
18. [Sophia e o “Quarto Logos”](#)

[Texto Complementar](#)

[Notas](#)

[Sobre o Autor](#)

[Entrevista com Jan Val Ellam](#)

[Guia e Roteiro de Leitura dos Livros](#)

[Por que o IEAA?](#)

[Manifesto Projeto Orbum](#)

[Mais informações](#)

SINOPSE

Quem é Sophia? Trata-se de Jesus na sua “forma gloriosa”? Seria o “Cristo Cósmico”? Qual é a sua missão?

Quem são os “Logos Criadores”? Na Terra, quais são os legados de seus agentes?

Como o “Quarto Logos” atua? Qual o perfil de seus agentes?

Por que Jesus anunciou que voltaria à Terra? Segundo o “*Apocalipse*”, do apóstolo João, vivemos na época em que “os tempos são chegados”? Quais as dificuldades a serem superadas para o cumprimento de sua promessa? Onde o nosso amado Mestre se encontra?

O que significa a relação entre Jesus, Sophia e Javé?

Esses e outros questionamentos, normalmente elaborados pelos seres humanos despertos, são respondidos neste livro de Jan Val Ellam, que mostra o interesse de Sophia pelos humanos capazes de compreenderem a importância do “favor divino” que prestam a toda uma comunidade cósmica.

Muito além de uma “separação do joio e do trigo”, o verdadeiro objetivo do “retorno de Jesus” é explicado nesta obra, que é mais um dos “fragmentos” da “Revelação Cósmica” para a História Universal.

ADVERTÊNCIA

No campo da preocupação moral, a única providência que posso assumir, é a de anunciar as três premissas básicas que costumo levar em consideração nos livros, palestras e cursos que tenho produzido, ou seja:

1ª premissa: ainda que a natureza humana seja a detentora da mais desenvolvida habilidade no campo do tirocínio, ela não se encontra capacitada a compreender, com o seu atual modo de pensar, as questões espirituais e cósmicas, nem muito menos o “Fator Javé” em torno da Criação Universal – de todo jeito, esforço-me por produzir tal conteúdo devido às necessidades inadiáveis que deverão ser melhor compreendidas no futuro;

2ª premissa: por mais avançada que seja a língua portuguesa no campo dos conceitos mais complexos, as palavras da nossa lógica não são suficientes para a abordagem de todo esse contexto que se encontrava oculto – ainda assim, os primeiros passos informativos da “Revelação Cósmica” estão sendo dados por brasileiros, portugueses e angolanos, além de outras nacionalidades vinculadas à língua lusitana, porque essa é a única alternativa possível no momento; e

3ª premissa: a minha “pequenez” não me permite produzir qualquer conteúdo em que eu mesmo confie – apesar disso, estou sendo o primeiro humano a se movimentar no sentido de produzir informações e reflexões sobre esses temas complexos, o que garante que o está sendo revelado se encontra incompleto e/ou equivocado e, portanto, precisará ser permanentemente amadurecido pelas gerações futuras.

Em nenhuma hipótese, qualquer informação ou nível de entendimento advindo dessas “primeiras páginas” da “Revelação Cósmica” deverão se tornar tema ou motivo para movimentos religiosos de quaisquer categorias,

pois o que precisa mesmo ser construído na Terra são mais escolas e institutos em que a “busca da Verdade” se dê livre e decentemente. Definitivamente, o mundo não comporta mais igrejas para perpetuarem o enclausuramento de pseudoverdades, que somente apequenam a vida e seus agentes racionalizados.

Jan Val Ellam

INTRODUÇÃO

Existe muito a ser dito sobre Sophia, mas não por mim!

A “transição de fase” pela qual ele se encontra passando, impede-me de dar cores razoáveis ao que uma mente humana pode assumir como sendo a abordagem propícia para determinados assuntos, presumindo que se encontra na direção correta da boa análise. Não tenho como a isso pretender!

Nesse caso, a boa solução seria a de não ser alguém do “meu tamanho” a ter que enfrentar esse tipo de tarefa, mas parece não existir outra opção. Ou faço eu, ou não será feito, aponta a trovejante certeza de Sophia que, mesmo sem gostar – penso eu –, e a exemplo do que aconteceu com Javé, tem nesta “inclassificável criatura humana” a única opção restante, na condição de instrumento, para que algo nesse sentido possa ser feito.

Posto que inevitável, lá vou eu, novamente, enquadrar na lógica humana o que a ela jamais pertenceu. Que seja!

Este livro narra os últimos fatos envolvendo esse Ser e a sua preparação para se apresentar aos terráqueos, naquilo que a tradição cristã local entende como sendo “a volta de Jesus, no seu estado glorioso”, que nada mais é do que a sua condição conhecida como Sophia, tido mais recentemente como sendo o “Cristo Cósmico”.

As gerações futuras aprimorarão o que, por enquanto, representa tão somente um “esboço de um grande Ser”, feito por um “instrumento bem pequeno e sem a menor motivação para tanto”.

Atlan, 29 de fevereiro de 2020.

Jan Val Ellam

OS “LOGOS CRIADORES”

A ÚNICA ANALOGIA possível que pude construir ao me ver envolvido com a **Trimurti e a sua pesada Aristocracia**, foi com a situação da **cúria romana**.

“*Em que sentido?*” – deve se perguntar o(a) presumível leitor(a), ao mesmo tempo em que há a possibilidade dele(a) achar estranha essa maneira de se começar um livro.

Às vezes, é descrito que Brahma/Javé está “assentado no seu trono”, com a sua “Assessoria Angelical” ao seu redor, como se o reverenciando, de modo bem parecido às alusões feitas pelos profetas da antiguidade bíblica que puderam ser testemunhas dessas ocorrências.

Outras vezes, bem raras na História Universal, conforme registrado em incontáveis páginas mitológicas, afirmam que Brahma, Vishnu e Shiva, os três “Senhores da *Trimurti*”, se encontram situados no centro da cena, também em seus respectivos “tronos”, tendo distribuídos, de alguma maneira, os níveis de Hierarquia que os cercam. Aparentemente, nas ocasiões em que me foi dado perceber, tais distribuições não me pareciam obedecer qualquer tipo de critério que tornasse a cena agradável ou mesmo bonita.

Ao redor de toda aquela coreografia algo prejudicada sob a égide da boa lógica” – sim, existe a “má lógica”, a pouco inteligente, mas que funciona para certos tipos de psiquismos destituídos de qualquer padrão de senso crítico –, concentrava-se uma malta de incontáveis seres “clonados-robotizados” (em torno de Brahma e sua Aristocracia) e “demo-dementados” (cerca de Shiva e de Vishnu e suas respectivas Aristocracias), cujas características pessoais, à primeira vista, se revelam algo incompreensíveis para o nosso modo humano de pensar.

Era tudo sempre muito estranho e, para além das notícias bíblicas e

mitológicas – o “sempre”, aqui utilizado, refere-se às repetidas ocorrências em que a condição humana deste “aflito escrevente” foi levada a conviver com essas “esquisitices”.

No passado remoto, ao que parece, Enoch foi o primeiro humano a ser conduzido, com o devido envoltório de proteção, para o convívio com essa malta extrafísica, posto que esse contexto se localiza num universo antimaterial, paralelo ao nosso, cheio de “moradas” particularizadas, que o compõem. Especulação? Não!

A ciência humana já aponta para a existência desse universo vizinho, ainda que somente tenha detectado a sua possível influência gravitacional, e trata, de modo especulativo, com a probabilidade de que o mesmo seja composto de antimatéria, podendo ter surgido na “contraparte do microinstante da criação deste universo em que vivemos”, que é derivado da “Singularidade” que “apareceu”.

Tendo sido o sétimo patriarca bíblico da linhagem dos “escolhidos” por Javé, Enoch foi o único que não morreu na Terra, pois foi levado para o “céu” pelos “Anjos do Senhor”, em duas oportunidades, mas apenas retornou após ditar 366 livros ao seu filho Matusalém, a serem legados à humanidade. Infelizmente, somente parte de dois desses livros sobreviveram à “cretinice” dos humanos em destruir o elo histórico da sua ancestralidade. Descrita no livro “*Gênesis*”, do “*Antigo Testamento*”, que veio compor a visão judaica sobre o “deus bíblico”, tal linhagem começa com Adão, passando por Set, Enos, Cainan, Malalahel, Jared, Enoch, Matusalém, Lamech, Noé e mais outros tantos que, numa linha temporal, levam a Abraão, Isaac e Jacó, até terminar na pessoa notável do “homem Jesus” – o último dessa lista de “escolhidos” e/ou “enviados”.

Não é por menos que, devido a essa e a outras tantas “queimas de arquivos”¹, somos uma espécie que não sabe como surgiu, de onde veio e qual o seu significado existencial.

Segundo a “*Bíblia*”, Enoch passou trezentos anos convivendo com Javé – isso somente no seu primeiro estágio de convívio com os entes extrafísicos, porque ainda houve um segundo, no qual veio a morrer por lá mesmo –, viu o que os humanos desconheciam, e ainda desconhecem, e se impressionou com a “coreografia” do poder daqueles seres. Mais tarde, Enoch foi obrigado a se integrar nessa “coreografia” – como já dito, ele foi levado a “viver” entre eles –, até o limite da sua “nova condição angélica”, que lhe foi imposta.

Enoch presenciou como, a cada “desconforto” de Javé, anjos e outros

tipos de seres eram punidos barbaramente por meio de castigos e sofrimentos infundáveis. Ai de quem mexesse com a *Trimurti*, ou a desrespeitasse, pouco importando se era procedente ou não o motivo da causação do incômodo.

Os “**Senhores da Trimurti**” – também tidos como “**Logos Criadores**” no contexto dos livros que tento produzir – eram “intocáveis”, por “criminosos” que pudessem ser seus atos, quando assim avaliados pela lógica de outras espécies geradas a partir do “Código de Vida” que dela emanava. No entanto, ainda que com pouca capacidade de crítica, quem desse conceito ou percepção – refiro-me aos atos “criminosos” da *Trimurti* – se aproximasse, era banido e/ou destruído como uma espécie de vírus a ser deletado do “sistema operacional da vida”.

Além dessa pobre analogia que fiz, tenho outra em relação à cúpula romana, devido ao “vespeiro” que da mesma é emanado a cada desconforto que lhe é causado por qualquer acusação aos seus prelados ou prepostos ou, mais ainda, à instituição que dizem defender.

Quem contra ela se volta, paga um alto preço! Assim foi e é até estes tempos atuais, pois mesmo estando à frente da cúria, o papa Francisco – cuja honestidade de princípios e de propósitos é facilmente atestada pelos homens e mulheres livres de “lentes viciadas no olhar” – vê-se por ela ameaçado, e sua gestão começa a ter problemas seríssimos, sem solução à vista.

Para a cúria romana, a pedofilia é, mais ou menos, o que o “câncer demo” e a “demência demo” representavam para a *Trimurti*, ou seja, **motivo de escândalo**! Os “Senhores da *Trimurti*” pretendem ser os “maiorais”, mas padecem desse tipo de “podridão genética” – na atualidade, isso já não se aplica a Vishnu, pois ele se desconstituiu em 2016.

A desobediência humana é “algo novo”, constituindo outro fator que incomoda bastante os “Senhores da *Trimurti*”, além de provocar “repetidos vespeiros” em torno dos focos da insubmissão. Entretanto, tiveram que se render a essa “independência” mesmo após as diversas tentativas de condicionarem uma espécie que se liberou do jugo do Criador quando mutações ocorreram na genética de Pandora e, mais tarde, na de Eva, e que foram, posteriormente, repassadas aos demais *Homo sapiens*, além de outras interferências estranhas no genoma humano.

1ª Constatação:

Para o “modo de pensar trimurtiano” de Brahma, Vishnu e Shiva, o sofrimento humano, assim como o de outras espécies, jamais teve

importância para eles, até porque a natureza desses Seres não tem “convenções mentais” que os permitam valorizar essas questões.

O “modo de pensar *trimurtiano*” está relacionado com o foco desesperado do psiquismo desses Seres em produzir novas espécies, para nelas descobrirem a “cura da sequência genética” que os poderá libertar da “situação de escândalo” – apresentam “câncer demo” e “demência demo” –, na qual se encontram desde a “queda” do “Primeiro Logos” e os “mergulhos” dos outros dois “Logos” nesta Criação “indevida”. Esse aspecto “doentio” dos seus psiquismos é que os leva a serem absolutamente indiferentes aos efeitos colaterais que essa “busca” tem provocado ao longo da “dramática” e, por enquanto, desconhecida História Universal, na qual “espécies-cobaias” incontáveis foram e continuam sendo geradas para esse fim – e me desculpem por afirmar que, para eles, pelo menos por enquanto, não existe outro objetivo!

De maneira similar, comparando com o que acontece entre os humanos no que diz respeito a casos de pedofilia envolvendo a Igreja Católica, o sofrimento das dezenas de milhares de vítimas – até agora oficialmente computadas – que, ao tempo e mesmo ao longo da idade infantil, foram estupradas por prelados católicos, parece não ter importância real para a cúria, ou mesmo para os católicos, pois todos parecem viver como se nada disso tivesse acontecido ou ainda acontecendo.

A crítica que pessoalmente faço aos católicos é a de que eles mais se chateiam e se revoltam com as denúncias do que se preocupam com a averiguação dos fatos, e não se posicionam filosoficamente sobre a questão, deixando que o papa e a cúria romana – a ele atrelada – cuidem do assunto, forçando a que se pense que somente se indignarão no dia em que tal monstruosidade acontecer com alguma criança da família. Contudo, que tipo de leitura se pode fazer das atitudes que os prelados de todo o mundo assumiram como sendo a versão oficial da Igreja Católica em relação ao assunto “pedofilia”, ao longo das últimas décadas?

Parece que tanto a cúria romana quanto a *Trimurti* sempre estiveram cegas em relação à própria “podridão de conduta”.

Expondo os fatos friamente, até pouco tempo atrás, a cúria romana nem mesmo fingia que se preocupava com essas questões. Na época do papa João Paulo II, cuja administração acobertou inúmeros prelados criminosos, com a justificativa de manter o prestígio da Igreja Católica, os tais crimes ficavam

“escondidos”, pois o que importava era “manter-se no poder” ou, como já dito, “manter o poder da Igreja”, uma vez que, sem esta, o mundo cristão não vive, porque é exatamente assim que pensam para justificar as suas atitudes funestas.

Aqueles que, quando crianças, foram aviltados de muitas maneiras, ao se tornarem adultos e não mais conseguirem ou lhes serem insuportável conviver com as recordações do que sofreram, optaram por acusar os tais criminosos. Contudo, quando corajosamente resolveram delatar os crimes ocorridos, viram-se ainda vergonhosamente atacados por católicos que, num primeiro momento, costumam classificar como “mentirosos” os “acusadores da honra da religião que abraçam”, transformando, de modo equivocado, os verdadeiros criminosos em vítimas de “aproveitadores que querem ganhar dinheiro às custas da Igreja Católica”.

Como afirmou, em junho de 2017 a defensora pública da Austrália, Ingrid Irwin², ao jornal “*Herald Sun*”, de Melbourne:

“Para eles, tem sido muito difícil manter a cabeça fora da água. Atacar alguém que, na mente de muitas pessoas, está tão perto de Deus, provocou muitos problemas para eles”.

O caso em questão se refere ao acontecimento mais recente nessa área – ao tempo em que produzo estas linhas –, que atingiu o terceiro cargo mais importante da cúria romana, ou seja, depois do papa, ele é o segundo mais importante. Trata-se do cardeal George Pell, tesoureiro do Vaticano, denunciado pelas autoridades australianas, e que, no dia 29 de junho de 2017, licenciou-se para poder se defender, na corte da Austrália, dos inúmeros e múltiplos crimes sexuais cometidos contra menores.

Conforme relatado publicamente em diversos jornais do mundo, o cardeal Pell já havia se apresentado frente a uma comissão em três oportunidades, quando admitiu ter falhado ao lidar com padres pedófilos³, nos anos 1970, no Estado de Vitória, na Austrália.

Em 2016, esse cardeal reconheceu também que a Igreja cometeu “enormes erros” ao permitir que milhares de crianças fossem estupradas e molestadas pelos sacerdotes. Admitiu ainda ter errado ao acreditar nos sacerdotes, e não nas pessoas que se diziam vítimas.

Recentemente, porém, o próprio Pell se transformou no foco das

investigações de crimes sexuais, sendo ele mesmo o protagonista de fatos deploráveis, que estão sendo investigados pela justiça australiana.

O papa Francisco, obviamente, tinha conhecimento das acusações passadas contra Pell, mas o nomeou para um cargo de sua confiança, ainda que tenha adotado uma política de “tolerância zero” com relação a abusos sexuais praticados por membros da Igreja. Se assim foi, e mesmo com toda admiração que tenho pela sua figura humana, pergunto-me por que o papa manteve o cardeal Pell em posição tão importante na cúria.

Acontecimentos desse tipo somente são compreensíveis pela ótica da distribuição do poder na gestão política das instituições que dominam a cena planetária. Como disso não faço parte, sou livre para refletir criticamente sobre a leitura dos fatos, na tentativa de exercer a minha cota de cidadania planetária, a qual não dispenso, principalmente sabendo que somos todos cidadãos cósmicos e, na verdade, espirituais.

Imagino que os católicos, ao lerem esse simples comentário, já comecem a se sentir indignados apenas pela menção ao fato, pois julgam ser uma agressão à Igreja Católica, conforme relataram várias famílias de vítimas que sofreram muito, como já referido, por estarem acusando homens idosos e com importantes funções na cúria, sobre “infâmias que não se provam”.

O doloroso é que estão sendo provadas, porém os católicos não falam sobre isso, porque, afinal, precisam manter sua religião respeitável, ainda que a custo dessas ocorrências, em relação às quais o próprio “diabo” se sentiria injuriado caso fossem produzidas por aqueles sobre o seu comando. Como, então, aceitar esses horrores cometidos pela “gente de deus”?

Só as famílias dos atualmente adultos, que foram estuprados por anos e anos ao tempo da infância e da adolescência, e eles próprios, sabem da dor e do repúdio que passam a sentir quando pessoas que se dizem representantes de “Deus” na Terra, agem dessa maneira ignóbil com crianças e adolescentes indefesos. Inclusive, muitos deles eram surdos e mudos, e viviam em orfanatos chefiados por padres pedófilos.

A esta altura, o(a) leitor(a) atento(a) poderá questionar o que esse contexto tem a ver com um livro sobre Sophia, um Ser cósmico incomensurável, a partir do qual produziu-se o “humano Jesus”, a quem tanto amamos.

Como se poderá perceber mais adiante, infelizmente, **Sophia é membro de uma “Organização” bem mais “apodrecida” do que a da cúria romana** ou a de outras dessa mesma categoria terrena. Ainda assim, **parece**

ser a melhor face de tal “Organização” e, mesmo não sendo humano, ostenta, na atualidade, parte da natureza da nossa espécie *Homo sapiens*, **pelo fato de se encontrar “escaneando” os níveis notáveis da Consciência da sua experiência terrena como Jesus.**

2ª Constatação:

A “Organização Hierárquica a que Sophia pertence é uma que se estabeleceu neste universo como representante da que originalmente surgiu no universo vizinho, formada pelos descendentes diretos da Trimurti. No seu caso, ele é considerado um descendente indireto porque já emergiu para a vida no nosso universo material, onde habita.

Para poder facilitar a compreensão sobre um tema tão obtuso e mesmo complexo, e muito difícil de ser entendido pela lógica humana, faz-se necessário situar esses aspectos no âmbito de uma “analogia do possível”.

Assim, do mesmo modo que **a cúria romana bloqueou as atitudes dos papas Bento XVI e Francisco, que claramente “rasgaram o véu da podridão” da hierarquia composta pelos prelados “adoecidos”, outra mais “podre” ainda, em torno da Trimurti, sempre atrapalhou qualquer plano ou projeto dos avatares de ponta, que esse “Triunvirato esquisito” conseguiu produzir** ao longo da História Universal, que já ostenta quase 14 bilhões de anos.

Apesar de toda “podridão” exposta, que obrigou o papa Bento XVI a apelar para a medida extrema da abdicação, a coreografia da chegada de mais um papa “enviado pelo Espírito Santo”, com “fumacinha branca” e tudo o mais daquele espetáculo, com cobertura mundial pela televisão, embaça ou mesmo encobre o sofrimento de incontáveis famílias que tiveram as suas crianças de outrora estupradas e seviciadas por prelados da cúria, em todos os níveis.

Nem mesmo os orfanatos de crianças surdas e mudas escaparam ao monstruoso domínio de prelados, que delas se serviam, pois as mesmas não tinham como denunciar o inferno diário a que foram submetidas durante anos. Caso o tivessem feito, como efetivamente algumas poucas conseguiram ao enviar uma carta pedindo ajuda, quem nelas acreditaria? Afinal, o que fazer se é a “mão de deus” quem subscreve o que os tais padres, bispos e cardeais criminosos fazem em seu nome. Pobre “deus”, esse, cujos

representantes assim agem; pobre “Santíssima Trindade”, cujo aspecto financiador dessa continuidade infindável de crimes um dia terá que ser revista, não só pelos olhos e corações dos que sofreram, mas também pelos culpados diretos e responsáveis pela “proteção divina” a tamanho despautério; desafortunados humanos, cuja ignorância, na sua origem, foi involuntariamente adquirida, mas que agora é voluntária e criminosamente acumulada, a ponto de não terem olhos para enxergar a realidade.

De modo ainda mais vergonhoso, **a Trimurti, alicerçada nos três Seres que personificaram os “Logos Criadores” desta realidade que nos envolve**, produziu todo tipo de “crime” à sensibilidade das espécies, meras “cobaias” das suas necessidades evolutivas, que foram sendo geradas pela manipulação da genética deles advinda.

O próprio Sophia é produto disso, como nós também o fomos e somos! O desagradável é que foi ele o mentor e realizador do plano que nos gerou e que nos considera “cobaias”, ainda que tenhamos sido condicionados a tratar a esses Seres como “deuses” e levados a lhes agradecer pela dádiva da existência, quando são eles que deveriam, primeiro, pedir-nos desculpas – como corajosamente fez o papa Francisco no caso da cúria romana –, e depois, agradecer-nos, e muito, porque são eles que precisam das suas “criaturas-ferramentas”, ou seja, de nós.

3ª Constatação:

Os nossos espíritos cumprem com o “Favor Divino”⁴ de servirem a um propósito de sacrifício para ajudar no resgate de incontáveis seres que se viram obrigados a “mergulhar” nesta Obra, com o objetivo de fornecer ajuda a um “Logos Criador” “caído”, chamado de “Demiurgo”, por Platão.

Desse modo, a humanidade tem sido mantida sob o controle de “cúrias” de todos os tipos, pois não é somente a de “cores” católicas que tem envergonhado o mundo com o atraso dos seus postulados e a sua pouca contribuição para o progresso dos seus fiéis, já que boa parte dos males da humanidade parece vir das fileiras do ortodoxismo religioso de todos os matizes.

Sei quão desagradável soa a afirmação acima, mas ela precisa ser claramente expressa, pois, afinal, os seus eventos constitutivos compõem

páginas degradantes da nossa história.

A questão é que quem mexe com qualquer uma dessas hierarquias que, além de não pagarem impostos, não prestam contas do que arrecadam em nome do “deus” que dizem representar, obviamente, vê-se atacado por “vespas de todos os tamanhos”, e mais ainda, protegidas pelos mais bem pagos advogados das cortes da justiça mundial.

Esse é o “**vespeiro**” ao qual me refiro, que se manifesta quando o lado poderoso se sente agredido, soltando as suas “vespas” e “terroristas” de todos os tipos para “defenderem o território sagrado”, onde exercem o tosco poder do qual se acham investidos.

Tanto no caso da *Trimurti* quanto no de qualquer cúria de autoridades religiosas da Terra, os agentes desses sistemas atacam as vítimas visando protegerem os seus membros criminosos.

Tem sido sempre assim, e as espécies cósmicas que, de algum modo, rebelaram-se contra a “ditadura absoluta” dos “Logos Criadores”, por terem um mínimo de racionalidade para tanto, foram e ainda são claramente punidas sem que sequer disso o saibam. As espécies irracionais não sofrem esse tipo de problema, mas padecem de outros tantos!

4ª Constatação:

Com o surgimento da razão e da natureza psíquica humanas, a noção de decência espiritual veio junto, o que torna incompatível a coexistência de espécies de “criaturas-ferramentas” utilizadas como “cobaias”, sem que disso saibam, mantidas na ignorância, condicionadas de muitas maneiras, e isso precisa ter um fim sob pena de não existir solução para os problemas acumulados pela gestão temerária desses “Logos Criadores” e dos seus descendentes hierárquicos.

Por isso a ignorância e o isolamento no qual vivemos precisam acabar, para que a dignidade seja o preceito lógico de uma “humanidade adulta”, não “infantilizada” pela estupidez.

O trágico é que **os três “Logos Criadores” foram os protagonistas da construção da “realidade” como ela se apresenta na atualidade.** E doravante, caberá a Sophia, Krishna e ainda outros avatares a serem criados a partir da linhagem de Sai Baba, a tarefa de, associados ao “**Quarto Logos**”⁵, produzirem um “fim organizado” e, se possível, “suave” a esses despautérios,

em nome de um “deus” inexistente, pois o Ser – o “Deus Incognoscível”, o “Pai-Mãe Amantíssimo” – que existe e que poderia ter esse epíteto a Ele dirigido, nada tem a ver com essas “esquisitices e crimes” de todas as ordens, milenarmente cometidos nesta Criação, e particularmente na Terra.

Em resumo, para facilitar o entendimento do(a) presumível leitor(a) destas páginas sobre a **atuação dos três “Logos Criadores”** até o momento, é importante que ele(a) conheça os termos principais – vistos sob a perspectiva da mitologia ariana/hindu – relativos a esse tema.

O **“Primeiro Logos”**, personificado por Brahma ou Javé, dentre outros muitos nomes e epítetos que ele colecionou ao longo da História Universal, é um Ser “reconstruído” a partir da “sobra apodrecida” da sua “queda” na própria Obra. Ele foi o responsável pela semeadura do “grânulo básico da vida”, do “módulo codificado”, o qual podemos chamar de “Vírus Original do Código-fonte Definidor de Vida” do Criador, em analogia com o DNA (ácido desoxirribonucleico), que atualmente conhecemos nos corpos dos seres vivos da natureza terrestre, que passou a ser o “tijolo de edificação” de qualquer corpo vivo no âmbito da sua Criação.

O **“Segundo Logos”**, personificado por Shiva, ordenou e diversificou as possibilidades de vida organizada e mais complexa, gerando outros modelos de “tijolos básicos” a partir do **“Código Original apodrecido”**.

Com a “transição de fase” entre a sua primeira forma assumida após o seu “mergulho” como anjo-clone do Criador “caído”, para a nova condição de demo, quando passou a ser chamado de Shiva, esse Ser gerou, de si mesmo, toda uma nova “família” de entes, composta por incontáveis gêneros e espécies de “demos ou demônios” – conforme classificados na “Revelação Cósmica”, e que podem e devem ser também entendidos como os “demônios” descritos nas páginas das diversas mitologias, porém, jamais nos termos definidos pelos critérios recentes do catolicismo, que desfiguraram por completo essa questão.

O **“Terceiro Logos”** “jogou” no sentido de modificar, para melhor, as possibilidades de agregação das informações codificadas nos genomas, processo esse mais conhecido pela lógica humana como sendo o da **“evolução”**. Contudo, o processo oriundo desse Ser não atingiu, de modo esperado, o que um dia pretendeu construir, pois sempre trabalhou com os elementos disponibilizados pelos “Logos” anteriores.

Esse aspecto tornou necessária a atuação de um novo “Logos”, o **“Quarto Logos”**, que diferente dos três primeiros, **não é um “Logos**

Criador”, mas um tipo de “autoridade ratificadora e retificadora” do que foi possível construir até este estágio da evolução universal, em termos de “bagagem psíquica” de cada ser individualizado.

“Autoridade”, aqui, não deve ser entendida como uma força atuante, que vai se estabelecer e fazer valer a sua marca por meio de qualquer tipo de imposição. Absolutamente! O papel do **“Quarto Logos”** e de seus “agentes” somente será percebido com o passar das novas etapas do tempo cósmico, que a tudo e a todos modifica, ou seja, o seu trabalho reside exatamente no apoio à transformação de cada consciência particularizada.

Explicando de outro modo, o “Primeiro Logos” gerou a vida, o “Segundo Logos” a ordenou e diversificou, e o “Terceiro Logos” promoveu a possibilidade de evolução do que já existia com alguma perspectiva de “crescer”, no sentido de gerar mais complexidade.

5ª Constatação:

O “Quarto Logos” tem como um dos seus objetivos o de propiciar a “compreensão esclarecida” em grau suficiente para que padrões de uma “consciência sábia e virtuosa” sejam, doravante, edificadas no psiquismo dos seres, a partir da liberdade destes em assim o desejarem e poderem fazê-lo.

No âmbito do nosso universo e, para a lógica que nos marca o psiquismo, Sophia é, e será, daqui para a frente, o “Suserano da Geopolítica Universal”, trabalhando sempre associado ao “Quarto Logos” e aos “preceitos filosóficos” deste. Para ser honesto com os eventos que presenciei, devo revelar que não tenho a mais remota ideia se Sophia está efetivamente preparado para tanto.

Espero que, um dia, ele esteja à altura da sua pretendida missão, mas, por enquanto, julgo saber que o modo como já vivemos e poderemos viver na Terra, é bem mais complexo do que, na atualidade, a sua mente consegue alcançar em termos de sentimentos mais elaborados e complexos, que somente o psiquismo humano logra produzir – pelo visto, é o que me parece.

Por que afirmo tal perspectiva? A complexidade da natureza humana é bem superior a que dispõe o tipo de tirocínio que marca a de um biodemo – ser que possui parte biológica e parte demo, e que é assexuado –, como é o caso de Sophia, ainda que ele seja **“o pai da vida sensata, amorosa e emocionalmente equilibrada”, que atualmente conhecemos.**

Caminhei com as palavras até aqui somente para apontar que **Sophia, à moda do seu “Jesus humano”, “mexeu de tal maneira com a Trimurti”, que esta teve mesmo que deixar de existir como tal desde o ano de 2015 – finalizando sua atuação em 2017 –, em termos de calendário terrestre.**

O “vespeiro” foi de tal ordem que, como decorrência do próprio movimento inconsequente, a Hierarquia que o promoveu, simplesmente se viu impedida de se reorganizar, decretando o seu próprio fim, sem que a tanto pretendesse.

Numa casa de maribondos, quando os seus habitantes a percebem praticamente destruída, e todos começam, então, a lutar entre si, porém até compreenderem que deveriam unir esforços para reconstruí-la, em vez de brigarem, já é tragicamente tarde e impossível dela ser refeita. Assim, foi o fim da *Trimurti* – entenda quem puder!

A partir da lógica humana, observando o que se passou com a *Trimurti*, vê-se que a “lógica *demodhármica*”⁶ realmente não poderia pretender algo muito diferente do que veio a acontecer.

Quando pude, por mim mesmo, constatar que era real o fim daquele “Triunvirato”, concluí que tal somente se dera porque, de algum modo, Vishnu e Shiva “jogaram” para que assim fosse.

Parece que, apesar de “doentes” pelo longo tempo de vida e “desgaste *demodhármico*”, eles souberam vislumbrar a “falência” que ocorreu com todas as espécies clones e demos, e por isso “jogaram as suas fichas” no zeloso cumprimento de um plano que engendrasses espécies biológicas aos cuidados de Sophia – avatar da linhagem de Vishnu –, e de outros avatares da linhagem de Shiva.

Se principiaram mal os seus “graus operativos” como “**Logos Criadores**”, as suas chamadas “**Personificações Adhydaiva**”⁷, conhecidas posteriormente como **Brahma, Vishnu e Shiva** – dentre muitos outros nomes e epítetos que essas Entidades assumiram e que poderiam, aqui, ser também citadas –, **compreenderam, pelo menos nos tempos atuais, a importância de procederem com o fim dessas suas personificações**, ainda que a de Brahma (ou Javé) tenha que se manter viva e atuante. Em que termos? Não mais na gestão dos fatos, e até o momento em que, por si mesma – mas em uma outra condição de forma ou corpo de expressão –, a sua “Consciência pessoal” possa colher e administrar o “fruto da semente equivocada” que fez em tempos ainda anteriores ao deste universo, como também o que, sob a égide desta “cronologia mais atualizada”, ele desgraçadamente produziu.

Concluindo o presente capítulo, devo deixar claro que, conforme deduzo, Sophia não corrobora com o que aqui está sendo colocado sobre Javé, ainda que o Criador jamais tenha se explicado sobre o assunto, o que o deixa em condição constrangedora perante os meus critérios. Estes, ainda que equivocados – ou mesmo injustos para com Javé –, faço questão de mantê-los como sendo os elementos que me norteiam a postura e as atitudes, até porque não tenho outros, pois não me movo por fé e crença nele, nem em ninguém cuja natureza desconheço.

Obedeço e respeito qualquer ser humano deste mundo que se encontre em posição de me dar ordens pelas circunstâncias da vida – como um guarda de trânsito, um policial, um magistrado, e qualquer autoridade civilmente instituída –, mas a Javé ou a qualquer outro que não se enquadre nessa categoria, não!

Jesus é meu mestre, mas Sophia, ainda que seja a “expressão cósmica” dele, não é meu “comandante”! Ele já foi, no passado remoto, quando da “condição biodemo” da “Consciência Espiritual” que me anima. Na atualidade, porém, nesta condição humana, não reconheço nele estatura moral para tanto! Estaturas cósmica, hierárquica, militar e política, institucionalizadas sob a perspectiva universal, ele tem de sobra, e a isso me submeto. Entretanto, não o faço de bom grado e prefiro mil vezes mais deixar de existir, a me submeter cegamente, seja lá a quem for.

Este é um dos aspectos que mais dificulta a confecção deste livro, e estou procurando ser honesto com a sua produção, ainda que disso somente levo a certeza de que estou sendo desagradável. Contudo, não me resta alternativa!

A questão é que este livro deveria ser escrito por um humano “obediente”, o que não é o meu caso, pelo que talvez precise de me desculpar com meus irmãos e irmãs de caminhada terrena, mas não tenho como agir diferente, conforme já explicitiei na introdução do presente trabalho.

PERDIÇÃO E VEXAME

QUANDO TRATAMOS com um ser humano, ainda que este padeça de algum problema psíquico, existe um “quadro lógico” de possibilidades que dele se pode supor na sua interação com as pessoas.

Sophia, porém, não é humano e esse quadro de uma presumível lógica de possibilidade comportamental se desfaz perante naturezas que nos são desconhecidas. Sinceramente, não sei o que posso esperar dele.

Penso saber que o “homem Jesus”, o seu avatar humano, reside nele, na sua “Consciência Mais Profunda”, ainda que não se possa facilmente encontrá-lo na superfície daquela personalidade que me parece distante, algo fria e enigmática, apesar das nítidas variações do que aparentemente julgo ser a sua dose de humor, ainda nascente, apreendida por meio da experiência terrena daquele que emergiu a partir do seu código genético extraterreno.

Decisivamente, com **Sophia, um “Ser Adhy”, cujo Espírito não foi criado “simples e ignorante”**, a sua situação espiritual é bem diferente do que acontece aos nossos espíritos ao encarnarem, quando naturalmente assumem, como indivíduos e como coletividade, os eflúvios marcadores de cada experiência animalizada que os corpos humanos terráqueos oferecem à condição etérea das nossas almas. Alguns dos espíritos dos atuais humanos, ainda que não sejam do “*gênero Adhy*”, também não foram criados “simples e ignorantes”.

Sei como deve chocar a alguns núcleos do espiritismo, a informação de que existem espíritos gerados a partir de critérios diferentes daqueles especificados por Allan Kardec em “*O Livro dos Espíritos*”¹, ao tempo da “Revelação Espiritual” por ele codificada na França, na segunda metade do

século XIX.

O que não foi percebido é que, em “*O Livro dos Espíritos*”, os “espíritos comunicantes” se referiram às “mônadas espirituais”, geradas simples e ignorantes para iniciarem as suas jornadas evolutivas atreladas à Criação deste universo “problemático”. Em outras palavras, o que ali se explica é o que aconteceu no caso desta Criação “indevida”, na qual o “deus-criador impõe provas” aos espíritos recém-criados por ele, para que eles evoluam. Que tipo de “deus” cria espíritos para lhes impor provas dolorosas como modo de evoluírem rumo à perfeição? Um “Deus Amoroso e Perfeito em todos os seus atributos” faria isso por bel-prazer criativo? Ou será que foi devido a algum “problema” que ocorreu?

A questão é que há outros “Níveis Existenciais” que funcionam de jeito bem diferente do que conhecemos, como também existem outras faixas da “Realidade Espiritual” – que são preexistentes à “experiência vexaminosa” desta Criação –, nas quais “Consciências particularizadas” já existiam de todo o sempre e, portanto, nada tem nelas da “semente espiritual simples e ignorante” com que foram gerados os espíritos estruturadores deste nosso universo.

Nesse quesito, muito ainda existe para ser descortinado, mas, infelizmente, o movimento espírita, que se apropriou da “Revelação Espiritual”, afirma que toda a verdade sobre o tema já foi codificada por Kardec. Lamentável! Mais deplorável ainda é o conceito que os espíritas fazem de “deus”, esquecidos que os “espíritos codificadores” revelaram o que era possível ao psiquismo dos humanos do século XIX.

O problema é que a “lógica” da interpretação fervorosa de espíritos de ex-católicos e de ex-protestantes, agora reencarnados como espíritas, costuma atrelar as suas emoções às primeiras interpretações por eles geradas, e extrapolaram desastrosamente – ainda que digam que foi pelo excesso de cuidado e dedicação para com a doutrina espírita, a verdade é que não tiveram zelo algum pelo estacionamento que impuseram à mesma – a amplitude desse conceito da “semente espiritual simples e ignorante” a todo tipo de existência espiritual. Que seja para quem assim crê ou prefere crer!

Querendo ou não, as elites religiosas vinculadas a essa ou aquela crença, do mesmo modo que existem diversos gêneros e espécies na catalogação da vida genética animal, também os há no âmbito espiritual, sendo até mesmo surpreendente o grau de complexidade que essa questão envolve. Todavia, não será neste livro que a isso me dedicarei no momento, pois os mentores

espirituais reservaram trabalho específico, associado a um tempo mais propício para que o aprofundamento da “Revelação Espiritual” se dê nos níveis pretendidos, longe do “enjaulamento” que foi imposto à mediunidade kardecista.

O fato incontestado para a Espiritualidade é que **uma determinada espécie do gênero das “Consciências Espirituais” – chamada “Adhy” – se perdeu, e “caiu” no “ciclo de inquietações comuns à teia da vida vexaminosa” que ela própria produziu** por meio da **“tecnologia mental do fatiamento da Consciência” que se autoatribuíram**. Para esses Seres, tem sido dramaticamente difícil conseguir construir o “caminho de volta à reconquista de uma dignidade perdida lá atrás”, apesar dos discursos pomposos, cheios de expressões aretalógicas, de um Javé, de um Krishna e de um Sai Baba, todos se afirmando serem “o deus, em pessoa”, como pode ser observado mais recentemente.

Independente do “vexame” a que estamos todos submetidos, pois os nossos espíritos se veem obrigados a assumir uma “cota-podre da doença” registrada no “Código de Vida” do “corpo reconstruído” do Criador, esses Seres não perdem a pose de “mandatários”, ainda que estejam e se encontrem “perdidos”, precisando que suas “criaturas-ferramentas” deem um novo rumo ao “dramático enredo” por eles gerado.

Tenho procurado, o máximo que posso, deixar registrado quão incongruente é lidar com os “cegos que pretenderam nos guiar”, e que nos trouxeram até esse patamar do “jogo da existência”, ainda que isso possa parecer arrogância espiritual ou aspecto ainda pior do psiquismo deste “aflito escrevente”.

Afirmo, desde já, que toda essa construção mental – e mais algo de negativo e de estranho – pode e deve ser pertencente à herança deste Espírito que me anima a consciência terrena, ou mesmo à produção tosca deste meu ego, que me leva a uma necessidade imperiosa de escrever sobre estes temas perdidos e ocultos, da qual não desisto, ainda que possivelmente equivocado em tudo ou em quase tudo. Eu já tentei, de toda maneira, parar com esta produção de livros e de palestras, mas confesso que não consegui.

Se não confio no meu concurso, arvorei-me, perante mim mesmo, em ser possuidor de um mínimo de estatura moral que me permite também ressaltar a minha desconfiança em relação à capacidade deste Ser, cujo epíteto é Sophia (a “Personificação da Sabedoria”), de gerir as etapas vindouras da Vida Universal.

Que foi planejado desse modo, sei que foi! Entretanto, o problema reside exatamente nesse fato, pois quando essa estratégia foi urdida, as Mentes que a arquitetaram – se é que o fizeram conscientemente – foram as dos “Logos Criadores”, que jamais estiveram habilitados para compreender a complexidade que ainda surgiria no tipo de “caos” por eles gerado.

Se, contudo, a figura de Sophia tiver “sobrado” como um “ponto fora da curva” dessa trajetória da insensatez que foi o “planejamento tresloucado da *Trimurti*”, isso, por paradoxal que possa se mostrar, parecer-me-á bem mais agradável, produtivo e esperançoso do que se o seu protagonismo tiver sido efetivamente calculado lá atrás.

Do mesmo modo que o surgimento dos seres terráqueos pensantes representa um outro “ponto fora da curva” do que foi planejado pela *Trimurti* – e daí o susto de Javé com o Adão e Eva surgidos –, espero que Sophia também se enquadre em alguma “boa surpresa” que a lógica humana possa ter por ocasião das suas gerações futuras.

Minha angústia é que, por mais que me esforce por “negativar” o que foi feito por esses Seres, sempre será pouco para retratar criticamente os diversos níveis de “fundo de poço”, nos quais, sistematicamente, eles foram “enfurnando” todas as espécies que o “maluco jogo de dados” das condições genéticas do “Código de Vida” do Criador lançou por meio da “semeadura” de uma “molécula-mãe” na natureza de diversos mundos do universo biológico – como foi o caso que aconteceu com a Terra, há cerca 3,8 bilhões de anos.

Desse “jogo de semeadura” somente poderiam advir espécies “doentes”, tal qual a “herança genética” que a “molécula-mãe” inapelavelmente sempre repassaria para a sua descendência, contudo, **a “surpresa” seria surgir uma espécie “bem menos doente” que as demais, como de fato se deu na Terra.**

Nesse sentido, parece que, das que surgiram até este momento, a menos “adoentada” e a única que pode progredir, é a dos terráqueos humanizados.

Quem produziu a espécie *Homo sapiens*? Quem a programou? Por que temos dois hemisférios no cérebro animal? Como o processo que levou a esse padrão ocorreu? Talvez, fazermos-nos esse tipo de perguntas não constitua um procedimento adequado do ponto de vista de que melhor seria que tais questões jamais fossem encaradas pela razão humana, inclusive para que possamos passar melhor os nossos dias. Contudo, como não as formular?

Essas são perguntas que não implicam respostas fáceis, pelo que me foi

revelado e o que consegui deduzir até agora. Além disso, aquilo que pude, por enquanto, elencar como elementos constitutivos dessas possíveis conclusões, mais assustam e espantam do que esclarecem. Contudo, Sophia não aparece por trás de nenhuma dessas respostas, ainda que a sua figura componha o elo de uma corrente que as produziu.

Nesse ponto da nossa abordagem é que o **modo de ser dos “Adhy”**, cujas “Consciências Pessoais” se encontram **“fatiadas”** e na posse dos egos de alguns seres – e não somente uma personalidade, como é o caso dos nossos espíritos que somente portam e sustentam uma face transitória neste universo –, torna-se a pior questão ou o mais inadequado aspecto com o qual a lógica humana se vê obrigada a lidar, para poder entender o psiquismo de Sophia.

O que significa uma “Consciência fatiada”?

Bem, essa expressão não é a mais adequada ou mesmo elegante, mas a escolhi exatamente porque não existe mesmo nada de bonito ou decente nesta História Universal – ou, pelo menos, jamais pude perceber que haja algo que disso possa se aproximar.

Enquanto a consciência de um espírito, nos moldes dos que estão por trás da maioria dos seres humanos, cuida, com sua própria cota de individualidade espiritual, de um só ego encarnado, os “Seres *Adhy*” podem sustentar simultaneamente um número impressionante de egos distintos.

Um ego humano, que pensa ser “um alguém” confundido no seu corpo animal, ao qual o seu espírito se encontra “imantado”, poderá ter dois modos de pensar e de sentir. Dessa maneira, ou o psiquismo de ordem espiritual, que administra o ego animal, é livre, ainda que associado temporariamente ao “Eu” da personalidade terrena ou, então, o ego e o espírito que o anima, por serem problemáticos, se encontram superpostos – nesse segundo caso, a “Consciência Espiritual” se confunde drasticamente com a da vida terrestre.

Já a **“Consciência” de um Espírito do gênero “Adhy” pode ter inúmeras “personalidades transitórias” para administrar ao mesmo tempo, e esse tipo de “tecnologia mental” criou um determinado padrão de “transtorno espiritual” que ainda é motivo de estudo nas “Altas Esferas da Espiritualidade”**. Os dois cenários, anteriormente descritos, para o caso dos nossos espíritos que administram somente um ego transitório a cada vida, podem ser aplicados aos “Seres *Adhy*”, e aqui, o problema é que a “Consciência Original” desses Seres foi sendo “fatiada” a um tal ponto, por necessidade operacional, que isso os vitimou.

Em condições normais de existência desses Seres, antes mesmo deste

universo ter sido criado, tal “fatiamiento” pareceu não representar transtornos para eles, ainda que, de acordo com a lógica humana, seja um padrão muito estranho de se ter como estilo de vida. Contudo, esses Seres “caíram” (no caso da “reconstrução” de Brahma, após a “queda” da sua “condição *Adhy*” anterior) ou “mergulharam” (no caso da construção dos corpos demo de Shiva e de Vishnu, após o “mergulho” das suas “formas *Adhy*” anteriores) num tipo de Criação **cujo “tijolo básico” já surgiu “apodrecido, cancerígeno”, devido à “derrocada” do “Corpo Mental” que a gerou antes do “nefasto acidente”,** e outro “constituente” jamais houve para que as “Consciências” que “entraram” nesta Obra “degradada” pudessem dele se utilizar para edificar seus corpos transitórios – esse tema foi desenvolvido no livro “*A Epopeia dos Agentes da Vida Universal*”².

Em outras palavras, todos os seres que um dia habitaram e ainda habitam esta Criação foram edificados a partir de um “Código Original, apodrecido”, gerador da vida.

No caso dos “Seres *Adhy*” que perderam a sua “condição *Adhyatman*” ao “cair ou mergulhar” nesta Criação “infectada”, ao se manifestarem nessa nova “condição *Adhydaiva*” – assim chamada, no sânscrito –, jamais dela conseguiram sair, nem muito menos se ausentar do ambiente onde as mesmas foram urdidas, ou seja, do universo antimaterial, paralelo ao nosso, conhecido na cultura sânscrita como o *Brahmaloka*, o qual, por sua vez, passou a ser “repartido” em incontáveis *lokas* (“moradas”), devido ao surgimento de cada novo Ser demo poderoso por lá.

Por se encontrarem “enjaulados” na nova “condição *Adhydaiva*”, Brahma, Vishnu e Shiva tentaram de tudo para estender os seus níveis de poder ao mais recôndito dos dois universos que compõem esta Obra.

Brahma, porém, percebeu quão grande era o seu “vexame” enquanto pretendo mais poderoso dentre os “Seres *Adhydaiva*”, porque o seu poder mental somente podia ser exercido diretamente no âmbito do *Brahmaloka*. Para além daquela fronteira, a sua condição mental, ainda que superlativamente forte, nada podia produzir diretamente. Precisava, portanto, de “intermediários ou de instrumentos” para se fazer presente naquelas faixas de realidade da sua própria Criação.

Vishnu e Shiva, ainda que padecessem do mesmo problema de “enjaulamento na condição *Adhydaiva*”, mas por terem “mergulhado de modo planejado” nesta Obra, e não “caído”, como foi o caso de Brahma, puderam edificar agentes, avatares, expansões ou expressões de seus modos

pessoais para agirem em lugares, contextos e circunstâncias fora da jurisdição dos seres demos.

O “fatiamento” de suas “Consciências”, quando se dá por vontade própria criativa e em condições favoráveis, é algo a ser observado um dia, penso que, num futuro distante, no qual a lógica humana poderá perceber quão “rica” foi, para eles, esse tipo de experiência no começo e quão “trágica” ela se tornou. Entretanto, nesta Criação, quando o tal “processo de fatiamento” se deu por necessidade desesperada de sobrevivência, em “condições dramáticas”, o mesmo se transformou em “vexame”, e criou “perversões” de tal ordem que somente um olhar atento sobre a História Universal poderá compreender adequadamente.

História Universal? Onde procurar, para encontrar as fontes dessas notícias? Nas mitologias, cujas páginas foram criminosamente transformadas em invencionice dos ancestrais da humanidade.

Tempo virá em que será um constrangimento para a humanidade terrestre, procurar compreender como foi que as pessoas mais importantes de cada época, continuamente, “varreram” as notícias mitológicas para “debaixo do tapete vermelho” da estupidez humana, que pretende sempre doutrinar com as “verdades” que ela produz, mas não com as que se encontram à vista.

Perdemos e/ou transformamos em improdutivos alguns milênios da História da Humanidade devido a esse tipo de vexame promovido pela fé desarrazoada de muitos e do orgulho intelectual de outros tantos.

OS AVATARES E OS AGENTES DOS “LOGOS CRIADORES”

CADA SER CONSIDERADO UM “AVATAR” é uma “fatia” (“expressão *Adhyajna*”) da “Consciência Original” (desta Criação) que a gerou. O paradoxal é que essa “fatia” pode até mesmo se tornar mais nobre e refinada, e mesmo poderosa do que o “Todo Consciencial” do qual ela emergiu, porque, em termos de Seres do “gênero *Adhy*” e de suas expressões, estaremos sempre tratando de Entes “doentes”, porém de grande poder mental, e cujos “filhos” – ou “avatares”, ou ainda “feições *Adhyajna*” – serão sempre “menos doentes” e, portanto, mais refinados e estrategicamente eficazes no uso dos seus poderes.

Nos casos em questão, no âmbito desta Criação, somente as “formas *Adhydaiva*” de Vishnu e de Shiva geraram avatares direta e indiretamente a partir de si mesmas.

A título de exemplo, Vishnu fez emergir incontáveis avatares, mas aqui, citarei apenas dois, que são os personagens Mohen So – também conhecido como “Phanes”, no orfismo¹ – e Sophia, que não são facilmente identificados na mitologia hindu, respectivamente, como a “serpente” Vasuki e Kalki.

Diretamente do seu Ser, o “Terceiro Logos” “gerou” Mohen So, mas não foi desse modo que ele urdiu Sophia. O “Suserano Universal” é um avatar de Vishnu, mas criado indiretamente por ele, pois, de fato, Sophia foi gerado diretamente por Mohen So.

O curioso aqui é que o mais “evoluído” ou o menos “doente” dos três é exatamente Sophia.

6ª Constatação:

Os avatares mais recentes de um “Ser *Adhy*” submetido às condições da sua gênese a partir da “doença demo” chamada “*daiva*”, serão sempre mais “evoluídos” que os anteriores.

O “humano Jesus” foi o caso mais extremo relativo a esse “processo de fatiamento de Consciência”, em termos de ter produzido um tipo de “Eu” muito superior às demais “expressões fatiadas” da “Consciência Espiritual” que o gerou.

Se Sophia tivesse sido urdido diretamente de Vishnu, ele seria o mais evoluído dentre essas “três fatias da Consciência Espiritual” que mantinha Vishnu, Mohen So e Sophia em operação? Não, muito provavelmente seria Mohen So, porque **ele era o único Ser que possuía, na sua constituição pessoal, as “Fórmulas Mentais Originais”, identificadoras dos “Logos Criadores”.**

Vishnu produziu incontáveis “expressões *Adhyajna*” (avatares) de si mesmo, com o intuito de resolver inúmeros problemas desta Obra “indevida”. Contudo, quando ele gerou Mohen So, era seu objetivo que, finalmente, uma de suas “condições *Adhyajna*” pudesse criar, de si mesma, outra “forma também *Adhyajna*”, para que essa se distanciasse ainda mais do “grau de poluição” da sua “configuração original *Adhydaiva*”, feita Vishnu, que incorporou a “doença” de Brahma quando eram decorridos cerca de 4,1 bilhões de anos após o início da História Universal. Isso se deu porque a sua “condição *Adhyatman*” – chamada “*Mavatna*” – “mergulhou” nesta Criação para compor a *Trimurti*.

Assim, quando Mohen So surgiu – a história desse Ser será melhor abordada no livro “***Projeto Talm: a Gênese da Vida Superior***”² –, Vishnu se absteve de gerar avatares por um bom tempo, como se concentrando nele todas as suas “esperanças” para o futuro. Mohen So, por ter recebido os poderes de Vishnu e uma menor cota de “doença original *daiva*” do que o “Terceiro Logos”, seria, enfim, mais “evoluído”, em senso crítico, do que o seu próprio criador.

De modo similar a um “pai”, Vishnu olhava para aquele “filho” como se dele pudesse ser gerada uma descendência “limpa” de todas as “mazelas originais” da expressão “*daiva*”.

Por isso que Sophia, ao ser urdido, surgiu com os poderes de Vishnu já amadurecidos por Mohen So, e com uma cota ainda menor da “doença ou da

condição *daiva*”, conforme entendido na “cultura demo”³.

Vishnu, enquanto Ser, sempre existiu atuante no universo paralelo ao nosso. Ele gerou Mohen So há cerca de uns 6,4 bilhões de anos após o início da História Universal. Mohen So, desde que emergiu como “forma *Adhyajna*” de Vishnu, passou a existir numa *loka* (“morada demo”) limite entre as duas faixas de realidade principais da Criação, ou seja, o *Brahmaloka* (o universo demo, com suas inúmeras “moradas”) e o *Bhuloka* (o universo biológico, onde vivemos).

Após ter produzido os “fenvans” – um gênero com inúmeras espécies – a partir de si mesmo, Mohen So gerou a sua “contraparte” no universo biológico material. Trata-se de Sophia, cuja condição híbrida, parte demo e parte biológica (ainda que assexuada), aparece como um ser biodemo nos livros que produz.

Desse modo, Vishnu permaneceu no seu *Vaikuntha* – nome da *loka* ou “céu” de Vishnu ou *Vishnuloka* – enquanto Mohen So passou a existir na “morada” que, mais tarde, veio a ser chamada de “*loka dos fenvans*”, que é o maior “laboratório em atuação” a partir do universo vizinho.

Sophia passou a existir e a viver neste universo, e nele se desloca em naves, como qualquer ser extraterrestre o poderá fazer, desde que disponha de condições de tecnologia para tanto.

O “fantástico” desta história é que, devido às “confusões” transformadas em “apostas” – única maneira motivacional que Vishnu e Shiva conseguiram usar para manter Brahma desperto e atuante após a “queda” sofrida – entre o “Primeiro Logos” e o “Terceiro Logos”, Sophia se viu obrigado a gerar também um Ser, a partir de si mesmo, para que este nascesse entre os humanos da Terra.

Complicado?

Assim, surgiu Jesus, um Ser cuja “Consciência Espiritual” se encontrava “fatiada” simultaneamente em quatro porções (Vishnu, Mohen So, Sophia e Jesus), pelo menos! Isso é possível? Como essas personalidades se relacionam entre si? Como um “Espírito *Adhy*” pôde estruturar esses quatro personagens e dar conta de todos eles?

Esse último questionamento é o mais instigante, e a resposta que posso oferecer, começa por complicar ainda mais essa pergunta, na medida em que sou obrigado a afirmar que não eram somente quatro seres que a “condição *Adhyagia*” desse “Espírito *Adhy*” sustentava ao tempo da vida de Jesus. De fato, eram bem mais do que dez – tudo indica que eram treze. Isso sem contar

as cotas da sua energia pessoal que existiam em “expressões *Adhyajna*” da *Trimurti*, também chamados de “avatares *keshava*”, ou seja, portadores dos “Códigos Genéticos” dos três “Senhores” da “trágica Tríade”, como por exemplo, foi o caso do Senhor Krishna.

7ª Constatação:

Apresentar a “Consciência fatiada” implica, antes de tudo, uma “perda do controle central” da parte da “Consciência Espiritual”, passando esta a tão somente manter energeticamente as suas múltiplas faces, mas sem nelas “imprimir” o seu “modo de ser espiritual”.

A bem da verdade que se pode vislumbrar, ela passa a perder mesmo a sua “identidade original”, já que não pertence à classe de espíritos criados simples e ignorantes, gerados tão somente para dar estrutura ao fluxo da vida biológica que, “loucamente”, começou a se replicar e a se reproduzir nesta Obra. Torno a registrar que os Espíritos que já existiam antes do surgimento desta Criação na qual vivemos, obedeciam a uma outra gênese, que um dia deverá ser melhor compreendida.

Ao se perceberem sendo “vilipendiadas” nas suas “Aquisições Primordiais” pelos agora Seres gerados a partir das suas “faces operacionais”, essas “Consciências Originais” passam a se “proteger”, tentando enfraquecer o “processo de clonagem”, porém sem sucesso. Aqui, aplica-se a expressão “ah, se arrependimento matasse!”. Elas não têm mais como impedir esse “processo” porque, em gerando um avatar, o “livre arbítrio” deste último passa a pertencer, doravante, à sua face mais ativa, pois tais avatares surgem com uma função a cumprir, o que os enche de “energia psíquica” em grau superior ao das suas “Consciências Originais”.

Perante esse “sofrimento”, as “formas *Adhyagia*” (“Expressões Espirituais Superiores”) dos “Seres *Adhy*” passaram a estruturar um tipo de “padrão espiritual *agia*” transitório”, para que essas “vestimentas ou perispíritos” pudessem sustentar as “formas *Adhyajna*” (avatáricas) que surgem independentes das suas vontades espirituais.

Explicando de outro modo, infelizmente, o “processo de fatiamento” da “Consciência Original” chegou a tal ponto que também as “Consciências geradas” passaram a “fatiar” os seus próprios graus de psiquismo. Isso provocava “susto” ou mesmo “pânico” nessas “Consciências Originais”, que

se viam “roubadas” de partes de si mesmas, sem que pudessem se preparar para tanto.

Foi desse modo que começaram a surgir algumas “expressões *Adhybutha*” (espécies de perispíritos sustentadores e organizadores de Seres), o que tornou ainda mais complexa essa questão do “fatiamento”.

Sei que esse excesso de nomes sânscritos somente dificulta a compreensão em torno do assunto, mas nem mesmo os estudiosos e sábios védicos da antiguidade deram mostras maiores de terem entendido o que Krishna falou, quando procurou explicar a Arjuna quem ele era, referindo-se a si próprio, no “*Bhagavad Gita*”⁴, como sendo o próprio Deus.

A confusão é tão grande que os comentadores da antiguidade hindu se referiram aos principais protagonistas e demais personagens tanto do “*Ramayana*”⁵ quanto do “*Mahabharata*”⁶ como sendo homens e mulheres quando, na verdade, **não eram seres humanos que ali estavam sendo descritos.**

Assim, a cada nova clonagem adaptada a circunstâncias específicas, como é o caso das “expressões *Adhyajna*” dos dois Seres aprisionados na “condição *Adhydaiva*” – Vishnu e Shiva –, habilitados a produzir avatares tanto diretamente deles (exemplo: Mohen So era um dos diversos avatares gerados por Vishnu) quanto indiretamente, por meio de suas “expressões *Adhyajna*” ou avatares (exemplos: Sophia, que já era uma “forma *Adhyajna*” de Mohen So, e Jesus, que foi engendrado como avatar terreno de Sophia), as suas “Consciências Espirituais” foram se sentindo cada vez mais enfraquecidas e distanciadas do “processo de fatiamento” em curso.

Isso também se deu pelo fato das “formas *Adhydaiva*” de Vishnu e de Shiva terem assumido a “doença” de Brahma ao se “vestirem” com os corpos “*daiva*”, fornecidos pelo “Código de Vida” do Criador “caído”. Assim, mais e mais se afetavam com as “cores do problema” e se afastavam das diretrizes e do controle dos seus Espíritos ou, dizendo de outro modo, das suas “expressões *Adhyagia*”.

Com o passar do “tempo cósmico”, **cada avatar que surgia**, sempre o mais recente **se assumia como sendo o “mais forte da linhagem”**, ainda que não mais a percebesse em toda a sua amplitude.

É como se também tais avatares fossem **rompendo um fio, a princípio indesmanchável entre as suas personalidades e as dos demais Seres dos quais derivaram**, o que somente resultava em mais inquietação a cada vez que um deles produzia uma extensão ou “clonagem com programação

específica” de si mesmo.

Nos casos das inúmeras linhagens tendo a figura de Vishnu como foco, aqui vamos nos deter em torno da que culminou com a sua última expressão, que foi a personalidade de Jesus, ainda que este não tenha sido gerado diretamente a partir do “Terceiro Logos”, como já explicado, mas sim de Sophia, avatar “biodemo” de Vishnu (indiretamente) e de Mohen So (diretamente).

Vishnu, portanto, sempre foi um ser demonizado extremamente sábio e do “bem”, só que com pouca dose de emoção, e praticamente sem senso crítico, nos moldes atualmente conhecidos na natureza humana.

Vivendo um impasse sem precedente, Vishnu e seus dois “Companheiros” de *Trimurti*, após toda sorte de conflitos e de intrigas, haviam concluído que o “código da vida demo”, edificado a partir do “Código doentio do Criador”, havia flagrantemente “falido”, e que eles precisavam fazer “algo” a respeito.

O “algo” que conseguiram concordar foi que Shiva e Vishnu tentariam produzir uma expressão de si mesmos, diferente das que já estavam operando. Esta teria que surgir com menos “afetação pelo poder” e ser “menos travado-dependente” sob a perspectiva da submissão ao “Código do Criador”, em primeiro lugar, e depois ao dos três juntos – o chamado fator *keshava* – que foi edificado conforme os critérios adrede aprovados, para ver se, assim, o novo Ser, pretensamente controlado pela *Trimurti*, mas não em grau “doentio”, surgiria ostentando um senso crítico mais acentuado que os existentes até então.

Foi desse modo que Vishnu conseguiu produzir Mohen So, que, de pronto, foi aceito por Shiva como digno da sua confiança.

Esse novo Ser foi brindado com uma *loka*, a partir da qual, por muitos milhões de anos, fez as suas observações. Essa “morada” se mantinha afastada das confusões da *Lila* – nome dado às intermináveis discussões e disputas entre os “Membros da *Trimurti*”.

No final daquele processo de produzir um diagnóstico e de apontar possíveis soluções para os “Logos Criadores”, Mohen So propôs um projeto que semeasse o “código de vida demo” no universo físico, paralelo ao *Brahmaloka*, pois aquele apresentava viabilidades biológicas, o que poderia dar um novo contorno às possibilidades de progresso do “Código de Vida doente do Criador”. Surgiu, assim, o já referido “Projeto *Talm*”, que conseguiu transferir a vida de lá para cá, ou seja, do *Brahmaloka* para o

Bhuloka.

Com o desenvolvimento desse projeto, Mohen So idealizou a primeira forma dele e de Vishnu, com algum padrão do “código de vida biológico” associado. **E foi dessa necessidade de ter uma expressão do “Terceiro Logos” funcionando no universo biológico, que Sophia foi então engendrado a partir de Mohen So.**

Desse modo, Sophia surgiu há cerca de 6 bilhões de anos neste universo material, como um Ser cujas características eram as de extrema inteligência, à moda das de Vishnu e de Mohen So, ostentando um padrão de senso crítico superior aos dos seus progenitores, mas ainda vazio de emoções valoradas à maneira da razão filosófica dos terráqueos, e daí o “ar de aparente frieza” que o caracterizou ao longo de toda a sua existência.

Somente em tempos recentes, o seu aparente “modo frio de ser” está sendo “invadido” pelo jeito efusivo do “homem Jesus”. A sua “maneira humana de ser”, contudo, deverá ser adequada pelo “modo de ser” de Sophia, no seu próprio psiquismo. O resultado dessa apropriação, afinal de contas, será o que prevalecerá no seu psiquismo, até a consumação das consequências geradas pela *Trimurti*.

Infelizmente, nos evangelhos canônicos, existe um Jesus que fala de um determinado jeito com o povo e com seus apóstolos, que eram, à exceção de Judas – que passaria à posteridade como “traidor” – homens simples, trabalhadores, despossuídos de um maior grau de cultura. Contudo, após a sua morte, no “estado de ressuscitado”, surgiu um Jesus que passou a comunicar um outro tipo de revelação bem mais complexa e profunda, só que dirigida aos seus discípulos helenizados – judeus que viviam em cidades onde a cultura grega prevalecia.

Do primeiro processo, foi produzido um conjunto de apontamentos que se transformaram nos “*Evangelhos*”, tratados como “canônicos”, pois assim foram classificados os escritos oficialmente aceitos pela Igreja Católica, que somente surgiria no século 4 d.C., quando o Império Romano parou de perseguir o cristianismo e o transformou na religião estatal de Roma.

Das revelações ofertadas pelo “ressuscitado”, “Jesus, o Vivo” – pois foi assim que o seu “novo estado” passou a ser conhecido, num primeiro momento, pelos seus discípulos, cujos psiquismos haviam sido moldados pela cultura grega –, surgiram escritos classificados como “gnósticos”, nos quais o nome do “Jesus ressuscitado” começou a aparecer como “Sophia”, na linguagem grega, ainda que esse epíteto sobre o estado de Jesus como “Ser

Celestial”, já aparecia há muito nas tradições do judaísmo, por meio da expressão hebraica “Hocmach”.

Vários escritos apócrifos – chamados de **“evangelhos gnósticos”**⁷ – foram encontrados em Nag Hammadi, no Egito, no ano de 1945. Em muitos deles aparece uma incompreensível quantidade de “protagonistas” da História Universal, várias vezes nominados com expressões em torno do epíteto “Sophia”, além do que, essa expressão é, em muitas circunstâncias, aplicada a personagens que parecem distintos – é como se existisse uma linhagem anterior e outra posterior a um Ser chamado “Sophia”.

Aqui, porém, deve ser ressaltada a reflexão de que os seguidores cristão-gnóstico-helenizados de Jesus, provavelmente, não tinham o conhecimento dos avatares da *Trimurti* hindu, o que muito teria facilitado aos mesmos compreenderem quem era aquele Ser que, como aparentemente “ressuscitado”, anunciava-lhes o que antes, como ser humano, não soubera, ou não pudera revelar.

*“Disse-vos essas coisas em termos figurados e obscuros. Vem a hora em que já não vos falarei por meio de comparações e parábolas, mas vos falarei abertamente a respeito do Pai” (Jo 16-25)*⁸.

Vem daqui o conhecimento sobre a “forma ressuscitada de Jesus” como sendo “Sophia”, a “Personificação da Sabedoria”, segundo o raciocínio humano da época, mas que, em outros padrões de lógicas, o epíteto se referia à “Personificação da Sabedoria mais adiantada que existia dentre os viventes até o momento do seu surgimento”. Dessa maneira, pela **“lógica demodharmica”**, se e quando um outro surgir mais sábio que ele, esse epíteto passará automaticamente à nova “Personificação”.

Pode parecer fútil e até mesmo efêmero, mas o que mais levou Sophia a “produzir” Jesus foi a certeza de que, “escaneando a mente humana” a sua “condição mental e espiritual” se elevariam a tal ponto que o habilitaria a seguir firme na condução dos tempos futuros da Criação. Afinal, esse foi e é o plano, ainda que Javé reclame que faltou a recondução do “rebanho humano” para o seu controle, pois essa era a promessa, ou melhor, o acerto, entre o Criador e Vishnu. Em assim sendo, era obrigação de Sophia, por meio da sua “imersão humana”, usar dos seus poderes demo-humanizados para cumprir a função de “Messias”, que todos os seus conterrâneos esperavam

dele, pois foi essa a temática que Javé havia vaticinado por meio dos profetas hebreus.

De qualquer modo, é óbvio que Sophia teria se expressado como humano, porém o fez com esmero e se autoimpondo um sacrifício que ele sempre desconfiou que seria baseado na violência à moda terrena. Por outro lado, somente um objetivo vislumbrado por uma ótica voltada para uma programação evolutiva, cujo teor era sempre automaticamente informado via o **“Processador Familiar”**⁹ das espécies dos seres biodemos, para fazer com que Sophia corresse o risco inevitável da aventura de novamente um “avatar de Vishnu” se submeter aos ditames do poder de Brahma/Javé.

Uma das mais sérias questões entre os avatares, suas “Consciências *Adhydaiva-raízes*” – no caso, Vishnu e Shiva – e o Senhor Javé era **a desconfiança que ainda prevalecia entre eles, mesmo depois do longo trabalho de Vishnu** e de formas especiais por ele geradas, que foram criadas para introduzir a vibração da “confiança” entre os membros da “Aristocracia *Trimurtiana*”.

A “confiança” aqui referida, **não era de ordem “filosófica” nem muito menos “emocional”**, mas sim, a que a “lógica *demodhármica*” podia, naquela época, arquitetar. Nesse ponto da lenta e dramática tentativa de evolução desses Seres – que jamais funcionou a contento –, a gênese da atitude mental que, na atualidade, entendemos como “confiança”, estava vinculada com a “sensação de honra” da “casta-demo *daiva*” que, desde então, passou a ser assim compreendida como contexto pedagógico evolutivo para os seres demos.

Antes do surgimento dos seres humanos, os avatares anteriores ainda possuíam relativo respeito e “sensação” de dependência em relação à “Consciência Original” dos seus Espíritos. É como se, para aqueles avatares, a “Consciência Original” deles fosse um tipo de “deus-fonte-raiz-divina”, a ser “louvado”.

O último avatar dessa estirpe foi Krishna, que via em Shiva a sua “Fonte Original” ainda que os *vaishnavas* – os seguidores humanos de Vishnu – o tenham classificado equivocadamente como sendo um avatar de Vishnu. Como já explicado, além de todas essas questões, Krishna era um tipo de avatar *keshava* da *Trimurti*, pois trazia, em seu “Código Pessoal de Vida”, uma “mistura genética” dos três “Logos Criadores”, ainda que ele tenha sido finalizado por Shiva. Para “espanto” dos três, Krishna se arvorou em mais poderoso que eles, ainda que sempre os tenha respeitado.

Nos tempos em que a humanidade surgiu e se tornou o “palco de disputas genéticas” das forças envolvidas com a discussão pelo domínio universal, quando começaram a surgir os avatares humanos, estes se libertaram por completo do “controle *trimurtiano*”, fosse o de Brahma/Javé ou mesmo os dos seus focos originais de “Consciência *Adhydaiva*”, que eram sempre Vishnu ou Shiva.

Pelo fato de Javé não poder produzir avatar e, no caso, pela disputa ser travada, então, no âmago da genética da espécie mais recente do universo biológico – a *Homo sapiens* –, Vishnu e Shiva sabiam que, de algum modo, os seus avatares teriam os seus “legados” mesclados com as **“heranças” deixadas pelos agentes humanos “escolhidos” por Javé. Além disso, o Criador procurava dar aos seus “eleitos” um status superior ao dos próprios avatares dos outros dois “Senhores da Trimurti”.**

Como tudo na Terra parece ter assumido a resultante mais superlativa em termos de **complexidade mental** até agora elaborada por qualquer espécie, os **avatares também terminaram gerando, indiretamente, “agentes dos seus legados”, os ditos “humanos seguidores de suas revelações”**. Estes, muitas vezes, determinaram os fatos terrenos bem mais do que os próprios avatares, os “semeadores originais” do que a *Trimurti* pensava que estava providenciando ao mandar determinado avatar a este ou àquele recanto da Criação.

Não tenho conhecimento se um avatar, direta ou indiretamente produzido por Vishnu ou por Shiva, agradou a Javé, alguma vez.

Parece que, para Javé, não existem avatares confiáveis! Pelo simples fato dele não os poder produzir – devido aos “problemas” oriundos da sua “reconstrução” após a “queda” – ele jamais confiou em qualquer um dos que foram produzidos por Vishnu e por Shiva. Nesse ponto da nossa narrativa, torna-se imperioso perceber que Jesus e Sai Baba foram os últimos exemplos da “safra” ultimamente produzida e que tanto a crucificação de um quanto a “morte prematura” do outro, foram sinais particularmente lamentáveis do quanto essa “desconfiança” ainda vigorou até recentemente, pois que ambos tiveram suas vidas terrenas “vitimadas”, humilhadas, por força dos ardis de Javé sobre os mesmos. **Para o Criador, somente os “agentes humanos” e de outros tipos seriam, a princípio, confiáveis, desde que, preferencialmente, ele os pudesse controlar.**

O “a princípio” aqui, diz respeito ao fato de que **Javé somente confiava, no início, nos seus clones e, desde que a humanidade surgiu, ele também**

passou a ter confiança em alguns humanos. Em demos, jamais!

O Criador sempre aceitou as missões dos avatares em nome da *Trimurti*, porque isso era mesmo inevitável, já que “alguém” precisava fazer o “trabalho” em questão. Todavia, Javé nunca confiou nos resultados alcançados, ainda que, repito, obrigue-se a aceitá-los, por não ter alternativa.

No caso de Jesus, desde que este foi avisado no “evento da sua Transfiguração” – descrito nos “*Evangelhos*”, e também abordado no livro “*Jesus e o Enigma da Transfiguração*”¹⁰ – de que a sua morte era iminente, ainda que com as normais hesitações da sua condição humana, ele se deixou ser aviltado pela crucificação infame. Entretanto, logo que superou o “estresse extremo” a que foi submetido pela “cretinice” vinda da *Trimurti*, associada à humana, ele atuou de modo inusitado. O que a sua Consciência fez?

Esse aspecto relativo à crucificação de Jesus é de singular importância no “jogo de ardis” existente na “*Lila*” e sempre conduzido pelos três “Senhores *Adhydaiva* da *Trimurti*”, que usam seus “avatares” e “escolhidos” conforme os “critérios e apostas” realizadas e assumidas no âmbito da “cultura *demodharmica*”. Por outro lado, esse é um dos painéis mais trágicos desta “vexaminosa” Criação, à qual estamos todos submetidos.

A resposta à pergunta anterior é perturbadora, pois dois dias após a crucificação – que se deu numa sexta-feira, e o seu sepulcro foi encontrado vazio no domingo que se seguiu –, apareceu um “**Ser ressuscitado**”, agindo como sendo a contraparte astral-cósmica-espiritual de Jesus, que começou a elucidar os seus discípulos helenizados, portanto, humanos mais esclarecidos que os apóstolos, que tinham o tirocínio limitado à estreiteza das escrituras judaicas, sobre aspectos referentes ao “Criador bíblico”, o que não pudera fazer quando em sua vida terrena.

A partir dessas informações, surgiram as primeiras bases do que viria a ser considerado o “**gnosticismo**”¹¹, **que passou a tratar o “Criador bíblico” como sendo um “deus diabólico” ou o próprio “diabo feito um falso deus”**.

Esse entendimento sobre Javé – um “deus diabólico” ou o próprio “diabo feito um falso deus” – é pouco compreendido pela lógica humana, e jamais percebido pela exegese bíblica e a teologia católica dela decorrente, pois, no âmbito da “*Lila*”, era considerado tão somente como um tipo de “troco” dado por Vishnu, em relação ao fato de Brahma/Javé ter obrigado Jesus a se deixar crucificar. Só que o “troco” de Vishnu usou tanto Sophia (avatar de Vishnu)

quanto Jesus (avatar de Sophia), como “agentes” de mais uma “troca de armadilhas ou ardis” entre os “Logos Criadores”, comuns à disputa de poder da *Trimurti*, tão bem descrita nas páginas da mitologia ariana/hindu.

Por falar em gnose, o filme “*X-Men Apocalypse*”¹², da Marvel, apresenta um painel gnóstico logo no seu memorável início, quando uma certa forma ou face de Javé, sofre um atentado por ser considerado um “falso deus” que, para se manter vivo, sugava, feito um “vampiro” mais refinado, as suas criaturas a tal ponto que drenava a energia de humanos que eram sacrificados para esse objetivo.

Logo na primeira frase da narrativa que introduz o filme, é dito:

“Mutantes: nascidos com poderes e dons extraordinários mas que vivem tropeçando na vida feito crianças.”

Na propaganda do filme, é explicado que “o primeiro mutante destruidor do mundo, chamado “Apocalypse”, está de volta, disposto a acabar com a humanidade”. O detalhe é que o “Primeiro Mutante” a existir é exatamente a figura do Criador “reconstruído” após a “queda”, com a capacidade de se metamorfosear para poder sobreviver.

Não conheço nada mais emblemático para o contexto desses avatares e “formas *Adhyajna*” demo (também existem as formas homo) do que essa narrativa inicial do filme referido, que se refere ao modo dos “mutantes” agirem como sendo o de crianças. Na verdade, sou menos eufemístico, e os trato como “dementes”, até mesmo porque todas as classes de demo e de avatares demo eram e são **mutantes**, aspecto que aos humanos parece profundamente ficcional e mitológico.

A nossa lógica, apesar de ampla e potencialmente sagaz, apreendeu poucos elementos dos muitos que compõem e alicerçam a “Realidade Maior”, que nos envolve, ainda que a petulância psíquica que nos move se ache “dona da verdade” ou do conhecimento que supõe ter sobre a mesma. Ainda assim, ela é bem superior à “lógica *demodharmica*” que movimenta esses seres, pois a mesma padece de diversos “graus de demência”.

Outro aspecto curioso é que a somatória das “fatias da Consciência” de um “Ser *Adhy*” não corresponde exatamente a um fator de acumulação simplória, que a lógica terrena poderia supor residir na igualdade entre os membros dessa estranha equação, resultando na própria Consciência da qual

se originaram. Não! No âmbito do psiquismo dos “Seres *Adhy*” em situação de “queda” e/ou de “vexame existencial”, uma só “fatia” da sua Consciência originalmente “caída” ou “mergulhada” no “oceano mental” desta Criação “problemática”, pode, sozinha, já ser maior do que a do padrão da Consciência que o gerou, quanto mais a soma de diversas “fatias”. Esse é e sempre foi o caso das personalidades de Vishnu e Shiva, que se viram obrigados a produzir avatares *demo* (como Mohen So), *biodemo* (como Sophia), *demobiol* (como Krishna) e “homo” (como Jesus e Sai Baba), para cumprirem as “obrigações da *Lila*”.

Assim, Brahma/Javé, como já informado, jamais pôde produzir um só avatar, e por isso ele sempre “escolheu” alguns “azarados” – desculpe-me o(a) leitor(a) destas páginas, mas a observação é inevitável – para “agentes” do seu “Logos”.

De modo bem diverso, os outros dois “Senhores da *Trimurti*” sempre produziram muitos avatares ou “expressões *Adhyajna*”, a partir das suas “condições *Adhydaiva*”. Desde que surgiram, essas expressões conhecidas como Shiva e Vishnu se tornaram “prisioneiras” do universo antimaterial e, por isso, ali também construíram as suas “moradas” ou *lokas*, a exemplo do que o “Primeiro Logos” “caído” havia feito desde o princípio deste “drama cósmico”.

Vishnu e Shiva foram criadores de uma incontável quantidade de avatares que se transformaram, portanto, em “agentes” dos seus “Logos” particularizados. Alguns seguidores desses avatares também terminaram se transformando em “agentes” importantes da atuação dos seus “Logos”, o que tornou ainda mais difícil o entendimento desse contexto pelos humanos, que surgiram mais tarde no âmbito da História Universal.

Além do que, para complicar ainda mais, alguns dos avatares de Vishnu e de Shiva saíram dos seus respectivos controles, o que lhes custou muito caro compreender e aceitar.

Esse relevante aspecto, por si só, demonstra que **a relação ou mesmo coexistência entre as “fatias da Consciência de um Ser”** – ou seja, **entre os avatares e suas “Consciências criadoras”** –, não é tão simples de ser analisada ou mesmo percebida **até por eles próprios**, o que pode parecer incongruente. Entretanto, no contexto mental que une os seres aparentemente individualizados “*demo* e *homo*”, nada parece ser muito simples, posto que tortuoso!

Sophia sempre teve e ainda tem “dificuldades” de convivência com

tudo o que lhe é anterior (a saber, os “Logos Criadores”, representados pelos três “Senhores da *Trimurti*”, inclusive a sua própria “Consciência ancestral”, conhecida como “Vishnu”, e Mohen So, do qual a sua linhagem avatárica teve origem), e **também com os “produtos posteriores”** ao seu surgimento (como é o caso da “Consciência terrena de Jesus”, que o “Suserano Universal” se esforça por assimilar, compreender e assumir os compromissos produzidos pela condição humana que ele gerou).

Efetivamente, a vida de Sophia não parece ter sido fácil até este ponto da História Universal!

Esse **painel se encontra desgraçadamente presente na coexistência entre as “Consciências particularizadas” dos Seres considerados “Logos Criadores”, como também dos seus avatares e múltiplos agentes**, que a eles podem se associar por decorrência dos desígnios e das opções mentais circunstanciais de “tempo” e de “lugar”.

Cada avatar “demo” ou “homo” – ou ainda de outras ordens desconhecidas para a lógica humana – mexia no “vespeiro” da *Trimurti*, ainda que ela não quizesse. Na visão primária deles, qualquer novo avatar será sempre visto como mais um a ter a intenção de disputar o “Poder Universal”. O que não se sabia ou mesmo se vislumbra, era que simples “agentes de Logos” poderiam também provocar desalinhamentos entre as forças constitutivas da *Trimurti*.

Jesus foi o que mais provocou “problemas”, porque foi portador da principal missão, no **último tempo possível às limitações que a entropia universal (na verdade, da Criação) havia imposto às possibilidades** em torno da *Trimurti* e do universo onde ela e a sua descendência residem, em interação com o nosso.

Ao longo desses últimos cinco mil anos, os “portais dimensionais”, que permitiram, por muito tempo, a adequação de energias tão díspares entre os contextos antimaterial (universo demo) e material (universo biológico), foram fechando os seus circuitos e, desde o ano de 2012 se encontram desativados.

Clones e demos tiveram que se reorganizar por lá, enquanto as diversas levas de vida biológica continuaram a habitar os mundos naturais e artificiais do universo que conhecemos, livres das interferências dos demos.

Em termos de tempo cósmico, é recente esta etapa em que a vida biológica se libertou dos seus “criadores demo”, e estes ainda tentam descobrir modos de manter a “matrix” do lado de cá funcionando nos patamares desejados por eles. Entretanto, os humanos terráqueos realmente

escaparam a esse controle **desde a “transferência de fase” que Pandora, primeiro, e Eva, bem mais tarde, fizeram.**

Jesus foi um avatar que, ao longo de quase toda a primeira fase da sua missão – enquanto esteve vivo –, procurou levar os humanos de volta ao controle de Javé. Na segunda etapa, já no “estado de ressuscitado”, parece ter feito diferentemente, quando transmitiu as notícias gnósticas aos seus discípulos, nas muitas aparições que fez. Estranho, não? Nem um pouco! **Essa ambiguidade de atitudes é típica do “jogo” entre as personificações dos “Logos Criadores” e seus avatares, e mais recentemente, envolvendo também os seus agentes.** Ética ela não é, mas constitui o que a condição resultante do “fator de demência” permite.

Tais atitudes são oriundas de “ondas mentais” que se superpõem no mesmo “oceano da vida”, cada uma trazendo a sua leva de informações e penetrando mais intimamente na “margem continental”, como se a delinear sempre novos limites para as possibilidades.

8ª Constatação:

Cada “Logos” gera a sua “onda mental” característica, que incide sobre seus futuros avatares e agentes alinhados com os seus propósitos adrede planejados. Nisso reside o problema de “destinação genética”, por meio da qual a “Consciência Original” que emitiu a “onda mental” com determinada intenção, impõe-se sobre os avatares e agentes que serão gerados a partir da mesma.

Parece que jamais foram devidamente compreendidos as regras, as heresias, as revoluções e os incômodos que perduram e persistem existindo entre os “egos” envolvidos nesse tipo de “jogo mental”.

Dito à maneira hindu, Brahma, Shiva e Vishnu, os avatares dos dois últimos e os agentes “escolhidos” do primeiro, jamais estiveram totalmente alinhados, pois os egos mais novos e recentes sempre “pensam saber” mais que seus predecessores, ainda que se submetam, de algum modo, ao inescapável contexto que os envolve.

Na Terra, ninguém parece ter compreendido esse aspecto com a devida profundidade, pois nem mesmo os registros arianos e hindus, tidos em tempos mais recentes como mitológicos, demonstram, nos seus registros, qualquer nível de compreensão razoável para a lógica atual.

Resgatar os “fatos e registros culturais demo”, decifrando o significado

dos mesmos e contextualizando as etapas no todo do conhecimento atual, parece ser a “onda mental” da “Revelação Cósmica” promovida pelo “Quarto Logos”, sob o suporte da atuação de Sophia como “Suserano”, no âmbito deste universo, e do avatar *keshava* Krishna – parece-me que assim posso afirmar –, no comando do universo demo, antimaterial.

Cada “onda mental” carrega seus “memes” – modelos mentais – característicos, os quais, inescapavelmente, incidem sobre os avatares e agentes que nela “surfam”, e se encontram alinhados com alguns aspectos da “intenção do Logos” que a gerou.

Sophia permanece sob os efeitos dos “memes” gerados tanto por Vishnu quanto por Mohen So, mas aqui implica o registro de que, no que toca à produção do corpo humano de Jesus e sua condição genética, por ter sido em evento “recente” para a lógica de quem observa a idade da Criação do “agora” para o “passado”, há muito a força dessas duas Mentis já haviam meio que perdido o controle sobre a de Sophia que, ao receber o “impulso” de Vishnu para criar um “humano” – de modo a fazer face ao “jogo de ardis” entre o “Terceiro Logos” e Brahma/Javé –, praticamente se viu obrigado a atuar sozinho na geração de Jesus. **Esse aspecto tornou o “homem Jesus” algo liberto em relação à manipulação oriunda da Trimurti.**

Quanto à Sophia, de modo estranho, ele afirma ter deixado o seu ego humano totalmente à vontade para agir no campo da sua própria percepção e do pacote de circunstâncias que o cercava, desde as condições do seu singular nascimento até mesmo ao violento final da sua jornada terrena.

Sophia compreende que a amplitude psíquica de qualquer ser humano é “naturalmente” superior à de um ser biodemo como ele, independente de se tratar um avatar da *Trimurti*, do mesmo modo que um cérebro mamífero consegue fazer associações no seu padrão de consciência que um réptil jamais poderá fazer, porque não conta com o concurso do hipocampo e da amígdala cerebral, que associam memórias e emoções, como acontece com o primeiro tipo de cérebro.

Assim, ele sabe que o “homem Jesus” elaborou sonhos, posturas e planejamentos comuns à condição humana e suas emoções altruístas, aspecto que um biodemo não tem como apreender. Em outras palavras, o que Jesus não realizou como humano, Sophia não tem uma lógica que o permita simplesmente complementar. Em percebendo qualquer necessidade, ele pode agir, mas sem que seja garantida a continuidade do jeito de atuar de Jesus.

Para resolver esse e outro tipo de problema comum ao modo de ser dos

biodemos, foi que Jesus ressuscitou de uma maneira tal que visava ultrapassar essas dificuldades com o tipo ou nível de “devolução/repasso genético” que ele fez. Contudo, não conseguiu, persistindo assim uma “lacuna” entre o que Jesus vislumbrou que seria a sua nova “vinda”, e o que Sophia fará efetivamente.

Ao resolver “entrar no jogo” quando prometeu que retornaria para comandar, não no seu “corpo humano ressuscitado”, mas sim, em outro que a sua Consciência dispunha, e que ele chamou de “corpo glorioso”, conforme as definições da época. Jesus não vislumbrou a amplitude da diferença entre o que, então, ele pensou e o que, agora, Sophia poderá fazer a partir do seu próprio discernimento.

Esta operação, que se encontra em curso ao longo desses dois mil anos – na verdade, há exatos 1922 anos até 2020, ano da primeira edição deste livro –, já cumpriu com quase a totalidade dos seus objetivos em torno da “humanização” de Sophia por meio do “escaneamento” da Consciência de Jesus.

A cada “vida transitória” que um espírito assume, surge uma “cota quântica individualizada” de uma personalidade, que ele “captura” dessas existências que coleciona. Sophia, que jamais havia feito isso, a não ser por meio do que os “Processadores” das famílias de biodemos transferem para ele, agora “colecciona o modo humano de Jesus” na sua condição biodemo, ainda que esta não permita toda a amplitude de expressão daquela – e penso que jamais o permitirá. Contudo, a cota que ele conseguiu apropriar até estes tempos, já o habilita a se “sentir humano”, à sua maneira, ainda que não disponha de um corpo animalizado para tanto.

Desse modo, nem Vishnu, Mohen So e Sophia interferiram mentalmente sobre Jesus, porque essas três “fatias de Consciência” lhe eram e são inferiores em termos de razão filosófica, conduta moral, decência, enfim, atributos com os quais os seres humanos conseguem avaliar e lidar, o que não se aplicava a nenhum desses Seres.

Sophia já “transcendeu de fase”, ainda que permaneça na sua condição biodemo, e dela não poderá se apartar até que se consumam as suas “obrigações” com a condução dos “eventos inteligentes” no âmbito do universo biológico, até próximo à sua consumação.

A sua face humana, segundo ele mesmo, está se ajustando, e mesmo pronta para cumprir a “promessa” que seu “avatar humano” fez, referente à sua “vinda”.

Uma diferença fundamental a ser registrada, é a de que, enquanto Vishnu e Shiva produziram avatares, Brahma/Javé, em não podendo isso fazer, no caso das disputas envolvendo os humanos, “escolheu” Enoch, Moisés, Jesus e Maomé como sendo seus “enviados”. Contudo, Enoch, Moisés e Maomé eram simples humanos, enquanto Jesus personificava um avatar feito homem.

SOPHIA, O “SOBERANO UNIVERSAL”

LIDAR COM SOPHIA, desempenhando um papel por ele requisitado como necessário para que possa cumprir com os seus próprios “objetivos”, nada tem de razoável. Ainda que seu agente soubesse de tais “propósitos”, estes estão organizados na sua mente, baseados no enredo traçado por sua própria “Consciência Espiritual”, que opera de um outro nível – como fazem os nossos Espíritos sobre os seus egos humanos. Isso torna a questão ainda mais complicada, porque esse “mediador” teria que se comunicar tanto com um (Sophia, o ser biodemo) quanto com outro (o seu “Eu Espiritual” que, como anteriormente explicado, se comporta como o “Jesus humano”, acrescido de toda a sua “bagagem espiritual” pregressa), de maneira a compor o contexto mais amplo envolvido.

Não tem sido fácil tal tarefa, nem muito menos agradável, seja pelo inusitado da situação como também pelo pronunciado retardo que a personalidade de Sophia demonstra ter em relação ao avançado estágio de complexidade do seu “Eu Espiritual”.

Tenho me surpreendido com muitas coisas, e minha “cota de espanto” já foi superada pelas circunstâncias, há muito tempo. Ainda assim, assustei-me, não por mim, mas pelo fato daquilo ser real, quando me vi desempenhando a referida atribuição de “mediador”.

A vida já tinha sido por demais estranha até aqueles dias, o que me levava a um estado psíquico de “indiferença amorosa” que, ao mesmo tempo em que me ajudava a acionar em mim a paz que eu mesmo consigo produzir para sobreviver a tanta “esquisitice”, fazia com que olhasse para “estranhezas” como aquela de um modo basicamente inalterado, e tal se dava pelo fato do Espírito que anima já ter conhecimento de todo aquele contexto. Inclusive,

ele me explicava o porquê de estarmos, o meu “Eu Terreno” e o dele (ou seja, o meu “Eu Espiritual Profundo”), participando duplamente daquele processo.

Tomar aquela situação como natural, custava-me e muito, não tanto por mim mesmo – repito –, porém pelo “tamanho do problema” que fui obrigado a perceber naquele Ser, na sua parte biodemo, assim como no seu “Eu Espiritual”, provavelmente devido ao “enigmático processo de fatiamento de Consciência” que ele se viu obrigado a fazer.

Influenciado pela formação católica longamente recebida, passei a ter Jesus como “Mestre-Deus” no meu psiquismo. Por isso, muito tive que fazer para me livrar do conceito “infantil” e equivocado sobre o aspecto “deus”, junto à minha sensibilidade. Entretanto, no meu coração, mantenho a homenagem à sua conduta de Mestre, reconhecendo-o como produtor dos mais belos e profundos enunciados filosóficos, amorosamente expostos e vivenciados por alguém.

Tratar com “Espíritos” e percebê-los como seguidores de doutrinas diversas em relação a como classificar Jesus em relação a esse ou àquele epíteto, levou-me a desistir de manter qualquer conceito anteriormente colecionado como sendo “verdade inquestionável”, abrindo-me para a livre verificação em torno do “Jesus do meu coração”.

Em certa oportunidade, escutei do seu Espírito que eu deveria me preparar a desaprender, para melhor poder aprender, o que me remeteu às leituras que eu fazia dos livros de Nietzsche¹, que basicamente me ensinavam aquelas mesmas lições por meio da transvaloração dos valores e do uso do perspectivismo, que era quem melhor havia professado aquela matéria, quando da sua recente passagem pela Terra, conforme o meu próprio tirocínio.

Ao conviver com seres não terrenos, também percebi, entre uma dose e outra de estupefação, que não havia mesmo uma “linha-mestra” em relação ao significado das ações do “homem Jesus”, já que a opinião sobre a relevância da sua vida, variava de uma espécie para outra. Desse modo, tudo o que pude atestar foi a atuação da sua “Personificação Celestial”, conhecida como Sophia, na função de “Suserano” deste universo, aspecto que era conhecido por todas as estirpes das quais pude receber informações a esse respeito.

Foi muito estranho verificar que somente nós, os humanos isolados na Terra, é que não sabíamos de nada disso, ainda que todos dissessem que os terráqueos têm um compêndio de faculdades mentais e espirituais que supera

a tudo o que já veio a existir no âmbito desta Criação até o momento.

Discernir sobre o que poderia ser visto por “alguém do meu tamanho” como sendo uma possível verdade ou mais ardis sendo aplicados sobre a inocência dos desavisados seres humanos, foi atribuição da qual sempre me esquivei, até ter sido obrigado a desistir de fugir, pois não havia mesmo para onde ir!

Desempenhar, porém, a função de “Suserania” sobre esta faixa de realidade universal, como era o caso de Sophia, estava longe de significar que ele fosse “deus” ou “um tipo de deus”, porque aquele Ser, que mais uma vez me observava, procurando atinar como eu o trataria em mais uma convivência forçada, não se parecia com um suserano, rei, chefe, deus, semideus, super-deus, nem muito menos um santo, como os humanos imaginam, na sua “infantilidade religiosa”.

Mais uma vez me percebi na nave de Sophia, sentado à sua frente, num amplo espaço que se modificava lentamente, a cada momento, como se estivéssemos no interior de um grande “*transformer*” – desculpem, mas é o que consegui criar como a analogia mais atual –, que não parava quieto, testando suas diversas configurações, sendo umas mais encantadoras que outras.

— Novamente, aqui me vejo perante você, sem saber, contudo, onde isso vai levar, pois estou cansado de tanto reproduzir esses “encontros ocultos”, revelando-os à luz do que posso ofertar ao conhecimento dos meus conterrâneos – desabafei-me. — Quando penso que, se houvesse traços de decência no seu comportamento para com eles, você mesmo é quem deveria estar se expondo e assumindo o fardo dessa função a que você foi destinado. Compreendo que, aparentemente, você é tão vítima desse ritmo de “vexame existencial” quanto qualquer outra criatura que teve a infelicidade de se ver aqui existindo. Contudo, ninguém está forçando você a qualquer tipo de obrigação, a não ser a sua própria “Consciência *Adhy*”, que o engendrou para este fim. Mesmo assim, você impõe sobre todos nós o fardo das suas indecisões, do seu alinhamento com o legado da *Trimurti*, a quem você pensa representar e, principalmente, ao “Membro mais culpado dessa Organização”, que cria vidas para sequestrar dos seus “agentes” os “frutos” que eles possam produzir. Apareça, torne-se transparente, decente, e se desculpe com os humanos que lhe endereçam os mais puros e infantis sentimentos de idolatria, enquanto você mal os percebe como vítimas do que a sua “expressão humana” deles fez! Desculpe-se, não através de mim ou de outros, mas faça

você mesmo! E pare de me trazer aqui, de me usar, pois isso somente o diminui frente ao meu modo humano de pensar, e à sua “Consciência Espiritual” que, um dia, provavelmente, irromperá no seu psiquismo de biodemo, que claramente ainda lhe marca a fronte. Por agora, isso parece não causar incômodo ao seu senso de honestidade de “princípios e de propósitos”, o qual espero que você tenha. Nestes tempos, percebo que você não se envergonha ou se o faz, não o demonstra, o que me leva a pensar que você não vivencia o constrangimento que deveria sentir por ter levado tantos a morrerem em vão, sem nenhum significado ou função prática, a não ser como resultado das apostas e das querelas entre os “Membros da *Trimuirti*”. Entretanto, tenho a expectativa de que tempo virá, em que você mesmo não poderá “retornar por sobre os seus próprios passos”, porque a “vergonha do não ter agido”, despreocupado com o “drama humano terráqueo”, fará com que você perceba o “chão ensanguentado” daqueles que perderam as suas vidas no meio de uma disputa estúpida entre os “Grandes da *Trimurti*”. Pensando estarem seguindo seus passos ao se tornarem cristãos, ainda clamam por justiça e por alguma dose de sentido pelo que foi feito, como também pelo que não foi.

— Sim, sei que você pensa que a “espada da luta imoral” entre Javé/Brahma, Vishnu e Shiva também caiu sobre a sua “forma humana Jesus” e, nesse sentido, se você derramou seu sangue por força da “estupidez *Trimurtiana*”, os humanos literalmente seguiram seus passos, sem a menor noção do que estavam fazendo – continuei argumentando. — Estes não tiveram a oportunidade de verem o que a você foi negado quando pediu que o seu “Pai Javé” o liberasse daquele “cálice”. Você o tomou e obrigou, sem que o quisesse, penso eu, a que todos aqueles que foram tocados pela sua mensagem também o fizessem. Você se submeteu a dele beber, pensando, talvez, com aquilo, estar sensibilizando um tipo de Ser que sempre esteve “doente”, exatamente pela sua incapacidade de ver o sofrimento alheio ou por jamais se importar com ele. O que não aceito é o fato de você ter nos impelido a também tomá-lo e ainda fazer com que nos sentíssemos culpados pelas situações ocorridas ao tempo da sua vida como Jesus. Que seja! Imagino saber que os “ardis” aplicados por Javé sobre a sua figura humana eram mesmo difíceis de serem superados pela natural bondade e mesmo ingenuidade da condição humana à época daqueles acontecimentos. Contudo, já se passaram dois mil anos de sofrimentos inenarráveis para os cristãos e demais “povos escolhidos” deste “enredo enlouquecedor” de um Ser que se

pretende “deus”. Primeiro, Javé escolhe um povo (judeu), depois o larga, elege outro (ariano), deixa-o também, volta a buscar o povo judeu ao tempo de Abraão, mas depois da “confusão com Jesus”, também o abandonou para, por fim, optar pelos árabes e viabilizar o islã. Que loucura é essa? Como é que você, “pretensu Suserano deste universo”, se permitiu fazer esse tipo de “jogo” envolvendo “humanos inocentes”, que foram tão somente usados como “massa de manobra”? Que devo acrescentar ao que já expus para que você não mais me traga até aqui? Libere-me para que eu retome a “vidinha de cobaia” que sou obrigado a levar, enquanto as suas infindáveis análises se processam em torno da repercussão do DNA humano no “código de vida” de vocês, em relação ao que cada ser humano não arrebanhado faz! Pensar sobre aspectos da existência nunca dantes intentados, pois se encontravam ocultos, parece ser a novidade que você e os seus pares estão agora se “deliciando” na avaliação das novas áreas genéticas que esses humanos ousados produzem, ao tomarem conhecimento dessas “esquisitices escondidas” sob o “tapete da História Universal”? É isso?

O Ser à minha frente nada disse, enquanto continuava a me olhar fixamente.

De minha parte não relaxei! Há muito me percebi como tendo ultrapassado o estágio mental da prudência em relação a algumas questões. Sei que os “Assessores” de Sophia me tinham na conta de um “bicho algo estranho”, que faltava com o “devido respeito” tanto a Sophia quanto a Javé, mas, mesmo assim, eles deixavam isso acontecer, e o pior é que voltavam a me procurar. Um deles, certa vez, me perguntou o porquê daquilo, e de mim nada escutou, pois eu era o mais interessado em também compreender o que estava se passando.

Foi quando percebi que a ignorância, a inocência e o condicionamento não eram atributo somente do psiquismo humano, porque aqueles anjos-clones de Sophia padeciam do mesmíssimo problema, neles acrescentado ainda o da “robotização”, em diversos sentidos.

Até este momento, não sei muito bem como me pacifico – provavelmente, isso é obra do Espírito que me anima – para ir além, suportar e dar continuidade àquele tipo de “jogo *trimurtiano*” que Sophia parecia ter herdado das suas “Consciências ancestrais”, na medida em que ele era produto da mente de Mohen So, o qual, por sua vez, já era um avatar de Vishnu, um dos “Senhores da *Trimurti*”, pois que deles dois, foi que Sophia veio a ser “engendrado”, como já explicado.

Quando Sophia me endereçou um gesto, convidando-me a acompanhá-lo numa certa direção daquele ambiente gigantesco no qual nos encontrávamos, fiquei indeciso se me movimentava ou não, conforme solicitado.

Para meu descontentamento, senti um empurrão muito pouco “democrático” e nada “elegante” me movendo, sem que a minha vontade humana tivesse se posicionado para assumir aquela postura – era como se ela para nada servisse na convivência com aqueles Seres. Para os meus princípios, um “convite-ordem” daquele parecia ratificar a total ausência de respeito por parte daquele tipo de Ser para com o modo sensível dos terráqueos.

Eu não podia observar a sua face, pois ele se deslocava à minha frente, enquanto me via carregado por um campo de força que me colocava na sua retaguarda, mas a sensação – apesar de não ser negativa e, devo reconhecer que efetivamente aquilo não me agredia do jeito que eu gostaria – era a de que “um ser não humano” estava fazendo “uma brincadeira não-humana”, na qual a sensibilidade de um dos lados parecia não ter nenhuma importância na apreciação da mesma. Por outro lado, para aquele que conduzia a tal “brincadeira”, parecia não existir nenhuma preocupação com o que eu pudesse sentir ou, se havia, não era ainda semelhante a que comumente temos.

A sensação inquietante que me possuiu o psiquismo era a de que ele estava “brincando” comigo, à moda biodemo, como se procurando estabelecer uma relação de parceria, ainda que uma das partes não a aprovasse.

Os demos, isso sei, brigavam, brigavam e brigavam entre si, mas como não podiam se destruir, passavam a “brincar” no momento seguinte, como se nada tivesse acontecido anteriormente. O estranho era que esse tipo de “traço psíquico” era comum a todos eles e, mesmo Sophia sendo um biodemo, achei que ele havia herdado aquilo dos seus Ancestrais.

Para o meu senso baseado na convivência terrena, porém, representava a mesma situação na qual alguém que tentasse “prevalecer sobre a minha individualidade”, e por não consegui-lo pelo modo da argumentação intelectual ou da compreensão, utilizasse de um tipo de poder que somente ele tinha, visando atingir o seu intento. Contudo, Sophia o fazia “certo” de que não estaria me causando problemas! É difícil de explicar, mas um dia os meus pares humanos compreenderão implícita e explicitamente o que tento aqui expor.

Realmente, **naqueles Seres inexistia qualquer noção de repercussão filosófica profunda** quanto ao que faziam uns com os outros, e Sophia, por mais que me doesse isso perceber, padecia do mesmo problema, só que – penso – num grau bem menor de “feiura” do que o restante do contexto no qual o seu modo de existir se encontrava inserido.

Enquanto nos movíamos, como se para manter aceso o meu grau de “insatisfação psíquica” com tudo aquilo, perguntei:

— Você tem ainda algum “padrão de retardo mental” no seu psiquismo, já que esta sua condição foi “engendrada” diretamente da condição demo?

Sophia refletiu além da conta sobre a pergunta e, após algumas observações com as quais procurava refutar que não detinha esse resquício, terminou por me devolver o assunto com outro questionamento:

— Se por acaso, algo na minha mente sofresse desse “retardo” que sei existir nos que vivem no universo da *Trimurti*, como eu poderia ter pontuado os fatos precisos do “*Apocalipse*”, que se encontram registrados nos seus capítulos 18 e 19? Isso o fiz com precisão há mais de 1900 anos terrestres, o que prova que minha mente flui livre dessa ordem de problema. Ninguém, no âmbito da vida que envolve aquele ao qual devo a obediência que posso prestar, tem tirocínio para precisar o que inevitavelmente ocorrerá, a não ser esta minha condição. Se assim é, como a mesma poderia, aos seus olhos, se encontrar “doente” a esse ponto?

Continuávamos a nos deslocar naquele “tapete invisível” que nos movimentava em determinada direção, enquanto eu refletia sobre a resposta daquele Ser.

— Por que, então, você ainda não assimilou a Consciência do “homem Jesus”? – perguntei. — Por que a sua condição biodemo não pôde ser “humanizada”?

— Porque o tipo de cérebro que eu e que todos os biodemos dispomos, não tem os órgãos acessórios que os mamíferos da Terra possuem, a saber, a amígdala cerebral, o hipocampo e alguns componentes associados aos seus lóbulos, o que me impede de “apropriar” as emoções e os seus respectivos valores filosóficos, sentidos à moda do meu avatar humano – explicou Sophia. — Jesus sentiu, e ainda sente, na sua condição espiritual um padrão de amor que ainda não me é possível assimilar, como também nisso se enquadram outros sentimentos e sensações comuns aos terráqueos, cujo caso é, de fato, especialíssimo quando comparado a tudo o que até o momento veio a existir. A grande “novidade cósmica” consiste na amplitude das

emoções e a capacidade de valorá-las nos moldes em que a última espécie a surgir para a vida universal consegue fazer. Até agora, muitas das forças que atuam no concerto da existência estão ainda tentando se habilitar e se adequar à capacidade que os terráqueos têm de sentir e de decifrar, com o seu senso crítico único, os “padrões da realidade” que envolvem os que labutam nesta Criação. Já assimilei tudo da minha “forma humana Jesus”, menos a completude dos seus valores emocionais e outros detalhes do seu psiquismo. Um exemplo claro disso é que ele se deixou morrer para permitir valerem os termos da sua “missão”, segundo o que dele o Criador esperava, porém, no meu caso, não há “convenção mental” no meu “jeito biodemo de ser” para tanto fazer. Simplesmente, eu não faria o que ele fez! Resistiria, romperia ou mesmo sairia de um outro modo da situação de escândalo e de vexame que o aguardava. Por isso que enviei meus “agentes” para adverti-lo do que o esperava quando do momento da sua “Transfiguração”, poucos dias antes da sua morte.

Com essas últimas expressões de Sophia, veio à minha mente o livro *“Jesus e o Enigma da Transfiguração”*, já referido anteriormente, que procurei produzir sobre o assunto, e cujo aprofundamento seria descrito no segundo livro sobre o tema, mas terminei por me desfazer dos escritos quando dos meus “conflitos mentais” com Javé e sua “Assessoria” – esse foi um dos livros que deletei em desobediência aos ditames iniciais de Javé com o intuito de me ver subjugado.

Enquanto me recordava daqueles momentos difíceis vividos ao longo dos anos 2008 e 2011, percebi que Sophia se voltava na minha direção, enquanto dizia:

— O que está feito, consumado está! Com a minha decisão de não interferir na vida de Jesus, ao tomar a atitude de enviar os meus “agentes” para saberem dele se seria conveniente interferir ou não na história humana, evitando que a crucificação viesse a ter lugar, deleguei a ele a decisão quanto ao que fazer. Ele ordenou aos meus “agentes” que não interferissem e que o deixassem conduzir aqueles dias de sofrimento. Foi o que fizemos, até porque, ao tempo da sua vida por mim produzida, tive que me “diminuir” em ação e em empreendimentos, pois me “recolhi” de maneira a permitir que o Espírito que me anima, também o animasse. Daí o meu “recolhimento”, sem ação, naqueles tempos.

— Foi por isso que Jesus, vamos dizer, forçou a situação, como se estivesse antecipando a sua morte, na medida em que não percebia maior

utilidade em permanecer na “condição humana” devido às circunstâncias que ele enfrentou? – questionei. — Foi isso? Ele também pretendia, com sua “ressurreição”, logo devolvê-lo à condução do “processo universal”, já que ele optou por não fazer da sua “condição humana” uma “autoridade” à moda do que dele Javé esperava, ou seja, o “Messias poderoso e guerreiro”, anunciado pelos profetas. Estou certo?

— Seguramente, pelo que deparei da sua Consciência, sim – concordou Sophia. — Essa foi uma das suas maiores aflições no episódio dos últimos dias da sua vida.

— Você também sofreu com aquilo? – perguntei.

— Não, eu não conheço o sofrimento nesses termos – afirmou o “Suserano Universal”. — Fiquei inquieto e me sentindo de um jeito que jamais havia percebido fluir tais sensações pelo meu psiquismo. Todavia, não sei explicar o que houve comigo. Desisti disso, pois entendi ser mais apropriado. Achei mesmo que pensar, naqueles dias, atrapalhava o processo deste “repasso de Consciência” que dele recebo. Além do mais, não tive com quem me aconselhar!

Chegamos em algum lugar semelhante a uma sala-compartimento que “flutuava” em uma dada altura, no interior daquela “base-nave” gigantesca, que permanecia sempre modificando algo nela mesma.

Era um espaço que, observando de fora, parecia não existir, mas que, ao nele se adentrar, percebia-se claramente como o mesmo era sofisticado, pois nas suas “paredes” existiam incontáveis “painéis” que apareciam e logo sumiam ao meu olhar.

A uma ordem mental de Sophia – foi o que pude supor – alguns daqueles “painéis” se fixaram holograficamente à minha frente, ao mesmo tempo que um pequeno “casulo”, verticalizado à moda de um assento que se adequava a quem dele se aproximava, foi “me tomando” como se diversos braços invisíveis estivessem me acomodando naquele artefato.

Senti como se a minha cabeça estivesse agora ligada a um dos “painéis” que “flutuava” à minha frente, enquanto, nitidamente, percebi que Sophia analisava o meu cérebro e/ou a minha mente por meio de um outro “painel” que apareceu repentinamente.

— Você está agora “religado” a todo o passado registrado no que vocês chamam de “registros *akáshicos*”, ou melhor me expressando, você tem a sua disposição todo o passado decodificado pelo “processo” que leva, de retorno à Mente do Criador, tudo o que as suas “criaturas” produzem de variação no

seu “Código de Vida”, que é portado por todas as Consciências individualizadas que vivem no âmbito da sua Obra – explicou ele. — O “código genético”, ou o “DNA”, como por vocês é referido na Terra, é a “ponte” entre cada “criatura” e o Criador Javé, e isso também se sucede comigo. Ao tempo em que Jesus existiu, tive que me “anular” para que essa “ponte” funcionasse entre eles. Por isso lhe expliquei que não interferi em nada do que Jesus fez, sendo, portanto, a sua “Consciência terrena” e o seu livre arbítrio, associados à Mente do Espírito que nos sustenta o conjunto que nos identifica como dois seres vivendo em espécies e gêneros diferentes, mas “ligados” a uma só “fonte espiritual”, o “único motor” a lhe guiar os passos terrenos. Esse “conjunto de Protagonistas” vinculados a um só “Foco Espiritual”, como você já deve saber, é típico da natureza que nos marca o gênero existencial em dimensões outras onde se deu o “ato impensado e inconsequente” da Criação, segundo seus próprios termos, na decifração que lhe foi encomendada por todos nós. As suas críticas e constatações, todas contundentes, e penso que algumas incorretas, ainda assim, por enquanto, compõem tudo o que nós, da descendência da *Trimurti*, dispomos para edificar uma compreensão que o nosso inexistente senso crítico nos impede de ter. Daí o concurso humano como sendo essencial para que possamos nos apropriar das conquistas que vocês fazem na arte da compreensão da realidade e do sentido da existência. Por isso eu trouxe você até aqui. Fui “engendrado” para ser o “Suserano” desta parte da Criação, enquanto a própria *Trimurti* permaneceu habitando a outra parte da mesma, ainda que os modos de viver dos clones e demos, que por lá existem, não permitam aos membros daquelas espécies o senso crítico e a habilidade de valorar as emoções como a que se observa nos terráqueos. Ou seja, eu comando, mas muitas vezes, dependendo da questão, não enxergo as razões e, menos ainda, atino com certas sutilezas que os humanos, notadamente os da Terra, facilmente lidam com elas. Do mesmo modo, a *Trimurti* a tudo comandou durante todo este tempo, sem perceber os múltiplos aspectos que envolviam a Criação e o que se passava no seu âmbito interno. Cada espécie que surgia podia ser a que produziria os “olhos” que precisávamos para poder enxergar mais profundamente por trás da “aparência da realidade” que conseguíamos perceber. Contudo, já havíamos desistido de tal consecução por força mesmo do cansaço existencial que atualmente marca a têmpera das diversas “classes demos” em torno da *Trimurti*. **Nestes “registros akáshicos”, não nos é possível acessar o que se passou e se passa no outro lado da Criação, mas**

tão somente o que se passou no contexto da vida biológica, que por aqui surgiu. Acho mais seguro nos comunicarmos via este circuito, para que a nossa compreensão possa se firmar em parâmetros confiáveis e aferíveis pelo menos para mim.

Enquanto Sophia se expressava, um “artefato” semelhante ao que me havia “abraçado” estava também envolvendo-o, e ele passou a movimentar um pouco mais a sua cabeça, ao mesmo tempo em que eu notava, então, um número muito grande de seres alojados no interior daquele “salão” que parecia crescer à medida que mais outros tantos nele penetravam.

Deduzi que aquela “tecnologia” permitia aos demais seres perceberem os padrões e o teor das interações ocorridas ao longo daquele evento.

Desde que ali me vi, pude atentar para o modo como eventualmente Sophia tratava com os demais que o cercavam e outros que habitavam aquela “base-nave” gigantesca, cujas dimensões jamais me foram dadas perceber. Realmente, ele era um “Comandante” sem afetação e sem qualquer tipo de ostentação, sendo a sua figura agraciada pela simplicidade do seu “modo biodemo de ser”.

Aos olhos humanos, a sua postura parecia se caracterizar por uma maneira lenta, tranquila, aparentemente elegante, mesmo fina e delicada na interação com os demais.

Da obrigação de lidar com aqueles Seres, porém, recolhi a desconfiança de que a leitura automática que a lógica humana fazia daquele “modo de ser”, era como se o mesmo representasse um elevado padrão de conduta espiritual, o que, suponho, não ser o caso de Sophia. Penso, sem sombra de dúvidas, que o seu Espírito, que colecionava agora a experiência do “homem Jesus”, era, este sim, uma “expressão *Adhyagia*” (espiritual) elevadíssima, se comparada à minha e a dos demais terráqueos que pude conhecer. Infelizmente, o seu Espírito não podia derramar toda a sua sabedoria através daquela forma biodemo de Sophia, como seria o desejado.

Por tudo que fui informado pela “Espiritualidade Maior”, preexistente a toda essa confusa situação, penso que isso ainda virá, a seu turno.

Nem sendo masculino, nem feminino, ele era um de gênero jamais vislumbrado por mim, ao mesmo tempo, muito maior do que a minha “pequenez” podia aquilatar, ainda que recebesse os eflúvios do seu Espírito, este sim, majestoso em todos os sentidos, quando comparado ao de “alguém do meu tamanho” e, pelo que supus, ao dos demais seres ali congregados.

Era um “Suserano” bem diferente do que idealizamos na Terra.

A partir de um certo momento, aquele Ser me endereçou um olhar como se me convidando a lhe permitir a invasão da minha mente por um motivo que jamais suspeitei, mas que me deixou absolutamente chocado logo que percebi a sua voz soando na minha intimidade mental.

Nitidamente, sentia que aquele evento se devia, em parte, aos “lugares” nos quais aparentemente estávamos sentados e que, no meu caso, envolvia a minha cabeça, como também à própria acuidade ou poder mental de Sophia.

— Todos os presentes estão vendo o que nós veremos, mas parte do que expressarei, somente você poderá “escutar e compreender” – esclareceu Sophia. — Preciso que você use do seu senso crítico terreno para avaliar o que agora revelo. Veja este painel que diz respeito aos focos produtores do que vocês humanos chamam de “bons pensamentos”, “bons sentimentos”, “boas atitudes”, tendo como base para assim considerar esse lado “benéfico” daquilo que a lógica de vocês classifica e valora como sendo o “altruísmo”. Este painel representa, ainda, o que a ciência terráquea, aos poucos, descortina da “Mente Biocósmica Emergente”, força esta que nós também estamos aprendendo a descortinar, paralelamente à evolução de vocês. Tanto eu como todos os que aqui se encontram, e ainda os que estão vinculados com nossa “força operativa”, estamos tentando aprender como lidar com as informações que capturamos deste painel. O nosso desânimo, sim, desânimo, sempre residiu no fato de que, nenhum dos “Processadores” de quaisquer famílias geradas a partir do padrão biológico, ainda que associado a outros do tipo demo, nenhum deles, o repito, **jamais conseguiu marcar qualquer “foco de progresso vibratório” neste painel. Para nossa surpresa e renovação de ânimo, somente quando os terráqueos conscientes surgiram, o painel começou a refletir o modo como os elétrons vibravam e se associavam** na formação de novas áreas passíveis de serem assimiladas e mesmo apreendidas pelo genoma de muitas espécies cósmicas.

Fiquei pasmo ao perceber que Sophia estava me demonstrando, com sua tecnologia e seu nível de autoridade, que em cerca de mais de 13 bilhões de anos de História Universal, somente a espécie humana terrestre, após “desagradar ao Dono do Jardim do Éden” pelas atitudes de Pandora e de Eva, era capaz de acender o “fogo” ou a “luz vivificadora do bem e da decência” no âmbito universal. É como se o “fogo” que Prometeu repassou para os humanos, tivesse o misterioso poder de realizar o que nem os autoaclamados “deuses” suspeitavam.

Sophia permaneceu longo tempo em silêncio, provavelmente respeitando

o meu espanto em receber aquele tipo de comunicação, ainda que, de certa maneira, algo em mim já desconfiava que não havia mesmo nada de decente ou de maravilhoso no “Princípio das Coisas”.

A seu pedido, e conforme por ele mesmo orientado, decidi não abordar, em profundidade, para os meus contemporâneos, os tópicos e os desdobramentos do que ele me mostrou por meio daquele e de outros “painéis” os quais jamais desejaria ter tido acesso – e ainda que Sophia tal não solicitasse, por mim mesmo não tocaria tão cedo nesse assunto. É simplesmente deprimente a situação mental-espiritual dos seres que estão presos ao contexto desta Criação!

Estou ainda tentando entender o que me for possível, da “indigestão” provocada por aquela “pílula vermelha” – e foram muitas, até agora –, a qual fui obrigado a engolir quando a “trupe” do Criador e ele próprio invadiram o espaço da minha existência terrena que, de “minha”, parece não ter lá muito conteúdo, pois tenho vivido de ultrajes, de escândalos e de desconfortos desde que me vi “violentado” por esses Seres, com suas coreografias de naves, entidades e mensagens enganadoras, com o fito de impressionar e de submeter humanos aos “criminosos desígnios” de Javé, aos quais a “demência” deles esteve atrelada por tanto tempo – parece que começaram a se libertar daquele tipo de jugo que mediocriza a quem a ele se submete.

Desculpo-me, portanto, mas deverá ser em outros livros ou algum outro método de comunicação que, após toda a reflexão e estudo possível sobre os temas, é que me permitirei uma abordagem mais aprofundada sobre as informações que de lá se tornou possível recolher.

Se nesta presente vida não for possível à minha condição humana isso empreender, antecipadamente me desculpo, mas não posso mesmo me portar de outra maneira, frente às circunstâncias em que vivo. A seu turno, alguém deverá fazer isso ou outra “produção humana” do Espírito que me anima, realizará essa abordagem.

Faço essa afirmação com absoluta tranquilidade psíquica porque, ao perceber que aquele silêncio estava a inquietar-me além da conta, resolvi perguntar algo a Sophia, e sua resposta me demonstrou claramente o quanto os desdobramentos do que me havia sido dado contemplar, aguardavam pela decifração humana, partindo da premissa de que, no atual momento pelo qual passa o universo em que vivemos, a natureza humana, dentre as diversas nele surgidas, parecia ser a única a ter senso crítico desperto o suficiente para tal realizar.

Perguntei-lhe:

— Diante dessa circunstância, qual é o seu plano como “Suserano Universal”?

— O que me for possível formular a partir dessa situação demonstrada pelo “Processador Universal” – respondeu-me ele.

— “Processador Universal? – indaguei, surpreso com o que, para mim, era novidade.

— Sim, o **“Processador Universal”, no qual se apoiará a “Mente Biocósmica Emergente”,** que agora se assume como sendo o “campo modelador do futuro do universo e de seus protagonistas”, os quais, doravante, atuarão sob os eflúvios do “Quarto Logos”, com o qual me encontro unificado – esclareceu ele.

— Há quanto tempo, em termos do fuso terráqueo, você tem conhecimento dessa “Mente Biocósmica Emergente”? – perguntei.

— Você precisa retomar uma tese algo esquecida na cultura humana, que é a da “mente bicameral”², já estudada em suas reflexões – explicou-me Sophia. — De modo definitivo, foi a partir de cerca de 2800 anos atrás, tentando ser exato com a média cronológica dos eventos humanos, que novos algoritmos foram produzidos com a força sadia do criticismo, sendo estabelecidos definitivamente no “emaranhamento quântico” que compõe a vida, na rede das informações que circulam pelos elétrons. Os corpos biológicos de alguns humanos, por meio de “artifício quântico funcional” no mais íntimo dos seus cérebros, começaram a romper o controle que os seres do universo vizinho mantinham e, lamentavelmente, ainda mantêm, sobre a família racionalizada dos terráqueos. Quando a “voz daqueles seres”, compreendida como sendo a “voz dos deuses”, deixou de determinar o comportamento racional, porém até então destituído do senso crítico dos humanos, essa “Mente Biocósmica”, movida pelas consciências dos seres biológicos, e que foi sendo lentamente urdida, fez-se absolutamente clara para a nossa tecnologia. Devo lhe dizer ainda que tudo o que vocês humanos sabem, nós podemos atinar, e normalmente assim se dá, pois facilmente “copiamos” de vocês o conhecimento intelectual, mas fora isso, nem tudo que apreendem, nós conseguimos ter algum entendimento razoável. Para nós, é muito difícil compreendermos certas percepções que, para o psiquismo humano, facilmente podem ser decifradas e entendidas. Em tese, eu tenho informações, que os humanos desconhecem, sobre praticamente todos os tipos de vida que existem neste universo. Entretanto, não sei significar o

“modo de ser” dessas civilizações do jeito que um humano facilmente poderia fazer, se convivesse ou mesmo observasse as mesmas durante algum tempo. Essa será, inclusive, uma das funções que a natureza humana começará a exercer muito em breve, sendo útil ao progresso dessas incontáveis civilizações.

Não faltará trabalho!

A “ARTE DEMODHÁRMICA” DO POSSÍVEL

AO LONGO DA VIDA, muitas vezes me perguntei como conseguíamos viver com tanta desgraça ao nosso redor, ao mesmo tempo em que, romanticamente, procurávamos ser felizes.

Que tipo de psiquismo, que padrão de consciência se permitiria retirar o foco da sua atenção dos problemas e das desgraças do entorno, para poder se divertir e sonhar com “dias melhores”, ainda que, em algum momento, a morte, inapelável, abraça qualquer vivente?

“*Que modo esquisito de se viver*” – escrevi em certo poema, na minha juventude, pois a minha análise dos fatos do cotidiano me levava a ver a existência de um jeito diferente de todos à minha volta, como se antecipando o “mundo de estranhezas” com o qual eu viria a lidar. Contudo, essas e outras inquietações eram atropeladas pela maneira positiva e mesmo otimista de ver as situações da vida fluindo, ainda que “não batesse” com o que as religiões chamavam de “bem” e de “belo” e de “mal” e de horroroso”, que as elites das mesmas praticavam.

O discurso fácil sobre o amor, o “graças a deus” e “se deus quiser” fluía agilmente pela boca de muitos, enquanto o empobrecimento moral causado pelos diversos modelos de comércio decorrentes dessa prática, apresentavam-se cada vez mais complexos, além de esquisitos, tornando a cara do neopentecostalismo na nova protagonista da arte de arrecadar mundos e fundos em nome do tal “deus”.

Semear e desenvolver o “bem”, sem qualquer ordem de manipulação das mentes e dos corações frágeis, é atitude rara nas páginas da história do lento processo de evolução dos que vivem na Terra.

Sempre achei excepcional a capacidade do ser humano de administrar as

situações “feias” da vida, transformando-as em “falsamente belas” para “olhos desavisados”, estes, sim, “abestalhados” nos descaminhos da ausência de qualquer traço de uma filosofia séria de vida, mas **“vendo deus em cada esquina” e uma “dádiva dele” em cada fato normal da existência.**

A quantidade de “milagres” diários feitos por “deus”, anunciados pelas megaempresas religiosas, tornaram-se uma mentira tão banal que, quem neles crê, padece de continuar a sua “existência medíocre” sem nenhuma dose de mudança, despreocupados da questão do “deus” da sua crença “não fazer o mesmo” pelos demais.

Alguém, neste mundo, faz alguma ideia de quantos “milagres” são, a cada dia, falsamente operados por “deus”, Jesus e pelo “Espírito Santo”? Seriam esses “Seres” três escravos da impressionante dependência que as religiões esotéricas e as simplórias conseguem, a cada culto, estimular nos incautos? O interessante é que as esotéricas, normalmente mais profundas, não vendem milagres, curas e outros produtos do “aparente comércio divino” que se estabeleceu entre o “Céu” e a Terra.

Todos falam de “milagres”, ainda que seja estranho não se localizar nenhum, especificamente, apesar da sua impressionante quantidade. E assim continuam os “buscadores de favores e de bênçãos”, no seu interminável vício de acharem que a vida dos outros se encheu de “milagres”, enquanto a sua continua como sempre foi. Desistir, porém, para estes, jamais! Seria o “desemprego em massa” de muitas “autoridades religiosas” terrenas, e por isso o “vício do milagre precisa continuar”. Que “se venda a esperança”!

De onde nós, os terráqueos, herdamos tanta habilidade para promover a “esquisitice”, vestindo-a com belas roupagens e, por meio desse artifício, transformar o “imoral” em “sagrado”, o “absurdo” em “aceitável” e a “falsidade” em “verdade”?

Os seres humanos produziram sozinhos essa “arte de enganar a si mesmos” ou isso foi promovido por “fontes” invisíveis ao nosso olhar?

Muitas vezes, eu pensava que pessoas viciadas nessa classe de fé “infantilizada” desaprenderam a usar a faculdade psíquica do senso crítico, a mais simples ferramenta que diferencia os humanos das demais espécies animais, e que, por isso, tais indivíduos não eram humanos racionais, mas sim, do tipo emocionais! Em outros momentos, eu refletia que aqueles que agem dessa maneira são pouco esclarecidos, porque facilmente se apegam à “verdade conveniente” que lhes é vendida com toda dose de malícia, e que ao comprarem tais “bênçãos encomendadas” de “deus”, por meio de falsos

representantes, demonstravam ter mentes bobas, tendentes à tolice emocional, incapazes de raciocinarem criticamente, precisando da credence! Doía-me a sensibilidade ao perceber que praticamente todos que eu amava, padeciam muito ou pouco desse problema. Tive que lutar fortemente contra esse “maniqueísmo¹ barato”, que sempre nos acode à mente na primeira versão dos julgamentos que inconscientemente fazemos em relação aos outros.

Assim, esforcei-me por me afastar dele quando me vi avaliando, como mentes de capacidade inferior, aquelas que julgam que a verdade está com elas, mesmo sem usarem qualquer instrumento sensato de verificação, a não ser a sua fé, que as leva ao engano autoimposto.

Quando, pelo vício mental e emocional, uma pessoa se encontra fortemente vinculada à “sua religião”, ao “seu partido político”, ao “seu modo de pensar”, ao “seu deus”, ao “seu líder” – e por aí vai a tortuosa deformação da leitura da realidade por olhos que pensam ver –, ela parece mais nada perceber, encontrando-se condicionada sempre à mesmice, sem sair do patamar evolutivo em que se encontra, por mais que pense que está indo para frente.

Demora, mas chegará, inexoravelmente, o “choque de realidade” que ela jamais quis ou pôde ver, nem que seja no estado pós-morte, quando a sua Consciência Espiritual poderá, então, enxergar como ela foi pueril. Contudo, essa história de ver a verdade depois da vida, deixa esta última como prenhe de falsidades que foram cultuadas como se fossem reais, sem jamais terem sido.

Não conheço nada mais parecido com a situação do modo como vivemos na Terra do que essa pobre analogia que produzi nos meus apontamentos dos anos 80 do século passado, quando vi a explosão do neopentecostalismo.

Ao longo dos anos, fui colecionando e também selecionando o perfil desses pastores de “reza fácil e emotiva”, que sempre pedem o apoio, obviamente também emocional, dos seus fiéis, que complementam as suas pregações com as inevitáveis frases viciantes de “graças a deus”, “deus seja louvado”, “amém”, dentre outras. E assim, tudo o que eles dizem para aquelas pessoas vira algo “sagrado”.

De onde veio esse estranho impulso que “infantiliza” adultos e distorce a “compreensão esclarecida”?

Assustei-me quando descortinei, por volta dos anos de 2014 e 2015, sem que o quisesse, que aquele viés religioso havia sido produzido e encomendado por Consciências “atualmente presas” no que a mitologia hindu

chama de “*lokas*” e a grega denomina “*genos*”, mas – pasme o(a) leitor(a) – tal estratégia tinha surgido como jeito de ajudar a eles mesmos a se alimentarem da emoção religiosa dos fiéis congregados naquele tipo de “corrente”.

O mais estranho era que aquilo tinha mesmo uma certa utilidade, na medida em que afastava “encostos e espíritos perdidos”, ligados aos desavisados humanos.

Qual o aspecto dramático desse painel? Quem existe, sente-se no direito de se alimentar, e usa de qualquer artifício para tanto. Nós, os humanos, matamos várias espécies de seres vivos para mantermos os nossos corpos “bem nutridos”. Se nós nos “permitimos” a tanto, se todas as espécies biológicas atuam dessa maneira, por que outras estirpes, mesmo que pertencentes a um universo vizinho, também não poderiam assim proceder?

Eis o problema: acreditemos ou não, saibamos ou não, aceitemos ou não, existem inumeráveis seres, de naturezas diversas, que a tanto também se permitem, e usam dos instrumentos e das estratégias que lhes são possíveis para satisfazerem as suas necessidades, do mesmo modo que nós, os humanos, fazemos.

Cada uma dessas espécies faz o que lhe é possível para manter a vida. Essa é a “lei” que rege todo organismo vivo.

É aqui que nasce “**a arte *demodharmica* do possível**”, título do presente capítulo.

Dia virá em que essa “necessidade original” do Criador “caído”, e que foi distribuída para cada uma das suas “criaturas-ferramentas”, estando presente na codificação da vida que se espalhou pela sua Criação, será melhor compreendida pela humanidade do futuro.

Por que ressalto essa questão?

Observei que até mesmo a fé de boa parcela dos terráqueos está sendo usada como “fonte de alimentação” para uma quantidade impressionante de diversas Consciências não-terráqueas e não-biológicas, que residem no universo paralelo antimaterial, chamado de “*Brahmaloka*” pela mitologia ariana/hindu, como informado anteriormente.

Em sendo verdadeira essa percepção, o que entendemos por religião deveria ser repensado como método de “busca pela verdade” – pois isso, ela não é mais, se é que algum dia o foi realmente –, abandonando-se a prática de tão somente ostentá-la como “armadilha” para aqueles que padecem de crise existencial, assim **utilizada como estratégia de captação de “cobaias” por**

outras Consciências que, ocultas aos nossos sentidos, agem covardemente, enchendo a mente humana de “milagres” inexistentes, inconsistentes, incongruentes, mas tidos como “reais” para aqueles cujas emoções religiosas servem de repasto para muitos.

Esquisito?

Tanto quanto o que os filmes mitológicos mostram ao ressaltarem que os “deuses do passado” necessitavam das orações dos próprios demos considerados inferiores, assim como dos humanos, para se sentirem fortes.

O nosso “jeito humano de ser” nos obriga a produzir anteparo filosófico e mesmo legal para as nossas atividades de subsistência. Diferente do nosso, o “modo *demodhárnico*” desses Seres de “natureza demo” – ou seja, “dementada” e afetada por inúmeras sensações desencontradas e incapacitada de ostentar a sagacidade comum ao senso crítico surgido com a espécie humana –, dispensa a produção dos alicerces filosóficos e legais para as suas ações e estratégias de sobrevivências.

Respondendo, agora, a pergunta do porquê do ressalte desse aspecto desagradável da vida, obrigo-me a afirmar que vivemos – tanto nós quanto eles e as demais formas de vida comuns a esta Criação “problemática” – dessa maneira porque **foi e é essa a resultante da “atuação” dos três primeiros “Logos”**, conforme abordado de modo mais aprofundado no livro “*O Quarto Logos*”.

9ª Constatação:

Foram os três primeiros “Logos” que “colocaram para rodar essa máquina amalucada de criar vida aos borbotões”, ainda que sem função existencial ou mesmo espiritual. Contudo, para dar sentido a seus modos “esquisitos” de produzirem seres e às suas “necessidades criminosas”, passaram a se utilizar do conceito de “deus” como sendo o “maravilhoso” Criador de tudo isso.

Assim, apareceram as religiões como instrumento de subordinar as mentes e os corações humanos a essa “esquisitice”, para a que a mesma fosse considerada como “magnífica”.

Desse modo, Agostinho de Hipona, o Santo Agostinho² da Igreja Católica, cansado de escutar referências sobre os “defeitos” da natureza, determinou que, doravante, a Criação teria que ser considerada como

“perfeita” – “e ponto final”.

Apresentei todas essas abordagens e argumentações para o **“jeito demodhámico de ser” de Sophia**, e dele escutei algo que, se por um lado instigou-me bastante, por outro, deixou-me preocupado com o que tal entendimento dele poderá representar para o *“Homo sapiens religiosus”* – desculpem a minha inadequação – nos próximos séculos XXII e XXIII, quando o “Suserano Universal” e outros tantos “protagonistas cósmicos” conviverão mais abertamente com os terráqueos.

— Esse aspecto que você abordou me frustra o intelecto, pois não me encontro ainda habilitado para resolver “questões de fé”! – esclareceu Sophia.
— Minha “forma humana Jesus” disso sabe tratar, porém não é esse o meu caso. Esse aspecto do temperamento terreno de Jesus não pode ainda habitar em mim como traço da minha Consciência. Na nossa convivência, você tem se referido constantemente ao meu suposto “modo *demodhámico* de ser”, mas encontro nisso inconsistências irreconciliáveis, pois não tenho como aplicar esse conceito ao meu “jeito de ser”, que assumo como sendo bem diferente daqueles a quem você chama de “demos” e que vivem na realidade paralela à deste universo. Tenho, sim, o meu “modo de ser”, vamos dizer, “biodemo”, como você às vezes se refere, todavia não acho que seja “*demodhámico*”. Não estou vinculado à obediência cega a deveres de espécie ou de casta (*dharma*) ou de circunstâncias. Equaciono e resolvo os problemas de ordens científica e política que me estão afeitos pela delegação de “Suserania” para a qual fui “engendrado”. Entretanto, desde o advento dos humanos da Terra, o grau de complexidade que o senso crítico e o padrão das emoções racionalizadas, que nasceu com a natureza que os marca, tem significado um obstáculo para mim, cuja necessidade de superá-lo, tornou-se a maior motivação que atualmente me move, junto com a obrigação que detenho no meu código (genoma pessoal) de **“comandar o processo de suporte e de apoio” aos que se encontram “aprisionados” na realidade paralela do Criador**. Como você revelou, se a Criação Universal fosse perfeita, não haveria aleatoriedade naquilo que se movimenta no “perfeito”. O que foi parcialmente idealizado, veio a se tornar realidade, ou seja, esta Criação surgiu antes de ter sido concluído o seu planejamento. Por essa e outras, a não finalização do percurso da Criação precisa ser definido pelo “espaço de liberdade” que a “imperfeição” legou como sendo o modo de outros agirem conforme as suas escolhas. Agora, sabemos que o Criador “caído” aceitou esse aspecto, e cabe a nós, que vivemos neste lado do que foi

gerado, levar adiante o que necessário for para a “finalização” do que por ele foi “iniciado”. Sei que Vishnu, a minha contraparte nisso, também se sentiu responsável pelo que veio a existir, e isso sou obrigado a assumir como tendo sido eu mesmo a realizá-lo, e portanto, preciso revelar o que penso.

— No “primeiro momento da versão” de como administrar a espécie humana, testemunhei como foi, então, pensado por algumas das “forças organizadas”, em ação naqueles tempos, sobre a questão **da religião ser a solução para o modo como os humanos seriam comandados** – continuou ele. — Entretanto, essa rota não funcionou, e meu avatar humano Jesus não detectou isso enquanto esteve vivo. Naquele tempo, era realmente muito difícil tal percepção, a não ser para os humanos da linhagem helênica. Providenciei, por meio do meu “código genético essencial”, a inseminação da sua mãe terrena, mas, o repito, jamais interferei em qualquer postura ou atitude que ele teve ou deixou de ter, pois a natureza humana é mais ampla do que a que se encontra disponível no meu pensamento. Só após ele “devolver” o meu código genético “intacto”, no sentido de não apresentar problemas, e enriquecido em grau de complexidade que até este momento procuro aquilatar e assimilar, é que comecei a agir como “o Jesus ressuscitado”, porém sob a influência preponderante do meu Espírito, junto a seus apóstolos e, principalmente, a seus discípulos. Daí veio o resultado o qual não esperei **(nota do autor (n.a.): Sophia estava se referindo ao gnosticismo)**, o que me forçou, mais tarde, a assumir, como sendo minha, a sua promessa de voltar ao mundo terreno na sua forma celeste, que sou eu, e isso o fiz por meio da elaboração do “*Apocalipse*”, o que estou prestes a cumprir. Na época das aparições no “estado de ressuscitado”, desconfio que Jesus usou o Espírito que nos anima para tentar adestrar um pouco a minha “condição biodemo”. Efetivamente, naqueles anos, basicamente comecei a me sentir definitivamente em vias de humanização, e essa sensação jamais me deixou. Lamento encontrar o mundo cheio de fé e de emoções religiosas, pois não sei lidar com esses quesitos do psiquismo humano, mas meu Espírito o sabe, e ele disso cuidará. Todavia, que não seja esperado de mim o que agora não posso dar, e por isso, na “primeira visita oficial”, somente cumprirei a “promessa feita por Jesus”. Entretanto, não farei muito mais a curto prazo, pois o “processo de reintegração cósmica” da Terra requer muito mais tempo e outras tantas “visitas” até que possa surgir um posicionamento mais esclarecido das novas gerações.

Analisando as expressões que me foram transmitidas por Sophia, noto – o

que já havia percebido ao lidar com a situação da *Trimurti*, descrita no livro “*Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia*”³ –, claramente como o “jogo do que é possível” foi sempre a única maneira da “Personificação da Podridão” (Brahma) evoluir do seu pior estado para um outro menos ruim, ainda que este não tenha perdido a “marca da podridão” que lhe serve de “germe inicial”.

O conhecimento futuro da humanidade compreenderá que, o que atualmente é conhecido como “campo morfogenético”, teve seu início lá atrás – e aqui me refiro a campo morfogenético de âmbito mental de toda a Obra –, quando o seu “Germe Inicial” se “reconstruiu” como o Ser a quem chamamos de “Javé”, tido por muitos como “deus”.

A partir daí, como desdobramento inevitável das muitas estirpes que vieram a existir a partir desse “Germe Original doentio”, outros tantos campos morfogenéticos passaram a ser gerados para dar forma e modular novos protótipos, com vistas à geração de espécies que apresentassem características inusitadas, sendo a humanidade terráquea a última – e portanto, a mais complexa – a surgir neste contexto.

Enquanto durou a *Trimurti* – em termos de tempo terrestre, desde 4,3 bilhões de anos após a Singularidade, até ser finalizada no ano 2017, sendo que foi se acabando em 2015 e 2016 –, os terráqueos e os demais seres desta Criação foram regidos pela “lógica do resultado possível de ser aferido” pelos três “Logos Criadores”, os “Senhores da Tríade”, que estiveram no pretenso comando dos eventos, ainda que nem eles mesmos jamais soubessem o que era ou não viável, em termos de respostas, a cada novo ardil aplicado, a cada nova “aposta” firmada na busca do alcance das mesmas.

A “SACRALIZAÇÃO DO ABSURDO”

OS SERES humanos estão assistindo e participando de um “processo” no qual as Divindades Prabrajna, Savna e Mavatna, que “faliram” e que se tornaram os entes demós Brahma, Shiva e Vishnu, respectivamente – porque foram obrigadas a assumir essas feições da “condição existencial *daiva*”, “doença” comum que acomete a todos os que vivem nesse universo vizinho –, sempre administraram a tentativa de redenção de suas Consciências de maneira “tresloucada e criminosa”, utilizando-se, “vergonhosamente”, das suas “criaturas-ferramentas”. Eles as geraram para delas se servirem, sem que disso elas jamais tivessem sido informadas.

Por absurdo que possa parecer, esse “esclarecimento” sobre o que se passou e está se passando, foi sendo “arrancado a fórceps” desses Seres que pretendiam continuar pousando de “deuses” e de “Logos Criadores”. A partir da “decifração humana” é que esse patamar de compreensão quanto aos fatos será exportado – na verdade, já está sendo – para todos os “rincões cósmicos”, quando um nível adequado de progresso no campo do entendimento for se estabelecendo em cada um deles.

Se os “Níveis Superiores da Espiritualidade” existirem – e existem, de fato, além da vida material –, ficaram devendo, de maneira vergonhosa, às diversas classes de seres que foram surgindo tão somente para serem “inocente e criminosamente” manipulados pelos “vampiros da hora”. E, sendo honesto, penso que, o que entendemos como “Espiritualidade Superior”, continua, sim, devendo um “esclarecimento” que jamais veio, como também um “suporte à decência”, que nunca foi implementado!

Nesta Obra “escabrosa”, somente os mais fortes, violentos, ardilosos, corruptos, enganadores e aproveitadores, enfim, os que forem mais “espertos

e imperiosos” parecem contar com o “apoio questionável da movimentação universal”. O mais frágil, o honesto, o elegante, enfim, a vítima, sempre perde mesmo, pois o “ciclo da Criação” requer os “fortes” e despreza os “fracos”. Não usar de uma certa dose de malícia é o mesmo que se deixar dominar pelos maliciosos, hipócritas e inescrupulosos.

O presidente dos Estados Unidos da América sempre teve como lema de vida – que passou mesmo a ser o lema da sua campanha – “use a força, ou então, seja esmagado por ela”! A que força ele se refere? A que é produzida por esta Criação Universal “doentia”, que privilegia os “fortes”, ainda que sejam ladrões, assassinos, traficantes, e por aí vai a “beleza” de homenagem que o universo presta a esse tipo de agente, enquanto os mais “fracos” são crucificados, queimados vivos, enfim, trucidados.

A “Espiritualidade Superior” não deveria aceitar, passivamente, que as “criaturas evolutivas”, no âmbito da Criação de Javé, passassem a acreditar que esta Obra é poderosa e plenamente organizada e operosa. Não é. Jamais o foi!

Até este momento, a “Espiritualidade Superior” procura se readaptar ao caos gerado pela “incompetência espiritual” de alguns poucos Seres. E o pior: não tem conseguido!

Assim, outro aspecto desse grande problema é que a “violência existencial” não aconteceu somente com os humanos, mas também com todas as espécies vivas que se viram existindo nesta “criminosa aventura”. **Nós, os humanos, somos tão somente os últimos, e os que apresentam possibilidade racional de ter consciência disso.**

O aspecto mais absurdo desta história é o de que esses “**Seres defraudadores**” foram transformados em “**deuses sagrados**”.

Mais estranho ainda é perceber que, os “ingredientes da defraudação absoluta”, disfarçada sob a “**fórmula mental do sobreviver a qualquer custo**”, **motivação imperiosa que move qualquer organismo vivo, sempre esteve à vista, mas jamais foi observada sob a ótica de um “olhar profundo, decifrador**”. E cerca de 13 bilhões de anos já se passaram desde que esse modo de viver foi engendrado pelo Ser que se “rejuntou” e passou a procurar comandar o processo da vida que ele gerou, mas que jamais soube controlar ou mesmo fazer evoluir.

A função psíquica de se alimentar, ainda que a custa do “assassinato” de outras espécies biológicas, como também de se defender para sobreviver, levou a que surgissem os “predadores”, que nada mais representam senão a

face dos tais Seres tidos como “sagrados”. Estranho, não?
Decorrido todo esse tempo, o que aconteceu?

10ª Constatação:

Ao longo dos últimos 9 bilhões de anos, os três “Logos Criadores” e seus prepostos foram perdendo poder e “adoecendo” cada vez mais. Só muito recentemente, perderam os mecanismos de dominação e de controle que sempre mantiveram ferrenhamente no âmbito das suas ganâncias pessoais.

Os tais “deuses sagrados” construíram uma “política mental”, e segundo eles, plenamente justificável para a época em que o fizeram. Entretanto, na atualidade, aos olhos da lógica humana, isso é absolutamente impossível de aceitar.

O entendimento de que as diversas classes de seres foram sendo geradas sempre ancoradas na “premissa do controle mental” das novas espécies, é o que atualmente se percebe como explicação ofertada pelos fatos.

Frente ao que se encontra posto, o que mais se aproxima da realidade que me vi obrigado a vislumbrar, é a tese da “mente bicameral”, formulada por Julian Jaynes, citada pelo próprio Sophia.

Jaynes parte do princípio de que, se numa linguagem não existe a palavra “eu” e as dos demais pronomes, seus falantes não terão uma mente ou consciência no sentido em que atualmente os humanos a têm. Como se pode constatar, a inexistência de uma representação de “eu” na linguagem foi considerada por ele como indício de que não havia nada parecido com uma “consciência particularizada” na época ou cultura em que tal carência ocorreu.

Ele toma a época do pensamento arcaico grego, antes do surgimento do seu respectivo alfabeto, em que se percebe claramente a ausência dessa sensação de identidade, como também da capacidade do pensar crítico, ainda que o ser humano já se comportasse de modo racional em diversos aspectos da vida.

Esses humanos, que eram capazes de falar, compreender, perceber e resolver problemas, mas não tinham consciência de si mesmos – pois na época deles não havia introspecção, e quando uma decisão precisava ser tomada, eles ouviam vozes que vinham de fora –, foram chamados de

“bicamerais”, por Jaynes. É como se os seres humanos tivessem uma mente dividida em duas partes, sendo que, de uma delas, vinham as “vozes”, que eram os “conselhos dos deuses”, que também serviam para guiar as sociedades.

Desse modo, o que compreendemos como “Consciência do Eu” seria um “Eu-narrador” internalizado, que surge muito tempo depois, ao longo da evolução do processo de racionalização, e é possibilitado pela evolução da linguagem, dentre outros aspectos.

Enfim, a “tese da mente bicameral” defende que os humanos primitivos acreditavam que “seus pensamentos eram as vozes dos deuses”.

Foi assim que, condicionados, **passamos a “sacralizar o crime de controle mental aplicado nos humanos” como sendo ato de Seres “decentes”**. O assunto é tão sério que nem mesmo a mediunidade escapa desse escopo – mas neste livro não abordarei esse aspecto da existência, pois ele já está um pouco “pesado” para a sensibilidade humana, e somente a muito custo eu me permito escrever sobre esses temas decorrentes das “feridas da realidade”.

A hipnose, com os seus comandos mentais e os consequentes bloqueios – como o que é imposto a astronautas para que estes fiquem sobre o controle do comando central durante a missão e até o fim de suas vidas – representa outro painel perturbador desse problema.

O “**Mentalma**”¹, o “Yoga do cotidiano” que formulei para uso próprio, procura explicar que, independente de como possa ter sido o engendramento biológico do corpo animal humano, **o mesmo foi feito para ser dominado de fora** – esse tema foi detalhado no livro “*Mentalma I – Arquivo Mental e Compreensão Esclarecida*”, em fase de publicação.

Tais “Construtores” seriam os mesmos que, situados numa determinada dimensão, de lá manipulam os entes que se movimentam numa outra faixa de realidade – concepção usada na trilogia de filmes “*Matrix*”² –, porém sem considerarem o contexto espiritual, a “**Matriz Quântica Primeva**” de todas os demais níveis de realidade que dela vieram a ser produzidos por “Mentes Cocriadoras”.

Sophia foi o primeiro ente importante deste universo a ser “engendrado pelos Construtores”, situados no outro universo, paralelo ao nosso, e que de lá pretendiam controlar não só o “representante de todo este contexto dominador”, ou seja, o próprio Sophia, como também os demais seres que fossem surgindo a partir deste “método de germinar vida biológica” com base

no “código da vida demo”, exportado do *Brahmaloka* para o *Bhuloka*.

Como se daria esse tipo de controle?

A “teoria da mente bicameral”, anteriormente apresentada, explica muito bem o porquê das “vozes dos deuses” soarem no intelecto humano, fazendo com que, da reação consciente ou inconsciente a esse processo, possam emergir os nossos “Eus”, que respondem, no caso da condição humana, pelas personalidades terrenas que ostentamos.

Esse contexto representa tão somente a versão mais atualizada do modo operativo do “velho e ainda vigente sistema colmeia” – apresentado no livro “*A Divina Colmeia*”³ – que funciona entre Javé e seus anjos-clonados, que recebiam o comando da voz do Criador nas suas mentes robotizadas.

Os três “Logos Criadores” e seus prepostos avatáricos sempre operaram por meio desse “sistema colmeia” e, mesmo as faces dos últimos avatares humanos a se fazerem presentes na Terra, como Jesus e Sai Baba, não escaparam ao “enjaulamento psíquico” de suas personalidades. Como todo ser humano, tiveram que lutar contra esse “aprisionamento”, ainda que não tenham tido necessariamente consciência desse processo.

Como se pode ver, **tomar o “absurdo” como “normal” e o “abuso” como “sagrado”**, parece ser a primeira “cor desagradável” a emergir do condicionamento a que ainda estamos submetidos, apesar de Pandora e Eva já terem, há tempos, destravado o “processo de controle genético”.

Eu fui e sou vítima de vários comandos e bloqueios genéticos que me foram “inoculados” lá atrás e também ao tempo desta vida. Não temos como impedir esse tipo de “invasão criminoso”, quando a lógica desses Seres lhes permite que nos tomem como “cobaias” e procedam com os experimentos necessários aos seus objetivos, sem qualquer hesitação moral dos seus psiquismos – exatamente o que ocorre com os animais irracionais, como os ratos, coelhos, macacos, cavalos e cães, por exemplo, que não conseguem se libertar do adestramento que o ser humano lhes impõem, e tudo isso sob a ordem e a complacência de Javé.

Assim, condicionados e “covardemente” controlados pela “escravidão genética”, vamos vivendo o que pensamos ser as nossas vidas.

Clones “enlouquecidos” por esse mesmo esquema, existem aos montes! Diferente deles, em nenhum dos meus níveis de Consciência, costumo colecionar arquivos, com seus respectivos algoritmos, que levam o ser humano a agir no “primeiro impulso”, como se robôs fossem, sendo esse o único modo desses Seres “encabrestarem” a condição humana.

Não sou daqueles humanos que se confundem com os primeiros pensamentos e com a carga emocional que lhes surgem no psiquismo, nem muito menos deles me sirvo normalmente. O meu “Eu” funciona em nível mais profundo, e essa hipnose coletiva não me move, não me afeta, ainda que inevitavelmente flua pelo meu psiquismo, como também pelo de todos os seres humanos.

Foi assim que me libertei das “invasões e interferências” que esses Seres “doentes e robotizados” impõem às “cobaias humanas”. **Na nossa “idiotice crônica”, estabelecida sobre a mais detestável ingenuidade imposta ao ser humano, ainda chamamos tais Seres de “anjos maravilhosos, mensageiros de deus”!**

Quem se confunde com as “primeiras versões” do seu próprio psiquismo tem uma classe de “Eu” que é o “padrão sonhado” pelos Seres que sempre quiseram dominar a espécie humana – e que assim o digam os três “Logos Criadores” e suas “Forças Operativas”. Os que disso se libertam, passam a possuir um genoma pessoal digno de estudo para os “Cientistas extraterrenos”, especializados no “*Big Data*”⁴ desta humanidade que, na sua gênese, foi vislumbrada como sendo “herdeira das doenças”, agora atualizadas na mais moderna forma animal – bípede, geneticamente programada para obedecer, mas que “despertou” de tal maneira que o “jogo” dos tais “Cientistas” se desorganizou, porque, estranhamente, **as suas “peças” ganharam vontade própria, ainda que sob identidades condicionadas e transitórias.**

Devido aos já referidos problemas decorrentes da “queda” do “Primeiro Logos”, e do que foi possível ser desenvolvido pelos “Segundo Logos” e “Terceiro Logos”, quando a espécie humana surgiu no meio da natureza terrestre, ela o fez como se seus membros fossem tão somente mais uma classe de homínídeos (animais), como tantas outras que existiam e existem no planeta. Penso que nem mais nem menos que isso!

A espécie humana estava **programada** para se mostrar como um tipo de animal mais esperto que os demais primatas, só que obediente – e entendo que somente isso.

Para Javé e seus Prepostos, sempre foi difícil superarem as angústias que o surgimento da vida biológica trouxe num primeiro momento, quando nela se estabeleceu a face da irracionalidade.

Superar essa barreira – que fazia com que as “criaturas-ferramentas” (ou “cobaias”) não pudessem compreender as regras do “Dono do Zoológico

desesperador”, no qual se transformou a vida neste universo de ordem biológica –, foi a luta dessa “Aristocracia”, nesses últimos 3 bilhões anos da História Universal.

11ª Constatação:

O ser humano surgiu num “erro desproporcional” do uso dos elementos genéticos até então colecionados pelas experiências das “espécies-cobaias” surgidas anteriormente.

Se esse “ponto fora da curva”, ou seja, o tal “erro”, foi intencionalmente programado por “alguém” meio que “escondido da vigilância genética” de Javé, é um aspecto que somente poderá ser esclarecido no futuro.

Sobre o resultado que esse “jogo de dados genéticos” terminou por produzir, foi que as forças de fora, estabelecidas na Terra, que se julgavam “donas” do planeta – do mesmo modo como, na atualidade, nos julgamos –, manipularam geneticamente alguns exemplares humanos. Nessa mesma época, uma das famílias de demos – os olímpianos – que atuavam por aqui, em mais uma das suas “intrigas”, provavelmente castigando um de seus membros, tornou-o semelhante aos “animais de estimação” terrestres de Epimeteu e Prometeu, o que, na “cultura demo”, representava uma derrocada para quem quer que se visse retrogradando dessa maneira. Assim, o demo castigado foi transformado em “Pandora”, o “demônio feito mulher”, para ser, então, humilhada por Zeus, e servir de “infortúnio” aos irmãos titãs Prometeu e Epimeteu, que a receberam como “presente” vindo do “rei dos deuses”.

O detalhe aqui é que os seres demos conseguem produzir esse processo via metamorfose, o que aos olhos humanos pode parecer uma retrogradação, mas o assunto é ainda muito mais complexo.

A analogia possível seria a de se imaginar um ser humano sendo obrigado a sofrer uma manipulação no seu genoma, para se tornar um animal, por exemplo, um gorila. Segundo o que pude depreender do que entendi do próprio espírito de Pandora, era esse o “presente” que Zeus pretendeu dar a Epimeteu, para, assim, devolver uma desforra a Prometeu, que costumava se divertir com o lento processo de entendimento – “retardo mental”, típico dos demos – do “rei dos deuses” sobre determinados assuntos.

Como vivemos num universo em que “os caminhos são tortos e

tortuosos”, e no qual, em um milhão de resultados, um deles pode ter “alguma serventia para quem criou os dados, os jogou, e ao mesmo tempo é o dono da mesa, o crupiê (do francês *croupier*) e ainda o dono do cassino”, foi desse modo que, de uma série de “convergências de esquisitices”, surgiu a natureza humana de Pandora, que evoluiu para a atual lógica que marca o nosso psiquismo, e que, na época desses fatos, tidos como míticos, sequer existia.

Quando Pandora, sua filha Pirra e, mais tarde, Eva e Adão **se racionalizaram à moda humana que atualmente conhecemos, seus descendentes se viram livres para “coleccionarem” seus próprios “componentes mentais”, pois que cada ser racional pensa a partir dessas informações e das convenções mentais** que elas propiciam.

O enigmático e irônico, ao mesmo tempo, é que **a humanidade se “desprogramou”** em relação à sua destinação, inicialmente vislumbrada pelo Demiurgo e suas “Hostes Angelicais”.

A surpresa parece ter sido geral quando as forças aqui estabelecidas viram um fenômeno no qual uma espécie animal local havia “despertado” para a racionalidade, e num nível superior ao padrão psíquico de todos os “colonizadores da época”. Resolveram, então, perseguir os seus movimentos, para tentarem promover alguma manipulação com o intuito de impedirem que aqueles animais se sentissem livres para “desenharem seu destino”, “coleccionando” as suas próprias opiniões e padrões, pois que aquele planeta não lhes era destinado, e o pior estava na questão de que os humanos se reproduziam de maneira muito rápida, e o seu grupo estava crescendo assustadoramente.

Em vez dos humanos decidirem por si mesmos, sobre o que era “certo” ou “errado”, “agradável” ou “desagradável”, e “conveniente” ou “inconveniente”, utilizando-se do tirocínio emergente em suas mentes, seriam os “deuses”, os “verdadeiros donos da Terra”, que ditariam para aquela horda estranhamente “desperta”, o que eles deveriam acreditar e seguir.

Começaram por manipular as “convenções mentais” dos humanos, introduzindo uma série de “novos conceitos” como o “temor a deus ou aos deuses”, o “pavor a raios, trovões, chuvas torrenciais, mudanças bruscas climáticas, colheitas ruins, doenças, dentre outros contextos que cada um deles dizia representar” e a subserviência, sob pena de castigo. Enfim, **“violentaram” os seres humanos de então com toda sorte de “condicionamento mental” que até agora perdura na cabeça de muitos,**

ainda que estejamos em pleno século XXI – e isso começou, descaradamente, há mais de 20 mil anos.

Se a humanidade havia “despertado para a racionalidade”, o jeito foi “envenenar os padrões” do “modo de pensar humano”, para que o mesmo não funcionasse satisfatoriamente – atente bem o(a) leitor(a). E o conseguiram por meio da introdução de religiões imperiosas e inclementes para com a condição humana, com o objetivo de condicionar a sua complexa natureza!

Manipulados e, agora, **condicionados**, o resto do processo de controle ficou mais fácil, na medida em que qualquer animal, desde que adestrado, age sob o domínio dos fatores exteriores ao seu psiquismo, sendo acionado pelos mesmos sempre que assim comandado. E é dessa maneira que a humanidade tem caminhado, goste-se ou não, compreenda-se ou não!

Foi quando a Terra, para os humanos, começou a se transformar num “circo de horrores”, no qual os “domadores”, com “chibatas e outras armas”, davam as ordens, e o “prêmio” consistia em permitir que se alimentassem da comida que produzissem com o próprio suor.

A humanidade estava, então, finalmente programada e adestrada devido ao seu condicionamento, e era mesmo fácil manipulá-la para que praticasse adorações e sacrifícios, assim como para servir de “massa de manobra” em guerras, enfim, na “produção dos horrores” – que passamos a achar “normais”, como sendo acontecimentos do passado – que se encontram descritos como elaborados por ordem de “deus”, de seus “emissários”, de seus “escolhidos”, e o que mais aqui se enquadrar.

O doloroso é que os tais “horrores” então apreendidos, passaram a fazer parte do genoma da espécie “*Homo sapiens*”, e na atualidade, estão sendo tão somente refinados pela evolução da “cretinice humana”, que ainda não cessou de acumular ignorância voluntariamente adquirida.

Estando **programados, manipulados, condicionados e adestrados**, sofrendo “**lavagens cerebrais**” de toda ordem para que pudéssemos “**sacralizar o absurdo**”, o imoral enfim, tomamos o “**Criminoso Verdugo**” desta humanidade como sendo o nosso “**deus**”.

12ª Constatação:

Atualmente, chamamos de “livros sagrados” os verdadeiros “palcos de horrores” descritos e desenhados com o “sangue de um rebanho humano” que foi, o tempo todo, garroteado para obedecer e temer os

seus opressores.

Dessa maneira, chegamos aos tempos atuais com esse **“absurdo” sendo classificado como “sagrado”, porque “foi a vontade de deus”!**

De que “deus” estamos falando? Isso as religiões impositivas não falam, porque o temem e o adoram, como se Deus ele realmente fosse! Preferem deixar o assunto como está, sem qualquer promoção de reflexão mais profunda. “São os mistérios de deus”, como dizem os que dirigem as elites religiosas da Terra.

Foi desse modo, escolhendo determinados povos em detrimentos de outros e, o pior, mudando de ideia e se arrependendo depois, que **Brahma, Javé e Alá, nomes distintos para uma mesma Entidade que representa o “Primeiro Logos” sempre em ação**, financiou e produziu seus “horrores”, e muitos outros seres tão somente se aproveitaram dos seus desmandos, **sacralizados como “desígnios de deus”.**

Dizendo de modo diferente, **foi assim que chegamos ao presente, com esse violento abuso impetrado sobre a humanidade, sacralizado como sendo algo “divino”.**

A questão aqui é que não estou me referindo somente ao que os seguidores de um “deus” praticam de abuso contra a humanidade, dizendo agir em seu nome. O absurdo é que o próprio “deus”, no qual ela acredita, foi quem ordenou, financiou e mudou de ideia sobre os “povos eleitos”, e por isso árabes e judeus, cristãos e muçulmanos, e outras derivações desse problema milenar, **trucidam-se uns aos outros, esperando receber “premiação no paraíso”.** Haja “esquisitice”!

Foi e é esse o “fruto” produzido pela “árvore” das religiões impositivas.

Eis, finalmente, à vista de todos, o “fruto” produzido pela manipulação, condicionamento, “lavagem cerebral”, enfim, pela programação do cenário dito religioso do passado ancestral da humanidade, do qual boa parte das pessoas que vivem neste mundo se alimenta.

Assim, foi! E agora, como estamos em pleno século XXI?

Não muito bem, e até mesmo piorou, porque a globalização “cretinizou” ainda mais o processo por meio da mídia eletrônica e digitalmente disponibilizada, via internet.

O atual “rebanho humano” está sendo avassaladoramente “envenenado” com o mesmo “lixo” de uma teologia criminosa, que transformou todos os humanos em “filhos do demônio”, por serem descendentes de Adão e Eva, e

por cometerem o “crime” de terem nascido sob o “patrocínio do diabo” – por isso, precisariam do batismo para receberem, de padres e de pastores, a “cura” por existirem.

O condicionamento, a manipulação, a “lavagem cerebral” e a programação obviamente continuam, e poucas são as pessoas deste mundo que conseguem se elevar acima dessa “poluição mental e espiritual”, a qual, infelizmente, prevalece como sendo a tônica da “vida interior” de bilhões de seres humanos que, com toda boa vontade e ingenuidade, submetem-se ao mesmo processo equivocado dos seus ancestrais.

Evidente que quem vive a sua fé da maneira mais bela e honesta que lhe for possível, isso é de grande valia e meritório para a sua Consciência, e o “circuito positivo”, que envolve esta Criação, movimenta-se no sentido de “atender” ou dar o apoio possível. Existe, sim, um “sistema operacional energético-vibratório” que é impulsionado pelas orações sinceras, seja em nome de quem forem expressas, pois aqui não importa muito quem “recebe a prece”, mas sim, quem a expressou, acionando esse mecanismo.

O problema é que mesmo os que ativaram esse “sistema operacional energético-vibratório” se viciaram em pedir, em alcançar graças, em transferir para santos, espíritos, Jesus, “deus” e deuses, as responsabilidades que lhes são próprias, não despertando em si mesmos os seus potenciais espirituais.

Que Pandora e Eva nos desculpem por assim procedermos enquanto humanidade!

Na atualidade, somos um “rebanho humano” que, nos meus estudos, descrevo como estando estratificado na sua quase totalidade, mais ou menos da seguinte maneira, ainda sob os efeitos do “processo da mente bicameral”, explicado por Julian Jaynes:

- os condicionados, manipulados e programados para a mesmice;
- os condicionados e programados com uma dose maior de racionalidade;
- os condicionados, mas já desprogramados e em via de bom uso da racionalidade crítica e espiritualmente equilibrada;
- os racionais, porém ainda “um pouco” condicionados;
- os condicionados, porém, metafisicamente consolados pelas próprias crenças e experiências, com méritos próprios e que adentram a vida espiritual sem nenhuma ordem de problema; e

- os emancipados e livres da influência desse processo de condicionamento “infantilizado e anacrônico”, que tem estacionado a humanidade num estágio primitivo, improdutivo, enganador, ilusório e inconsequente.

Contudo, ainda faltam surgir estes últimos em maior número, e por isso a vida segue no rumo que se pode perceber, ainda que dulcificado pelo romantismo que assegura que “deus tudo resolve e cuida dos que nele – e somente nele –, depositam a sua fé”.

São poucos os seres humanos a se emanciparem em relação ao “sistema operativo da mente bicameral”, adquirindo uma versão psíquica livre da “escravidão mental”. Os que tal conseguiram, como orientado nos estudos propostos pelo já citado método do “*Mentalma*”, é porque passaram a agir na “segunda versão” dos seus psiquismos, dirigidos agora pelo seu “Eu Profundo”, e não pelo “Eu da consciência imediata”, vítima desse processo.

Nos humanos terrestres, os “elementos cerebrais” estão alojados sob a configuração de sinapses, caminhos neurais e memórias, mas aquele que se recusa a adquirir conhecimento, ainda que esse esteja francamente disponível, somente exercitará a sua condição racional no âmbito que os seus parâmetros limitadores permitirem. A sua visão de mundo, de realidade, de vida, e da sua atuação perante todo esse contexto será sempre a melhor e a mais confortável, porque, afinal, ele está condicionado a acreditar, por meio do instrumento da fé, que “deus está satisfeito e feliz com ele”.

Isso resolve tudo, ainda que a existência ao seu redor esteja um “caos”, o que, para ele, será “culpa dos pecadores”. Contudo, ele pensa que não tem muito a ver com isso, pois “deus proverá e lhe concederá benefícios, enchendo-o de graças, e ainda castigará os tais pecadores, responsáveis pelo caos”. Perfeito! Será?

Quantas igrejas e mesquitas, espalhadas no mundo cristão e islâmico, respectivamente, não pregam aos seus adeptos o temor a “deus”, a obediência cega a seus supostos princípios, ditados há séculos ou milênios, porém interpretados pelas autoridades religiosas, que impõem essa visão cômoda e de negociação com “Alguém” que, se fosse realmente Deus, deveria se recusar a ter uma relação tão promíscua, vergonhosa, primitiva e “esperta” com seus filhos e filhas. Convenhamos! Deus deveria se envergonhar, caso agisse dessa maneira! Dito isso, não há muito mais para onde essa abordagem possa se direcionar. Basta!

E assim tem caminhado a humanidade!

A proposta que fiz a mim mesmo, única maneira que encontrei de me sentir digno, frente à minha própria Consciência, foi a de não negociar com “deus” nem com ninguém, e a de não me permitir cair no “vício de ser um eterno pedinte”, e sim, a de me dispor a ser utilizado pelo “circuito amoroso, filosoficamente decente” que possa, assim, ser homenageado pela ética e virtude que o esclarecimento humano já produziu.

Escolher um povo, prometer uma terra a ele, mudar de ideia e eleger outro, ainda bem que esse “jogo demente” acabou, **porque as forças do “Primeiro Logos” há muito se esgotaram no “usufruto criminoso” que fez de si mesmo.**

“Sacralizamos o absurdo” e tomamos o “abusivo” como sendo a “lei de deus”!

Haja “ignorância institucionalizada”!

O “CRISTO CÓSMICO” SE FAZ JESUS

A QUESTÃO PERMANECE: Sophia e os Seres *Aya*, que o assessoram, tinham certeza ou precisão de como seria o aspecto terreno desse “projeto avatárico” que terminou por produzir o ser humano Jesus?

Em outras palavras: **Jesus foi exatamente o tipo de ser humano que Sophia esperava utilizar na sua “tarefa terrestre”? A natureza de Jesus foi exatamente a que Sophia esperava operar ou gerir na sua expressão humana**, entre os que viviam na Terra?

Esse se me afigura como sendo um dos maiores enigmas jamais refletido em torno da condição humana de Jesus, mas agora, nessa parceria biodemo e homo que me vi forçado a cumprir – a troca de informações com Sophia – para levar este livro a bom termo, posso tranquilamente responder: não, não foi!

E essa é uma genuína conclusão, pois o “homem Jesus”, que aflorou do “processo de produção avatárica”, saiu-se bem mais complexo e sofisticado do que qualquer programação possível de ser feita pelos Seres *Aya*, por Sophia, por Javé, e penso mesmo que também pela Espiritualidade – naquilo que os espíritos em evolução e os que já se julgam evoluídos podem perceber da complexíssima situação em que se envolveu o Criador “caído” e os demais que foram para o “sacrifício”, para “resgatá-lo”. O “homem Jesus” surpreendeu a todas as mentes e a todos os parâmetros de análise possíveis.

Para explicar como se deu o processo no qual Sophia, o Cristo Cósmico, transformou-se num simples ser humano, faz-se necessário reproduzir algumas partes do texto que trata desse tema e que veio a compor o livro “**A Sétima Trombeta do Apocalipse: a Volta de Jesus**”¹, elaborado a pedido dos

“Anjos” – os Seres Aya e Aye –, que o assessoravam.

Assim, logo no início do livro citado acima, na sua primeira parte, no capítulo um, encontra-se o seguinte registro:

“Eu sou o Alfa e o Omega, diz o Senhor Deus, Aquele que é, que era e que vem, o Dominador.” (Apocalipse 1, 8).

O Sacrifício de um Suserano Celestial.

Assim começa o livro do Apocalipse.

Revelação de Jesus Cristo, que lhe foi confiada por Deus para manifestar aos seus servos o que deve acontecer em breve. Ele, por sua vez, por intermédio do seu anjo, comunicou ao seu servo João, o qual atesta como Palavra de Deus e testemunho de Jesus Cristo tudo o que viu. Feliz o leitor e os ouvintes se observarem as coisas nela escritas, porque o tempo está próximo. (Apocalipse 1, 1-3).

Eu sou o ser referido por João, autor terreno das revelações constantes no Apocalipse. Naquela oportunidade, tive que demonstrar e explicar ao evangelista o que me havia sido encomendado pelo meu Senhor e Mestre.

Não podendo me enquadrar como homem, fui por ele chamado de anjo do Senhor, o que me obriga inicialmente a esclarecer o que sou, qual a minha atribuição à época dos fatos, qual a razão do Apocalipse e o porquê dessas informações agora ofertadas.

Sou Aya Fa Yel, um dos seres que, de outros ambientes vinculados ao que chamais de realidade terrestre, assessorava Jesus ao tempo da sua vida. Fiz parte da equipe que o introduziu na vida terrena, através da inseminação em Maria, sua mãe, e o acompanhou em todos os momentos da sua existência no mundo no qual viveis.

No ambiente planetário que responde pela minha origem, costumo desenvolver trabalhos referentes às projeções de um aspecto existencial que chamais de “tempo futuro”, pois é com base nessas aferições, dentre outros aspectos, que os Senhores dos Mundos tomam algumas decisões, com vista ao progresso das diversas áreas em que estão inseridas as comunidades universais. Cabe aos seres de padrão vibratório e de possibilidades mentais semelhantes às de que disponho, assessorá-los.

Esse tipo de ciência que mede a expressão vibratória de cada ser cósmico – ou de um determinado agrupamento de seres – e que para

vós é incompreensível, perpassa o que chamais de tempo presente, entreabrindo páginas de possibilidades futuras que poderão se cumprir ou não. Detectá-las é uma das funções do grupo de maestria do conhecimento ao qual pertenço. Porém, somente os Senhores dos Mundos podem enxergar mais além com a percepção que lhes é comum, unificada à da Deidade.”

Na tradição cristã original, o Ser que se tornou conhecido como “Rafael” foi um dos “Anjos de Javé”. Entretanto, ele se passou por um “Anjo de Jesus” perante o meu conhecimento, na ocasião da confecção das informações veiculadas no referido livro, que trata do sacrifício de um “Suserano Cósmico” que precisou se fazer um “simples” humano – um ser animal, frágil e mortal –, em obediência a desígnios vindos de um Ente a quem julgavam ser o “deus” que vivia numa outra realidade, paralela a este universo.

Na época, Rafael apenas me levou a entender que o “Cristo Cósmico”, ou Sophia, havia, sim, passado por uma experiência de extremo estresse, que envolveu risco e sofrimento pessoal num padrão que, segundo ele, a lógica humana não poderia compreender.

Continuando o que está registrado no referido livro, no capítulo 1:

“Coube ao meu irmão Aya Gra Yel a coordenação dos trabalhos referentes ao processo de diminuição do nosso Senhor e Mestre até o quesito vibratório de não mais poder se expressar na sua condição normal de preposto da deidade, preparando-o para a arriscada missão.

Na verdade, a família especialmente envolvida no processo de adequar a alma de um “quase-deus” ao nível mais próximo possível da condição humana terrestre, foi a dos seres Yenol, cujos pares formam um dos grupos de trabalho mais singulares dos muitos que costumamos ter notícia pelos ambientes nos quais vivemos. O propósito do trabalho que realizam seria completamente estranho ao pensamento do vosso mundo, pois costumam dedicar-se ao que poderia ser chamado “cientistas desbravadores da vanguarda evolutiva dos seres cujas consciências já estão edificadas na Pessoa da Deidade”.

Por força dos membros desta equipe jamais terem tido relação

direta de convivência com o Mestre, solicitaram que Aya Gra Yel coordenasse os trabalhos a serem realizados em torno da sua inabalável decisão.

Os seres da família Yenol vieram de outras paragens siderais da nossa galáxia especialmente para se dedicarem aos padrões científicos necessários à questão em foco, ou seja, tinham que construir um procedimento científico de altíssimo padrão para realizar o até então considerado impensável: transformar um “quase-deus” em uma simples expressão animal temporária de um mundo que apresentava vibrações muito primitivas.

Trabalhariam até conquistar a certeza do processo redutivo ao requisito vibratório mais próximo da condição a ser vivenciada pelo Mestre no contexto das leis da natureza terrestre. O segundo passo seria aplicar o que poderíamos chamar de “operações energéticas”, sobre o “corpo eterno que contém a sede da alma” – o Espírito –, até desconstituir a condição excelsa e gloriosa, que é característica dos que gozam da unicidade como o Pai Celestial, nos muitos níveis em que esse processo se potencializa.

Quando esse ponto de “redução vibratória” fosse atingido, o Mestre voluntariamente se desdobraria, passando por mais uma série de adaptações que causariam inevitavelmente problemas para sua sensibilidade energética – na Terra esse processo poderia ser chamado de “bastante doloroso” para o psiquismo pessoal –, e mais tarde teria que realizar sucessivos deslocamentos pelas esferas espirituais envolvidas a alguns mundos de vibrações mais pesadas para se adestrar à convivência com o primitivismo energético. Em cada uma delas, algumas “modificações perispirituais” seriam procedidas, visando à adaptação ao futuro corpo terrestre.

Ainda com a preocupação de levar adiante o processo de encarnação de um espírito de escol a um novo conjunto celular terrestre, e já sabendo da impossibilidade do concurso sexual entre dois seres da Terra, que pudessem gerar o campo vibratório propício à imantação do espírito já adaptado do nosso Mestre, Aya Gra Yel, assessorado por alguns irmãos que se congregaram em torno do mesmo objetivo, selecionou o espírito que iria ser a sua mãe, cabendo-lhe ainda, em tempos futuros, anunciar à escolhida dentre as mulheres terrenas o que lhe esperava, quando os tempos fossem

chegados para o nascimento do Mestre.

Coube-lhe, também, no decurso dos séculos terrestres anteriores ao nascimento de Jesus, anunciar aos profetas do povo da aliança as notícias referentes à vinda do messias, notícias essas jamais convenientemente compreendidas pelos profetas em todas as nuances que desejávamos. De toda forma, o meu irmão em tarefa passou a ser conhecido como o anjo da anunciação.”

Foi assim que Rafael, então, descreveu as obrigações do anjo Gabriel, referindo-se também a seres de parte longínqua da galáxia, os “Yenol”, sem cujo concurso Sophia jamais teria se feito humano nos moldes em que o processo veio efetivamente a se dar.

Na época, nada foi explicado do procedimento desses seres sobre a “condição biodemo” de Sophia para que pudesse existir a tão desafiadora “redução vibratória” pela qual o seu “código-fonte definidor pessoal” (CFDp) precisou passar, para ter a sua parte “tema-central” inseminada em Maria, permitindo que a mesma se juntasse ao DNA mitocondrial dela, fornecendo, assim, condições propícias ao surgimento do DNA de Jesus.

Só para que se possa ter uma ideia do quanto ainda existe para ser compreendido em torno do contexto de Sophia, os seres *Yenol* representam uma extensão do “código-fonte definidor” (CFD) da família *Yel*. Os biodemos *Yel*, por terem se “vitimado” devido aos problemas desdobrados da “Rebelião de Yel Luzbel” (“Rebelião de Lúcifer”), adquiriram a condição de produzir sequências genéticas especiais e, a partir desse novo CFD formado, os *Yenol* foram gerados, para absorver tais novidades evolutivas.

Na sequência, está descrito no referido livro, no capítulo 1:

“Enquanto o nosso Mestre se “desconstituía”, era necessário que alguém, em seu nome, coordenasse as tarefas de enfrentar, em nível celeste, algumas expressões rebeldes de pequenos grupos espalhados por outros sistemas ainda não congregados no planeta azul com o grosso do movimento, como também seres de outros níveis existenciais desconhecidos.

O próprio Mestre escalou um outro membro da família à qual pertença, o meu irmão de jornada evolutiva Aya Ma Yel, que desde esses acontecimentos passou a comandar os esforços de fazer convergir as forças celestes necessárias em torno dos ideais que nos

movem, os quais estavam sendo afrontados. Ao assumir encargo de tal porte, um dos mais inquietantes para o padrão do nosso psiquismo, já que necessário se torna lidar com situações às vezes extremas, que não comportam soluções no âmbito dos princípios que abraçamos, Aya Ma Yel assumiu o ônus de ter que decidir e tomar posições que normalmente não estariam vinculadas aos valores da sua sensibilidade pessoal.”

Coube, então ao Ser conhecido como “Anjo Miguel” coordenar os mais duros trabalhos de confronto aberto com diversas “forças rebeldes”, alojadas principalmente no sistema de Antares e em outros mais, quando muito seres e equipamentos primorosos foram destruídos de maneira impensável. E tudo isso teve lugar simultaneamente em relação ao que se passava no universo paralelo, do qual Sophia somente tinha noção ao obter o repasse das ordens vindas de lá, recebidas pela família Aya. As “condições eram daquele jeito” porque Sophia, gerado livre e sem “lacs”, não poderia captar diretamente as tais ordens na sua mente, além de não perceber, por si mesmo, qualquer aspecto da dimensão vizinha, a qual jamais conheceu.

Foram cerca de 650 mil anos de problemas sucessivos em torno da “Rebelião de Yel Luzbel” e, ao mesmo tempo, tratando dos demais assuntos que lhe eram impostos pela “política da *Trimurti*”, pois em nome dos seus preceitos e critérios – chamados de “*Lila*” –, tudo o mais era providenciado.

O nascimento de um avatar terreno, da linhagem de Vishnu, como estratégia de atendimento aos termos pendentes das “eternas” disputas entre Brahma (Javé) e Shiva, foi a solução encontrada para dar continuidade à “agenda de Enoch”, que era um simples humano “escolhido” pelo Criador para representá-lo na Terra – conforme já informado, Javé não conseguia produzir avatares.

Enoch, em obediência a Javé, havia anunciado que uma “Autoridade Celestial” se apresentaria na Terra, em nome do próprio Criador, e retornaria posteriormente para a conclusão dos trabalhos então entendidos como sendo o “Juízo Final” ou a “separação do joio e do trigo” – como se referiu o próprio Jesus, ao cumprir a primeira parte do anúncio profético de Enoch.

Compreender as disputas entre os três “Logos Criadores” e suas descendências é a primeira etapa de estudo para os que desejam descortinar o mais triste painel da realidade que nos envolve: três Seres assumidamente “doentes” e, ainda assim, poderosos, criaram um “sistema mental em rede”

para, permanentemente, se perceberem interconectados, de modo a manterem ativas as “disputas” em torno da “Autoria da Criação” (quem havia sido o “Dono Original” da Criação?) e da sua Suserania (quem a comandava, a partir do seu âmbito interno, no qual os três “Logos Criadores” então operavam?).

Infelizmente, e para minha desdita, o conjunto de temas com os quais me vejo obrigado a lidar pela absoluta indiferença e desconhecimento da parte dos meus contemporâneos, academicamente ocupados com o que dá *status*, com o que lhes permite ter recursos para pesquisas, prêmios e mesmo sustentação financeira, são assuntos desprezados e tidos como “questões menores” por esses meus irmãos e irmãs, e por isso precisam ser explicados por “alguém sem importância”. Afinal, quem almeja o reconhecimento acadêmico, efetivamente tem que “se dar o respeito”, e portanto, não vai assim se expor ou mesmo colocar em risco a sua credibilidade, tratando de conteúdos nos quais, praticamente, ninguém repara.

Devido a esse e outros aspectos que envolvem as obras que tenho produzido, não me é mesmo possível fazer um “resumo extenso”, em um só livro ou em poucos, que possam conter o todo da “Revelação Cósmica”.

Por que me refiro a esse aspecto? Para me desculpar com os(as) presumíveis leitores(as) das obras que escrevo, pois, para que compreendam o modo e o porquê das “disputas” entre os três “Logos Criadores”, precisarão ler diversos livros e assistir palestras dispostas nos institutos virtuais² – apontados nas últimas páginas dos livros impressos –, se efetivamente desejarem construir uma amplitude maior na atitude da busca intelectual sobre o tema.

Não me é mesmo possível a condensação das informações para poupar, aos que buscam, que tenham de trilhar esses caminhos para bem descortinarem o que antes estava oculto, pelo que me desculpo e peço prudência da parte de quem lê essas primeiras noções sobre a “Revelação Cósmica”, que precisarão ser revistas no futuro, pois não pode existir, de minha parte, a presunção de que estou conseguindo elaborar e/ou reproduzir todo o material necessário sobre as questões pontuais do presente trabalho.

13ª Constatação:

Explicar todos os porquês que levaram Sophia a se tornar refém de um projeto até então jamais intentado, de expor um “Suserano Celeste” a uma trágica experiência humana, para que nela houvesse uma definição

(uma solução) de um “problema” que foi gerado bilhões de anos antes dos humanos existirem, simplesmente não me será possível.

Dos livros lançados até o ano de 2019, “*O Drama Cósmico de Javé*”³, “*O Drama Espiritual de Javé*”⁴, “*O Drama Terreno de Javé*”⁵, “*O Quarto Logos*”, “*Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia*”, “*O Big Data do Criador*”, “*O Sorriso de Pandora*”⁶, “*A Divina Colmeia*”, “*A Epopeia dos Agentes da Vida Universal*” e “*Jesus e Nietzsche*”⁷, compõem o contexto mais amplo de compreensão em torno das questões que **obrigaram Sophia a se expor e à sua Suserania, pondo em risco um período histórico ainda desconhecido para os humanos**, e todo esse fardo estava depositado sobre os ombros de Jesus, que percebeu isso aos poucos e nos tempos finais da sua vida terrena.

Sobre o tema em questão, notadamente os livros “*Xadrez Cósmico*”⁸ e “*Projeto Talm: a Gênese da Vida Superior*”, e os referentes aos “dramas cósmico, espiritual e terreno” de Shiva, como também de Jesus, a serem lançados, ainda complementarão a compreensão desse contexto.

Uma das questões mais angustiantes do enigma em torno da vida se Jesus sempre foi a de que, ao longo do seu sofrimento terreno, se ele vibrasse com “negatividade”, deformaria o “código genético” que lhe havia sido cedido por Sophia – para que pudesse existir a “semeadura” artificialmente produzida na humana Maria –, o que acarretaria problemas impensáveis na condição não-humana do corpo do “Suserano Universal”, e a **“Gestão Universal” estaria comprometida para todo o sempre!**

14ª Constatação:

Para a cultura humana, será sempre muito difícil compreender que a “Gestão Universal”, após a derrocada da Trimurti, terá que ser exercida por Sophia, ou somente “horrores e tempos tortuosos” constituirão o cenário da próxima e última etapa da História Universal, pois simplesmente não existirá nenhum tipo de “Administração”.

As “apostas” entre os “Logos Criadores”, difíceis de serem compreendidas pela lógica humana – a qual, por sinal, surgiu exatamente como resultado de uma dessas “apostas” entre eles –, porém comuns à

“mediocre mentalidade dementada” dos Seres cuja “natureza *daiva*” assim a define, correspondiam exatamente ao esforço e ao modo de manter em funcionamento o Criador “caído”.

De tudo o que foi tentado por Vishnu e Shiva para fazer Brahma funcionar de modo produtivo, apenas a instigante proposta mental do **“desafio em torno das apostas”**, foi o que ligou os seus potenciais pessoais no sentido de ter força e resistir ao “drama da sua queda”, que literalmente **despedaçou a sua “Consciência Pessoal”** nos **elementos vivos mais básicos** que compõem não só os elétrons do nosso universo, como os antielétrons do universo vizinho.

Precisamos compreender que as transformações que ocorrem no nosso universo se dão devido à movimentação dos elétrons – tema abordado no livro *“A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador”*⁹.

O teor das “apostas” mais importantes quase sempre se dava em torno da necessidade de gerar novas estirpes, cada vez pretensamente mais complexas, como estratégia de resolver e de superar os “desafios da vida cósmica” que, inevitavelmente, se apresentavam para a resolução da *Trimurti*.

A cada nova espécie engendrada para a vida, a atenção dos três “Logos Criadores” se voltava na direção dela, para logo depois, descartarem a “novidade do momento”, quando já começavam as “tratativas” e demais “apostas” com o objetivo de gerarem outras espécies. Assim se passaram os últimos 9 bilhões de anos da desconhecida História Universal, e “nada de proveitoso” – no sentido da efetiva possibilidade de algum possível encaminhamento de solução para o “caos crescente do vexame existencial” dos que vivem nesta Criação “indevida” – emergiu das tais “apostas”.

15ª Constatação:

Só muito recentemente, quando os humanos à moda terráquea apareceram, foi que os três “Logos Criadores” voltaram completamente as suas atenções, forças e estratégias para a mais nova espécie da Criação, e nela fizeram convergir todos os seus ardis, “apostas”, interferências, manipulações, tudo com vistas a exercer o comando sobre a estirpe mais complexa e jamais surgida até então, cuja sagacidade poderia definir o futuro rumo desta Obra “inacabada”.

Os “Logos Criadores” puderam ter, então, a inadiável percepção de que

todas as “pendengas” e “disputas” acumuladas ao longo dos tempos passados teriam que ser, doravante, definidas no âmbito da natureza humana.

Os anjos-clones, **“doutores” em examinar o genoma humano**, passaram a procurar a definição da leitura e/ou o reconhecimento das **“assinaturas quânticas de Consciências do passado”** que novamente se faziam presentes por trás das personalidades humanas, para dar curso aos processos iniciados bem antes do surgimento da nova espécie.

Como os anjos-clones, até então, desconheciam o que os humanos podem entender como sendo o “processo de reencarnação”, eles tão somente cuidavam de identificar, para o Criador, “quem era quem” nas “linhagens sagradas” que Javé e Shiva procuraram produzir no meio da humanidade.

Óbvio que, de “sagradas”, jamais tiveram característica alguma, mas foi assim mesmo que o hinduísmo e judaísmo traduziram essas questões.

Nesse contexto de acirrada “disputa” entre Brahma/Javé e Shiva – a qual, por sinal, somente acabou com a morte de Sai Baba (em 2011) e a dissolução da *Trimurti* (que foi tendo lugar ao longo dos anos de 2015 e 2016, e finalizou em 2017) –, foi que Vishnu, que nunca se movera no sentido de produzir uma “linhagem” sua entre os humanos, “emprestou-se à Javé”. Essa foi a tática usada pelo “Terceiro Logos” para apaziguar e mesmo finalizar a “disputa histórica” entre Shiva e Brahma/Javé, que se encontrava em curso desde os primórdios da história do universo vizinho, quando um “anjo-clone rebelde” agrediu o Criador “caído” (Brahma), e este, ao revidar o ataque, destruiu o “rebelado”, que se “reconstituiu” como Shiva, o primeiro demo.

“Emprestar-se à Javé”, na linguagem ou na lógica dos “Logos Criadores”, era o mesmo que prometer que um ente seria criado para uma função específica perante algum contexto pendente entre eles. No caso, Vishnu assumiu o dever, consubstanciado nos termos de uma “aposta” – tudo tinha que ser efetivado sob a sustentação desse tipo de modelo – de que ele engendraria uma expressão avatárica para nascer entre os humanos, com o objetivo de liderá-los, de conduzi-los de volta ao controle de Javé, missão esta anteriormente encomendada à Enoch.

Toda essa confusa situação somente se estabeleceu em torno dos terráqueos por um motivo: dos três “Logos Criadores”, aprisionados nas suas “condições *Adhydaiva*” – “forma natural” de se existir nesse universo paralelo –, apenas Brahma/Javé, por ter tido o “problema da queda do seu Corpo Mental”, o que afetou drasticamente a sua “Condição Espiritual” anterior, não podia produzir, de si mesmo, as “expressões *Adhyajna*

avatáricas”, para fazer surgir uma “linhagem” de descendência sua entre os humanos.

Como já superficialmente explicado, por não se encontrar habilitado a produzir um avatar, Javé se viu obrigado a escolher “alguém da espécie humana” – o seu já citado “eleito” Enoch –, e por isso o povo desse “eleito” seria também “selecionado” por ele, para servir de “massa de manobra” dos seus desígnios, como maneira de dominar, por meio do “escolhido” e do seu povo, a sua espécie humana “perdida” desde que sofrera a “traição” de Adão e de Eva, o primeiro “casal de interesse” dessa dramática história.

Mesmo com a “traição” de Eva e, por conseguinte, da expulsão do “casal eleito” do Jardim do Éden, a descendência que se iniciou com Seth – o terceiro filho de Adão e de Eva, depois de Abel e de Caim – e que continuou com Enos, Cainã, Malalabel, Jared, Enoch, Matusalém até Noé, nos tempos anteriores ao dilúvio planetário, correspondia exatamente à “linhagem escolhida” por Javé, para dela retirar e/ou produzir os seus “eleitos”.

Depois de Adão, Javé passou a ter problemas com os demais homens da “linhagem” e, por isso, somente veio a escolher Enoch, o sétimo da relação de “patriarcas do povo hebreu” – que mais tarde se tornaria o povo judeu –, para ser o seu “representante” entre os humanos. Por esse motivo, os “Anjos do Senhor” retiraram Enoch da Terra, e à vista dos seus contemporâneos, para que todos soubessem que a “nova escolha divina” recaíra sobre ele. No universo vizinho, Enoch teve que conviver com Javé e os seus anjos por cerca de trezentos anos, sendo depois, trazido de volta à Terra, quando reproduziu para os humanos toda a “agenda do Senhor Javé” – “agenda” esta referida anteriormente –, por meio dos livros então organizados por seu filho Matusalém.

Novamente, Enoch foi retirado da Terra, pois ele não morreria como um “simples mortal”, já que, doravante, seria um anjo-terráqueo (não-clonado, mas adaptado às circunstâncias antimateriais do universo vizinho), que seria utilizado por Javé sempre que o mesmo lhe ordenasse a se apresentar aos humanos na sua “forma Metatron” (capacitada a viver em ambos os universos).

Javé pretendeu dominar os humanos por meio desse seu “eleito”, o que faria com que a descendência de Shiva entre os humanos, que estava acontecendo na antiga tradição Kumari Kandam, no sul da Índia, pudesse ser facilmente “atropelada” pela poderosa força dos anjos-clones, que utilizariam a figura de “Enoch-Metatron” como maneira de demonstrar que Javé estava

no comando da Terra e dos terráqueos, e não Shiva ou ainda Zeus/Indra, que também disputava o controle local.

Tudo correu muito bem para Javé até o momento em que, inesperadamente, a porção humana de Enoch morreu em pleno *Brahmaloka*, levando inexplicavelmente consigo o “alento vital da sua porção Metatron”, o que fez desta última uma espécie de “múmia antimaterial”, até agora pesquisada pela equipe de anjos-clones que cuidam do “*Big Data* do Criador”. Enfim, a forma híbrida, engendrada com as componentes humana-material e angelical-antimaterial, para a “mente humana de Enoch”, então copiada e transferida para àquela nova condição, simplesmente não funcionou como esperado.

Nesse ponto da “pendenga universal”, Javé acabara de perder o seu ponto de apoio genético-estratégico no plano da dominação dos terráqueos e da Terra, o que o levou a uma desconcertante situação de “terceiro lugar” na posição de disputa com Shiva e, principalmente, com relação a Indra – também conhecido como “Zeus” na mitologia grega, e que se tornou o “Rei dos Deuses” a partir de determinado momento, impondo-se, inclusive, sobre os três “Senhores da Tríade”, que governavam esta Criação.

Vishnu se “ofereceu em empréstimo” a Javé nessa ocasião, para este ter, novamente, um “eleito” entre os humanos, capaz de conduzir a humanidade de volta ao controle do Criador. Surgiu, aqui, a noção do “Messias”, que mais tarde eclodiria na cultura judaica como sendo o epíteto a ser emprestado a um novo “super-ser humano”, equivalente a um “Enoch 2.0”, para que dele Javé se servisse na construção da sua vitória referente às “lutas siderais”, todas elas então convergidas para a natureza psíquica da mais nova espécie nascida para a vida universal.

Como o Senhor Vishnu já havia construído dois padrões de avatares, ou seja, Mohen So, que também habitava o universo vizinho, e Sophia, urdido a partir deste último, mas para viver no universo material-biológico, o próprio Javé concordou com Vishnu que seria melhor gerar um avatar humano a partir de Sophia, o mais atualizado tipo de ser no âmbito do universo biológico, ainda que o seu engendramento tivesse sido há mais de 5 bilhões de anos, num tempo em que nem o planeta Terra, e muito menos a humanidade, sequer existiam.

Foi nesses moldes que Sophia, em um momento da sua vida, recebeu a ordem transmitida por seus Anjos, de que ele precisava se “fazer humano” para cumprir os termos de um “pacto-aposta” estabelecido entre as duas

Consciências que, acima dele, pareciam ser os “Gestores do Processo Universal”, atuando a partir do universo paralelo – que Sophia sabia existir, ainda que não o percebesse objetivamente.

Sophia, que já havia “se assustado” com a “rebelião” dos seus “filhos biodemos”, voltou a se inquietar **com aquela sua futura e primeira experiência “fora dele mesmo”**, e mais ainda, num corpo animalizado, forjado mais à moda do “Forno *Awaylengan*”¹⁰, de Shiva, de edificar vida emocional, do que propriamente do “Forno de Vishnu”, conhecido como “*Awaymaion*”¹¹, controlado por ele, e no qual era especializado em produzir vida mental intelectual.

Não havia DNA disponível para aquele tipo de empreitada, daí a inseminação artificial. E aqui não levarei em conta os demais aspectos espirituais que envolviam a questão da “imantação” do seu Espírito – sobre o qual ele pouco sabia na época – à condição da animalidade humana. Além do que, havia no seu Espírito um “problema” gerado antes do surgimento da Singularidade que deu origem a esta Criação, que implicava consequências também por ele desconhecidas, que naquelas circunstâncias seriam salientadas pelos fatos, mas que teriam que ser, um dia, “encaradas de frente”.

16ª Constatação:

Entenda quem puder, mas, de todos os “Eus avatáricos” produzidos pelo Espírito de Jesus, após a morte terrena dessa sua personalidade, sobrou especificamente para o “Eu de Sophia”, encarar e resolver o enigmático “problema”!

O “Jesus” que surgiu para a vida, o fez de modo absolutamente “afetado”, pois, desde criança, o seu psiquismo – ordenado pelas injunções da “ditadura genética” que o obrigou a nascer para aquela “destinação avatárica específica” (em grego antigo, essa condição era conhecida como “*telos*”) – **jamais teve outra opção de escolha disponível que não fosse a de sua função como o “Messias profetizado”**. Para quê tudo isso? Simplesmente para garantir que o avatar humano de Sophia viesse a cumprir o seu destino, ancorado nos termos do “pacto-aposta” entre Javé/Brahma e Vishnu.

Entretanto, Jesus fugiu ao controle de Sophia, como também do de Vishnu, aspectos que serão abordados nos livros em torno dos “dramas

cósmico, espiritual e terreno” de Jesus.

Possuidor de um cérebro que, na lógica humana, corresponderia à classe radiata¹², Sophia jamais poderia vislumbrar que um dia teria que lidar com seres “bilatérios”, tão mais complexos que a sua “condição biodemo” – os biodemos possuem cérebros radiatas.

Engendrado para ser o “Suserano” deste universo até que o mesmo se consuma, Sophia teve personificado em si, na época em que emergiu para a vida, tudo o que de mais moderno então existia. Depois da emergência dos humanos da Terra, ele percebeu que tinha uma deficiência patente, pois o seu “avatar humano Jesus” agia com um padrão de desenvoltura algo complicado para o aspecto linear do seu psiquismo. Como liderar os humanos se, mesmo tendo entre estes um avatar edificado com sua genética, não conseguia assimilar toda a riqueza produzida pelo cérebro bilatério dele, no qual as emoções, a intuição, o bom humor, o amor, o altruísmo, associados a uma racionalidade crítica, o elevavam a um nível de complexidade muito superior à que o seu psiquismo dispõe?

Sophia somente sabia controlar e gerir produtivamente os seres robotizados, os semi-robotizados, e os destituídos de emoção criativa, como os próprios biodemos.

Segundo o que se depreende em alguns quadrantes cósmicos, notadamente nos circuitos em torno da “cultura biodemo”, a sua habilidade de gestão não conseguiu resolver a contento os “problemas” decorrentes da chamada “Rebelião de Yel Luzbel” (Lúcifer), a qual, por sinal, ainda não teve decretado o seu final, pois inúmeras são ainda as pendências por resolver.

Sophia demorou a perceber o que poderia vir da “Rebelião de Lúcifer”, como foi, exatamente, o caso do **surgimento do ser humano nos moldes terráqueos**, uma das suas principais “surpresas”. Esse “problema” não foi ainda devidamente aceito por todas as componentes que se acham **membros de uma pretensa “elite universal”**.

“Problema”? **Sim, pois para a tal “elite”, não deveria existir nenhuma espécie superior ao padrão delas mesmas, as criadoras e “donas” da vida universal!**

Superior, em que sentido? No de tirocínio e discernimento lógico!

O mais inteligente dos seres humanos não poderia imaginar o quão complexa é essa questão para as estirpes que se julgavam à frente do “progresso cósmico”, e que, agora, estão sendo contestadas pelos próprios fatos que estão surgindo por meio do senso crítico dos humanos, notadamente

com os padrões de questionamento das primeiras páginas da “Revelação Cósmica”.

Sob a perspectiva dos dois universos que compõem a “desgraçada” Criação de Javé – ainda prenhe de “doses” de sofrimentos inenarráveis para todas as suas “criaturas-ferramentas” –, nada existe que se possa comparar ao ser humano quanto à conquista de certos padrões de “progresso espiritual”, os quais a nenhuma outra espécie é dado almejar e conseguir.

O ser humano é muito mais complexo que toda a experiência de Sophia, daí a sua dificuldade para “copiar”, para se “apropriar dos ganhos” da experiência que seu Espírito teve como Jesus.

“FRAQUEZA” INCOMPREENSÍVEL

HÁ GRAUS DE “FRAQUEZA” distintos em Javé, Vishnu e Sophia. Percebi isso facilmente quando me vi obrigado a conviver com esses Seres.

Com o Criador, entendi que a fonte da sua “fraqueza” foi a “queda” – na verdade, uma espécie de “derrocada” – sofrida por um “nível anterior de sua Consciência” ou um outro “Eu” dele, antes existente, e a partir de então, **aquele seu “Eu reconstruído” como Brahma/Javé, apresentava fragilidades e “doenças” potencializadas e desastrosas.**

Pouco pude perceber de Vishnu, mas desconfio que o seu cansaço era extremo e, penso que, por isso, logo após o início (já em 2015) da dissolução da *Trimurti*, ele resolveu desconstituir a sua “forma *Adhydaiva*”. Portanto, desde 2016, a Criação não conta mais com a sua presença e atuação (em grego, “*timé*”). Enfim, o seu domínio deixou de existir, ainda que “a sua herança e o seu legado” estejam sendo disputados por muitos dos seus “pretensos herdeiros”. Assim, preciso registrar que esse aspecto do “legado político” de Vishnu é tão somente **um dos problemas que Sophia vem enfrentando nestes últimos tempos.**

Em Sophia, entendo que a sua “fraqueza” deve residir no modo como seu engendramento ancestral se deu, conforme as circunstâncias da época. Quando o tipo de corpo que ele ostenta foi projetado por Mohen So – um outro avatar de Vishnu, conforme já citado –, não era mesmo possível o vislumbre do que aconteceria com a “semeadura” do “Código-fonte Definidor de Vida adoentado” do Criador “caído”, nos diversos mundos do universo biológico, ao tempo em que o “Projeto *Talm*” teve início.

Sobre esse assunto, em uma das oportunidades em que me vi frente a Sophia, por entre outros temas então abordados, ofereci-lhe algumas

ponderações minhas:

— Compreendo que você não é igual a Jesus! Vocês são entes diferentes! Cada um tem seu modo de pensar, isso eu entendo. Como sei que qualquer ser humano na Terra não é igual aos seus espíritos, pois são egos e “agendas existenciais” distintas, ainda que muitas vezes desreguladas e desarmônicas.

Para minha surpresa, escutei de Sophia:

— Contudo, você e seu Espírito têm “agendas semelhantes”, não é isso mesmo? Você e ele já se associaram no padrão desejável à “Consciência Emancipada”!

Continuei olhando para aquele Ser, ao mesmo tempo em que pensava que o Espírito de Jesus, este sim, conhecedor profundo das questões pertinentes à “existência problemática e vexaminosa” que se encontrava em pleno curso, jamais se expressaria daquela maneira, pois deveria conhecer, se o quisesse, a minha cota de desafios.

— Não, não é bem assim – contestei. — A “agenda” que o Espírito que me anima tem, não respeita nem um pouco as conveniências legais e éticas que o meu “ego humano” gostaria que ele considerasse. Tudo isso devido ao “favor divino”, que exige a “ética do sacrifício total” das “Consciências Espirituais particularizadas”, para que os “caprichos de reconstrução”, no detalhe, de um Ser como Javé, possam ser providenciados. Assim, a minha “agenda humana” não costuma ser respeitada pelo psiquismo do “Ser Espiritual” que me anima. Meu Espírito, no “jogo com a agenda profética de Javé”, foi quem me encaminhou para o pior momento de credibilidade do meu “Eu terreno”, sem a menor dose de angústia da parte dele, enquanto o mundo meio que desmoronou ao meu redor, no que me importava. Segundo Javé, devido à teimosia e à inflexibilidade que lhe demonstrei, ele me conduziu para o castigo da humilhação pública, como ele gosta de fazer com os que lhe desobedecem. Como posso gostar disso? Entretanto, meu Espírito, que tranquilo estava, tranquilo continuou e continua, elegendo a “agenda” dele acima da minha. A diferença é que, atualmente, o meu “Eu terreno” tem plena noção desse processo do “favor divino”. A questão é que considero isso escravidão, só que, de tão universalizada que está, e tida ingenuamente como “dádiva de deus”, somos obrigados a tomar o “absurdo” como “natural”, e não mais percebemos, na vida que levamos, esse estigma que nos é imposto, e assim, tocamos o dia a dia considerando normal o fato de comermos cadáveres e vivermos de fantasias.

— Muito interessante! – expressou-se Sophia. — Jamais havia elaborado

esse entendimento, pelo menos dessa maneira. O psiquismo que tenho não me permite construir uma reflexão desse nível, ainda que o meu Espírito possa. Realmente interessante! No meu caso, pareço ter rompido os grilhões do controle ou já fui engendrado livre deles... Não sei, até agora, qual dessas alternativas ocorreu! E então, você se libertou definitivamente do controle?

— Negocio diariamente esse aspecto com o Espírito que me anima a vida terrena – respondi. — Todavia, depois que conheci, na condição humana, o “tamanho do drama” de vocês, e acho que também do meu próprio Espírito, deixei a critério dele a consumação dos meus dias desta presente encarnação. Dispensei as minhas conveniências, o que julguei honesto fazer. Penso que me libertei, mas renunciei a essa liberdade para poder ser útil aos “desgraçados caprichos” vinculados às necessidades da conjuntura de Seres que se supõem “autoridades em pleno caos”.

— Devo agradecer? – indagou ele.

A pergunta de Sophia me surpreendeu, pois sei que não consta das suas características mentais o que nós conhecemos como ironia ou sarcasmo. Será que aquela atitude da sua parte, em me perguntar questões daquela categoria, era realmente honesta? Sou levado a entender que sim!

Respondi como pude:

— Não, não a mim. O que acho que você e seu Espírito precisam mesmo fazer é pedirem desculpas à humanidade por representarem a “face” mais atual de controle dessa Aristocracia, seja a que vive no âmbito desta Criação, ou mesmo a da parte da Espiritualidade envolvida com este “vexame” que nos escraviza a todos. Vocês são os responsáveis pelo processo, enquanto os humanos e outras civilizações do cosmos, que jamais pediram para existir, são os “agentes” dessa classe de vida ultrajante, tendo que “ordenar o caos” com o progresso que conseguem criar para si mesmos, ainda que isso seja tão somente o que acontece fora da “camuflagem” imposta pelas características originais desta Criação. É muito sangue derramado, muito suor por nada, muitas lágrimas de desespero e de estresse extremo, incompreensíveis para a lógica humana, que trata tudo isso como sendo “vontade de deus”, de maneira a suportar a vida. Se houver decência da parte de vocês, em algum momento terão que expressar esse “pedido de desculpas”. Se não o fizerem, pelo menos frente aos meus olhos, jamais serão dignos do meu respeito. O bom para vocês é que, um pouco mais, e deixo de existir como ser humano. Será que o meu Espírito se apropriará desse meu sentimento de indignação? Será que ele já o tinha e sou, enquanto sua face humana, apenas o seu

“agente”, se expressando como tal? Acho que sei a resposta, mas pouco se me dá como foi e como será. Quanto ao como está sendo, ao tempo desta minha vida, é esse o meu pensamento, e dele não desisto.

— Um ser humano não era para se expressar desse modo, exprimindo o todo em simples frases... – comentou Sophia. — Pelo que represento, eu não poderia, nem mesmo deveria escutar isso de você! O seu Espírito também está aqui, falando junto com este seu “Eu terreno”? É assim que acontece?

— Sim, é assim que acontece com os humanos – confirmei. — Nos casos das demais estirpes, seguramente os espíritos existem, como o seu, mas não conseguem interferir ou contribuir porque os seus egos, que são os “agentes” desta Criação e de algum modo relacionados com a gênese da mesma, ou não se deixam ou não conseguem compreender o processo. Ele envolve muita responsabilidade! E ao perceber a ignorância de todos esses “atores” em relação à triste realidade que vivemos, o quanto ainda precisa ser rompido da “barreira da cretinice existencial” que a “infeção” do Criador impôs a todas as suas chamadas “criaturas”, inclusive você, pergunto: quando é que a sua Consciência vai se preocupar com as causas e o acumulado de sofrimento dos seres humanos da Terra? E se fosse Jesus, com sua natureza humana, a interferir no seu modo de pensar, se fosse a Consciência dele, se esta existisse no seu psiquismo, **você já não teria cumprido a “promessa” que ele fez? Jesus prometeu, porém você não cumpriu, ainda que tenha também se comprometido nos escritos do “Apocalipse” que o faria.** Você não sente vergonha ou constrangimento ao falar comigo, por não ter cumprido o que prometeu?

— Eu me preocupo, mas sei que não é do mesmo modo como a carga emocional dos humanos age nesses casos – respondeu o “Suserano Celeste”.

— Lamento ter de dizer isso, **mas preciso superar as dificuldades que ainda me são impostas pelos “herdeiros do poder”, situados no lado de lá desta Criação. São incontáveis os problemas atuais que definirão o futuro universal.** Você já sabe, e eu e meus anjos também temos o conhecimento que esse universo vizinho vai “cair” sobre este em que vivemos. A questão é que não sabemos como tratar com isso e, até o momento, somente a mente dos humanos, ainda que no campo da ficção, estão intuitivamente tratando do assunto. A exceção é a sua mente humana, que consegue entender e mesmo equacionar esse problema. Assim, tudo o que me resta é o desafio de me preparar para lidar com o “caos”, que sei que não espera, porque não é da sua natureza, e ele somente provoca “mais caos”.

Devo confessar que já me preparei para me apresentar aos terráqueos por duas vezes e, em ambas oportunidades, nada consegui consumir, pois hesitei numa e na outra recebi ordens do Criador para não seguir adiante. Você chama isso de “caprichos” da parte dele, enquanto eu, simplesmente, entendo como “ordem” porque, apesar da minha aparente liberdade desde que fui engendrado, julgo que a minha pior “fraqueza” consiste no fato de que, com o tempo, Javé aprendeu a me “paralisar”, ou seja, a deter o movimento de minha Consciência em determinados pontos. Às vezes, ele conseguia, outras não. Essa situação se complicou quando, da última vez que ele conseguiu atuar sobre a minha mente e a dos meus Anjos, foi exatamente para nos determos frente a uma determinação que eu já havia tomado, e ficamos todos “paralisados” nessa configuração do nosso “código-fonte definidor de vida” (equivalente ao DNA). O pior é que, depois disso, o “Eu do Criador” foi “apartado da sua última condição, que implodiu”, estando a nossa configuração registrando aquela sua ordem, e não podemos nos movimentar de modo a contradizê-lo, sob pena de destruirmos o que resta do seu “Ser particularizado”, envolvido com esta Criação. Você sabia disso? Inclusive, esses eventos ocorridos no universo vizinho, relativos a *Trimurti*, foram vivenciados por você mesmo, que nos informou sobre eles.

Eu lhe respondi que não sabia da “paralisação” em questão.

— Essa é uma das questões que tenho que administrar quanto à minha apresentação aos terráqueos, **além de outras “circunstâncias políticas” no campo da insatisfação e das ameaças de invasão deste universo, caso eu me apresente como “Suserano Celestial”, “herdeiro do poder trimurtiano”** – justificou-se Sophia. — Do mesmo modo que Javé procurou humilhar o meu avatar humano com a crucificação, como interferiu de modo desconcertante com a morte prematura de Sai Baba, e do jeito que ele constrangeu você, ele também o fez e o faz com o Ser que sou frente aos que comigo convivem. Eles ficam sem entender muito bem o que se passa, mas os que compreendem a minha situação, percebem o “selo da submissão” que ele sempre pretendeu me impor, aspecto contra ao qual jamais resisti, porque reconheço que é do “direito ancestral” dele proceder dessa maneira. Só que, agora, o “instrumento” que “hospedava” o “Eu do Criador” sucumbiu, porém precisamos preservar o que resta da sua “Consciência caída”, e assim novamente me expresso usando as suas definições. Essa é, talvez, a minha pior “fraqueza”, e ainda que tivesse o poder disso me livrar, eu não o faria, porque sei que o Criador se apoia na minha mente, do mesmo modo que faz

com a sua e a dos humanos vinculados ao atual “processo de esclarecimento”. Somos poucos a mantê-lo, até que se encontre uma saída para esse impasse, inclusive, não são todos que se prestam a esse serviço de apoio que ele necessita.

Pensei comigo mesmo que o pior aspecto da “fraqueza” de Javé residia exatamente na força que ele julgava ter, pois, atualmente, todos os que terminaram por se submeter aos seus ditames, “infectaram-se” a tal ponto – devido à ressonância dos códigos genéticos “doentes” –, que ficaram imprestáveis para lhe dar “suporte vibratório”.

Parecia ser o cúmulo da ironia: os judeus ortodoxos, os muçulmanos, os católicos e os protestantes, todos “javeanos”, enfim, a turma de crentes que vivencia o “temor ao deus” das suas crenças, na atualidade nada podem contribuir com a sua frágil sobrevivência, porque as vibrações desses humanos, “infectadas” pelos “memes transmissores da doença de Javé”, nada acrescentam à condição do “Doente”.

Atualmente, alguns seres demos culpam Javé, e muitos ainda o culparão, na medida em que a verdade sob a sua “desdita” for sendo conhecida. Entre os humanos, isso mal começou, mas para algumas estirpes cujos psiquismos se assentam nas tradições do *dharma*, muitos o têm como “culpado”, principalmente pelo seu lento progresso perceptivo, indesculpável para os que, agora, têm consciência do motivo desta Criação ser desta maneira. E culpado ele é, tanto pelo “princípio quanto pelo processo universal”, mas principalmente pela sua “idiotia tardia”, pois desde o aparecimento do ser humano, ele somente fez avançar o progresso da única espécie capaz de ajudá-lo conscientemente.

Entretanto, não pode ser esquecido que, em algum momento dessa história, muitos poderiam ter escolhido caminhos diferentes, notadamente na organização das “agendas” da Espiritualidade, e não o fizeram. Preferiram dar continuidade ao viés religioso da infindável necessidade de se crer num tipo de “deus” que, de fato, somente piorava a vida.

Concluindo o presente capítulo, muitas “Consciências trevosas”, que culpam Javé, além de serem **“hospedeiros da podridão” nos seus corpos “infectados”**, foram se transformando em egos espirituais e transitórios complicadíssimos. Nessa condição, que é mais recente, passaram a ser os tristes **“agentes transmissores da sua doença”**, e o fizeram – e ainda o fazem – de modo muito pior que o do próprio “Equivocado Original”. Infelizmente, esse foi e é o caso de muitos dos avatares e **“agentes” dos três**

“Logos Criadores”.

A “JAULA” DE CADA ESPÉCIE

SEI que não parecerei agradável pelo registro que agora faço, mas não posso deixar de chamar a atenção dos que comigo jornadaem por este mundo.

Conforme penso e constato, o “eu” de cada espécie pertencente a qualquer classe de ser nesta Criação, seja o mesmo racional ou irracional, encontra-se “enjaulado”, “cativo de um modo de ser”. O mais crítico é que o seu psiquismo, então, **toma essa “jaula” por realidade e nela se compraz, sem que possa ter consciência crítica** sobre o que lhe acontece.

17ª Constatação:

A “programação genética problemática” impõe esse automatismo e é muito difícil superá-lo. Somente o “deslacre mental”, as mutações no genoma pessoal e da espécie, permitem um “abrir de olhos”, uma “tomada de consciência”.

Infelizmente, essa conscientização vem muito tardiamente, e com muito sofrimento, pois os agentes dessas mudanças, os que promovem as tais “mutações modificadoras”, sempre incomodam e “pagam o preço que as épocas cobram”, daí um dos aspectos das dificuldades do “processo de emancipação mental”.

É importante ainda relembrar que **cada ser racional pensa a partir desses elementos, das “convenções mentais”** que os “programas genéticos” (genomas) propiciam no padrão específico da sua espécie. Assim, cada estirpe tem seu conjunto de elementos próprios à sua lógica, e o **“intercâmbio cósmico” padece desse impasse** num nível que nem sequer os

mais “espertos” dos atuais cientistas terrestres, que pensam a respeito desse problema, conseguem vislumbrar.

O que se encontra **geneticamente estabelecido como sendo os “elementos da lógica” de uma espécie irracional, somente a muito custo pode ser redimensionado**. Contudo, no que se refere à programação de uma espécie que nasceu livre, ou livre se viu a partir de um determinado ponto da sua história evolutiva, **um simples “vírus”**, cujo objetivo seja “aniquilar com a programação anterior ou a original”, ainda que provoque efeitos colaterais, **resolve a questão** e pode promover a possibilidade de um “padrão de liberdade mental mais efetivo”.

O caso de Yel Luzbel (Lúcifer) é um exemplo emblemático desse tipo de evento, só que de uma das espécies do gênero biodemo, conforme o contexto apresentado na trilogia *“Terra Atlantis”*¹.

Desde então, um encadeamento de mutações advindo desse padrão genético, associado ao conjunto das que estavam acontecendo “naturalmente” na Terra, levaram à “versão mulher” de Pandora, e depois, à da “Eva bíblica”, manifestações estas que influenciaram toda a humanidade posterior.

18ª Constatação:

A humanidade nasceu programada, libertou-se, foi novamente condicionada, reprogramada pelo temor religioso, e assim permaneceu e permanece até os tempos atuais, submetida ao “vexame do primarismo religioso”, malversado tanto em teoria como em prática.

Precisamos nos reprogramar, superar os “limites lacrados da submissão”, impostos aos crentes de todas as épocas. Entretanto, nem todos os seres humanos suportam essa “pílula vermelha”, preferindo a versão mais cômoda da existência, que é a que transfere para “deuses inexistentes”, a responsabilidade de tratar das grandes questões da vida cósmica, enquanto os seres mortais somente devem cuidar das suas vidinhas e vivê-las de modo medíocre e submisso. Ledo engano!

Os seres que existem situados além da condição humana, nada têm de “deuses”, pois mal dão conta das “vidinhas insossas” que levam, e não conseguem sequer enxergar as grandes e principais questões da vida cósmica! **Estranhamente, a última espécie que surgiu no universo – a humana – apresentou discernimento e sagacidade para tudo “decifrar e**

compreender”, e esse aspecto precisa ser amplamente reconhecido, principalmente por nós mesmos.

O objetivo do trabalho do “Quarto Logo” é exatamente o de ofertar a “pílula vermelha” às estirpes e civilizações deste universo que possam “despertar a compreensão adulta”. É importante nos tornarmos “adultos livres e responsáveis”, ainda que, como o próprio “Codificador de Zion” explicou na sua mensagem constante do livro *“O Quarto Logos”*, poucos humanos estão atualmente habilitados e, somente mais uma outra parte poderá elevar, a médio prazo, o foco da sua Consciência para esse patamar.

Sair da “infantilidade” para dirigir a vida de modo responsável e produtivo, sem apequenar conceitos importantes como o de “Deus” e o do “Sagrado” – em nome de “deus” e o do “sagrado”, a “elite religiosa” manipula seus seguidores, com fins de “enriquecimento de poucos e cretinização de muitos” –, é o próximo passo que parte considerável da humanidade precisa dar, se quiser estar habilitada para superar os desafios do futuro imediato.

Sabe-se que não se pode esperar isso de toda a família planetária, pois muitos são os “espíritos infantilizados” que ainda jornadeiam por este mundo, preferindo o teor das facilidades e das situações frívolas, como o “comércio barato” com o “deus” que pensam que existe. Entretanto, o despertar para a necessidade de um padrão psíquico, pelo menos um pouco mais maduro, livre dos condicionamentos do passado extremamente equivocado, deverá ser inevitável para todos, ainda que sem grande profundidade nos próximos séculos.

Num futuro não tão distante, porém, a **“infantilidade religiosa” terá que sumir, permitindo que os humanos possam ser efetivamente livres e “adultos”** para procurarem entender, em graus superiores de busca, a existência de um **“Ser-Princípio Superior”** a que chamamos de “Deus”, e mesmo construir conceitos razoáveis e decentes a Seu respeito.

Óbvio que os pastores e os prelados especializados na prática do “comércio divino” entre os incautos humanos controlados por eles e o “deus” que dizem representar, não gostam nem um pouco da “maioridade espiritual” e da “maturidade psíquica” a que estou me referindo. Afinal, não é bom para os “negócios”!

Os conceitos que, atualmente, a humanidade “colecciona como verdades”, embotam o entendimento sadio a respeito desse **“Superlativo Protagonista”** de quem pouco ou nada se sabe na Terra, e penso mesmo que no âmbito desta

Criação “problemática”.

19ª Constatação:

O “Verdadeiro Deus” e os “conceitos razoáveis” sobre Ele, encontram-se ausentes do psiquismo humano, porque os pretensos “Donos da Criação” se “sujaram” a tal ponto que tornaram impossível qualquer “percepção limpa” a Seu respeito.

Além disso, em tendo se confundido com Ele, os “Senhores da *Trimurti*” O “condenaram à aparente inexistência”, porque nada maior do que os egos de Brahma, de Vishnu e de Shiva poderia mesmo existir, segundo definição deles próprios.

20ª Constatação:

Os três primeiros “Logos” deturparam por completo a busca de Deus, pelo simples fato de nenhum dos três “Senhores da *Trimurti*” ter a mais remota ideia de que existia “Algo ou Alguém” acima deles.

Ainda quando os primeiros sistemas filosóficos foram sendo construídos a partir do pensamento ariano/hindu – os demais sistemas teológicos, como o católico e o islâmico, são muito posteriores aos que surgiram na Índia –, aqueles Seres pensavam ser algum tipo de desvario o fato de alguns estudiosos demos e, depois humanos, proporem a existência de um Ente chamado “*Brahmam*”, para além da *Trimurti*, composta por Brahma, Vishnu e Shiva.

Qualquer Ser situado além das fronteiras da Criação era retratado como “resultado da doença” do autor da ideia ou mesmo das intrigas entre os “pretensos sábios” que existiam nas fileiras associadas à confusa “Hierarquia da *Trimurti*”.

Aqui também implica uma outra questão, difícil de se tratar no nosso atual nível de conhecimento, que é o que, em convivendo com o *modus operandi* desses Seres, passei a chamá-lo de “**comodidade quântica**”, que parece ser um resultado natural do “grau de demência” dos “Senhores da *Trimurti*” que, em mais de 10 bilhões de anos da História desta Criação, jamais produziram um “ponto fora da curva” da “lógica simplória e imbecilizada” (no sentido clínico), que marca as suas percepções.

Eles passaram a acreditar no que lhes era mais cômodo, e tomaram como “verdade” tão somente o que os três ou dois deles concordavam, ainda que sempre existissem as intermináveis controvérsias. Demorei muito para aceitar esse aspecto resultante da coexistência forçada daqueles três Seres como sendo uma “verdade” que os mesmos cultuavam, e que era uma maneira de levarem a “Gestão Universal” adiante.

Os três “Logos Criadores” sempre foram meio que assemelhados – segundo a lógica humana livre – a “Seres apalermados” e, convenhamos, de três “Entes amalucados” não se deve nem se pode esperar qualquer grau de razoabilidade. O fato de concordarem ou não sobre o que quer que seja, resume-se meramente a uma questão relativa ao “grau de loucura” deles, mas não implica nada decente e/ou efetivamente produtivo e real.

Qual o problema? Como o universo vizinho tem a sustentação de cada uma de suas “moradas” assentada no “programa mental” do demo que se diz “deus” daquela *loka*, o que estou chamando de “comodidade quântica”, efetivamente, torna-se algo que acontece no âmbito dos seus “governos mentais” e por isso se acham “deuses”.

Assim, as pretensas “verdades sagradas” advindas do “poder *trimurtiano*”, pela força da crença, refletem-se na própria racionalidade humana de modo a deformá-la, estacionando-a também no aspecto da “comodidade psíquica” da fé barata, frívola e simplória, ainda que teologicamente racionalizada, o que, em termos de conhecimento da “verdade” dos fatos, não tem significado.

O interessante é que são esses os elementos formadores dos livros chamados de “sagrados” pelo condicionamento cultural apropriado pela espécie humana.

Sobre esse assunto, das conversas com Sophia, ocorridas entre os anos 2016 a 2018, colhi as seguintes reflexões:

— Você se considera prisioneiro de alguma “programação mental” que impede o seu “Eu” de ir mais além? – perguntei-lhe.

Diante da pergunta, notei o incômodo por ela causado, pois Sophia se levantou, permitindo-me ver, naquela oportunidade, a sua estatura – algo em torno de 1,90 a 2,00 m – e sua vestimenta, um macacão ou túnica, que se configurava com uma dada curvatura à medida que ele se movimentava lentamente.

Espíritos volitam, mas não era esse o caso daquele Ser, já que aquele seu corpo é de natureza biodemo, ou seja, biológica, ainda que não animalizado e

destituído de sexo – novamente, o informo.

Levantei-me também, achando que volitaria na sua direção – pois me julgava na “condição espiritual”, à moda da minha presente encarnação, mas para minha surpresa, não foi o que aconteceu.

Percebi que deveria caminhar ao seu lado, ao mesmo tempo que descortinei um ambiente interno de uma nave que mais parecia uma grande cidade iluminada de um jeito especial, cuja intensidade variava de escala e de foco com o movimento dos meus olhos, o que me permitia ver detalhes a distâncias, que me surpreendiam profundamente.

Não sei se me encantei porque, na Terra, a minha vista se encontrava decadente, e muitas vezes mal conseguia perceber objetos a alguns metros de distância, porém ali, o corpo com o qual me movia, ainda que achasse ser o mesmo da minha condição humana, pelo menos dispensava o uso de óculos e funcionava de uma maneira que não era usual à natureza animal.

Saímos de um pequeno compartimento e, enquanto nos dirigíamos numa determinada direção, pude verificar uma gama de seres e de artefatos que se movimentavam dentro de uma lógica que me fugia à compreensão, mas que me deixava perceber como a presença de Sophia era o centro da existência de tudo o que ali havia.

— Isso tudo se movimenta conforme o meu “grau de programação mental” – explicou ele. — Veja como é complexo! Não sou capaz de analisar se o meu modo de ser e de pensar poderia possuir outros padrões organizacionais além desses. O que sei dizer a mim mesmo é que, desde o surgimento de seres com alto potencial emocional, produzidos no “centro da vida” de *Awaylengan*, como você tem chamado o “Forno” edificado à moda de Shiva e de seus prepostos, percebi como neles existem atributos e faculdades que em mim não habitam, como também não são comuns aos meus descendentes de *Awaymaion*, produzidos pelo “Terceiro Logos Criador”, ao qual me encontro vinculado.

— Você sofre? – questionei. — Mesmo sem ter emoções como nós sentimos, existe algum tipo de incômodo em você pelo estado atual das condições desta Criação?

— Sim! – afirmou Sophia. — Neste último um milhão de anos, contados à moda do fuso da Terra, fui percebendo drasticamente o que não me foi dado descortinar ao longo dos bilhões de anos desde que me vi engendrado. Você mesmo está tentando escrever a respeito da minha situação enquanto o meu avatar humano Jesus se encontrava em ação, e mesmo nos primeiros tempos

após a sua crucificação. Não tenha dúvida de que aquelas suas percepções me parecem estar corretas. Preciso que você as aborde, ainda que eu possa estar equivocado, mas não existe risco de você estar, porque, por mais ou menos que sua abordagem possa produzir, sem ela não tenho outro ponto de apoio para recomençar o que lá atrás, ao tempo da ressurreição do corpo humano de Jesus, ele tentou me propiciar com as suas revelações, que mais tarde foram praticamente destruídas, pois somente uma parte modesta delas foi resgatada para o conhecimento humano.

Sophia estava se reportando à minha tentativa de atualizar o entendimento sobre alguns textos encontrados em Nag Hamadi, no Egito, no ano de 1945, notadamente o do livro chamado “Evangelho de Valentino”, ao qual ele se referiu quando da conversa aqui reproduzida.

— Vou tentar refazer a pergunta de outro modo – disse-lhe. — O seu psiquismo se considera “enjaulado” por uma “programação mental” que lhe foi repassada quando da sua criação para comandar este universo até a sua consumação?

Continuávamos a caminhar lentamente, e mais uma vez pude claramente perceber o quanto aquele Ser tinha dificuldade de se expressar perante aquele tipo de indagação.

Penso que Sophia não esperava aquele nível de questionamento, mas indisfarçavelmente, ele estava apresentando muita dificuldade em responder.

Em silêncio, procurando organizar os seus pensamentos, aquele Ser me parecia uma criança grande, sem malícia, procurando uma maneira de responder e de se posicionar frente a um quesito que, para o “modo biodemo de pensar”, **parecia ser uma “armadilha mental”, uma espécie de “vírus luciferiano”**, daí a sua aflitiva hesitação a meus olhos.

Resolvi, então, de minha parte, continuar:

— Desde que, forçado pela convivência com esses Seres e também com você, fui percebendo o “enjaulamento” sobre mim mesmo, processo que foi bastante facilitado porque o Espírito que me anima já tinha se dedicado a essa questão em vidas passadas. Posteriormente, também pude constatar o “grau de robotização” dos clones e da “visão de realidade pobre, demente, primitiva e limitada” dos seres demos em geral e, mais particularmente, dos três “Logos Criadores”, que compõem a *Trimurti*. Conclui, então, que o tipo de razão, de senso crítico e a liberdade humanos, pelos quais tanto Pandora, Eva e outros trabalharam, trazia o seguinte enredo no seu âmago: **nós, os humanos, representávamos uma distopia para aqueles Seres**. Distopia?

Sim, pois para a lógica deles, surgir uma espécie que tenha “vida própria”, “cobaias” libertos dos seus “Senhores”, era o fim de todas as “utopias sonhadas por Javé, no campo da dominação”. Fiquei mais ainda surpreso, com o fim da *Trimurti* e, ao lidar com você, que eles também viam como um Ser “distópico”, ainda que não tenha “vida própria”, como os humanos têm. Entretanto, para quem havia sido engendrado para representar os “Logos Criadores” neste universo vizinho ao que eles habitam, parece que você não “agradou” muito aos Seres que o criaram. Estou certo nesse ponto de vista? Você foi engendrado livre do “controle genético”, mas permanentemente vigiado de perto pelos “anjos-clones” de Javé, que passaram a ser os “agentes” dele, prontos para destruí-lo caso você desejasse exercer a supremacia sobre eles. Foi isso mesmo?

— Assim, apesar das naturezas distintas, fizeram com você o mesmo que com os humanos – continuei. — O que eu quero dizer é que, como não mais era exequível o controle genético sobre você e os seres humanos, somente seria possível, doravante, tentar que nos comportássemos conforme os termos da dominação imposta pela “jaula da vida”, ofertada pelo “deus-dominador”, em vez de utilizarmos os nossos próprios critérios. Contudo, a questão é que nós, os terráqueos, rompemos também com esse aspecto, e criamos os nossos próprios termos, os “elementos mentais” que respondem pelo atual traço crítico humano que nos marca o psiquismo. Você está, agora, copiando exatamente esses termos, notadamente os que o “homem Jesus” criou, mas também o do resto da experiência humana, aproveitando todo esse processo, pois não lhe resta alternativa evolutiva. É isso mesmo que devo entender?

Pensando ajudar, tive a sensação que havia piorado ainda mais aquela situação singular. Sophia continuou em silêncio, como se esperando até onde os meus questionamentos o levariam. Após algum tempo, ele assim se expressou:

— Não tenho como desfazer nenhum dos seus argumentos. Devem estar todos corretos e serem de boa procedência lógica. É o que posso dizer, mas precisarei pensar a respeito. Realmente, os Seres que me antecederam em produção de avatares, ou seja, “expressões *Adhyajna*” de Seres cujo padrão de “Consciência Espiritual” pode ser “fatiado”, “dividido”, todos eles os produziram no âmago de diversas espécies. Todavia, quanto a mim, somente produzi um, e na espécie humana, o que, efetivamente, provocou e continua a provocar uma revolução no meu “modo de ser biodemo”. Provavelmente, isso não foi do agrado dos “Logos Criadores” porque, de onde se encontram,

o poder que lhes resta, pouco ou nada pode fazer neste nosso universo.

De maneira pouco prudente, e mesmo contundente, tornei a perguntar:

— Na sua avaliação, além de se “apropriar” dos “talentos” e “faculdades” tão duramente criados pela “condição humana”, o que você pensa que já fez por esta humanidade que agora o alimenta?

Sophia me olhou com ares de gravidade além da conta, e acho mesmo que com certa dureza no olhar.

— Há muitas maneiras de se observar e de se avaliar o que se encontra em curso – argumentou ele. — A dos humanos, quando souberem compreender mais amplamente, será uma dessas. Por enquanto, somente dispomos da sua, em particular. Não é que a sua “decifração” esteja absolutamente certa, ou correta em termos gerais, o que, reconheço, pode até estar, mas é a única disponível e que se encontra sendo utilizada, conforme me parece, por todos os níveis associados ao que se passa na Terra. Efetivamente, não é do meu agrado, mas entendo ser a que está sendo produzida pelo meu Espírito, por meio do seu concurso. É o que me sinto inclinado a tomar como certo, porque é o que os fatos e eventos diversos apontam. Compreenda o grau da sua responsabilidade, pois nada há que você diga, pense como sendo definitivo e escreva, que não seja registrado e avaliado pelo “circuito” ao qual pertencemos. Sei que você não gosta disso, e critica a tudo e a todos pela vida nesta Criação ser do jeito que é. Repetindo as suas palavras, “precisamos todos evoluir em compreensão”. Preciso que o seu entendimento sobre mim e sobre o que fiz e posso fazer, esteja mais afinado com os fatos, e não somente com a sua impressão pessoal.

“OLHAR ADULTO”

DESDE OS VINTE e sete anos tenho me questionado sobre o quanto disponho de efetiva liberdade para agir, obviamente levando em consideração as circunstâncias da vida, o que me fazia ver, na rotina do cotidiano, um tipo de prisão que condicionava o resumo da existência ao que eu pudesse adequar ao ritmo do passar dos meus dias.

Fugir à obrigação de ser um pai de família, com responsabilidades profissionais e demais ocupações decorrentes, não me era possível, nem o desejava. A minha condição psíquica se encontrava pacificada naquela situação e estava de bom tamanho a vida em família, com os amigos e os aspectos profissionais.

O roteiro era aquele e o enredo por trás do mesmo também se encontrava muito bem definido. Contudo, quais as minhas opções de escolha? O que tivesse de fazer teria que se adequar àquelas circunstâncias, e atualmente, aos sessenta anos, continuo a usar da mesma medida, apesar de ter tido a vida invadida por situações, hostes e “Personagens” que me prejudicaram planos, projetos, a saúde corporal, a credibilidade profissional, e algumas relações fraternais, mas jamais afetaram o meu psiquismo e a paz que consigo produzir para mim mesmo.

A minha liberdade havia sido utilizada e constantemente redirecionada conforme os meus propósitos, e todo o contexto de livros, de palestras e demais ocupações pertinentes a esse aspecto, sempre o tratei e o trato na periferia da minha vida, o que permanentemente incomodou e incômoda a esses Seres, inclusive a Sophia.

Por eles, eu teria que fazer o inverso, já que não costumam demonstrar qualquer traço de sensibilidade ou apreço pelos incômodos que uma decisão

dessa categoria possa causar em alguma relação familiar ou que venha a ferir a algum dos meus afetos.

21ª Constatação:

Nascer para uma condição como a humana – ou mesmo qualquer outra – já implica que a liberdade que temos esteja adequada às inevitáveis circunstâncias do tipo de espécie que hospedará o nosso “Eu Espiritual”, o qual terá que se submeter a um outro tipo de “Eu Transitório” que emergirá como decorrência do uso do novo cérebro, e este, doravante, é quem comandará a cota de “liberdade” que conseguir discernir pela vida afora.

Reside na amplitude e/ou na profundidade dessa “cota de livre-arbítrio” – como costume chamar –, a grandeza ou o “apequenamento” que o “Eu piloto” aplicará à vida sobre a qual ele consegue discernir ao pensar que a está vivenciando, como de fato está, independente do quanto ele possa medir. Quando esse aspecto não é conscientemente percebido, apequenam-se tanto a vida como o seu agente. “Apequenar-se”, aqui, significa beirar as “raias da mediocridade existencial”!

Sophia também “surgiu” para uma situação existencial na qual o seu “Eu”, aos poucos, vai aumentando o “grau de amplitude da sua percepção pessoal”, tanto sobre o que ele consegue compreender quanto do que ele pode dela se utilizar para atuar de modo mais fecundo e eficaz no que se refere aos propósitos, em relação aos quais ele acha se encontrar vinculado.

Neste ponto da abordagem, porém, preciso fazer uma reflexão sobre a “amplitude da liberdade” que cada ser pensa ou pode pensar que dispõe.

O filósofo estadunidense Noam Chomsky¹, com base na crença que possui sobre o aspecto da capacidade de comunicação de um ser humano residir nos recursos gramaticais inatos à sua condição cultural e educacional, ou seja, do compêndio de ferramentas simbólicas disponíveis no seu psiquismo cerebral, reflete que:

“A maneira inteligente de manter as pessoas passivas e obedientes é limitar estritamente o espectro de opiniões aceitáveis, mas permitir um debate muito animado dentro desse espectro, até incentivar as opiniões mais críticas e dissidentes. Isso dá às pessoas a sensação de

que há livre pensamento em andamento, enquanto que o tempo todo os pressupostos do sistema são reforçados pelos limites impostos ao alcance do debate”.

E aqui temos um problema seríssimo em todo tipo de ser que existe até o momento, nesta Criação, porque, devido às “travas e aos lacres de controle mental” impostos às espécies que foram dramaticamente emergindo a partir do “caos”, todas, inclusive a humana terrestre, tem os seus limites no campo da percepção como também, inevitavelmente, dos temas que pode debater e sobre eles evoluir em conhecimento e sabedoria. Contudo, de todas as espécies, parece que somos, por enquanto, a única capaz de alargar, de ampliar esses limites de modo a que os horizontes pessoais e da espécie sempre possam ser redimensionados.

Sei que todas as ideologias, sejam as de ordem política e mesmo religiosa, usam desse tipo de mecanismo, impondo aos seus fiéis e adeptos os limites comportamentais suportáveis ao domínio mental em curso. Os humanos, porém, aprenderam a usar essa classe de artifício – vamos dizer –, psíquico, a partir dos próprios exemplos dos Seres que, apesar de “dementes e limitados”, sempre tentaram nos controlar, e conseguiram criar, no campo da dominação psíquica, instrumentos de temor e de fé desarrazoada, para assim poderem comandar os “sagazes humanos”.

Sob essa perspectiva, o nosso “olhar” nunca consegue ser “adulto”, livre, porque ele sempre parte da premissa já definida pelo “circuito mental” que o impulsiona a perceber.

Assim, conforme posso, tenho procurado o quanto de limitação tenho atavicamente no meu modo de vivenciar a condição humana, e acho que sobre isso, engano-me menos que a média dos meus semelhantes.

Penso seriamente que Sophia tem sido um dos responsáveis pela manutenção da pobreza conceitual do espectro da percepção e do uso de um psiquismo mais elevado, que os humanos poderiam fazer.

Se ele tem consciência ou não dessa questão, não me arrisco a afirmar, embora esteja sob a sua responsabilidade moral o fato dos humanos continuarem isolados no que diz respeito à “convivência cósmica”, ainda que civilizações de todas as ordens estejam por aqui há muito tempo, fazendo o que bem entendem.

Sophia é, aos meus olhos – como não enxergo muito bem, posso estar muito enganado –, o grande responsável pelo retardamento de um progresso

que não veio e que não tem mais como ser recuperado.

O que se poderá sempre fazer é recomeçar “sonhos” a partir de novos marcos temporais, com suas circunstâncias, mas não há como recuperar o que não foi realizado. Além disso, muito de sofrimento e de terror, agora permanentemente marcados em trilhões de almas, terá que ser retrabalhado ao longo de um tempo cósmico cuja entropia não mais permite o tipo de equívoco que essa “comodidade psíquica” produziu com sua “lerdeza filosófica e moral”.

Desde que sofreu no seu próprio corpo o incômodo das dores provocadas pela cessão de material genético para propiciar o nascimento de Jesus, Sophia soube que a ignorância cultivada pelas religiões, manteve a humanidade num “grau de infantilidade” do qual precisamos todos nos libertar.

Isso ele percebeu ao tempo em que Jesus foi acossado pelo Sinédrio, e quando recaiu sobre ele todo o peso dos problemas das escrituras judaicas e também da religião fundamentalista e equivocada que, então, foi gerada.

22ª Constatação:

Qual o problema das religiões fundamentalistas?

A resposta a esse tipo de pergunta sempre residirá na “doentia postura do zelo ou da pureza doutrinária” de interpretar literalmente os chamados “livros sagrados”.

Como existem diversos “livros sagrados”, e o pior, todos eles tendo como pretenso financiador o mesmo Ente que se apresenta como “deus”, mas que os produziu de maneira a que sejam conflitantes e excludentes – um afirma que o outro está equivocado ou incompleto –, os seus “zelosos” seguidores têm estragado, infelicitado, e na verdade, desgraçado a vida na Terra pelo modo como eles os interpretam.

Foi e continua sendo assim, pois os judeus ortodoxos consideram a Torah como a sua verdade, do mesmo modo que os cristãos fervorosos a buscam na “*Bíblia*”, e os muçulmanos mais nervosos a têm no Alcorão – nem preciso me referir ao brahmanismo.

Fundamentalistas existem em todos esses segmentos religiosos, e são esses os seres humanos que se deformaram a tal ponto que acham ser “sagrado” o ato de matar alguém “em nome desse deus”.

Nenhuma infâmia mais decadente do que esta poderia ser endereçada

ao “Deus Verdadeiro”! Se existe “pecado conceitual” no mundo, este é o primeiro e o mais desgraçado deles.

A humanidade jamais poderá evoluir de modo “adulto” e efetivo sem que se liberte dos efeitos dessa “infecção” que acomete todas as pessoas religiosas, afetadas por esse tipo de “cretinismo filosófico”, que aceita como “normal” qualquer dano, a quem quer que seja, causado por dogma ou por decisão ou abuso de autoridade religiosa. Isso é crime!

O mais esquisito é que, mesmo nos tempos atuais, encontra-se universalizado esse tipo de postura mental, como se fosse “natural” – e o que é pior, “sacralizada” –, quando é amoral usar o “nome de deus ou a fé que se tem nele” para causar dano ou impor algum tipo de sanção a “pecadores”.

Não sei quantas pessoas no mundo estudam os “velhos livros” situados na origem das crenças mitológicas e religiosas, com a profundidade e o respeito com que procuro fazer, ainda que não seja essa minha atividade profissional. O que me espanta é perceber a ignorância dos fiéis quanto à crença que abraçam e a ausência de qualquer senso crítico da parte dos seus psiquismos em relação àquilo em que acreditam.

Não existe “olhar adulto” sobre o que quer que seja, em termos dos conceitos religiosos que, enquanto humanidade, abraçamos.

Ou a cúria romana e a ideia do papado, as ditas autoridades protestantes e os bispos do pentecostalismo e do neopentecostalismo, os aiatolás, os imãs, os donos de centros desse ou daquele segmento das hostes espirituais que trabalham junto aos encarnados, os monges taoístas, budistas, e todos nós elevamos o foco das nossas “Consciências pessoais” para padrões de “crítica adulta e sensata”, ou **todos naufragaremos no “oceano de infantilidades” das crenças estabelecidas.**

Simplesmente, não dá para continuar nesse “ritmo de cretinice crescente”, nesse “banho de chuvas de benção dos céus”, “comercializadas” pelas autoridades religiosas terrenas e “concedidas” pelos “deuses” ou pelos espíritos ou pelos santos, dentre outros, que parecem ser seus escravos. O mais estranho é que esse tipo de “comércio divinal” se encontra atrelado aos “contratos pactuados pela patifaria de uns poucos e pela ingenuidade de muitos”, que pagam por isso!

Claro que pode existir um mundo sem religiões que vivam de engodos, que viciem seus fiéis a buscarem receber benções e milagres a todo momento, e que transformem “indignidade” em “aspectos sagrados da vida”.

23ª Constatação:

O “Bem” que existe, óbvio que é produzido pelos seres que, de algum modo, amam e se movimentam no sentido de expressá-lo, independente de receberem solicitações nesse sentido!

O “Deus Verdadeiro”, os Espíritos ligados ao ideal de fraternidade e os seres humanos amorosos agem dessa maneira, independente de crença e de pedido.

O “Bem” não existe de *per si*, ou pelo menos, é isso que os “amigos espirituais” sempre têm afirmado, ainda que alguns poucos deles se arrisquem a assegurar que o “Deus Amoroso” seria a “Personificação, sem começo, desse Princípio”. Entretanto, o que entendemos (à moda humana) por “amor” não corresponde necessariamente ao que esse “Princípio” significa para esses Seres que habitam o “Circuito do Paraíso”, também chamado de “Circuito da Perfeição”.

Nesse campo da significação dos atributos do “Deus Verdadeiro” ainda precisamos evoluir muito em compreensão e, sobre isso, sei que estamos ainda no “marco zero” desse processo!

Pior do que a situação humana, que nada ou pouco sabe sobre tal assunto – ainda que as religiões impositivas afirmem deter a “verdade” na interpretação literal dos seus livros tidos como “sagrados” –, somente a de Sophia e dos demais seres que estão vivendo no âmbito desta Criação “indevida”. Eles sabem ainda bem menos, apesar de possuírem certas informações que para nós permanecem indisponíveis por conta do isolamento planetário.

Na primeira vez em que conversei com Sophia, pude perceber que ele não tinha ideia precisa se a evolução dos terráqueos estava necessariamente atrelada ao tipo de religião até então surgida no nosso processo histórico. Simplesmente, ele não sabia, e se soubesse ou tivesse alguma opinião razoável sobre a questão, faltou-lhe habilidade para se expressar perante a lógica terrena.

Aquela percepção levou a mente do Espírito que me anima a recordar amplamente dos “dramas” vividos por Yel Luzbel, nos tempos da chamada “Rebelião de Lúcifer”, quando nem Sophia nem os seus Assessores tinham respostas para as questões dramáticas daqueles dias.

Sophia não teve e ainda não tem um “olhar adulto”, crítico e equilibrado, sobre o contexto existencial das espécies que terminam conquistando certos

graus de complexidade, notadamente com o que se verifica no progresso dos terráqueos.

Um “olhar adulto” é algo ainda por ser construído e conquistado, tanto da parte dele como também da nossa. Quando Sophia e a humanidade observarem com essa “visão” os eventos relativos à vida cósmica e à terrena, certamente poderão perceber que todos os **“crimes” que vemos no mundo são praticados pelas mal administradas “cotas do vírus ou do germe original corrompido”, que habitam no íntimo de cada “Consciência individualizada”, na expressão da difícil arte do “sacrifício total do favor divino”,** que impele os nossos Espíritos.

O “MODO TRIMURTIANO” DE SOPHIA

NO QUINTO CAPÍTULO, falei do “aspecto biodemo” de Sophia e do “modo *demodhármico*” dos demos. Contudo, Sophia tem também um “modo *trimurtiano* de ser”, que é consequência de uma “herança genética” da *Trimurti* – conforme avalio.

Obrigo-me a afirmar que esse “modo *trimurtiano de ser*” de Sophia tem tido importância superlativa na maneira como os parâmetros têm se definido para o seu “modo de pensar” sobre o que acontece na Terra, ainda que ele jamais tenha interferido em situação alguma, a não ser no pós-morte de Jesus.

Naquela oportunidade, um forte e inusitado aprendizado inundou o seu psiquismo ao se ver ligado ao “Jesus ressuscitado”, **quando percebeu que tinha aquele Espírito como sendo o que também o animava**, e participou, passivamente, da promoção de um **“novo pacote de revelações” sobre o “deus bíblico”, que se transformou no “gnosticismo”**, ainda que não tenha sido esse o seu propósito, nem o de “Jesus, em Espírito”.

Bem mais tarde, e agindo então de modo ativo, ou seja, fazendo valer a sua “vontade biodemo de ser”, coordenou a produção do livro “*Apocalipse*”, veiculado por meio do apóstolo evangelista João, quando confirmou que cumpriria a “promessa” de sua “forma humana Jesus” **de se revelar aos terráqueos, com a sua “vinda”**, oportunidade em que assumiria definitivamente o “poder de julgar todos os viventes” – e não os “vivos e os mortos”, como traduzido nas páginas dos evangelhos.

A questão é que o psiquismo de Sophia se viu invadido, aos poucos, por novidades e porções imponderáveis de marcações no seu cérebro, para as quais jamais esteve preparado.

24ª Constatação:

Desde a “Rebelião de Lúcifer”, que a *Trimurti* exigia de Sophia um “modo mais *trimurtiano* de ser” – ou seja, mais alinhado com ela –, do que propriamente o que ele havia produzido para si mesmo, que era o “modo biodemo de existir”, livre das influências de Brahma, Shiva e Vishnu, com programação voltada para as “tarefas necessárias” à operacionalização do universo biológico.

Essas “tarefas operacionais”, fundamentais para a “Gestão Universal”, sempre fizeram com que Sophia e suas hostes fossem se defrontando com situações e circunstâncias que lhes causavam “desconforto”, e que somente eram consideradas como superadas quando os problemas e/ou obstáculos eram solucionados. Contudo, essas questões jamais foram simples.

O “desassossego” da “Rebelião de Yel Luzbel” e a percepção da sua incompetência para enfrentar aquela situação complexa, fora do enredo-roteiro do seu “código-fonte definidor de vida”, foram da mesma ordem que ele veio a “sentir” ao lidar com o inusitado fato de ter um avatar terreno, estruturado a partir desse seu “código genético pessoal”, mas atuando com vontade própria, o que muito o intrigou, além de desfigurar, sim, a sua “personalidade biodemo” e o seu “modo *trimurtiano* de ser”.

Sophia é um Ser que reconstrói a sua personalidade a cada nova experiência que o envolve, e pelo constante fluxo de impressões advindas do seu Espírito – que existe independentemente, como sendo, na atualidade, a Consciência adquirida e construída pelo “Jesus humano”.

O “Espírito de Sophia”, sempre havia funcionado de um determinado jeito, até que teve que animar o “homem Jesus”! A partir dessa experiência, o mesmo se alinhou completamente com a opção de personalidade vivida pelo “Messias”, dela se apropriando, em detrimento de todas as outras que se viu obrigado a “coleccionar” por motivo do seu “mergulho” nesta Criação, para ajudar o Criador “caído”. Entretanto, “tamanha riqueza espiritual”, então disponível, não podia ser “repassada” para a “condição biodemo” de Sophia, ainda que a este se encontrasse vinculado.

O referido e inesperado problema da aparente incapacidade de “repassar” para o seu Ente biológico restante (o biodemo Sophia) as conquistas que auferiu por meio de um outro corpo biológico (o do humano Jesus) perdurou por cerca destes últimos 1900 anos terrestres, **e ainda não foi de todo resolvido por “razões dramáticas”, decorrentes do “fatiamiento da**

Consciência Espiritual Original”, ocorrida em tempos imemoriais, antes do surgimento desta Criação “incompleta”.

Outro tipo de “desassossego” de Sophia se encontra associado ao modo como as famílias *Aya* e *Aye* agiram no confronto com os “biodemos rebeldes”, por obediência às ordens vindas da *Trimurti*, isolando-o da gestão dos fatos daquela época. Ainda que ele não seja dado a emocionalismos, pareceu-me ser esse um dos “temas-trauma” não muito bem resolvidos no seu psiquismo.

Um outro “incômodo psíquico” foi o de ter que desistir do “Projeto Portal Mundo Azul”, ao qual a sua mente já havia se dedicado por uns 2,5 bilhões de anos, pelo menos, desde que percebera as condições privilegiadas do, então, “desabitado e singular planeta azul” – a Terra. Essas eram favoráveis à construção de um “portal interdimensional” – a ser absolutamente controlado pela sua “capacidade mental-tecnológica” – **que, sob a sua gestão, pudesse “abrir as portas entre o universo material e o antimaterial”.**

O aprendizado vindo do progresso do “povo hiperbóreo” que, em tendo gerado as castas para um outro tipo de psiquismo que não o humano, conseguiu, ainda assim, **produzir o maior foco de influência educacional que envolveu praticamente todas as “moradas” do universo vizinho, com o conceito do “dharma”.** Nesse ponto, tanto Sophia como a *Trimurti* voltaram a se alinhar naquela época – aproximadamente entre 22.000 e 9000 anos atrás –, porque ambos assimilaram e apropriaram esse novíssimo conceito de “dharma” nos seus psiquismos, profundamente trabalhado pelo *avatar keshava Krishna*.

O aprendizado de que o futuro do universo dependeria de seres cuja condição cerebral-psíquica fosse “bilateral” – e não “radiata”, como era a “condição biodemo” de Sophia –, foi outro momento decisivo que o acometeu há cerca de 600 milhões de anos, quando essa compreensão lhe foi possível.

A inquietação de se fazer humano, “tornando o seu ser refém daquela experiência”, associada à angústia de perceber, através do seu “Eu humano”, a real “situação de cegueira” da *Trimurti* devido ao modo como Javé agiu com Jesus, somados à constatação de que o “Eu de Jesus” havia superado os efeitos dominadores do processo da já referida “mente bicameral” – que procura controlar os humanos até os tempos atuais –, fizeram de Sophia o que ele é atualmente: **um Ser à procura de “organoides cerebrais” que possam, vamos dizer, “turbinar o seu cérebro biodemo”, portanto**

“radiata”, para que um padrão de psiquismo mais complexo possa nele emergir.

Em termos de atualidade científica, diversos laboratórios estão produzindo organoides, com o objetivo de se compreender a formação dos órgãos humanos.

O professor Stevens Rehen¹, referindo-se à questão dos organoides, afirmou que:

“Com isso, a ficção científica do filme Blade Runner tornou-se mais próxima da realidade. Naquela produção de 1982, o biodesigner JF Sebastian criava partes do sistema nervoso para os replicantes.

O termo organoide, define agregados tridimensionais criados a partir de células-tronco com compartimentação e função assemelhadas a órgãos reais. O tamanho diminuto – alguns milímetros apenas – é consequência das limitações atuais que impedem que vasos sanguíneos sejam incorporados. Sem nutrientes e oxigênio nas suas partes mais profundas, deixam de nascer.

Organoides de intestinos, rins, testículos, pâncreas, pulmão, coração, só para citar alguns, já são utilizados atualmente em pesquisas biomédicas. Dentre todos já desenvolvidos, entretanto, talvez aqueles que aguçam mais a curiosidade sejam os organoides cerebrais.

Desde o começo do século 20 que cientistas procuram novas formas para manterem vivos fragmentos de tecidos ou de órgãos. Em 2008, o japonês Yoshiki Sasai criou em seu país os primeiros organoides que lembravam olhos ou partes do cérebro. O hiato em virtude de sua morte prematura (suicidou-se ao ver seu nome associado a uma fraude científica) foi preenchida em 2013. Na Áustria, Madeleine Lancaster e Juergen Knoblich foram pioneiros ao produzir minicérebros humanos mantidos em suspensão.

Esse avatar biológico vivo tem facilitado bastante pesquisas sobre a neurogênese normal e associada a enfermidades. Células-tronco de pacientes com doenças neurodegenerativas ou transtornos mentais podem ser usadas para criar minicérebros que crescem por meses em laboratório.

(...)

Talvez jamais venhamos a conhecer realmente seres

extraterrestres. Mas o advento da era dos organoides cerebrais traz a certeza de que o universo fantástico concebido por Philip K. Dick – o autor do livro “Androides sonham com ovelhas elétricas?”, que foi a inspiração original para Blade Runner – está menos distante.”

O que vale para os organoides da condição humana, sob certos aspectos, também se aplicará ao “corpo biodemo, extraterrestre” de Sophia, que foi engendrado há mais de 5 bilhões de anos para exercer “o poderio a qualquer custo”, frente a qualquer tipo de dificuldade que pudesse surgir no campo do que foi programado ou além deste.

Só para constar, no âmbito do que se encontrava planejado, não existia lugar para uma espécie como a dos humanos que vieram a se estabelecer na Terra. **Fomos e somos um “acidente”, um “ponto fora da curva”, no contexto do que todos esses Seres podiam, então, vislumbrar.**

O estranho é que continuamos a ser um “problema-solução”, pois todo o contexto existencial anterior ao nosso surgimento ainda está descobrindo modos de como lidar com a “imprevisibilidade” dos humanos, quando estes se movem no sentido de “romper os grilhões de condicionamento” que lhes foram impostos.

Na medida em que novos comportamentos e características físico-química-biológicas vão surgindo, promovidos pela evolução das estirpes mais modernas, essas “novidades”, além de registradas automaticamente nos códigos genéticos de cada espécie que as produziu, também podem ser transferidas, eventualmente, por meio de organoides elaborados a partir dessas sequências genéticas doravante existentes.

Dessa maneira, tais organoides serviriam de meio ou de “veículo de transporte” das novas e mais complexas informações entre espécies biológicas, como também um importante instrumento no “jogo da evolução da vida de outros padrões” – é a metáfora possível!

Quando das vindas de Jesus e de Sai Baba, os dois avatares principais que se fizeram humanos nos últimos 2 mil anos, os eventos estranhos em torno das suas vidas, as expectativas não cumpridas, as humilhações, os aspectos incompreensíveis, os poderes paranormais, os milagres, e todo um contexto que cercou a presença de cada um deles entre nós, estão longe de serem compreendidos.

Esses avatares tiveram a programação das suas existências terrenas estabelecidos pela *Trimurti*, ainda que as energias mentais de Vishnu e de

Shiva foram as que compuseram os personagens humanos de Jesus e de Sai Baba, respectivamente.

O “jeito trimurtiano” de atuar na Terra é tão desconcertante que até esses dois avatares se submeteram a ele. Além do mais, nossos espíritos também se sujeitam a isso cada vez que reencarnam por aqui, porque os nossos programas encarnatórios são produzidos conforme a “agenda de necessidades” dos “Logos Criadores”, que vem sendo implementada há muito tempo. Na Terra, a “agenda trimurtiana” se impõe de tal maneira que as comezinhas conveniências do “ego terreno” são por ela “atropeladas”, sem qualquer ordem de decência. O mais estranho é o conjunto do que entendemos como sendo a Espiritualidade, submeter-se ao “problema” do Criador por meio do seu pesado vínculo com a já referida “doutrina do favor divino”.

Apenas para deixar claro, existem diversos “modos de ser” e incontáveis “maneiras de existir” no âmbito desta Criação, cujas características não poderei aqui abordar, o que será feito, caso o fluxo desta minha vida o permita, em livro específico, intitulado “*Os Modos de Ser dos Agentes da Vida Universal*”.

Depois que tomei consciência desse contexto relacionado ao “favor divino”, o meu ego terreno mal consegue se suportar, convivendo com isso, tamanho foi o “repúdio inicial” que, inconscientemente, passei a sentir, pois, afinal, é esse “jeitinho trimurtiano” que vem nos “cegando”, confundindo com falsos “deuses” – que pululam por aí, **todos especialistas nesse “modo medíocre de ser e de levar as suas vidas”** – as mais nobres noções que temos sobre a Deidade.

Estou sendo obrigado a criar esse neologismo para poder ter vocábulos que me permitam pensar sem recorrer à velha simbologia que esse “modo de ser” sempre teve, e que corresponde aos “deuses”, para muitos humanos, mas cujo significado, para mim, seria próximo ao do “diabólico”, daí essa nova expressão “modo trimurtiano”, que utilizo.

Apesar de toda a “indecência” que esses Seres introduziram na maneira de existir no âmbito interno do que geraram, eles efetivamente não são “diabólicos” – apenas parecem ser ou agem como se fossem –, pois não fazem o mal por terem, conscientemente, prazer de assim procederem. A questão é que o fazem porque são “estúpidos” e possuidores de uma “natureza pervertida”, desde as suas gêneses. Realmente, não são “malvados”, mas isso não torna menos desagradáveis os “frutos podres” por

eles produzidos.

Quanto a Sophia, recai sobre o seu psiquismo, desde a sua origem, esse “modo *trimurtiano* de ser”, que foi ingenuamente travestido pelo aspecto cristão constante nos padrões das “revelações espirituais”, quando delas emergiu o conceito de “Cristo Cósmico” – este é um epíteto a mais, relativo a Sophia –, a ele aplicado.

Tome-se por evidente que estas páginas não esperam guarida no campo da compreensão dos meus contemporâneos, pois sei serem poucos e raros os olhos que conseguem enxergar, de “modo adulto”, o tamanho do estrago produzido pelo “modo *trimurtiano* de ser” dos “Logos Criadores” e das suas linhagens de descendência. Simplesmente, qualquer providência ou ente vindos da *Trimurti*, necessitam que dela se libertar para poderem ter uma função digna. Nem Jesus e Sai Baba, enquanto viveram, escaparam da influência desse “modo *trimurtiano* de ser”, e Sophia ainda não se libertou do mesmo.

Para que Sophia serve? Para a “Gestão Cósmica”, mas se excetuando as questões que envolvem a humanidade terráquea e outras civilizações quase-humanas, que existem neste universo material. Devido ao grau de complexidade existencial que essas espécies apresentam, ele pouco ou nada faz no uso da sua autoridade.

Entre os humanos terrestres, o “tema-problema” continua desconhecido, mas o “homem Jesus” teve que “lutar” contra os “modos *trimurtiano* e *demodharmico* de ser” de Sophia, cuja urdidura prevê uma certa dose de “ambição” para poder se manter como “Suserano Cósmico”. Sophia foi criado para exercer tal função, ainda que ele não seja um *avatar keshava* dos três “Senhores da *Trimurti*” (como é o caso de Krishna), além de constituir um avatar algo independente do próprio Vishnu (que foi a sua “Consciência Original *Adhydaiva*”), porque essas questões foram compensadas pelos seus “modos *trimurtiano* e *demodharmico* de ser”.

Sim, Sophia foi engendrado com “ambição” desperta em seu psiquismo, para conseguir levar até o limite o fim do universo biológico, dentro dos padrões de “sensatez” que os demos jamais puderam ou souberam arquitetar.

Uma das principais atribuições de Sophia foi que, apesar da ordenação genética que lhe foi repassada, ele produziu um avatar humano que não era ambicioso, o que representou também um problema superlativo para Javé. O Criador costuma influenciar os humanos com base na ambição que ele mesmo provocou com suas atitudes “esquisitas”, quando “escolhia”

determinados humanos e seus povos, em detrimento de outros, para a realização de seus desígnios. Sophia, porém, retirou disso um aprendizado, enquanto Javé ainda não. **Entretanto, é fato que a ausência de qualquer ambição no coração do “homem Jesus” desconsertou a ambos!**

Assim, Sophia é sempre obrigado a lidar com sua pior “fraqueza”, ou seja, a de ser destinado a permanecer “poderoso” ainda que, na sua “natureza psíquica”, essa componente esteja a cada “dia cósmico” menos presente, **devido às emanções do seu próprio Espírito, atualmente moldado à moda do “Jesus humano”,** que sempre optou por preservar a sua índole fora do “circuito do poder”.

Em Sophia, existe a “ambição” por excelência, ainda que tal não se configure conforme um “modo corrompido de ser”, observado facilmente entre os terráqueos. Apesar dessa sua destinação, falta-lhe talento natural – à moda de Javé –, para ele se mostrar como um “Imperador” nos moldes desejados pela *Trimurti*.

O “não cumprimento” da tarefa de “Messias Todo Poderoso”, que o seu avatar humano Jesus terminou por assumir como sendo a única opção possível, é um aspecto exemplificador dessa questão relativa ao uso ou não do poder, além de ter afetado a todos os “Logos Criadores”.

Por quê?

A resposta é perturbadora e não tão simples de ser compreendida nos tempos atuais. O fato é que, há 2000 anos, para continuar a existir e não correr o risco de se desconstituir – o que acabou acontecendo ao longo dos anos de 2015 a 2016, e terminou em 2017 –, **a Trimurti precisava que Jesus tivesse acionado os seus “poderes mentais pessoais”, de modo a transferi-los, com algum “acréscimo”, a Vishnu, via Sophia,** mas tal não se deu por uma série de motivos.

Esse detalhe tem a ver com o “conjunto das sequências do genoma pessoal” de Sophia, que foi cedido para a edificação do corpo humano de Jesus. Esse “código-pai” passado por Sophia trazia em si, em partes próximas de semelhança, os “códigos genéticos pessoais” de Brahma e de Vishnu, pois essa havia sido uma das exigências do Criador para aceitar que um avatar humano fosse constituído a partir de um outro algo independente, como era o caso Mohen So – avatar direto de Vishnu –, de quem Sophia foi diretamente engendrado.

Para entendimento, é de boa estratégia sempre recordar que o “Código-fonte Definidor de Vida Pessoal” (CFDP) do Criador está presente em todos

os seres, como sendo a base de edificação dos seus corpos, que hospedam as personalidades que vivem no âmbito da Criação. Javé sempre teve a intenção de controlar as mesmas, pois que todas estiveram ancoradas no seu CFDP, porém somente o conseguiu com os anjos-clones “robotizados”, no início do processo da emergência de algum tipo de vida em pleno caos.

Em não alcançando esse objetivo perseguido até os dias atuais, Brahma sempre procurou as “sobras” do “processo de geração de avatares”, detalhes que seriam ridículos e sem sentido para a lógica humana, mas que, para a “lógica demente” dos demos, podiam resolver os critérios das disputas entre os “Senhores da *Trimurti*”.

Na perspectiva de Brahma/Javé, Jesus se revelaria como o “Messias Poderoso” que ele havia anunciado e que nasceria no meio do povo que ele escolhera, para agir em nome do Criador. Assim, a humanidade – sobre a qual ele perdeu o controle desde Adão e Eva – seria resgatada para o seu comando, e doravante se submeteria ao “império do povo judeu”, a ser erigido pelos poderes paranormais do seu “enviado” Jesus.

Com o passar do tempo cósmico, os “Senhores da *Trimurti*” foram percebendo, notadamente Vishnu e Shiva, **que quanto mais avatares eles criavam, mais enfraquecidos se sentiam, o que também acontecia com Brahma quando ele insistia em colocar cotas maiores do seu “Código-fonte Definidor de Vida Pessoal” no genoma dos avatares produzidos pelos seus dois Consortes na divisão do poder.** Era natural, portanto, na cultura desses Seres, que eles recebessem de volta a contrapartida das “Fórmulas Pessoais” cedidas, acrescidas das experiências de “novas Fórmulas de Poder Mental”, adquiridas nos “mandatos avatáricos”.

Conforme o “acordo-pacto” entre Brahma/Javé e Vishnu em torno da elaboração do avatar humano que substituiria a figura de Enoch – “o escolhido” de Javé como seu preposto frente aos humanos, plano que terminou não dando certo devido à morte de Enoch, acontecida além das fronteiras da vida terrena –, Jesus teria que devolver a eles dois (ao “Primeiro Logos” e ao “Terceiro Logos”) as “Sequências Genéticas dos Poderes” usados na condição humana, como também as “marcações genéticas” decorrentes das diversas experiências adquiridas no campo da subjugação que se esperava que o Messias aplicasse com relação aos humanos.

Ainda que Jesus tenha se recusado a fazer uso dos seus “poderes” para a submissão dos humanos, Javé desconfiou que poderia existir um “ardil” a médio e/ou a longo prazo em tal atitude, e por isso esperava receber de volta

a sua **“Cota de Reversibilidade, com ganho genético”**, logo após a morte de Jesus. Esse interesse de Javé foi um dos motivos para que ele, o *“Abba”* – Jesus, no seu idioma natural, usou essa expressão aramaica, que significa *“Pai”*, para suplicar ao Criador que o poupasse do martírio na cruz –, obrigasse o seu *“enviado”* a *“beber do cálice da crucificação”*.

Um dos aspectos da “insatisfação” de Javé é que ele jamais vislumbrou que Jesus conseguiria “ressuscitar” a si mesmo, de modo a devolver para Sophia, e não para ele e Vishnu, as tais “Cotas Genéticas de Poder”. Eles presumiam – ou pelo menos Javé assim o fez – que os dois ficariam mais fortes que Shiva na *“eterna pendenga”* entre os três *“Logos Criadores”*.

“Esquisitices” à parte, esse tipo de pendência entre Sophia e seus dois *“Senhores”* – que se encontravam sediados no universo vizinho – a quem devia obediência na *Trimurti*, ficou sem solução até o dismantelamento dos *“laços daiva”* entre Brahma, Vishnu e Shiva.

Qual a questão?

Enquanto durou essa pendência, o *“jeito trimurtiano”* de Sophia foi *“ficando sem rumo”*, destituído de orientação, o que o levou a um tipo de *“isolamento”*, algo difícil de se compreender pela lógica que dispomos na natureza humana. Esse aspecto do problema, associado a outras questões, praticamente impediu, ao longo desses dois mil anos, que o Espírito de Sophia – assumidamente ancorado na sua experiência como Jesus – pudesse repassar para ele as experiências no campo emotivo e filosófico, ainda que lhe tenha transferido os *“elétrons que compuseram a ressurreição do seu corpo humano”*.

Estranho?

Essa história é muito mais que estranha, mas **como seu enredo foi teologicamente transformado em “sagrado”**, envolvendo a pretensa figura de *“deus”* e de *“seu filho amado”*, que também foi transformado em *“deus”* pelo catolicismo, não se pode desvendá-la sem que se fira a sensibilidade de muitos.

A própria ciência, formidável em produção tecnológica e descobertas superlativamente importantes para a humanidade, no que se refere a esses painéis de uma realidade mais ampla, permanece perdida nas suas especialidades, esquecidas do contexto mais geral que ultrapassa o atual nível dos conhecimentos dos seus campos de atuação.

Qual a questão?

25ª Constatação:

O “jeito *trimurtiano*” de Sophia parece não se enquadrar no que os humanos, com a sua visão de mundo viciada e condicionada ao longo do tempo, esperam de um “Imperador Universal”.

Mesmo os cientistas pensam que vivemos numa realidade que funciona de acordo com “leis eternas e imutáveis”, pois é desse modo que, desde o pitagorismo e o platonismo, a ciência – que nasceu desse viés – passou a formular essa “visão de mundo”, insistindo nela até a atualidade.

Mais recentemente, a **“ideia das leis imutáveis e eternas” da realidade**, sendo esta constituída por uma quantidade constante de matéria e de energia, foi reafirmada desde o século XVII – Francis Bacon, em 1620, tornou a validar essa imutabilidade nas leis da natureza, e **Kepler, Galileu, Descartes e Newton as transformaram em “ideias matemáticas imateriais na mente de deus”**.

O próprio Einstein apontava para esse “deus” como o autor dessas tais “leis eternas e imutáveis” e que, portanto, não poderia “jogar dados” num universo evolutivo, suscetível a aparentes aleatoriedades e acontecimentos fora do “plano de deus”.

Esse “deus cósmico de Einstein” e de seus predecessores no campo do desbravamento científico, passou a ser uma “barreira dogmática” – ainda que esse tipo de evento não poderia nem deveria existir na ciência, mas existe – para que algo estivesse ocorrendo fora desse “controle divino”.

Por que faço essa abordagem? Porque o “jeito *trimurtiano*” de Sophia não se vincula a essas “leis eternas e imutáveis” que regem a Criação, uma vez que, na verdade, ele parece ser mais uma “Consciência particularizada” que surgiu neste contexto cujo progresso previsto saiu do pretense “controle divino”.

Seres como Sophia e como nós, os humanos, não fomos sequer previstos quando do “milagre” que fez existir o que atualmente chamamos de “realidade”, a qual, de fato, funciona parcialmente sob as “ordens eternas e imutáveis” que provavelmente fizeram parte do planejamento de uma Criação que veio a existir “meio que abruptamente”, sem que a sua finalização tivesse sido também planejada, associada ao fato de que, algo deu muito errado no tal “supetão” que a ciência chama de “*Big Bang*”.

Sophia é um produto que vem colecionando o que pode de seus próprios agentes, criados por ele para viverem e para lhe repassarem as suas

experiências.

Um dia se descobrirá que Sophia é um dos “polos organizadores da ressonância mórfica”² que forma e movimenta tudo o que existe na base e na composição da vida biológica. Entretanto, aqui não será abordado esse aspecto, pois que o importante nestas páginas é a tentativa de introduzir esse “quase desconhecido personagem” para os humanos, frente à inevitabilidade da convivência que ocorrerá.

Rupert Sheldrake³, referindo-se ao modo como alguns cientistas atuais ainda pensam sobre o cosmos e a vida nele inserida, afirma:

“Se as Leis da Natureza são verdades matemáticas pitagóricas, ou Ideias Platônicas, ou ideias na mente de Deus, elas transcendem tempo e espaço. Elas estariam necessariamente presentes quando o universo surgiu: as Leis não surgem ou desaparecem; transcendem tempo e espaço.

Vê-se claramente que essa é uma doutrina filosófica ou teológica e não uma hipótese científica. Não poderia ser testada experimentalmente antes de existir um universo no qual seria testada.

Para evitar a doutrina das leis transcendentais, poderíamos supor que as Leis da Natureza surgiram no próprio instante do Big Bang. Esta teoria evita uma filosofia ou teologia platônica explícita. Mas cria novos problemas. Como observou Terence McKenna, “A ciência moderna baseia-se num princípio: Dê-nos um milagre gratuito e explicaremos o resto. O único milagre gratuito é o surgimento de toda a massa e energia do universo e de todas as leis que o governam num único instante e a partir do nada”.

O surgimento repentino de todas as Leis da Natureza é tão avesso a testes quanto a metafísica ou a teologia platônicas. Por que deveríamos presumir que todas as leis da Natureza já estavam presentes no instante do Big Bang, como um código napoleônico cósmico? Talvez algumas delas, como aquelas que governam os cristais das proteínas, ou os cérebros, tenham surgido com o aparecimento dos primeiros cristais de proteínas ou cérebros. A preexistência dessas leis não pode ser testada antes do aparecimento dos fenômenos que elas governam.

Além de todos esses problemas, logo que pensamos nas Leis da

Natureza não podemos deixar de observar que esse conceito é antropocêntrico. Só seres humanos têm leis, e mesmo assim, nem todos os humanos. Só sociedades civilizadas têm leis; sociedades tradicionais têm costumes. Aplicar ao universo o conceito de lei envolve a metáfora de Deus como uma espécie de imperador universal, cujos decretos aplicam-se por toda parte e sempre. Esta premissa foi prontamente aceita pelos fundadores da ciência moderna, que acreditavam num Deus de mente matemática e onipotente. Mas agora as Leis da Natureza flutuam num vácuo metafísico.

A cosmologia evolutiva torna ainda mais problemáticas as Leis eternas da Natureza. Talvez nem todas as leis da natureza sejam sempre físicas, mas evoluam juntamente com a natureza. Novas leis podem surgir quando os fenômenos se tornam mais complexos. E assim que admitimos essa possibilidade, percebemos que a fonte metafórica das Leis da Natureza, ou seja, as leis humanas, não são de fato eternas, mas evoluem junto com a sociedade.”

É nesse ponto que, em termos de universo, Sophia atua como um “Suserano Celeste”, ainda que associado ao “Quarto Logos”. Este sim, é quem coordena, com a colaboração de Sophia, os modos e os padrões em que esse “avanço no campo da compreensão esclarecida dos seres” – não somente dos humanos terráqueos, mas de todos os seres cósmicos minimamente racionais – pode se dar.

Conclui Sheldrake, dizendo:

“Sugiro uma nova possibilidade. As regularidades da natureza não são impostas a ela desde um reino transcendente, mas evoluem dentro do universo. Aquilo que acontece, depende daquilo que aconteceu antes. A memória é inerente à natureza. É transmitida por um processo chamado de ressonância mórfica, que atua em campos chamados de campos mórficos. Neste livro, discuto a hipótese da causação formativa, basicamente no contexto da biologia e da química.”

Como nem mesmo a Trimurti, devido ao seu “grau de demência”, tem

plena consciência do que aconteceu antes desta Criação ter sido gerada, Sophia muito menos a tem, e todos, como também as criaturas biológicas mais recentemente surgidas, como os humanos, procuramos descortinar o **“misterioso estágio” anterior ao destes dois universos.**

O “modo *trimurtiano*” de Sophia – um Ser com natureza biodemo – parece ter uma dificuldade intrínseca, ainda a ser superada para que ele mesmo possa compreender certas situações e absorver outras. Além desse aspecto, ele também pouco entende sobre o que podem produzir os seus “agentes mergulhados em outras naturezas psíquicas mais pujantes”, como foi o caso de Jesus que, como já informado, mais que um simples “agente”, era um avatar do seu “genoma pessoal”.

O porquê de termos um “Suserano” cuja forma corporal foi engendrada lá atrás, em tempos remotos da História Universal, como sendo ele, naquele corpo, que viveria e comandaria até o encerramento das atividades da vida neste universo, é questão que somente quem puder compreender o “modo de ser” dos três “Logos Criadores” da *Trimurti* e daqueles que eles engendraram como “Comandantes Originais” deste caos existencial, **conseguirá também entender o incongruente caso da função de Sophia neste contexto.**

Dos meus diálogos com o Suserano Universal”, um dos mais contundentes se deu em torno do seu “jeito *trimurtiano* de ser” que, “meio devagar, quase parando”, até agora evoluiu com base no que os humanos conhecem como sendo a “Causação Formativa”⁴, exatamente a tese de Rupert Sheldrake que confronta a das “Leis Eternas”. Como os humanos, Sophia e os seres biodemos têm as suas próprias leis e limites no campo do entendimento.

— O seu “jeito *trimurtiano* de ser”, frio, predador e impessoal, segundo a lógica humana, importa-se com alguém? – indaguei. — Se você não tem senso de autocrítica para se perceber, lá vou eu, um “verme terráqueo”, a lhe doar “cotas de reflexão”. Sua “convenção mental” é a de não se importar com nada, porque assim é o “modo *trimurtiano* de ser”. Estou enganado? Se não estou, apenas lamente o fato de, na Terra, acharem você, em todas as suas faces, “bonzinho e amoroso”, e até o chamam de “deus” e dizem que só você salva. Veja só! Nunca uma só gota de sangue ou lágrima de alguém na Terra, começo a pensar, foi tratada por você. A situação é tão deplorável que você somente conheceu o problema que por lá se vive quando, sob a forma de Jesus, suou sangue. Contudo, parece que isso não serviu para mudar o “cenário de horrores”, porque todos na Terra continuam suando, não sangue,

mas suor mesmo, por trabalharem feito escravos para um “Ditador predador e desalmado”, que não se importa com ninguém, porque ele é a “raiz” desta “desgraça *trimurtiana*”. E você, na sua ingenuidade do então Jesus, ainda ignorante quanto à verdade sobre Javé, arrebanhou os humanos para “saciarem o apetite de predador do Ser doente”, enquanto muitos outros deram as suas vidas para afastarem a humanidade da “Aberração” que vocês alimentam, para vê-lo ressurgir. A “vergonha” repousa em você, ó Sophia, ainda que pretensamente seja também você a “expressão da sabedoria” possível à sua condição. Saiba que essa sua “sabedoria” é muito estranha, pois não se importa com o “palco de horrores” que vocês semearam na Terra e alhures. Se for verdade que as “Consciências personificadas” de Vishnu, de Mohen So e outras produzidas pelo seu Espírito se desconstituíram para que você ficasse livre e desimpedido desses “entraves”, para lidar exclusivamente com o seu Espírito, que assimilou a forma e a maneira de Jesus como sendo o seu ápice como “expressão *Adhyagia*” de si mesmo, sabe o que você, Sophia, representa, no final dessa história?

Sophia me olhou longamente, como se querendo penetrar no mais íntimo do meu ser, parecendo tentar perceber com quem ele estava falando, se com o ego humano ou com o Espírito daquela forma humana que ali estava.

Permaneci em silêncio, olhando também fixamente para ele, percebendo o seu embaraço por, naquele corpo biodemo, não ter maior ascendência sobre o meu psiquismo em certos momentos. Em outros, devo reconhecer, a força mental do seu Espírito que, de modo avassalador, percorre o meu circuito cerebral, como se a investigar aspectos de mim mesmo com os quais nem eu atino.

— Não, não sei! – disse ele, finalmente.

— Você é tão somente o que sobrou de um “carma coletivo” de “Consciências fatiadas” do Espírito que, agora, anima esse seu corpo biodemo com exclusividade, porque as demais “formas *Adhyajna*”, por ele antes controladas, resolveram dar um fim às suas participações neste “drama” – expus a minha constatação. — Enfim, você é o resultado final, ou melhor, a “resultante do carma” de Vishnu, ou ainda, em outras palavras, você é o seu Espírito vivenciando a continuidade do que ele fez por trás das muitas personalidades que teve que criar. Quando ele gerou a maior, que foi a de Jesus, você, que foi engendrado para existir até a consumação deste universo biológico, é quem assume a responsabilidade pelo “carma acumulado da Consciência e da forma *Adhydaiva* de Vishnu”. A sua “salvação” é que a

forma do seu Espírito agora dispõe da liberdade para nele gerir as benesses que o padrão singular emocional e filosófico do “homem Jesus” produziu. Pena que você, mesmo já dispondo da exclusividade do zelo do seu Espírito, ainda não superou esse seu “lado *demodharmico* de ser” que, por vício, pensa primeiro nos seus pares de aventura demo, e pouco se importa com as espécies biológicas, criadas para servirem de “cobaías”. Sua dose de carma pessoal ainda lhe cobrará essas indefinições, embora você não se culpe ou mesmo se sinta responsável pelo que fez ou deixou de fazer. Seu problema, e do seu Espírito, será jogado na sua face quando a espécie humana, no momento, a única com senso crítico para perceber e decifrar o “tamanho do seu problema”, da posição de amor e de adoração “infantilizada” que, na atualidade, dedicam ao “Cristo Cósmico Jesus”, transladar-se para a de ódio e repúdio absurdo ao que sempre pensaram que você realizou, quando jamais o fez, e vislumbrarem que o sofrimento acumulado em seu nome é pura “infantilidade” dela e inconsequência do seu modo de agir, que jamais se preocupou primeiro com as suas “cobaías humanas”. A desculpa de que você já esteve entre os humanos e que sofreu a danação que todos sofrem, de pouco lhe servirá nessa hora em que as “consciências infantilizadas” se voltarem contra você. Você é aquele que sofrerá a cobrança cármica dos equívocos de todas as formas de Vishnu. Será você quem terá que pagar e assumir todo esse contexto de débitos para com a sensibilidade de incontáveis “cobaías”. Você entende o que estou dizendo?

Longo foi novamente o silêncio daquele Ser que continuava a me fitar.

— Compreender, acho que compreendo, mas não penso que o futuro será estabelecido nesses termos. – disse Sophia.

— Você é quem viverá esse futuro e, portanto, saberá por si mesmo – argumentei. — Não lhe desejo isso, ainda que não aplauda nada do que você faz. Não somos semelhantes, pois nós, os humanos, por piores que possamos ser, conseguimos também agir de maneira altruísta. Você nada apresenta desse atributo, ainda que a sua forma humana Jesus tenha sido o maior exemplo de decência e de altruísmo que conheço, levando-se em consideração a “jaula genética” na qual ele “mergulhou” e, mesmo assim, saiu “limpo e nobre”. Entretanto, não é esse o seu caso. Falta-lhe “nobreza”! Você pode ser o “Suserano” deste universo e de outros tantos, pouco importa, mas lhe falta senso crítico e “decência” porque, dentre as suas criaturas, existem Consciências que parecem ser bem mais decentes e complexas do que você. O seu Espírito realmente age nos “ambientes espirituais” por meio

da sua “forma Jesus”, procurando remediar e realizar algo, mas sempre atua sobre o produto do que já foi feito sob a “sujeira” do trabalho anterior dos três “Logos Criadores”. Por outro lado, você nunca tomou atitude para interferir, com sua “autoridade cósmica”, no processo no qual as “cobaias” criadas por você e outras Consciências, são obrigadas a viver. Isso é “vergonhoso”, para quem pode sentir vergonha! Espero que já seja esse o seu caso!

— O que agora está se passando entre nós é do mesmo teor do que aconteceu entre você e os três “Logos Criadores” da *Trimurti*, quando o seu Espírito e os de Vishnu e de Shiva falavam por intermédio do seu “modo de pensar humano”? – perguntou Sophia. — É isso?

Sophia estava se referindo ao que foi narrado principalmente no livro *“Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia”*.

— Acho que sim! – respondi. — Entretanto, não me permito ter certeza sobre situação alguma neste “jogo” absurdo que vocês geraram, desde que as “expressões *Adhydaiva* doentes” de Brahma, Vishnu e Shiva assumiram a gestão do que eles jamais poderiam pretender comandar, devido ao “teor da doença mental” que sempre afligiu a quem quer que “mergulhasse” nessa “condição *Adhydaiva*”.

Um dos aspectos da “forma *Adhydaiva*” é a de que esta foi o primeiro modo de reconstrução de corpos edificadas com o “padrão apodrecido”, gerado pela “queda” do “Corpo Mental” do Criador, que veio a ser conhecido como Brahma ou Javé. Só os três grandes, tidos como “Senhores da Vida” – os “Logos Criadores” –, assumiram essa forma, porque era a única disponível, para, a partir dela, poderem exercer e disputar o comando do universo paralelo ao nosso, onde esses Seres sempre residiram e dois deles ainda residem, porquanto, até o momento em que estas páginas estão sendo produzidas, Shiva ainda está atuante e o “Eu” de Javé ainda se encontra lá, mas “ancorado”, por enquanto, na “egrégora” sustentada pelos humanos ligados aos assuntos tratados no IEEA (Instituto de Estudos Estratégicos Alternativos).

— Na verdade, conforme a metodologia dos “Logos Criadores”, que decidi utilizar como modo de medir e de decifrar o trabalho de cada um deles, penso mesmo que você foi engendrado para assumir e administrar o “caos apodrecido” que foi gerado pelos três, por meio das suas “formas *Adhydaiva*”, absolutamente “afetadas pela doença *daiva*”, que vitimou o Criador quando da sua “queda” – expliquei. — A “doença *daiva*”, ativada

pelos “Seres *Adhy*” envolvidos com o “drama da Obra problemática”, agora é toda sua, apesar de você ter sido urdido como um Ser “*ajna*” (*Adhyajna*), para viver neste universo biológico. E seu “jeito *trimurtiano* de ser” está longe de se habilitar a cuidar desta Criação com o mínimo de eficiência.

Não foi uma conversa fácil, nem muito menos agradável para mim. Para Sophia, simplesmente desconfio que ele não tem a noção do que é psiquicamente agradável ou não, em termos de lógica.

Na condição humana, parece não existir moral sem psicologia. Por isso consideramos como não imputáveis, não responsabilizáveis, os loucos e as crianças.

Na “condição biodemo” de Sophia, aparentemente existe um ou outro padrão moral ligado a uma emergente questão no campo da “honra *dhármica*” – na qual, servir a um processo ou a um “senhor”, produz a conotação de “honra” que o “indivíduo” sente –, porém destituído de processos psicológicos que os sustentem ou produzam. Não é uma opção filosófica, mas tão somente uma “programação genética” no sentido daquela tarefa ou serviço específico.

Seres robotizados nada percebem do que fazem. Os biodemos podem perceber o que fazem e sentir a tal “noção de honra” anteriormente referida. São esses, na atualidade, os inquietantes traços do “psiquismo *trimurtiano*”, seja esse pertencente à classe de seres demo, biodemo, biodemol, demobio e demobiol⁵.

Cada vez mais, o “jeito de ser” de Sophia conterà menos traços de alinhamento com a *Trimurti*, pois que, doravante, o “jeito humano de ser” parece ter se transformado na última “moda psíquica”, em termos de “vestimenta mental”, para que os seres escravizados nesta situação existencial possam se tornar efetivamente úteis à renovação da possibilidade desta Criação vir a ter um futuro decente.

SOPHIA E O GÊNERO BIODEMO

NOS ANAIS DA “CULTURA DEMO”, não se conhece, com exatidão, o momento em que um dos “Senhores da Criação Universal e da Vida”, ou seja, um dos “Logos Criadores”, projetou a sua “programação mental” desde o ambiente da sua *loka* – “morada celestial”, subjacente a este universo –, para fazer existir, no âmbito do universo em que vivemos, uma das suas “formas-ferramentas”, de modo a poder agir junto aos que, depois, foram semeados e urdidos para viverem sob a égide biológica comum à dimensão física-material densa, na qual estamos inseridos.

Como resultante da interação dessa “porção de força” ou “quantum de força colapsada”, prenhe do “programa genético mental” expresso pela mente de Vishnu, associado ao do Espírito particularizado que o anima, passou a existir, para este universo, a personalidade de Sophia, a “Personificação da Sabedoria”, sabedoria esta acumulada até então, no campo do conhecimento (para todos os viventes), ou o “Primeiro em Comando” (como é chamado pelos seres do gênero biodemo, espalhados pelo universo material), ou o “Cristo Cósmico” (conforme definido pela revelação promovida pelos Espíritos, que ao nascer muito mais tarde na Terra, ficou conhecido como Jesus).

É importante que seja percebido que Espíritos do “gênero *Adhy*” suportam a complexidade de manter, ao mesmo tempo, algumas “formas demos” distintas, associadas a mais uma “biodemo” e mais outra “biohomo” (humana animalizada). Os nossos espíritos, porém, mal conseguem sustentar a sua forma humana durante o curto tempo de uma vida terrena – e somente o conseguem porque a vida terrestre tem sido curta devido às doenças e ao fator entrópico.

Quando Vishnu expressou Sophia por meio de outra forma sua, também já edificada, que foi “Mohen So” – mais tarde conhecido como “Phanes”, no orfismo, conforme já informado –, a sua “Consciência particularizada” percebeu que, naquela condição, mesmo sendo ele um dos “Senhores da Vida” surgidos no âmbito desta Criação, teria que superar, enquanto Sophia, uma série de obstáculos para poder perceber a “realidade demo” que o marcava na sua expressão como Vishnu. Em outras palavras, Vishnu desejava que Sophia, mesmo vivendo neste universo, pudesse percebê-lo e a Mohen So, como habitantes do universo vizinho. Essa intenção, porém, jamais se concretizou!

Ampliando a questão para os demais seres que haviam sido semeados na faixa da vida universal onde Sophia existia, ninguém – dentre os viventes do universo biológico –, tinha “faculdade e habilidade mental” para perceber além das fronteiras impostas pela “primitiva e pesada realidade colapsada” no início dos tempos universais, e assim foi até a “condição humana” surgir.

Ele, enquanto Sophia, “nasceu sabendo” ou “foi engendrado já sabedor” de que muito mais existia, porém, invisível e aparentemente inexistente para a sua “sensibilidade biodemo”. Se com ele era daquela maneira, pior ainda a incapacidade e a ignorância dos demais viventes deste universo em relação ao assunto.

O problema era seríssimo, porque mesmo Vishnu, na sua “condição demo”, também não percebia o “contexto espiritual”, pois tão somente “desconfiava que o mesmo existia”, aspecto sobre o qual só veio a ter certeza nos tempos mais recentes da sua história enquanto demo, depois das experiências que o seu Espírito teve e está tendo como Sophia – “condição biodemo” –, ao longo dos últimos bilhões de anos. Acrescente-se a esse aspecto o “mergulho” que o seu Espírito fez na “carne animalizada” das experiências da natureza terrestre, quando assumiu a personalidade de Jesus – “condição biohomo ou humana”. Enquanto Sophia, nos seus primeiros tempos, ele nada sabia sobre o “contexto espiritual”, ainda que tivesse conhecimento do “contexto demo”, existente nas faixas das realidades subjacentes a deste universo, mesmo sem poder acessá-las.

Depois de experiências e tentativas levadas a efeito por Sophia e suas hostes de Assessores que, aos poucos, ele foi constituindo, chegou-se à conclusão que, para efeito coletivo, somente a edificação de um “portal” poderia romper aquela “fronteira dimensional”.

Desde então, um “portal astral”, com função semelhante a que os

“buracos de minhoca”, ou túneis encurtadores das distâncias cósmicas, já existentes no universo, exercem para os que podem viajar nos seus circuitos, deveria ser edificado com o controle sobre o mesmo sendo exercido no lado de cá. Tal “portal” seria o primeiro deste universo.

Assim, mesmo muito antes da “Rebelião de Yel Luzbel”, esse projeto vinha sendo levado a efeito pela Assessoria de Sophia, tendo sido por isso que a família *Val* veio à Terra pela primeira vez, em tempos anteriores ao seu “aprisionamento” neste planeta, o que se daria como desdobramento do “problema luciferino” – tema abordado na já referida trilogia “*Terra Atlantis*”.

O que foi inicialmente propagado era um planejamento das etapas da construção desse “portal”, o qual passava também pela promoção de viagens entre universos e algumas galáxias desta faixa universal, que tinham deficiências nesse campo.

Pelas notícias que circulam no sistema informativo de algumas civilizações vinculadas ao processo de colonização terráquea do passado, conhece-se a dificuldade que os habitantes do universo material sempre tiveram de entender e de aceitar que os seres do universo vizinho sabiam e sabem claramente da existência dos de cá, pois podiam vir para este nosso universo até bem pouco tempo, e retornar para o deles. Assim, os seres daqui, pouco ou nada sabem, nada enxergam do universo vizinho, nem têm certeza se o mesmo existe.

Os nossos ancestrais humanos tinham conhecimento da existência dos habitantes do *Brahmaloka* – até mesmo porque conviveram com seres extrafísicos de diversas “moradas”, até o fechamento dos “portais interuniversais”, cujo momento final ocorreu no ano de 2012 –, mas os atuais humanos de nada sabem sobre tais seres, ainda que outras civilizações deste universo colecionem as suas notícias em relação a tempos passados de coexistência dos “filhos da Terra” com as “Hierarquias *Trimurtianas*” e diversas outras classes de seres demós.

Antes da abertura dos “portais”, que ocorreu naturalmente em tempos idos, os poucos habitantes do nosso universo não tinham consciência sobre os de lá. Entretanto, quando começou a existir a sinalização natural promovida pela “entropia cósmica”, de que os “portais” se fechariam, Sophia passou a idealizar a construção do tal “portal astral”, que manteria um intercâmbio constante entre os dois universos.

O motivo do planeta Terra ter sido escolhido para servir de “base

operacional” para a edificação desse “portal” em região astronômica próxima da sua zona de influência gravitacional-vibratória, é questão que deixo para as gerações futuras explicarem com mais propriedade, se for o caso.

Os seres biodemos e a humanidade nunca souberam ao certo, mas **a realidade que nos envolve é “doente” e suas “feridas” se encontram indelevelmente marcadas nos “agentes da vida”, que eclodiram no seu meio.** Esclareço que as primeiras formas de vida – ou “agentes da vida” – que emergiram tanto no universo vizinho como no nosso, são “viróticas”, ou seja, os próprios vírus já nasceram “doentes”! Não há quem não as porte!

26ª Constatação:

Ao “cicatrizarem” em si mesmos esses “germes cancerígenos ancestrais”, os que podem evoluir, como os humanos, “curarão” as causas e os efeitos deste “enredo dramático e vexaminoso” não somente nos seus corpos, mas também nos dos seres extrafísicos e, principalmente, no do “Personagem” que responde pela autoria desta “dramática e desnecessária jornada em torno do nada”.

Nos tempos em que escrevo estas páginas, alguns biodemos e alguns humanos agora sabem que é assim. Contudo, essa difícil constatação chegou muito próxima de ser percebida no passado remoto, num tempo em que o “bastão” de uma “corrida desesperada pela arquitetura das sequências genéticas”, que pudessem gerar a “cura”, estava sendo passado do gênero “demo-homo” para a espécie *Homo sapiens* – que é uma das espécies do gênero “homo” que terminou sendo a “escolhida ou eleita” pelo “destino”, para **herdar a “doença original” nos moldes mais atualizados possíveis.**

Desculpem a observação de mau gosto, mas é um antropocentrismo ao contrário, esse que vivenciamos na “condição humana”, no sentido do **“azar” que elegeu os terráqueos como principais “herdeiros” desta “desgraçada situação”.**

Ainda me referindo a esse tema, recordo tão somente que, “mediunidade” é um produto recente, e que somente começou a eclodir discretamente entre as últimas espécies de demos vinculados às *lokas* mais recentes criadas e, mais fortemente com a espécie *Homo sapiens*.

Utilizando-me da mitologia grega, somente aos tempos de Têmis e de Apolo a “faculdade mediúnica” brotou, mas foi com os humanos – sacerdotisas, pitonisas – que a mesma passou a ter a sua função ampliada e

tornada mais eficaz.

Essa comparação da “situação homo” com a “questão demo” assim se deu devido a uma série de fatores, e principalmente, pela capacidade de “pacificação mental” possível aos humanos e muito difícil de ser praticada na “condição demo”.

27ª Constatação:

O Yoga surgiu exatamente para possibilitar essa “pacificação mental”, tendo sido sistematizada primeiro na “cultura” dos demos mais recentes, e somente depois é que foi herdada pela cultura humana.

Em alguns momentos, Sophia, orientado por Olm – tido como o “Codificador de Zion”, nessa época –, gerou alguns gêneros e múltiplas espécies de seres, dentre as quais a “condição biodemo”, que procurei descrever na já referida trilogia “*Terra Atlantis*”, pelo que, nestas páginas, me esquivo de fornecer maiores informações sobre as características desses seres em cuja natureza eclodiu a chamada “Rebelião de Lúcifer”.

Bem antes do Espírito que me anima assumir o currículo existencial da condição humana, ele se imantou a um corpo “biodemo” – o qual deixou há cerca de 17 mil anos –, criado por Sophia e pelo “Codificador de Zion”. Isso implica que o “Ente Espiritual”, por trás da minha personalidade humana, que agora ostento, “colecciona a experiência biodemo”, e portanto, no meu DNA humano, essa “cota biodemo” aparece, ainda que esteja desativada, fazendo parte do chamado “DNA-não coordenador da codificação de proteínas” ou “DNA-não codante” – antes denominado “DNA-lixo”. Entretanto, essa “condição biodemo” pode ser parcial ou quase que totalmente desperta, mesmo que o cérebro humano não esteja preparado para lidar com todas as impressões memoriais daquela “expressão existencial”, porque simplórias, em certo sentido, quando comparadas às da condição humana.

No meu caso, porém, para que eu pudesse produzir, com o apoio de seres ainda na “condição biodemo”, todo o encadeamento de informações que consta nos livros a respeito do passado terrestre envolvendo a “Rebelião de Lúcifer”, o meu Espírito tem atuado no sentido de liberar esses “centros memoriais” que ele “colecciona”, repassando-os para o meu conhecimento humano, de modo a estabelecer uma melhor comunicação minha com esses seres extraterrestres.

Nunca pedi isso, nem o desejei, mas é assim mesmo que os eventos têm

se dado comigo, em termos desse mister informativo.

Decidi escrever este capítulo tão somente para explicar ao(à) presumível leitor(a) destas páginas que, caso deseje se aprofundar no conhecimento da “Rebelião de Lúcifer” e do “contexto capelino”, referidos pelo mentor espiritual Emanuel, no livro “*A Caminho da Luz*”¹, psicografado por Chico Xavier, como também no livro “*Os Exilados de Capela*”², de autoria de Edgard Armond, abordei, como me foi possível, as questões pontuais mais importantes dos tempos vividos no sistema de mundos da estrela de Capela, na já citada trilogia “*Terra Atlantis*”.

Concluindo o presente capítulo, diria que o gênero biodemo foi o último e, portanto, o mais recente gerado por Sophia, que decidiu, depois, unir o “padrão cerebral radiata dos biodemos” a um outro gerado no “Forno de Vida” de Shiva – “*Awaylengan*” – **o que propiciou o tipo de “cérebro bilatério”, com dois hemisférios, sendo os atuais humanos a face mais recente dessa empreitada evolutiva.**

O resultado da decisão de Sophia surpreendeu a todos os quadrantes da Criação, aos “Logos Criadores” da *Trimurti*, às Hierarquias a ela associadas e também a ele próprio.

Desconfio que somente Olm parece não ter tido nenhum grau de surpresa com a emergência de uma espécie de humanos racionais, que apresentam razão filosófica e senso crítico “despertos”, como a que ocorreu na Terra.

JOÃO E A “CÁPSULA DO TEMPO” DE SOPHIA

VIVENCIANDO A SUA “CONDIÇÃO HUMANA”, Jesus fez promessas sobre o “seu retorno”, que serão cumpridas não por alguém com a sua natureza humana de então, mas sim, por Sophia, que nada tem de humano, ainda que ele procure assimilar as características de uma natureza cujo psiquismo foi urdido a partir da química de um corpo carnal, animal, com “convenções mentais” mais modernas e bem diferentes daquelas que caracterizam a sua própria personalidade, que tem “idade cósmica” contada em alguns bilhões de anos, com base no tempo terrestre.

Sophia é infinitamente “mais inteligente” do que toda a humanidade junta. Contudo, até pouco tempo atrás, ele era um Ser desprovido de maiores emoções e da capacidade de bem valorizá-las, daí a causa de uma certa frieza que dele emana – o repito!

Além do que, pela força da “origem robótica-demo” do seu cérebro biodemo, a captura, a criação ou mesmo a absorção de novas “convenções mentais” somente se dá por vivência, que foi exatamente o que seu psiquismo providenciou, para dar de si “sequências genéticas” do seu “código-fonte definidor de vida” que foram inseridas, como já explicado, naquela em que veio a ser a mãe terrena do seu avatar humano.

Isso é um problema sério e não de todo superado, mas que não impedirá que a “vinda” de Sophia seja cumprida, ainda que essa “forma cósmica de Jesus”, que se apresentará aos terráqueos dentro em breve, não seja o “Jesus efusivo e bem-humorado” que muitos corações humanos endeusaram.

Paradoxalmente, como anteriormente explicado, esse **psiquismo animalizado de um “simples homem” que viveu um pouco mais de 30 anos, “vale bem mais” do que o que Sophia ostenta há cerca de 5 bilhões**

de anos, ainda que este tenha gerado aquele. Difícil de entender?

Tudo se resume ao aspecto de que a “condição humana” é a mais recente de todo o cosmos, enquanto a do cérebro biodemo de Sophia foi urdida em data anterior a essa marca de 5 bilhões de anos atrás, quando a *Trimurti*, ainda atuante, tentava de tudo para dar passos evolutivos.

O cérebro biodemo somente é mais refinado no campo da expressão da inteligência, mas o seu “jogo sináptico” – fazendo uma pobre analogia com o cérebro animal humano –, por não dispor do que os simples mamíferos da natureza terrena possuem, que é a capacidade de “sentir”, de se “emocionar” (a amígdala cerebral dos mamíferos a tanto permite, recurso que falta, por exemplo, aos répteis), e de valorar essas emoções como a natureza humana abundantemente disponibiliza a qualquer um dos seus membros, simplesmente faz de Sophia um Ser bastante diferente do que somos, com o nosso “modo humano” de existir. Contudo, a sua mente foi a que nos arquitetou como “projeto de melhoramento global” e, após se fazer humano, está absorvendo, ao longo dos últimos dois mil anos, a experiência que seu “avatar Jesus” teve na Terra.

Esse “processo de assimilação” ainda não se concluiu?

Não, e penso que está longe de acabar, porque Sophia ainda não pôde ou não quis superar definitivamente a limitação do tipo de “sinapse cerebral biodemo” para dar guarida às “expressões emocionais” de Jesus, uma vez que isso o apartaria, terminantemente, do que resta da “convivência mental indireta” que ele mantém, por meio dos membros da família *Aya*, com os que se encontram existindo no universo antimaterial, a saber, os “Logos Criadores” – os dois ainda existentes – e as “linhagens descendentes” deles.

Somente após estabelecido o fim da *Trimurti* – o que ocorreu definitivamente no início de 2017 – é que ele decidiu voltar o foco da sua Consciência totalmente para a questão da vida biológica, mas só superará, em algum momento do futuro, o padrão biodemo, que sempre o caracterizou. Todavia, a sua “vinda” à Terra não precisa esperar que isso se conclua, até porque as suas “primeiras visitas” serão “mais diplomáticas”, quando ele se deixará perceber, com toda objetividade, apenas para pressionar, sem danos maiores, a que as macroforças terrestres se “eduquem” no campo de uma “política cósmica” que ele está intentando implementar a partir das noções de senso crítico e de razão filosófica dos terráqueos.

Detalhe: não me refiro a essas noções como atualmente praticamos, mas sim, no sentido de que a “natureza humana” pode ser o que ela quiser e,

assim, vir a praticar a mais alta noção de “cidadania cósmica-espiritual”, deixando para trás a “corrupção original” e as “doenças” advindas da “queda” do Criador, que foram “herdadas” no nosso genoma.

A questão crucial é que Sophia continuará existindo como sendo o Ser que atuará no âmbito do “comando” deste universo, porque o seu corpo foi gerado e programado para essa “tarefa política”, até que os tempos universais se consumam – ou, pelo menos, é isso que me tem sido informado.

Os humanos, diferentemente, têm uma vida curta, que não lhes permite que as suas personalidades persistam nos seus corpos animais por muito tempo. Contudo, um ser como Jesus precisa manter a sua “natureza humana” existindo de algum modo, até que se consumem esses fatos, e por isso Sophia está “assimilando” a Consciência, vamos dizer, “escaneada de Jesus”, guardada no Espírito que animou este personagem e que ainda mantém o “Suserano Universal” vivo para este universo.

Enquanto esse processo se desenvolve, o Espírito ou a “forma *Adhyagia*” desse Ser que atualmente conhecemos como Jesus, em uma das suas faces, é quem detém em si, e deterá por toda Eternidade – espíritos mais “simples”, como os que nos animam, também fazem algo similar – a natureza produzida pelo “homem Jesus”. E esta sua “forma *Adhyagia*” pode se movimentar – independente de Sophia – na “realidade espiritual”, mas não tem como atuar no contexto deste universo, a não ser, doravante, por meio de Sophia.

Nas atuais circunstâncias, para cumprir a sua missão enquanto “Suserano Celestial”, Sophia necessita de “convenções mentais mais modernas”. O que isso significa? Isso diz respeito a experiências de uma “vida emocional” vinculada a padrões de razão filosófica – que pode valorar as emoções –, associada ao desenvolvimento do senso crítico, que Sophia não pode vivenciar por si mesmo.

28ª Constatação:

De todos os seres que existem nesta Criação, até o momento, somente os terráqueos parecem possuir essas conquistas – razão filosófica capaz de valorar emoções e senso crítico com elevado padrão de discernimento – no campo das faculdades mentais complexas, apropriadas para fazerem a leitura correta dos “problemas da realidade” e para produzirem uma maneira de conviver com a mesma de modo equilibrado, corretivo e ao mesmo tempo libertador.

Dos apóstolos de Jesus, ainda ao tempo da sua vida, João foi o único a perceber que o seu amado rabi estava tendo “problemas” com Javé, ainda que, naquele tempo, talvez devido a sua pouca idade, ele não soube atinar para o tipo de “questão pendente” que poderia existir entre eles.

Como Jesus fez de João o apóstolo e amigo mais chegado, talvez pelo fato dos demais apresentarem idade próxima a do Messias – por volta dos trinta anos – enquanto ele tinha apenas dezesseis anos, Sophia também fixou nesse mensageiro o foco da sua atenção.

“Fixar a atenção em alguém” para um Ser como Sophia, significa dizer que ele já conhece todo o DNA dessa pessoa e, portanto, que consegue deduzir as suas inclinações, seus impulsos e mesmo as suas limitações comportamentais. Sophia é *expert* em “*Big Data* humano” desde que ele produziu um avatar com as características da nossa espécie.

O apóstolo João, sem que o soubesse, teve o seu DNA acompanhado e aferido dos seus dezessete até a idade de noventa e dois anos, época em que ele concluiu a elaboração do livro “*Apocalypse*”.

Os seres humanos antigos conseguiam deixar Sophia e seus “Assessores-anjos” pouco pasmos, porém os modernos os surpreendem, e muito. Para eles, o “espanto” veio mesmo quando os poucos humanos que estão sendo “levados” a coexistir com os desdobramentos das informações mais recentes, sobre as primeiras páginas da “Revelação Cósmica”, ao lidarem com as mesmas, começaram a operar mudanças significativas e singulares no seu genoma pessoal, que se encontram **situadas num “contexto mental” em torno do qual o “*Big Data* de Sophia” não consegue operar nos moldes em que ele gostaria.**

A seguir, reproduzo mais um trecho das “conversas” que colecionei da minha “convivência forçada” com esse ser, sobre esse aspecto da questão, associado à formulação do “*Apocalypse*”.

— Dos seres humanos à época de Jesus, os que mais me atraíram a atenção foram Maria, a sua mãe, com a qual possuo profunda e singular relação de identidade, a outra Maria, a Madalena, e João, o apóstolo que também produziu o seu evangelho e, depois, sob a minha tutela, o livro do “*Apocalypse*” – relatou Sophia. — Nele procurei registrar, perante a lógica de João, os eventos-tema que pudessem dar um sentido lógico e mesmo temporal (**n.a.: o que jamais chegou a se cumprir adequadamente**), à sequência de fatos até a culminância da “minha vinda”. Fui eu quem produziu o “*Apocalypse*” e um dos meus “Anjos” foi o feitor das principais

construções dos cenários futuros aos quais os humanos entendem como sendo “profecias”. Não o submetemos a ninguém, e talvez isso tenha gerado um problema devido à sua publicação.

Permaneci em silêncio, até porque não consegui compreender o sentido da última frase expressa por aquele Ser.

Ele me olhou como se estranhando a minha atitude, o que me levou a questioná-lo se ele estava aguardando algum comentário de minha parte.

Sophia não consegue ou não gosta de sorrir – pelo menos, na minha frente, pois jamais nada parecido com isso teve lugar naquela face impassível –, mas entendo que se tal lhe fosse possível, ele o teria feito naquele instante. Contudo, não o fez.

Pensei comigo mesmo quão lamentável era aquela questão dele não poder “se apropriar” de uma característica tão comum nos humanos e, em especial, na natureza do seu avatar Jesus.

Repentinamente, ele me olhou de tal maneira que, mais uma vez, senti a inquietante sensação de que deveria existir algum tipo de leitura que o seu “*Big Data*” fazia da movimentação do meu “DNA pessoal”, o que lhe permitia saber algo dos meus pensamentos.

Disfarçamos mutuamente o “pequeno espanto” que sempre nos acometia quando alguma desarmonia surgia entre os nossos dois modos distintos de pensar, e ele tornou a se dirigir a mim com o inevitável gesto de contrariedade de um Ser que se acha superior, mas que se vê obrigado, ainda que a contragosto, a reconhecer que o seu interlocutor, destituído de qualquer tipo de poder, pode colocar toda aquela conversa a perder com um simples gesto mental, e isso ele não desejava – a questão é que ele não poderia mesmo impedir aquele tipo de atitude unilateral de um ser humano.

— Quando conversamos, de minha parte e dos que me assessoram, houve uma suposição (**n.a.: ele se referia à leitura dos meus pensamentos, que os seus “anjos” faziam ao observarem a movimentação do meu “código genético pessoal”**) de que, por você conhecer o sentido mais profundo do “*Apocalypse*”, viesse a se surpreender com o fato de minha “equipe” não ter submetido aos seus pares, os “anjos” que convivem com Javé, no universo antimaterial, o que traçamos como sendo o roteiro de alguns eventos que vão culminar com a minha “apresentação” aos seres humanos e aos demais olhares associados ao que se passou e que se passa na Terra – explicou Sophia. — Achei que, de sua parte, haveria algum comentário, pois a sua “condição humana” desconhecia esse aspecto dos bastidores do

“Apocalipse”. Pelo menos, é o que sabemos.

— A minha “condição humana” desconhecia, mas o meu “Eu Espiritual” deveria saber disso, pois no momento em que você se referiu a essa questão, o fato em si me pareceu o lógico entre vocês – esclareci. — Isso não tem importância nenhuma, pelo menos para mim, e me causa angústia ver vocês se preocuparem com essas “bobagens”, enquanto todos se desesperam e se torturam em vidas e mais vidas, e vocês não estão nem aí para nada disso. Impressionante!

— Há um engano da sua parte, pois esse “simples detalhe” para você, representa, talvez, o maior entrave que ainda pesa entre Javé e a minha ida até a Terra, de modo aberto e transparente – retrucou ele. — Fora essa questão, existe o problema de que alguns seres, que se julgam “herdeiros” da *Trimurti*, hesitam em aceitar a minha assunção como o “Preposto eleito” pelos “Logos Criadores”.

— Esse impasse de você ir até a Terra ou não, você acha que isso é um problema seu, do seu Espírito (**n.a.: que existe há dois mil anos sob a forma perispiritual de Jesus e com sua personalidade**), de Javé, enfim de todos os “pretensos prepostos e autoridades” deste “caos infernal” que vocês se gabam de ter criado, ou simplesmente é um problema dos “desavisados e condicionados” seres humanos? – questionei.

— O problema é de todos nós, mas, talvez eu somente exclua a sua condição humana, devido ao plano de Javé, que lhe causou humilhação, com a intenção de, então, dominar o seu psiquismo em torno de um “novo pacto” em que ele ordenaria a minha ida à Terra, e os humanos o veriam sair de minha nave para você recuperar a sua credibilidade – respondeu Sophia. — Entretanto, você mandou tudo para o “espaço”, como se costuma dizer na Terra (**n.a.: e novamente esperei um sorriso daquele Ser, o que não aconteceu**).

“Desisto”, pensei novamente, e mais uma vez os nossos olhos se cruzaram como se estivéssemos numa contenda de derrotados e de seres com mentes cansadas.

— Parece que teria sido mais simples se eu me tivesse posto de joelhos, e cumprido o “desígnio amalucado” daquele Ser, e ainda, de minha parte, ter fundado mais uma religião na Terra, a partir da junção dos trabalhos de Jesus e de Maomé, como ele desejava – ironizei. — Ele errou na “escolha”, na ideia e no desígnio!

— No entanto, teria sido mais fácil redimensionar todo o processo depois

— emendou Sophia. — Devo lhe dizer que era para isso que estávamos todos preparados, mas fomos surpreendidos com tudo isso, e eu particularmente, devido à questão de Morus¹ e de sua estratégia. O mais incompreensível, para mim, foi o fato da sua “condição humana” ter sido considerada por Javé e por todos nós, como sendo um dos “instrumentos eleitos” por ele para estes últimos dias deste “ciclo universal” que se finda, quando, na verdade, ela estava executando a estratégia de Morus, que somente agora ficou clara. Na linguagem humana, a sua Consciência aplicou um “cheque mate” na *Trimurti*, retendo em si todo o conhecimento acumulado e possível de ser transformado em compreensão útil, e tendo a “Chave genética do Poder” deles três, ainda assim, resolveu renunciar a toda e qualquer possibilidade de possuir “o Poder”. Interessante e inusitado! O resultado disso é esse impasse, um dos mais marcantes de toda a História desta Criação! Sei que, agora, incontáveis processos iniciados nos tempos ancestrais convergiram para você, e diversos deles precisam ser encerados. Por isso, muitos seres, inclusive eu, pedimos o seu concurso para adequar as pendências de outrora às circunstâncias da lógica da “natureza crítica humana”, que será inevitavelmente a base de trabalho daquele que você tem chamado de “Quarto Logos”. Eu cuidarei dos problemas de mais uma etapa do “confuso intercâmbio” entre estes dois universos, e ao “Quarto Logos” caberá a “gestão pedagógica do psiquismo” dos seres que terão que finalizar esta “delicada situação”. Todos querem o seu concurso e, no momento, a sua “Consciência pessoal” é a que reúne este “compêndio definidor do início e do final desta etapa universal”, ainda que você tenha se recusado a exercer qualquer categoria de autoridade no “Processo Universal”. A tal religião que Javé diz ter lhe encomendado, com o apoio de todos nós, promoveria essa possibilidade, profetizada lá atrás.

— Você precisa de “alguém do meu tamanho” e com minhas características para quê? — indaguei. — Já relatei parte do “drama do Criador”, estou começando a organizar os elementos em torno do seu, relativo ao tormento do seu avatar humano. Já escrevi a trilogia sobre a “*Rebelião Luciferiana*”, esclarecendo os fatos, além de ter proferido palestras complexas sobre esse passado oculto...

Sophia fez um gesto com uma das mãos, o que me levou a silenciar.

— Sei que já é bastante, mas todos necessitamos ainda muito mais da sua parte — argumentou ele. — No meu caso, em termos imediatos, preciso que esclareça a “cápsula temporal”, ou seja, o livro “*Apocalipse*”, que eu e meus

“Assessores” encomendamos a João, porque resolvemos nela relatar eventos que somente seriam compreendidos pelas gerações futuras que testemunhassem os acontecimentos vaticinados. E a queda das duas torres, ocorridas mais recentemente no fuso temporal da Terra, seguida da sua morte e reanimação do seu corpo, precisam ser melhor compreendidas por certas parcelas conscienciais do universo vizinho. Eles precisam nos apoiar nesse grupo de eventos que estão programados para terem lugar em torno da Terra, e não se aproveitarem da fragilidade desse “momento cósmico”, como alguns **éons (n.a.: o mesmo que *genos*, em grego, e o mesmo que *lokas*, em sânscrito, que significa “moradas de certas estirpes demo”)** pretendem fazer.

Aquela argumentação de Sophia realmente me causou um certo espanto, que me foi profundamente desagradável.

Desde o ano de 2006, que eu havia decidido não mais me permitir gastar um segundo do meu tempo terreno com qualquer reflexão ou especulação que envolvesse a “vinda de Sophia” e os seus desdobramentos. Talvez residisse nessa minha postura a dificuldade da sua parte em me solicitar qualquer providência nesse sentido.

A partir daquele ponto, Sophia me passou uma série de informações que não consegui compreender, o que o deixou preocupado, pois ele esperava que a minha “função decifradora”, moldada à “condição humana”, pudesse organizar melhor o grau de entendimento pretendido sobre a mais problemática das questões que envolve a vida na Terra, e que desconhecemos. Contudo, essa parte da interação não surtiu qualquer efeito produtivo, pelo menos até agora, e confesso que me é meio assustador refletir a respeito desse contexto.

Quando voltamos a nos referir ao “*Apocalipse*”, enderecei ao meu interlocutor a seguinte pergunta:

— Quer dizer que você enviou essa “cápsula do tempo” ancorada na queda das duas torres do World Trade Center, em Nova York, no ano de 2001? O que, no âmbito da “lógica *demodharmica*”, que é a única que parece importar para as suas decisões, levou-o a essa opção? A quem você endereçou essa sua “cápsula profética”? Ela se destina **aos humanos ou a esses Seres do universo vizinho**, para que de lá eles pudessem assistir os acontecimentos daqui e conseguissem perceber o “momento da sua vinda”? Qual foi o seu objetivo lá atrás, e qual é o objetivo agora? Existirá um?

— A minha intenção é demonstrar aos Seres da “Hierarquia

Trimurtiana”, notadamente às parcelas mais novas das gerações que sempre disputaram o poder, que esse confronto acabou, pois o universo em que vivem está a ponto de colapsar na sua totalidade, agora o sabemos – esclareceu ele. — Eles sempre disputaram o controle de alguns dos mundos deste universo material e, mais notadamente, a suserania sobre a espécie terráquea, por ser a mais moderna e a que, há pouco tempo, representava tão somente os seus “animais de estimação”, como você mesmo o diz. Isso precisa parar, e eu não tenho como daqui, interferir no que se passa por lá. Meu avatar Jesus conseguiu compreender isso muito bem e, dada a sua natural transitoriedade como ser humano, anunciou que a sua “forma celestial”, que sou eu, **se apresentaria à cultura mais avançada no campo da compreensão, para que esta legitimasse o seu alinhamento comigo e com o Criador.**

— Nós estamos aqui tratando da “geração de Zeus”, conforme os termos culturais da mitologia grega, não é isso mesmo? – indaguei. — É com ele que você se preocupa, porque também sempre desejou ser o “Imperador da Criação”? Quando você se refere às gerações mais novas, descendentes da base genética da *Trimurti*, são exatamente aqueles Seres que sempre tomavam o poder dos seus progenitores e, o último deles, até o surgimento da espécie humana, foi Zeus. É desse contexto que estamos falando?

— Sim, e de outros setores descendentes dos “Logos Criadores”, como você os denominou! – explicou Sophia. — A “cápsula do tempo”, **contendo os elementos proféticos identificadores da minha “vinda” e da minha assunção ao poder definitivo da questão universal, sempre esteve assim tipificada para a compreensão desses Seres que pensavam exercer o poder sobre toda a Criação, porque a organização geopolítica dos “doze deuses da Assembleia do Olimpo” suplantou, em poder, os três “Senhores da Trimurti”.** Entretanto, todas essas questões tiveram lugar no universo vizinho, e não por aqui, porque ainda que estivesse a ponto de ocorrer o maior dos confrontos entre a minha Suserania e a de Zeus, os “portais” se fecharam, os humanos, antes dominados, passaram a controlar o mundo terreno, e a *Trimurti* se perdeu e se desfez muito recentemente, o que levou a que **a inigualável força-tarefa dos “anjos”, sempre leais ao Criador, passasse a me apoiar como o natural “herdeiro” da “Suserania Total”. A minha apresentação aos terráqueos significa, portanto, a minha “consagração” frente a todos os seres vivos desta Criação.**

Como sou minimamente sabedor de que a “descendência de Javé” sempre

se supera na prática de ardis para se superarem uns aos outros na disputa do poder, permaneci olhando para Sophia, enquanto os meus inevitáveis pensamentos passeavam em torno da possibilidade do meu “Eu” ser testemunha do “competente simulacro da vitória de Jesus sobre Javé”, sendo, ao mesmo tempo, utilizado pelo “vitorioso final” de um processo no qual “tramoias”, “espertezas”, “truques diversos” e “traições” de toda ordem costumavam ser despidoradamente aplicadas.

Mais do que repentinamente, após aquelas reflexões povoarem o meu psiquismo, escutei de Sophia a mais apressada das explicações sobre a questão em foco:

— Não pense que eu ganho algo com isso! Esse é um “modo demo e também humano de se pensar”. Em mim não habita nenhuma dessas duas naturezas, pelo menos por enquanto, ainda que a última tenha apropriado e superado os padrões da primeira. Diferentemente, minha hesitação reside no tamanho do problema que devo enfrentar e da minha modesta capacidade para tanto. Acredite-me, pois fui engendrado para isso, ainda que, em sã consciência, não veja em mim as habilidades e competências para dar bom curso a este “drama” cujas novas etapas estão apenas se anunciando no horizonte do amanhã universal. **Sem a gestão de apoio do “Quarto Logos” e dos seus “agentes humanos”, os únicos capazes de compreenderem, de decifram essa questão, e de agirem junto comigo, não penso que possa existir solução à vista.** Não apliquei nem estou aplicando qualquer ardil, e muito menos busquei isso! Preciso que você enquadre e renove explicações, tantas quantas necessárias, para que os humanos possam construir um discernimento que movimente à mente das demais estirpes presas a este “processo existencial”. Doravante, para onde a mente humana for, as demais, em condições de fazê-lo, seguirão na mesma direção. Não existe outra solução! **Veja como preciso do seu concurso e dos demais humanos que puderem me apoiar neste “momento cósmico delicado”.**

Permaneci em silêncio, enquanto um cansaço descomunal e indescritível me dominou o psiquismo e o que pensava ser o meu “Eu”. Muitas vezes, senti aquela impressão de “preferir não existir”, ao longo da minha vida humana, mas, agora, claramente, o meu lado humano podia reconhecer que a fonte daquela fadiga residia na minha “Consciência Mais Profunda”.

A sensação desesperadora de que sempre estive repousado em mim mesmo, também era desoladora e consumia qualquer tipo de força que, naquela hora, eu pudesse gerar, sabe-se lá como.

Escutei de Sophia:

— O que você sente, também o sinto à minha moda! No campo das sensações devastadoras, sobre essas, infelizmente, tenho proficiência. Não consigo perceber, à moda humana, as boas e as maravilhosas, produzidas pelo “meu lado Jesus”. Preciso destas para poder seguir adiante! Você ou qualquer humano já as tem, eu não! O engendramento do meu corpo, tal qual foi feito lá atrás, não o permite, daí o “empréstimo biológico” que preciso receber de vocês, os humanos. Zeus e sua descendência, como também a sua ascendência, todos eles precisam do mesmo tipo de “empréstimo”. **E de todos esses, o mais necessitado é o “Eu Pessoal do Criador”. Jesus, enquanto humano, prontificou-se a dar, mas Javé não quis.** Devido aos problemas que o “fatiamento” apresenta quando envolve a natureza biológica, **o Espírito de Jesus não pôde se fazer humano novamente, como algumas vezes esperei que ele fizesse.** Entretanto, não domino essa área da existência por trás das nossas personalidades. As resultantes da atuação dos três primeiros “Logos” são como são, e aqui estamos nós, com todos esses obstáculos tragicamente acumulados, e que dificultam o que precisa ser realizado. Posso afirmar que, do que até agora existe, somente o tirocínio dos terráqueos tem a capacidade de compreender o que se encontra feito e o que precisamos ainda realizar.

“Quanta ignorância e quantos desafios tortuosos acumulados pelos erros de um só Ser Criador!” – pensei, ao mesmo tempo em que desisti de observar, em Sophia, se ele estava “lendo os meus pensamentos”, o que ele fazia sempre com a permanente ajuda dos seus “Anjos”, que atuavam dos bastidores daquele encontro.

Segui com as minhas reflexões, sabendo que Sophia as perceberia.

Quando o pensamento humano poderá, um dia, compreender que o “maior dos ignorantes” foi e ainda é o “maior dos mutantes” que a Criação já viu, exatamente porque este Criador “caído” precisa se modificar sempre, para diminuir o “grau de podridão” do seu “Ser reconstruído após a queda”. O mais desolador era ainda perceber que, na Terra, essas suas “características pessoais” permanecem desconhecidas e, pelo que desconfio, isso ocorre para que Javé possa ser louvado como “deus”, quando ele foi tão somente uma “coleção de vírus”, associados pela sua força mental, formando um aparente só corpo, absolutamente mal estruturado e, agora, “apodrecido por completo”. Haja simulacro!

Com a norma de não se utilizar de “imagens” ou qualquer simbologismo

que a isso se assemelhe “de” ou “sobre” “deus”, o islã resolveu a difícil questão de não ter que se perceber a face de “Alá” – o Criador. O hinduísmo, porém, jamais se preocupou em enfrentar esse aspecto, porque, para os hindus, sempre foi comum ter os seus três “deuses” principais da *Trimurti* antropomorfizados à moda demo misturada com a humana, conforme as descrições ancestrais que deles se tinham.

De modo estranho, Jesus, como muitos outros – principalmente, antecedido por Moisés, e posteriormente por Maomé –, foram os maiores patrocinadores da crença em torno de um dos três “Seres da *Trimurti*”, exatamente o Criador “caído”, agora transformado em “deus único”.

Jesus, em sendo honesto com a “herança genética desperta” no seu psiquismo humano, agiu com a melhor das intenções, porém isso não o livrou do “erro empacotado” no seu DNA, que trazia o “ordenamento genético” de uma missão a ser desenvolvida em nome de um “Ser bondoso, justo e decente”. Ledo engano! E o pior é que, no seu DNA, estava a face de Sophia, que havia se enganado, com seus Anjos, **quando definiram esse “absurdo” como sendo uma verdade, e a marcaram na “cota do genoma” que foi artificialmente inseminado em Maria.**

Devido a isso, pensando agir com honestidade, Jesus terminou atuando como um “moralista judaico”, um “sonhador bem-intencionado”, ainda que tenha superado a sua “destinação genética”, pelo menos em parte, o que já considero um “heroísmo”, devido à “carga *demodhármica*” que ele carregava. O que ele fez? Confirmou Javé como Criador, mas não o obedeceu no sentido de “dominar” as pessoas por meio de um “messianato político e violento”, no usufruto dos seus “superpoderes demos”.

Essa “poluição demo” também afetaria o psiquismo de Sai Baba, uns dois mil anos depois da morte de Jesus, porque, afinal, esses “humanos-avatares” têm que lidar com questões superlativas e sempre mal resolvidas, o que faz com que restem, para eles, humilhações de todos os tipos.

O “Segundo Logos” e o “Terceiro Logos” sempre trabalharam “contaminados pela doença” do “Primeiro Logos”. Em outras palavras, os agentes dos três primeiros “Logos” sempre estiveram “infectados”, e daí a “fé poluída”, e não o esclarecimento limpo e livre, do qual tanto necessita a razão humana, para poder cumprir a sua “função decifratória”.

Uma exceção foi Nietzsche, cujo espírito, mesmo tendo origem nas intrincadas relações biodemos da família *Mion* – também citada na já referida trilogia “*Terra Atlantis*”, uma das que compôs a “Rebelião de Lúcifer” no

passado imemorial –, sempre buscou a independência de si mesmo em relação a tudo, inclusive a do seu próprio pensamento frente a ele mesmo. Entenda quem puder!

Como filósofo, Nietzsche lançou muitos desafios sobre vários temas, mas jamais quis seguidores. Ele sempre defendeu que cada um “construísse a sua própria escada para o céu do esclarecimento e da autoavaliação”, céu este bem diferente do que o cristianismo apontou. Nunca pretendeu convencer ninguém sobre questão alguma, e a massificação das suas reflexões jamais fez parte dos seus sonhos, até porque ele conhecia a humanidade por demais – ainda que, para alguns humanos, pareça que esse seu conhecimento fosse menor do que devia ou poderia –, para dela esperar algum entendimento no estágio em que essa se encontrava.

Talvez venha a existir um tempo em que ficará claro, para esta humanidade, que não será possível “apagar o acumulado de horror e de sofrimento de bilhões de anos” – vivenciados pelas espécies que nos antecederam –, que convergiu para o DNA dos terráqueos.

Para o psiquismo de Nietzsche, no seu tempo, essas percepções não eram possíveis. Contudo, para sorte dos que vivem na Terra, sinceramente espero que, no futuro, o Espírito dele personifique, uma vez mais, outra forma humana, de modo que o seu “olhar adulto possa passar a vista” por esses painéis antes ocultos, mas que, doravante, precisam ser revalorados no seu todo – o que não possuo “competência moral nem intelectual” para fazê-lo. Além do que, já “estou de saída”!

“Muita falta faz o “olhar adulto” de um Nietzsche e de alguns outros tantos mais à evolução do pensamento terrestre” – conclui, de minha parte, com os olhos do meu interlocutor postos em mim, enquanto mais uma etapa das conversas havidas entre nós estava se cumprindo.

Fiz ainda as seguintes considerações:

- Qual o grau de certeza que tenho sobre a possibilidade de Sophia amar e respeitar a humanidade? Diria que “zero”! A natureza de Sophia é tão diferente da humana, que penso que ele não tem como amar, não porque ele não seja do “bem”, mas pelo fato dele ser o que é, ou seja, apresentar um “modo de ser biodemo”, ainda destituído de emoções;
- Qual o grau de certeza que tenho sobre a possibilidade do Espírito de Jesus amar e respeitar a humanidade? Total! Entretanto, aqui

implica uma desagradabilíssima reflexão sobre os problemas do Espírito de Jesus, que o impediram de encarnar ao longo destes dois mil anos, para melhor redimensionar a destinação do seu legado, como o próprio Sophia se referiu. Outros Espíritos fazem isso, mas o de Jesus jamais o fez!

Quando compreendermos o porquê das situações que envolvem esta Criação serem do modo como são, poderemos, então, entender como a “vida espiritual” de Jesus é difícil. Contudo, enquanto ele for tido como “deus” pela parcela mais “infantilizada” da humanidade cristã, em respeito a esse tipo de crença que impera nos circuitos das preces humanas, essa questão não será aprofundada no presente livro, pelo que me desculpo!

SOPHIA E A RESSURREIÇÃO DE JESUS

POSSO ESTAR ENGANADO, mas penso saber que, ao tempo da minha vida, os três “Logos Criadores”, em certo sentido, e apenas o “Primeiro Logos”, em outro mais específico, tentaram me envolver perniciosamente para que mais uma religião surgisse na Terra. Para Javé, isso permitiria existir mais um “período de dominação” da sua parte.

Um dos grandes “favores” que Maomé proporcionou à vida e ao universo foi o de se apresentar como o “último” profeta, o que me fez sempre questionar Javé e seus “anjos” quando me “infernizaram” com a insistente sinalização, acompanhada de chantagens, de que eu deveria assumir um “encargo derradeiro” nos seus desígnios.

Quando eu sequer tinha ideia precisa sobre a existência de Javé e do “peso da sua permanente sombra” sobre a minha “condição humana”, encontrava-me a serviço das obrigações profissionais, em setembro de 2001, na cidade São Paulo, utilizando-me das noites para escrever o que me fosse possível. Naqueles dias, eu estava redigindo o livro *“Jesus e o Enigma da Transfiguração”*, e me foi revelado, muito claramente, pelo Espírito de Tiago, um dos apóstolos de Jesus, que foi somente após o encontro em que o “fenômeno da Transfiguração” se deu, que o “Messias” começou a afirmar que logo morreria e que ressuscitaria depois.

Antes daquele dia, em momento algum, Jesus dera qualquer sinalização de que a sua vida seria “curta”. Diferentemente disso, as suas naturais expectativas de um homem ainda jovem eram as normais de qualquer ser humano naquela condição. Contudo, o contexto mudou drasticamente após o “encontro” que Jesus teve com os “Anjos” de Sophia, o que procurei descrever no referido livro *“Jesus e o Enigma da Transfiguração”*.

Sobre esse assunto, cerca de quinze anos depois da publicação (2002) do mesmo, escutei de Sophia que o tal “encontro” se deu por ordem e insistência dele. Afinal, apesar de livre, enquanto avatar de Mohen So e de Vishnu, tudo ele fazia para permanecer alinhado com a “agenda” desses Seres e ainda obedecer às ordens de Javé, as quais os seus “Anjos” recebiam e lhe repassavam. **Essa era a lógica da sua vida e dos fatos!**

Cedera um “código extensivo da sua condição pessoal” para ser inserido em uma criatura humana exatamente porque recebera “ordem” vinda dessas duas componentes, ainda que no âmbito da Hierarquia que o envolvia, ninguém soubesse, num primeiro momento, como realizar tal feito.

Apesar de despossuídos de sexualidade, Sophia e os seus “Anjos” sabiam que, no caso dos humanos, como nas demais situações da natureza mamífera e primata, quando macho e fêmea tinham relação sexual, a mistura da genética dos progenitores era repassada para a cria – e eles conheciam e dominavam muito bem esse processo. No entanto, sobre o jeito e a identidade de quem nasceria, eles não tinham a mais remota ideia – nada sabiam do tipo de prole a ser gerada.

Dar a sua “cota genética” para ser inseminada em Maria, até esse ponto da questão, eles dominavam muito bem o processo, mas **jamais tiveram noção exata do tipo de ser humano que surgiria**, nem muito menos conheciam o “contexto espiritual”, que funcionava por trás da vida biológica e da existência deles próprios – Sophia e os demais biodemos nasceram em “casulos”, enquanto a geração dos seus “Anjos” obedeceu a um processo semelhante, ao surgirem para a vida

A pessoa de Jesus que então nasceu, era-lhes absolutamente desconhecida, e Sophia não tinha nenhum tipo de “agenda pessoal” para aquele seu avatar humano, dotado de vontade própria e de outras condições mentais jamais vislumbradas por eles.

Segundo o que julgo ter depreendido das conversas com Sophia, ele sempre acompanhou a vida de Jesus com absoluta surpresa, como a formação da sua personalidade, urdida com base na cultura judaica. Ele também não entendia muito bem o que o “jogo de disputa de poder” entre Brahma/Javé e Vishnu, em torno do seu avatar humano, poderia produzir, **a não ser o desígnio de que Jesus teria de cumprir a função de ser o “imperador de todos os seres humanos da Terra” e conduzi-los novamente para o controle de Javé por meio do comando que seria exercido por ele, o “Suserano Celestial”, após o cumprimento da “tarefa política” do**

“Messias”.

Essa era a lógica, o único “modelo mental” construído por ele quanto ao que esperar de Jesus. Sob essa ótica, Sophia observava a sua “expressão humana”, ainda que jamais tenha dado qualquer ordem à mesma ou dela tenha recebido algum tipo de comunicação mental a título de, por exemplo, uma conversa.

A partir de um certo ponto daquela história, notadamente quando os desdobramentos da “Rebelião de Yel Luzbel” começaram a se fazer presentes na vida de Jesus – ou pelo menos, essa era a dedução que Sophia e os seus “Anjos” tinham em relação às conversas de Jesus com seres que eles não conseguiam perceber, mas pelo teor das informações, eles julgavam que o “Messias” estava sendo assediado por Len Mion e por Yel Luzbel –, Sophia pôde perceber que seu avatar humano sabia, sim, da sua existência como “Hochmah”.

Essa expressão “Hochmah” significa “Sabedoria Perfeita” ou “Personificação da Sabedoria”, em hebraico, e somente mais tarde, quando os discípulos de Jesus que tinham cultura grega produziram os livros chamados “gnósticos”, o epíteto “Sophia” emergiu nessa literatura.

Por meio da tecnologia do “*Big Data*”, baseada na movimentação das moléculas que compõem o “genoma pessoal” de qualquer ser biológico, como também pelas informações advindas de “*chips*” – que as “cobaias humanas”, desde há muito, portam na sua fisiologia e de nada sabem –, Sophia acompanhava as reflexões de Jesus sobre os eventos e seres à sua volta. Particularmente, Sophia procurava atinar com o que o seu avatar humano achava dele, alguém que era preexistente à formação do Sol e da Terra, e notava as dificuldades naturais que as injunções de cada época impõem aos seres racionais, no sentido das definições e conceitos que Jesus procurava dar a si mesmo, a ele, aos “Anjos” e a Javé, dentre outros.

A cada dia da vida do seu avatar terreno, Sophia associava as dificuldades de Jesus às suas próprias, no que diz respeito às tentativas de compreender Zeus, o filho do Cronos mais recente – aqui, utilizo-me das expressões da mitologia grega, na qual existe um primeiro Cronos, também chamado de “Morus”, e muito mais tarde, surgiu um outro Cronos, filho de Urano e pai de Zeus, assim como, de modo similar, existe um Eros primordial e, posteriormente, manifestou-se um outro, relacionado à “deusa” Afrodite.

Tanto a compreensão de Jesus como a de Sophia apresentavam as marcas da imprecisão e mesmo do desconhecimento quanto ao real significado do

poder que Zeus efetivamente exercia, após ter derrotado os demais “deuses poderosos” e anteriormente surgidos, inclusive os primordialmente associados a Khaos (Javé).

Ao tempo em que Jesus surgiu, Zeus – ou Indra, na mitologia ariana/hindu – era o “Rei dos Deuses”, naturalmente aclamado e reconhecido por todos, inclusive pelos chamados “Seres Primordiais”, cujas forças estavam sendo carcomidas pelo tipo de entropia comum ao universo antimaterial.

A exemplo de Javé e dos demais que tiveram seus “momentos de ápice de comando”, Zeus também providenciou, ainda que tardiamente, a sua epifania, por meio das Musas e do grego Hesíodo¹, como também diversas “proto-linhagens” no meio do genoma humano, a cada vez que procriava com as desditosas humanas por ele “escolhidas”.

O mais enigmático e curioso é que, até os dias atuais, existem linhagens descendentes de Zeus no meio da humanidade e, simplesmente, os humanos não têm a mais remota ideia dessa questão e qual a função desses “segmentos genéticos ancestrais”. Entretanto, os “deuses do Olimpo” acompanham e tentam desesperadamente usar essas pessoas como “peças de um jogo de enfrentamento geopolítico”, frente aos interesses que foram surgindo da parte de outros “pretendentes” ao poder sobre os humanos, e mesmo de “moradas” que **somente tentam garantir o “lugar dos seus membros” neste universo material, quando o grande ocaso do universo vizinho se consumir.**

Esse “problema” está longe de acabar e ninguém sabe muito bem até onde essa “disputa” – por enquanto invisível aos desavisados olhos humanos – se alongará em termos do passar do tempo terrestre.

Jesus soube, sim, dos interesses de Zeus, mas o seu “modo de pensar judeu”, associado aos demais problemas estranhos a essas “disputas”, terminaram por impedi-lo de melhor tratar essa questão, além do fato da sua vida ter sido muita curta, o que o impossibilitou de atuar em muitas outras. Todavia, como “ressuscitado”, Jesus se referiu, em diversas oportunidades, postumamente registradas nos chamados “evangelhos gnósticos”, sobre **as dificuldades que ele teve ao confrontar os “arcontes” (os olímpianos, dentre outros) que dominavam “muitos céus” (lokas) em torno da Terra.**

Pior ainda era o caso de Sophia, que sempre soube da existência desses seres, mas jamais teve contato ou relação direta com qualquer um deles, sempre impedido e/ou protegido pelas famílias Aya e Aye – que compõem os chamados “anjos-clones”, tanto os de Javé, no outro universo, como os de

Sophia, neste em que vivemos – de assim fazê-lo, o que muito estranhei quando me vi obrigado a constatar que o **“Poder de Suserania” de Sophia era limitado às circunstâncias da “doença” e dos “caprichos” de Javé.**

Se a compreensão dos problemas do universo biológico já representa um grande desafio para Sophia, o entendimento sobre a atual situação do universo vizinho – notadamente agora que a *Trimurti* acabou, e que Zeus e outros seres pretensiosos estão vendo os seus “poderes mentais” ficaram praticamente sem importância alguma para, de onde se encontram, movimentarem e/ou influenciarem os acontecimentos por aqui –, este sim, é que ainda precisa ser construído, quase como se emergindo a partir de um “marco zero”, tal é o seu desconhecimento do que se passou e do que se passa lá. Tudo indica que esse “marco zero”, que somente poderia ter lugar após a dissolução da *Trimurti*, será a sua “vinda à Terra”, o “principal foco de disputa” entre todas as principais forças envolvidas, que desejam compreender, manipular e se apropriar do “mais complexo e delicado código genético” jamais antes surgido na Criação – o DNA humano terrestre, conforme já explicado.

Os três “Logos Criadores” sempre pretenderam manter Sophia à parte da “Geopolítica” do universo antimaterial, com o objetivo de não lhe dar força para, daqui, descobrir uma maneira de influenciar o “modo de se viver” por lá. Simples, assim! Entretanto, agora, os seres extrafísicos estão padecendo do mesmo tipo de ignorância quanto ao significado dos fatos humanos e dos eventos por eles promovidos, e desse jeito temos caminhado todos os que vivem neste “vexame existencial”, transformado em “dádiva da vida” pelas religiões da Terra, que “infantilizam” os seus adeptos.

Diferente de Sophia, a “personalidade” que se mostra como sendo o Espírito de Jesus sempre compreendeu e se encontra bastante atualizada com todas as consequências do “confuso enredo cósmico-sideral-espiritual”, que colocou a “desavisada ex-espécie de estimação dos deuses” no centro dos acontecimentos, por força da sua singular natureza, que permite aos seus membros perceberem e “decifrarem” o que as demais estirpes, até agora surgidas, jamais conseguiram.

Cabe-me, no contexto deste livro, ainda afirmar que **Sophia teme, sim, que algumas dessas forças localizadas no universo vizinho**, mesmo com o fechamento dos “portais” – cujo momento final se deu em dezembro de 2012, devido ao “jogo das entropias”, que envolve esta Criação, conforme abordado no livro *“A Epopeia dos Agentes da Vida Universal”* –, **tentem**

implementar algum tipo de “interferência desastrosa” quando da sua “vinda”. E como “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco” – ou seja, “dentre os envolvidos, o mais fraco será dado em sacrifício” –, no caso, os desdobramentos do possível problema associado à “vinda” de Sophia sobriariam para os que vivem na Terra.

Segundo Sophia, caso isso venha a acontecer, para a cultura terráquea será uma “reintrodução desoladora do intercâmbio com a vida sideral”. Nesse cenário, nada será possível no “campo pedagógico”!

Tenho convivido com esse dilema há alguns anos, sem ter a menor ideia se isso é uma desagradável possibilidade, ou uma mera impressão de Sophia – e a questão aqui é que, em outras situações, as suas preocupações não se aplicavam ou não ajudaram em nada à arquitetura das soluções –, ou ainda uma invencionice das famílias Aya e Aye, elaborada por determinação sabe-se lá de quem, para retardar a subida de Sophia ao “poder pleno e geral” deste universo.

Lamentavelmente – nem sei muito bem qual advérbio se aplica melhor neste caso –, acho que somente “o tempo nos dirá”!

Novamente, referindo-me a partes de algumas conversas mantidas entre nós, de Sophia, certa feita, escutei a seguinte observação:

— Com a ressurreição de Jesus e sua devolução consciente das “sequências genéticas” as quais, de minha parte, havia emprestado ao processo do seu nascimento, é que enxerguei, com mais propriedade, a existência da “vida espiritual” para além de todas essas “confusões”. Desde então, como posso, tenho acompanhado os avanços que a compreensão dos terráqueos logrou construir em torno da “questão espiritual”. Não víamos nada, nem percebíamos diretamente qualquer intervenção de espíritos sobre as civilizações biológicas e mesmo outras das que existem neste universo. Entretanto, com os humanos, a primeira espécie a claramente tratar do assunto com termos próprios da sua natureza psíquica, pude aprender, como também aqueles que me cercam, os efeitos produzidos por essas tais interferências. Passei mesmo a apreciar o “trabalho de codificação” (**n.a.: Sophia se refere à codificação feita por Allan Kardec, na “Revelação Espiritual”**), que muito facilitou, também para nós, o entendimento a respeito dessa questão.

— Você agora percebe os espíritos? – indaguei.

— Nestes tempos, sim, depois da vida de Jesus – respondeu ele. — Desde que surgiu como Sophia, sempre pressenti a existência dos espíritos, mas

somente observando os humanos e tendo uma experiência entre eles é que pude ter certeza de que há uma outra realidade que envolve as duas que sempre conheci, que são a deste universo e a do outro, onde os seres extrafísicos vivem. Todavia, devo deixar claro que meu ego humano Jesus tinha, sim, acesso e convivência com os “Espíritos Imortais”, livres de corpos vinculados a esta Criação, mas, quanto a mim, nesta “condição biodemo”, consigo me alinhar com o que vem da Espiritualidade, porém não sei lidar com todas as “questões espirituais” e não tenho poder sobre o que ali se passa, e por isso a ressurreição da minha contraparte humana foi uma surpresa para mim.

— Você errou ao influenciar Jesus para que ele levasse a humanidade para um novo “ciclo de aprisionamento” por parte de Javé – reclamei. — E isso se deu mesmo depois de Pandora e Eva, conscientemente, terem retirado os terráqueos do controle dos “deuses”. Você tem consciência disso?

— Dos fatos ou do “pretense erro” que você atribui a Jesus e a mim? – perguntou Sophia.

— Dos dois... – falei.

— Na atualidade, é fácil falar assim, notadamente depois dos seus registros – protestou ele. — Não o influenciei! Não pude fazê-lo, pois não saberia como! O que tentei empreender nesse sentido, o fiz no início, quando da elaboração do seu “genoma pessoal”, como você mesmo já fez referência. Induzi o seu psiquismo antes dele nascer, e o Jesus que surgiu, já o fez inclinado e destinado a ser o “Messias” referido nas escrituras religiosas do povo judeu. Foi essa a “instrução” que eu e os meus Assessores recebemos do “circuito” da *Trimurti*, a qual cumpri! A sua ressurreição, que originalmente sequer existia a título de planejamento, foi ele quem a decidiu realizar para me devolver, não do jeito que naturalmente aconteceria com a morte do seu corpo, mas do modo como ele percebeu que me seria mais aplicável, vamos dizer, à minha “condição biodemo”. Ainda assim, as dificuldades desse “repasso genético” foram e estão sendo muitas, e imaginemos como seriam se ele não tivesse optado por ressuscitar nos moldes em que o fez!

— A sua frieza nos trata como sendo “cobaias” de processos que vocês mesmos não puderam e não podem vivenciar, e quando dão certo, pensamos que evoluímos, quando, então, vocês “escaneiam” as nossas sequências genéticas, “roubando” o que lhes interessa” – reclamei. — “Maravilha de vida humana”, essa que levamos! Entretanto, quando o “resultado” sai errado,

assumimos sozinhos e de modo desvantajoso, devido à nossa ingenuidade, o “peso cármico” do que não deu certo. Tem sido sempre assim, isso já sei. Até quando, alguém como você vai se permitir continuar a coordenar os “processos universais” desse jeito, ao mesmo tempo em que parece considerar todo esse contexto como normal? Isso é justo? Você tem alguma noção de justiça ou a sua mente só sabe se movimentar tal qual a de um “soldado” que procura obedecer e cumprir, da melhor maneira, a ordem recebida, por absurda que a mesma possa ser?

— Tenho percebido que a sua “condição humana” fala comigo de modo, vamos dizer, a conduzir a nossa troca de informações para alguma possível solução ou compreensão frente aos fatos difíceis da existência comum – disse Sophia. — Em outras conversas comigo, porém, você se coloca, com os demais humanos, na condição de “sofredor”, enquanto cobra de mim atitudes mentais que não posso ter. Compreenda que a “natureza psíquica” que surgiu em mim, após o engendramento deste meu corpo, foi essa que agora você percebe. Como os humanos, também “não pedi para nascer”, não participei da urdidura de mim mesmo, e simplesmente me vi existindo deste jeito que sou. Não pense que concordo com os termos da minha vida, mas sou obrigado a existir e a “comandar os processos” em relação aos quais a minha mente se percebe ligada, e não é por opção minha, pois parece que até bem pouco tempo era por algum tipo de determinação de Javé. E assim será até a consumação deste universo. Dificilmente poderei morrer, a não ser que me destruam. Também não consigo, pela minha “vontade mental”, modificar ninguém, nem o curso dos acontecimentos. No limite das situações, posso tão somente dizimar o que não tem mais jeito, e isso terei que fazer continuamente, principalmente após a extinção definitiva do universo vizinho. O contexto do “Quarto Logos” e dos seus “agentes” está justamente surgindo para que nos apoiemos mutuamente no estabelecimento da justa medida entre o que ainda tem solução e o que precisará ser obstaculado, para que os envolvidos, ainda vinculados ao “caos”, percam seus corpos transitórios, e novamente renasçam para novas oportunidades. A que me refiro? Ao que, exatamente, já acontece com vocês, os seres biológicos, que conseguem evoluir por meio da “reciclagem” provocada pela “morte entrópica”. Não posso, portanto, ser mais do que sou! Se o condicionamento imposto pelo mau uso da religião na Terra, fez com que seja esperado um “deus” que, com a sua “vinda”, tudo será resolvido, como você mesmo tem corretamente alertado, essa não é mesmo a atitude mental mais razoável

frente aos fatos. Muito diferente disso! Não existe a possibilidade de que tal situação venha a me servir de desculpa para esse ou aquele aspecto da questão da minha “ida”, mas preciso que você me ajude a esclarecer a humanidade sobre essas minhas características, certos desafios que preciso encarar e o que significa o futuro evento da minha aparição na Terra, já que, por enquanto, disponho apenas da sua “condição humana” para que esse “contato” seja aberto e objetivo.

Escutei atentamente tudo o que Sophia expôs e, o mais interessante é que, enquanto ele se expressava, parecia que estava “falando” também para todos os anjos-clones, fossem os poucos que vivem neste universo ou mesmo as centenas de milhões que ainda habitam o vizinho. Mais tarde, fui informado que todos os nossos encontros eram transmitidos para os anjos-clones por decisão de Javé, aspecto que jamais compreendi. Contudo, o sentido dos eventos produzidos por aqueles Seres era realmente muito estranho!

A lógica mais comum para a classe de seres demos era a de que tudo na vida deles e no contexto universal deveria se mover por meio de “apostas”, que terminavam envolvendo algum tipo de confronto de forças! Já os anjos-clones e Sophia, como também a descendência dele – as diversas famílias de biodemos, por exemplo –, não demonstravam nenhuma inclinação para aquele tipo de motivação. Inclusive, o próprio Sophia já havia me deixado claro como era difícil para ele se mover por ordens advindas de “apostas” entre os Seres da “Hierarquia *Trimurtiana*”.

Afinal, por força de um contexto envolvendo termos de uma “aposta” entre Brahma/Javé e Vishnu – o qual o conhecimento humano atual dificilmente compreenderá –, foi que Sophia gerou Jesus. Por isso o seu avatar humano nasceu “enjaulado” pelos termos da tal “aposta”, transcritos na “sequência genética” que ele cedeu para gerar Jesus.

29ª Constatação:

Jesus nasceu “engaiolado”, mas o risco sempre foi o que sobraria daquela história para a condição pessoal de Sophia, já que ele é quem existirá até a “consumação universal”. Jesus se tornou apenas um “programa”, uma experiência a mais, disponível para a Consciência do Espírito que os anima!

Pelos termos dessa “aposta” e dos seus próprios limites, nem Sophia, nem

seus Anjos, tinham como interferir, e tudo o que fizeram nesse sentido foi o que aconteceu no momento da “Transfiguração” – quando Sophia mandou seus Anjos perguntarem a Jesus se ele cumpriria ou não as ordens de Javé, como já referido.

Sophia jamais conheceu Javé “pessoalmente”, ou mesmo a Vishnu e a Shiva. De um modo geral, somente os demos mais antigos conheceram os “Senhores da *Trimurti*” diretamente, enquanto os demais sabiam deles por meio de notícias.

Assim, por pertencer à classe próxima a dos seres biodemos e ter sido urdido para surgir neste universo, Sophia sempre teve e tem limitações de perceber diretamente a realidade do universo vizinho. Daí o seu velho “sonho” da construção do “portal interdimensional” – o “portal cósmico”, aventado no livro “*Reintegração Cósmica*”² –, a partir da Terra.

Por não conhecer diretamente os “Senhores da *Trimurti*”, Sophia foi percebendo, muito lentamente, o estranho tipo de Ser que Javé era, à medida que criava algum padrão de compreensão para si mesmo – mas, principalmente, isso foi se dando aos poucos, ao observar o modo como ele agiu com Jesus.

30ª Constatação:

Esse processo de percepção das “estranhas características” do Criador ocorre de maneira muito lenta porque todos os seres que foram surgindo a partir das decisões da *Trimurti*, o fizeram no âmago de um condicionamento enraizado na “memória encobridora da feiura de Brahma”.

Em outras palavras, quem emerge para a vida no âmbito desta Criação, notadamente do lado biológico, vem com uma “memória falsa”, que precisa ser, aos poucos, posta em dúvida pela força dos fatos.

Isso faz com que todos venham a descobrir, cada vez mais, a “real face do Criador”, como foi o caso de Jesus, e ainda é o que acontece com Sophia.

O caso de Sophia, porém, é bem mais complexo, porque ele jamais entendeu completamente a capacidade de percepção da espécie humana, e muito menos o fato de Adão ser “escolhido” no limite do tempo em que o Criador tinha para “eleger um humano”. A questão aqui é que Javé achava

que Shiva e Vishnu já haviam, estrategicamente, dominado a humanidade por meio dos seus avatares nela introduzidos, pois providência similar tinha sido tomada por eles quando da disputa em torno de outras estirpes cósmicas.

Devido a esse “entendimento” do Criador sobre a utilização de “avatares e agentes controladores”, Sophia também esperava que o seu avatar humano, ao se tornar o “Messias” pretendido por Javé, dominasse a espécie *Homo sapiens* com os seus “poderes mentais” – o que Jesus se recusou a fazer.

Jesus parece ter surpreendido tanto a Sophia como a Javé. Penso que o mesmo não se deu em relação a Mohen So e a Olm!

Atente o(a) leitor(a) que **Jesus foi a personificação mais crítica da “Consciência Espiritual” que “animava” simultaneamente Sophia, Mohen So e Vishnu**, pois que nenhum destes últimos havia conseguido apresentar os atributos fantásticos alcançados pelo primeiro. Mesmo sendo um “simples” ser humano “enjaulado numa armadilha genética”, Jesus decidiu o que faria, e surpreendeu todos os “agentes” deste “processo existencial”.

Entretanto, ele se enganou ao longo de toda a sua vida, praticamente, ao esperar uma nova atitude de Javé em relação ao que o Criador esperava do “Messias” profetizado nas escrituras, e por isso foi ambíguo, ressaltando “belezas” onde somente havia “podridão”, falando de um “deus bom”, enquanto o Ser em questão era simplesmente “desolador” – e assim foi até a já mencionada “Transfiguração de Jesus”.

Para minha surpresa, Sophia voltou a se expressar:

— A Terra não é o primeiro mundo onde os “instrumentos espirituais”, que portam a “Consciência em grau mais profundo”, jornadaem. Você já sabe que a experiência “humana” envolve diversos “planetas berçários”, e que esses “instrumentos” primeiro vivenciam certos padrões de experiências para, depois, começarem a nascer na Terra. Contudo, tal não se aplica a todo tipo de “instrumento espiritual”, pelo que conheço dos fatos da minha porção estruturante.

Enquanto Sophia falava, como se ativado em um “computador espiritual” vinculado à minha sensibilidade atual, surgiu-me “*O Livro dos Espíritos*”, codificado por Allan Kardec, como se abrindo diretamente na página referente à questão 607. Nela, estava registrada uma pergunta endereçada aos Espíritos, que envolvia os animais e o ser humano:

607. Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem,

corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

a) Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?

“Já não dissemos que tudo na Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. (...)”

b) Esse período de humanização principia na Terra?

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção.”

Recordei-me daquela questão enquanto a minha mente divagou além da conta, ressaltando, para mim mesmo, a importância dos “intermediários humanos” – os “médiuns” –, que conseguiam “construir pontes telepáticas por sobre o oceano caótico da Criação desfigurada”, na qual estávamos todos “mergulhados”.

Sem eles, como seria a “semeadura de informações” em ambientes isolados e mal estruturados vibratoriamente? E parece que, como o próprio Sophia havia ressaltado, somente os humanos pareciam dispor dessa faculdade mediúnica a esse nível de complexidade – refleti mais uma vez, em silêncio!

Novamente, dominou-me a já referida sensação de que eles acompanhavam o que se passava no meu íntimo, quando escutei de Sophia:

— Por que você parou de escrever com o meu Espírito? Desde que ele ressuscitou, está tentando produzir um contexto literário, e creio ser este o seu momento mais rico e complexo, ainda que dele eu não consiga receber todos os eflúvios que gostaria. Entretanto, preciso que você retome os seus encontros com a “Consciência de Jesus”, disponível no meu Espírito, pois outro humano, no momento, não poderá fazer isso nos moldes em que você o faz.

— Isso é o que você precisa! – retruquei. — Há muito tempo, você tem ideia do que os humanos necessitam, mas nem você, nem ninguém, nem mesmo o seu Espírito, que poderia e deveria atuar independente desta sua “condição biodemo”, agem no sentido de dignificar a “condição humana”!

— Já lhe disse que eu e meu Espírito temos problemas a superar – justificou Sophia. — Você sabe quais são eles, e é tempo de explicar isso publicamente. Todos precisam saber! Vocês, os humanos, são realmente muito mais complexos do que as demais “referências existenciais”. Ajude-me!

OS “AGENTES” DO “QUARTO LOGOS”

SOB UMA CERTA “ÓTICA *DEMOTHÁRMICA*” – ou seja, a aplicação do conceito de “*dharma*” na sua origem, relacionado com o “dever sagrado” de cada casta da “cultura dos demos” –, o ser humano que atualmente se vê na Terra, parece ter surgido ao acaso, no âmago de uma sempre renovada experiência que a “existência universal cobra dos seus agentes vivos e inteligentes”, no sentido de produzir mais complexidade e mais informação refinada.

Segundo essa perspectiva, o “melhor protótipo da Criação” para esse fim, foi e ainda é o ser humano terráqueo! Entretanto, um dos problemas desse “modo de pensar *demothármico*” é que, desde que a espécie *Homo sapiens* surgiu, o “***dharma dos humanos terrestres***” seria o de terem, como propósito das suas vidas, **obediência aos desígnios de Javé** – acreditemos ou não nisso –, o que inclui as necessidades empíricas de nos obrigarem a viver certas experiências, para que o Criador e seus Assessores pudessem, assim, “estudar” as mutações adaptativas e modificativas no nosso genoma. Tudo muito simples, para eles!

Ironias à parte, por distintas que possam ser as naturezas de anjos-clones, demos e humanos, existem traços lógicos, comuns à mentalidade dessas três classes de seres que foram e vão continuar “evoluindo” empiricamente, conforme as necessidades e as circunstâncias da vida os obriguem.

Do ponto de vista dos clones e dos demos, não há dúvida alguma de que a melhor maneira de coexistência entre semelhantes, ou não tão semelhantes assim, é a “ditadura absoluta”, ancorada no “império do mais forte”, e “assunto encerrado”. Entre eles, é factual! Tal prática entre eles não é aspecto da vida para se discutir, pois “manda quem pode e obedece quem tem um mínimo de juízo, sob pena de ser destruído ou penosamente castigado”.

Para a lógica da vida humana, no entanto, a democracia tem sido avaliada como uma categoria de sonho a ser perseguido, por força da complexidade do nosso psiquismo e de outros aspectos da “natureza espiritual” que afloram lentamente, sob os cuidados dos nossos desconhecidos “níveis de Consciência mais profundos”.

Almejar a liberdade é característica muito humana, mas não tem relação com o padrão de discernimento de diversas classes de seres, como a dos anjos-clones, dos demos, dos biodemos e dos animais irracionais, enfim, de absolutamente quase todos os tipos de seres até recentemente gerados nesta Criação – à exceção do “espírito humano” ou, melhor dizendo, da “natureza humana”.

Somos os mais modernos “agentes da vida” no âmbito do “caos universal”, o que não configura que sejamos os melhores ou mesmo especiais, pois isso dependerá do uso que os nossos psiquismos puderem fazer da “cota de condição humana”, que cada um tem que aprender a conduzir. Também não significa, necessariamente, que somos “agentes do bem”, porquanto, até o momento, depois de cerca de 50 mil anos de vida – vamos dizer – racional, os membros da “família” *Homo sapiens*, estão mais para “agentes do mal e da crença infantilizada” do que, propriamente, para “agentes minimamente focados em atitudes que nos levem a um esforço filosófico mais nobre no campo da evolução espiritual”.

Diferente das demais classes de seres que não criam talentos no campo dos valores, hábitos e costumes da vida que levam, os humanos vão, sim, produzindo o que podem, conforme o “grau de tirocínio” que os vem marcando ao longo da sua lenta e penosa evolução.

Um exemplo de como a lógica humana vai se firmando, independente de estar certa ou errada, mas sim, de viver conforme as possibilidades de cada momento, é o registro histórico de como o jurista holandês Hugo Grotius¹ elaborou um tratado, no ano de 1625, com base em uma justificativa legal que defendia a captura, pela Holanda, do navio português “Santa Catarina”, ao tempo em que as duas nações se encontravam em conflito em torno das disputas por rotas comerciais. Grotius escreveu um livro chamado “*O Direito da Guerra e da Paz*”, argumentando que, se os indivíduos têm direitos que podem ser defendidos nos tribunais, as nações, então, teriam direitos que somente poderiam ser garantidos por meio das guerras, devido à inexistência de um tribunal internacional.

Assim, as guerras foram justificadas, e a diplomacia existe como modo de

tentar evitar a medida extrema da guerra.

Immanuel Kant² foi o primeiro a sonhar com uma instituição mundial como maneira de descomprimir a tensão entre as nações. O presidente dos EUA, Woodrow Wilson, logo após a “Primeira Grande Guerra”, conseguiu estabelecer a “Liga das Nações”. Outro presidente estadunidense, Franklin Roosevelt, transformou-a na atual “Organização das Nações Unidas – ONU”, que bem ou mal cumpre essa função, apesar do modo como o seu “Conselho de Segurança” está constituído – costuma ter assento nesse conselho, o país que possui artefato nuclear, em detrimento dos que não têm –, o que fere a participação democrática na discussão e na votação que envolvem as principais questões da “agenda mundial”.

Enfim, as razões para se produzir um conflito, à moda humana, são mais requintadas e mesmo mais complexas que as que levaram as famílias de clones e de seres demos às guerras de um passado pouco conhecido da “cultura humana”, e mesmo o pouco que se sabia foi tachado de “mitológico”. O fato é que, infelizmente, todas produziram guerras! De todas essas classes de seres, porém, a única que pode ser “agente de um novo tempo”, de um comportamento inusitado e ousado, é a “família” dos humanos terráqueos, quando e se, um dia, alinharem os seus psiquismos com a “arte de produzir o bem e o seu ideal de fraternidade”, em vez de produzirem guerras “estúpidas”, ainda que “legalmente justificadas”.

Por esse e outros aspectos, os humanos foram “jogados” num tipo de vida no qual as regras não estavam definidas – até porque somente havia as das “culturas dos clones e dos demos” –, e nos vemos obrigados a “testar modos de governo”, “identidades de gêneros” e outras questões, buscando a solução para “estresses extremos”, jamais causados pela responsabilidade humana, mas que caem sobre nós, vindos do “nada”, além de construirmos “soluções medicamentosas” para todos os “tipos de males” que afligem os corpos estruturados a partir do “Código de Vida doente” do Criador “caído”. Por sinal, já é tempo de se perceber que **esse “Código Primordial de Vida”, como o que apareceu na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos, não é uma “molécula sagrada”, “santificada”, que gerou a “dádiva da vida”, mas sim um “vírus doente, louco para se hospedar em formas mais complexas de vida”,** para poder sobreviver e se multiplicar.

Atualmente, a ciência humana já tem a inquietante certeza de que cerca de 3600 espécies diferentes de vírus atacam as células do organismo humano a cada segundo, e os anticorpos, “naturalmente” produzidos pelo corpo

humano, são a “providência” que pode nos salvar. Estranho, não? Que “deus perfeito e amoroso” construiria um modo de vida como esse?

Ser “voz solitária” no meio desse “oceano de fé infantilizada” não tem sido fácil, o que me leva a deixar, para as gerações humanas do futuro, a arquitetura de uma compreensão honesta sobre o engendramento da vida que levamos.

31ª Constatação:

Enfim, somos tão diferentes das demais classes de seres existentes até agora, que nem mesmo podemos contar com a ajuda de “alguém de fora maravilhoso, bondoso e amoroso”, que nos ajude no entendimento de quem somos e qual o significado da existência, simplesmente porque não existe tal “alguém” – e sinto muito ter de dizê-lo.

Pelo que julgo estar informado, somente entre a “classe de seres espirituais” podemos encontrar algumas “Consciências particularizadas” que muito podem nos revelar e orientar sobre essa e diversas outras questões, mas aqui implica necessidade de médiuns, ou seja, de “intermediários” habilitados na arte de transmitir e de “transcodificar” – essa última “faculdade psíquica-espiritual” ainda está por ser descortinada pelo conhecimento humano – esse tipo de comunicação.

Compreendamos ou não, aceitemos ou não, somente os seres humanos que alcançarem uma compreensão esclarecida poderão estar aptos a servir como **“agentes da busca da Verdade Universal”**.

32ª Constatação:

Tudo o que, até os tempos atuais, os humanos terráqueos foram levados a pensar sobre si mesmos está absolutamente errado, e cabe a eles definirem os níveis de compreensão relativos à própria significação!

Heidegger³ propôs um jeito único de compreender o ser humano, com o seu conceito de “*Daisen*”, distinto em relação a qualquer outra maneira da metafísica ocidental, bem mais especificamente ainda do que o Iluminismo, que definiu o homem “como um animal racional e a razão como sendo a sua essência”.

Não é fácil, porém, compreender o “*Daisen*”, de Heidegger e,

sinceramente, não sei se alguém, além dele mesmo, logrou a tanto.

Do modo como julgo ter entendido, o “*Daisen*” significa um “fruto que ninguém esperava ver em determinado pomar, porque jamais produzido, e um dia qualquer foi visto caído ao chão, ainda que não se localize, com precisão ou facilidade, de qual árvore ele se originou”.

“Está aí”; “ei-lo”; “surgiu”! Aconteceu no âmago da “vida universal” como se fosse um “vírus lírico, cantador e sagaz”, entre tantos outros. Só não devemos confundir o “*Daisen*”, de *Heidegger*, com o “*ecche homo*”, de Nietzsche, cujo sentido é outro.

Conforme compreendo a preciosa noção de Heidegger, o ser humano é um ente cuja característica que o distingue não é a de encontrar respostas, nem muito menos “coleccioná-las”, mas sim, a de “buscar compreender sempre, a de fazer perguntas”.

Observando sob a perspectiva do “Quarto Logos”, de todos os tipos de seres surgidos até o momento nesta Criação, o ser humano terráqueo é o único capaz de “decifrar as feridas da realidade e da vida”, ou seja, de “compreender o drama cósmico-espiritual que todos vivemos”.

Haverá um tempo em que será amplamente compreendido o *modus operandi* de cada um dos “Logos Criadores”, como dos demais seres que deles descenderam, aprisionando-se na “condição *Adhydaiva*”, e que, com as suas personalidades que emergiram desse tipo de natureza psíquica, foram sendo os primeiros a promover “ondas de ordenamento” no meio do “caos” que sempre imperou na Criação “problemática”.

As três grandes “ondas de ordenamento” que, de algum modo, organizaram o “caos” estabelecido, promovidas pelos três Seres que vieram a compor a “cúpula governamental” – a *Trimurti* – do universo paralelo, terminaram por transformar os seus personagens nos respectivos “Logos Criadores” da semente da vida (Brahma/Javé), da estruturação identitária da mesma (Shiva) e da evolução dos seus agentes (Vishnu), até os tempos atuais. Todavia, isso nunca foi o suficiente, nem disso deve ser inferido que, o que de melhor existia para fazer, de fato o foi. Muito diferente disso!

Todo esse enredo mostra tão somente “Vírus Primevos apodrecidos” tentando ficar “menos podres” na medida em que produziam “hospedeiros”, também inevitavelmente “apodrecidos”, porém dotados de mais sofisticação e complexidade. Nada mais que isso!

Nenhuma das “ondas de ordenamento” dos “Logos Criadores” se completou, e me pergunto se elas deveriam ter sido da maneira em que se

deram. Entretanto, alicerçados no modo em que tais “ondas” se expressaram, agora se encontram os “modelos evolutivos” possíveis aos tipos de seres que foram ordenados a partir da “semente adoentada e infectada” do Criador “caído”, da organização de identidade que se seguiu – mas que ainda se encontra em curso –, como também do ritmo evolutivo possível a cada espécie.

Daqui “um pouco” mais, e dos três “Logos Criadores” somente se terá o registro das suas mentes nas obras que deixaram e nas suas descendências, mas os seus “Eus” estarão “hospedados” em outras “condições” bem diferentes da “*Adhydaiva*”, pois esta simplesmente faliu. Por quê? Por não mais suportar, nos seus antielétrons, constituintes dos seus corpos demos, tanta “marcação doentia em nível superlativo de podridão”, que resultaram em de todo tipo de “deformação virótica” – de modo similar, podem ocorrer “deformações celulares” nos corpos animalizados, que são conhecidas como “câncer”, na “cultura humana”.

Permanece, portanto, vividamente atuante, o sistema ou *modus operandi* que os três primeiros “Logos Criadores” estão deixando. E é com base no mesmo que a evolução de cada “unidade ou quantum desintegrado” do “Corpo Mental” do Criador “caído”, o que chamamos de “vírus” e outros micróbios, como “bactérias” e “fungos unicelulares”, continuará em curso, só que tais micro-organismos estarão “amparados”, “hospedados” nos corpos dos “agentes da vida” que possam, com seus psiquismos elevados e limpos, transformar, “alquimicamente falando”, o que nasceu “podre”, em um ser “saudável”, enfim, elevar a “podridão” à condição da “beleza existencial” que for possível.

Os “campos mórficos”⁴ e seus respectivos “campos do inconsciente coletivo”, com suas “ordens de arquétipos” associados à descendência de cada um dos três “Logos Criadores”, continuam e continuarão operando enquanto os seus “agentes” e as egrégoras deles resultantes estiverem existindo.

Sobre os seres desta Criação, **espera-se que todos que existem estejam “limpos” até o limite representado pelo “cenário final imposto pela entropia”, ao que foi gerado.** Com o aparecimento dos humanos terrestres, porém, surgiu a necessidade de um novo “Logos” que não operasse ancorado na principal característica evolutiva promovida pelo “Terceiro Logos Criador” – que foi a “fé simplória e algo inconsequente” –, mas sim, a “faculdade da compreensão esclarecida e filosoficamente alicerçada na

postura do amor incondicional, e livre de toda e qualquer infecção das imposições e vícios do passado religioso”.

Existe todo um “contexto evolutivo, elegante na perspectiva moral e filosófica, e ousado no seu viés intelectual”, que precisa ainda ser elaborado, e esse compêndio de novas “expressões genéticas” está por conta da “gestão” do “Quarto Logos”. Essa nova “condução” é decorrente de um motivo bem simples, mas difícil de ser dito por ser contraintuitivo, dentre outros aspectos, que é o fato dos **dois “Espíritos Originais”, que são os que vivificaram os três “Senhores da Trimurti”, que terminaram se transformando em “Logos Criadores” “decaídos”, estão, vamos dizer, “danificados operacionalmente” para o tipo de tarefa que, doravante, terá lugar nesta Criação** – entenda quem puder!

Sophia está tendo que se preparar para poder dar conta de um desafio cuja amplitude ele ainda não alcançou compreender, mesmo sendo um aspecto que qualquer ser humano, minimamente racional e crítico, facilmente o faria, pelo menos em termos de noção geral do problema em foco. Sinceramente, não sei se ele já conseguiu construir um grau de “entendimento adulto” sobre o “tamanho do drama” que lhe caiu nos ombros. Ele precisa de auxílio, ainda que eu não saiba exatamente todos os elementos que poderiam ser contemplados nessa questão.

Daí a importância de “agentes da vida” esclarecidos e conscientes, e não “infectados por crenças esquisitas e infantilizadas”, para poderem atuar nessa tarefa.

Que tipo de “agente” é necessário para esse mister?

Só pude entender isso por meio da concepção do já referido “*Daisen*” de Heidegger, porque, pelo menos por enquanto, o ser humano terráqueo parece ser o único “cidadão cósmico” capaz de auxiliar Sophia. De todos os filósofos que pude estudar, somente Heidegger deu a pista conclusiva de uma certa característica exclusiva do ser – a espécie *Homo sapiens* – que emergiu para a vida no meio das experiências biológicas que ocorriam nesta parte da galáxia.

Precisamos compreender que algumas pessoas que já estão trabalhando e trabalharão como “agentes” do “Quarto Logos”, os seus Espíritos, no passado, animaram outros personagens que, então, produziram os seus esforços sob a “gestão” do “Terceiro Logos”. Assim foi e será, porque o ser humano – e outras civilizações ainda por surgirem – sempre trabalhará sobre um “processo que já está em curso”, e que foi iniciado lá atrás, pois não é

possível se começar do “zero”.

Esse aspecto do “drama da vida universal” no âmbito desta Obra, tem implicações tão profundas que jamais foram sequer abordadas em conversas, mesmo em “Ambientes Espirituais” situados além das “fronteiras da blindagem”, que separam os “infectados” – os Espíritos vinculados, de algum modo, com a Criação “vexaminosa” – dos que vivem no “Paraíso”.

Ter nascido para a Criação de Javé, em qualquer um dos dois universos, é sinônimo de “infecção espiritual” – conforme explicado no livro *“Favor Divino”* – e, por conseguinte, da obrigação de gerar egos que surgem por entre as “doenças” existentes no “código genético corporal” de qualquer espécie.

Os que foram “agentes” dos três primeiros “Logos” e que se libertaram das “jaulas do psiquismo afetado”, estão sendo e cada vez mais serão “trabalhadores” do “Quarto Logos” e do seu modo operativo.

Jesus, Paulo, Lutero, Kardec, Einstein, Sai Baba, dentre outros, foram “agentes” do “Terceiro Logos”, pois que semearam as suas contribuições, de alguma maneira envolvidas com as crenças dos seus tempos de vida, que divulgavam a existência de um “deus”, ou de um universo pontuado pelas “maravilhas” de um Criador, fosse o mesmo deísta ou teísta, ou seja, indiferente, impessoal, distante ou impositivo, presente com suas interferências, avisos proféticos, bençãos e castigos, distribuídos irrefletidamente.

Muitos políticos, como Napoleão e Churchill, também foram “agentes” do “Terceiro Logos”, como outros tantos que jamais conseguiram desincumbir suas missões a contento – a corrupção das épocas não o permitiu.

Infelizmente, o *zeitgeist* de atuação dos “agentes” do “Terceiro Logos” quase sempre foi composto de líderes belicosos e corruptos, reféns das próprias ambições desprezíveis, ainda que, historicamente aclamados pelos “contadores de histórias”, financiados pelo *establishment* – muitos passaram à história como “estadistas”.

Nessa questão política, também entram em “jogo” a “imbecilidade e a estupidez” do “rebanho humano”, que facilmente se torna “massa de manobra” dessas elites.

Todas as religiões impositivas e crentes compõem o contexto de produção do “Terceiro Logos”, como também tudo o que concebemos e entendemos por regimes políticos e ideologias surgidas até a atualidade.

A crença desvairada, o antagonismo tribal, o império do mais forte, a tendência à corrupção, o vínculo afetado e cego com as ideologias e a revolução violenta são algumas das características da atuação do “Terceiro Logos”, que age como pode, frente aos fatos.

Para melhor compreensão, ressaltarei um pouco da convivência entre alguns “egos avatáricos” e os “Logos Criadores” da *Trimurti*, que cumprem as suas funções a partir das expectativas e manipulações da *Lila*.

Por exemplo, no caso de Sophia e de Jesus, eles foram submetidos, a partir do universo demo, às tentativas de manipulação direta da parte de Brahma/Javé, e também às posturas de Vishnu e de Mohen So, como Consciências mais antigas, que terminaram por estruturar painéis do que viria a ser o “homem Jesus”.

É necessário ser ressaltado que o “Javé bíblico” – Javé e toda a sua história de ser “reconstruído” a partir do “resto de si mesmo” – representa tão somente a renovação da perene tentativa de dominação do “Primeiro Logos” através dos tempos. Na verdade, os nomes ou epítetos referentes a esse Ser, a saber, “Caos”, “Brahma”, “Amon”, “Javé” e “Alá”, trazem consigo apenas os painéis das histórias mais recentes que chegaram até o conhecimento dos humanos que surgiram na Terra.

O trabalho do “Segundo Logos”, o Senhor Shiva, foi o de gerar classes de seres e os métodos possíveis de educá-los em suas polaridades, também por ele geradas, como é o caso dos diversos ramos do Yoga e do Tao.

Já o “Terceiro Logos”, o Senhor Vishnu, e todas as suas demais “manifestações avatáricas”, procuraram colocar todo esse “contexto existencial” em movimento, no sentido evolutivo, ainda que por meio da fé e na crença em “deus”, “deuses”, “seres de outros mundos”, “entidades espirituais”, o que seja.

Assim, Sidarta Gautama (o Buda) e Kapila, na Índia, Tales de Mileto, Heráclito de Éfeso e mais alguns pré-socráticos, na Grécia, e Lao Tse, na China, dentre outros poucos mais, podem ser considerados como os “primeiros agentes” prenunciadores do “Quarto Logos”, porque convidaram o ser humano a deixar de lado os “deuses” e as convicções sobre eles, ou a crença particularizada em um só “deus”, e ousar, por si mesmos, a pensar e a capitanear sua própria vida.

Logo depois da faixa temporal – há cerca de dois mil e setecentos anos –, em que esses desbravadores viveram e lutaram contra a antiga tendência da submissão humana aos “deuses”, outro levante intelectual surgiu, mas

promovido estranhamente pelo “Jesus ressuscitado”, por meio do movimento chamado de “gnosticismo”, que confrontou duramente o “deus bíblico” Javé. Contudo, este movimento usou da força acusatória na direção do Criador – o Demiurgo –, apontando-o como sendo “o próprio diabo disfarçado de deus em ação”, o que não os **qualifica quanto ao “inconformismo filosófico e ativismo pacífico” do “Quarto Logos”**.

De todo modo, surgiu uma “semente de renovação”, com base genética na **“descendência sethiana”, geração considerada como sendo a de transição entre o “Terceiro Logos” e “Quarto Logos”**, na qual se destacaram Maria de Madalena, Filipe (apóstolo de Jesus), Marcion, Mani e Valentino, dentre outros.

Apesar de complicado, esse “desvio gnóstico” foi imprescindível como confirmador da demarcação de uma nova época, iniciada pelos “agentes” precursores do “Quarto Logos”.

Os chamados **“Gnósticos Sethianos”** se consideravam uma linhagem à parte, um **grupo de humanos autônomos e “sem rei”, ou seja, não submetidos a ninguém**. Eles se tinham na conta de uma **“geração espiritual”** – e não “psíquica”, como é a maioria dos cristãos crentes, emocionais e festivos –, **não controlada pelo Demiurgo (Javé) e pelos seus Anjos**.

Essa seria a linhagem de Seth, filho de Adão e de Sem, filho de Noé, que é chamada de “geração santa e grande” por eles próprios. **Foi a ela – através de Judas, segundo o “Evangelho de Judas” – que Jesus teria repassado os “mistérios do reino”, ou “os problemas do Demiurgo”, o Criador “doente” na sua “expressão física e psíquica problemática”**.

Antes de concluir o presente capítulo, faz-se ainda necessária uma “reflexão adulta” sobre um aspecto da **análise do trabalho dos “Logos Criadores” nestes tempos de crise aguda no equilíbrio ambiental planetário, como também no do universo vizinho e, ainda, no que se refere à “gestão de todo o Cosmo”,** que abrange os dois universos e as regiões da “Espiritualidade transitória” – a Erraticidade –, vinculadas ao que acontece no **“fluxo da vida” no âmbito interno da “blindagem” que separa essa “Espiritualidade problemática” da “Espiritualidade Superior/Perfeita” (ou “Paraíso”), que é preexistente a todo esse contexto relativo à Criação “indevida”**.

Para tanto, recorro a uma reflexão de Ervin Laszlo⁵ que engloba diversos campos da vida humana perante o *modus operandi* até agora em curso nas

políticas nacionalistas, porém “cegas” quanto ao todo planetário:

“O movimento em direção a uma civilização de Holos, não é uma mera opção: é um imperativo de sobrevivência. Felizmente, não é impraticável, nem é sem precedentes. O tipo de mudança que ele requer faz parte da evolução das sociedades humanas, uma evolução que começou com as civilizações míticas da Idade da Pedra, continuou com as civilizações teocráticas dos impérios arcaicos e se deslocou para as civilizações humanas baseadas na razão e iniciadas pelos antigos gregos. Agora, o reino do Logos está se aproximando de um fim: a racionalidade de curto prazo subjacente à forma de civilização hoje dominante produz mais calor do que luz — mais consequências sociais, econômicas e ecológicas negativas do que resultados positivos, humanamente desejáveis.

Chegou a hora de mais uma mudança: de uma civilização de Logos para uma civilização de Holos.”

Em outras palavras, o que tenho procurado transmitir nos livros em que trato desse tema e, mais especificamente no livro “O Quarto Logos”, refere-se exatamente ao fim de três “Poderes-criadores Ditatoriais”, que criaram “cobaias” ou “criaturas-ferramentas” destinadas a colocarem em prática o “fluxo dos resultados do jogo politiqueiro e tresloucado” desses três “Logos Criadores”, para uma nova situação em que o todo que foi gerado e seus “agentes menos doentes”, importam bem mais que o “personalismo doentio” de um Ser como Javé.

Num futuro, talvez algo distante, Sophia, como “Suserano” deste universo que ainda perseverará por muito tempo, e Olm, o “Quarto Logos”, juntos, convergirão seus esforços e orientações para que **o “HOLOS” prevaleça em lugar dos “LOGOS”. Afinal, basta de “demiurgos amalucados”!**

Ressalto, ainda, que essa é a função de Sophia, e o fim da *Trimurti* é o sinal do “fim do final” da **“Era dos Logos afetados”**. A “vinda” de Sophia à Terra representa, em certo sentido, a “vitória do sacrifício” de Jesus e da sua antevisão dos fatos, ainda vivendo os dias difíceis pelos quais passou. O cumprimento dessa “promessa de Jesus” também significa a assunção efetiva de Sophia ao mister da “Suserania Universal” ampla e sem interferências das Hierarquias associadas à *Trimurti*.

Continua Ervin Laszlo, na sua preciosa análise:

“Atingir uma civilização de Holos significa passar por uma transformação que não é única na História, mas que é mais rápida do que qualquer transformação que tenha ocorrido no passado. Por causa da velocidade com a qual a macro-mudança global de hoje está se desenvolvendo, muitas pessoas não conseguem acompanhar essas transformações: para elas, uma civilização de Holos parece utópica. No entanto, há outras pessoas para quem uma cultura holística já é norma. E há muito mais dessas pessoas do que poderíamos pensar. Em muitas sociedades, uma cultura intensamente esperançosa tem emergido. Ela é constituída de pessoas que estão repensando suas preferências, suas prioridades, seus valores e seus comportamentos, mudando do consumo baseado na quantidade para a seletividade em vista da qualidade definida pela convivência ambiental, pela sustentabilidade e pela ética de produção e de uso. Estilos de vida caracterizados por ostentação e desperdício de matéria e energia estão mudando para modos de vida caracterizados por simplicidade voluntária e pela procura de uma nova moralidade e de harmonia com a natureza.”

Dessa maneira, a título de demarcação de eras, optei por me referir à Olm como sendo a “Personificação do Quarto Logos”, o que constitui um modo de produzir um quadro de compreensão muito mais sobre o que houve no passado, com o trabalho dos três “Logos Criadores”, do que propriamente em relação ao futuro, e sobre a inovação de ruptura que este Ser coordenará no sentido de fazer bom uso do que já está posto, ressignificando os valores supremos com vistas a uma nova maneira de dignificarmos a existência.

Sophia deverá cuidar dos problemas acumulados, enquanto o “Quarto Logos” e os seus “agentes” constituirão, na verdade, **a primeira percepção da “Era do Holos Universal”, movido por um novo padrão de *modus operandi*.**

Sobre esse aspecto da questão, em um dos momentos da nossa comunicação algo forçada, pude receber de Sophia a seguinte impressão:

— Cumpre-me registrar que sei sobre o peso do erro que cometemos contra você, e aqui me refiro às duas Hierarquias que o envolveram enquanto ser humano, a que comando e a que atua a partir desse universo vizinho. O

que captei é que despertamos em você um tipo de postura única, inesperada, demonstrada por uma posição, frente a todos nós, de liberdade pessoal associada a uma contundência filosófica que não sei aquilatar. Até pouco tempo atrás, era impensável, para os nossos padrões **(n.a.: Sophia estava se referindo a ele e aos membros das famílias Aya e Aye, que o assessoram, ou seja, os chamados “Anjos”, pelos terráqueos)**, ouvir de um terráqueo o que temos escutado de você, e sei que doravante isso será necessário. Por isso, enquanto for possível, não posso prescindir da sua presença entre nós. O “até pouco tempo atrás” a que me refiro, tem a ver com o início da sua interação com o Criador e os demais, a ele consorciados no outro universo.

Enquanto perdurou a *Trimurti*, os “efeitos poluidores” do trabalho dos três primeiros “Logos” “infectaram” os seres vivos no âmbito da Criação “problemática”, o que fez da vida de todos e, em especial, daqueles que nasceram com algum trabalho específico, comumente chamado de “missão espiritual”, uma verdadeira “disputa com o caos”, para poder produzir contextos decentes e construtivos.

Assim será até que exista uma “Consciência Cósmica”, ainda que em “estado de emergência” inicial, que possa agir e providenciar, limpa, honesta e estrategicamente, algum apoio a quem for do seu “interesse” e que esteja trabalhando pelo bem do universo. Enquanto essa “Consciência Cósmica” não emerge, as “missões”, nesse sentido, serão sempre cheias de dificuldades de toda ordem, promovidas pelas “trevas” acumuladas nesses cerca de 13 bilhões de anos de atuação desses “Logos problemáticos”.

Um dos aspectos do trabalho do “Quarto Logos” e dos seus “agentes decifradores”, que se espalharão pelo universo afora, será exatamente o de prover apoios desse porte. Na Espiritualidade, sem essa estratégia, não se concebe como o “problema gerado” – a “queda”, seguida do “esfacelamento” do “Corpo Mental” do Criador na sua própria Criação “inacabada e imperfeita” – poderá ser redimido e mesmo transcendido em algum momento do futuro.

SOPHIA E OS TRÊS PRIMEIROS “LOGOS”

NAS OPORTUNIDADES que tive de trocar ideias com Sophia, não atentei para a necessidade de lhe explicar quais eram as “piores sujeiras” ou mesmo “graus de poluição” – pelo menos, os que pude enxergar, a partir dos meus critérios – que os “trabalhos” dos três primeiros “Logos” legaram. Contudo, registro nestas páginas o que penso a respeito.

O primeiro aspecto está relacionado com o que, atualmente, a imprensa mundial e as redes da *internet* chamam de “*fake news*”. Essas notícias falsas, plantadas com o objetivo de distorcer os fatos ou mesmo de criar “pseudoverdades”, são o que mais dolorosamente observo no âmago das religiões repletas de mentiras e de enredos absurdos e que foram não somente **transformados em “verdades”, mas em “verdades sagradas”**. Esse “grau de poluição psíquica e de infecção mental e moral” – ainda que os próprios autores tentem, indiretamente, esclarecer os equívocos acumulados – é a pior “chaga” na racionalidade e na dignidade humanas.

Outro problema é que a fé exagerada e o vício em pedidos e em dependência na busca do alcance de graças e de milagres, tem sido a base de toda “sujeira religiosa simiesca”, permitindo que prelados e pastores desonestos e de todos os matizes, arrecadem fortunas em nome de “deus” e de Jesus.

O ponto fundamental dessa questão diz respeito ao tipo de vida gerado pelo desacerto da Criação “complicada”, que fez da mesma uma “entrada em campo” (nascimento) às escuras, para “participar de um jogo” (o “jogo da vida”) cujas regras, razões e sentido são absolutamente desconhecidos, e a verdade é a mais obscura e distante, aparentemente impossível de ser atingida pelo uso racional do psiquismo, deixando à tresloucada atitude da “fé cega” a

aparente única maneira de se nortear, ao longo da existência.

Como as Criações emergem?

Qualquer Criação surge a partir de um “jogo de informações” – algoritmos produzidos por um “Princípio” ou por uma “Consciência” – que podem ser “bem definidas”, gerando resultados claros, ou “imperfeitas”, com regras equivocadas, mal definidas e que produzem resultados obscuros, ou ainda um programa sem regras, que gera o “caos”!

Por que será que **os gregos se referiam ao Criador como sendo o “deus Khaos”**? Exatamente porque a Criação manifestada deformou por completo o entendimento das “informações” dela decorrentes.

Como ficam as “informações” nos “Cenários Criativos”?

Há três tipos de “Cenários Criativos”.

No melhor deles, as regras estão bem estabelecidas e os resultados claros, portanto, a “Verdade original” em relação às “informações” bem definidas aparece claramente.

Em outro “Cenário Criativo”, as regras foram mal definidas e os resultados permaneceram obscuros, e assim, a “Verdade”, seja ela qual for, não tem como aparecer, devido à “ausência de estruturação lógica” para que ela possa ser percebida. Caso, em algum futuro, esse “problema de coerência” seja “decifrado”, a “Verdade original” relativa às “informações” poderá ser vislumbrada.

No pior dos “Cenários Criativos”, as regras inexisteriam e o “caos” imperou. Impossível de ser percebida, a “Verdade original” é perdida. Se algum tipo de vida surgir nesse ambiente caótico, a mesma procurará inevitavelmente gerar os seus próprios padrões ou parâmetros possíveis de serem constatados a partir do que se percebe na interação com o que se julga ser a realidade. Surgem “verdades e mais verdades” no meio do “caos”, mas a “Verdade original” permanecerá perdida.

No caso desse último “Cenário Criativo”, como construir algum método de se perceber algum vislumbre da “Verdade original perdida”? Será possível?

Javé, os seus anjos-clones e, depois, a *Trimurti*, criaram o “*Big Data* Genético” ou “*Big Data* dos Códigos-Fonte Definidores de Vida” – um desses é o “código genético bioquímico terrestre”, chamado de “DNA” – para poderem administrar os seres e criar algum entendimento em torno do “caos” em que sempre viveram.

Precisamos ainda compreender que **cada nova espécie surgida no**

âmbito desta Criação corresponde simplesmente a um “rearranjo no projeto” do “Código-fonte Definidor de Vida Original” do Criador “caído”, conforme “diagnóstico” realizado após “exame do seu corpo”. Esse tipo de “exame” seria similar a uma “autópsia” ou mesmo a uma “biópsia”, e a dificuldade aqui, é porque a nossa lógica somente entende o processo de “autópsia” quando aplicado em relação a um cadáver humano, e o termo “biópsia” se refere a corpos biológicos vivos. No caso do Criador “caído”, contudo, esse “exame” foi feito com o seu “corpo vivo e atuante”, mas em permanente estado de inevitável decadência, como se fosse quase um “morto-vivo”.

33ª Constatação:

A única “Vida Original” que, de fato, existe operando ao longo de cerca de 13 bilhões de anos é a do “Código-fonte Definidor de Vida Original” do Criador “caído”, ou seja, a do seu “Vírus Original” ou, dizendo diferente, a da sua “Face-vírus Original”! Tudo o mais é “rearranjo” do mesmo, produzindo “novas faces” para esse “Código Original”. Assim, os humanos representam tão somente a “versão mais recente e atualizada” desse “Código Genético”, agora biológico e em vias de ser “espiritualizado”.

Frente ao contexto do “rearranjo das suas sequências genéticas” para produzir novos corpos que possam trabalhar para os “objetivos do Criador”, em um determinado sentido, **a mais famosa “fake news” produzida pela teologia cristã foi a de que “deus encarnou e se fez humano”**. Isso está absolutamente errado, e Jesus jamais afirmou tal entendimento no âmbito da sua lógica pessoal! No entanto, a urdidura da “Santíssima Trindade”, no “Concílio de Niceia”, cujos termos principais abordarei no próximo capítulo, criou esse mito, e o catolicismo, o ortodoxismo e o protestantismo foram estabelecidos em torno desse “mistério”, que nada tem de maravilhoso, mas sim, de drasticamente problemático.

Realmente, a “ignorância espiritual” das doutrinas religiosas, sobre o efetivo “cenário” por trás do cotidiano da vida humana no planeta, promoveu o surgimento de religiões “enlouquecidas” nas suas teses, equivocadas nos seus princípios dogmatizados e sem rumo plausível, porque estabelecidas em torno dos conceitos também mal elaborados da “salvação” (inventada por

Paulo) e do “juízo final” (alegado pela “demência” do Criador “caído”).

Por ordem de Javé, Enoch foi o primeiro a falar do “juízo final”, anúncio repetido pelos profetas hebreus muitas vezes, e referido por Jesus, ainda que em outros termos, e em um de seus equívocos, quando ainda estava envolvido com a “noção ingênua” que o Criador era “bom, perfeito, amoroso e misericordioso” – conforme abordado no livro *“Jesus e Nietzsche”*. Somente na cruz, o “homem Jesus” percebeu como se enganara com o seu “Abba”.

Assim, novamente o afirmo, a crença central do cristianismo de que “Deus se fez homem”, está terrivelmente errada! O “Verdadeiro Deus” não tem nenhuma relação com esta Criação “imperfeita”! E mesmo que quisessem se referir a Javé que, em hipótese alguma deveria ser entendido como “Deus”, mas que, efetivamente, representa a “face” do Criador “caído”, ele não urdiu Jesus, ainda que entre eles exista – o repito – o mais “drástico dos vínculos”.

34ª Constatação:

Devido à sua “condição biodemo” e ao seu “jeito trimurtiano”, há muitos eventos dos quais Sophia ainda não tomou conhecimento, apesar da sua função de “Suserano Universal”. Entretanto, especificamente em relação à crença de que “Deus se fez homem”, sobre isso ele sabe bastante de como tudo se passou em torno da concepção e do nascimento de Jesus. Quanto ao tal “vínculo” entre Javé e o seu avatar Jesus, Sophia já tem esse entendimento agora, e a sua “vinda” estabelecerá o mais “estranho laço” jamais percebido pelos “Principais Atores” desse “processo” – que é o fato de que Javé, Sophia e Jesus representam exatamente “três faces de um único Espírito”. Esse “vínculo” constitui o “grande drama” que, na atualidade, habita no psiquismo desse “Espírito Adhy”, que se “apropriou” da personalidade de Jesus.

A “vinda” de Sophia à Terra, apresentando-se como o “Suserano Universal” aos terráqueos e também aos demais seres – extraterrestres e extrafísicos – que observam o que por aqui se passa, traz consigo um “alinhamento mental” ainda a ser feito por ele, em relação ao aspecto de que, agora, a assunção do poder que lhe é naturalmente inerente, reside e se alicerça no fato de que para ele “convergiram todas as demais faces que o seu Espírito foi produzindo em todos os seus dramáticos desdobramentos”, para atender as imposições das Eras Universais.

Javé não tem a mais remota noção do que produziu no seu próprio Espírito, que foi inicialmente “infectado” por ele, devido à sua “queda”, e quando decidiu pela crucificação de Jesus, agredindo um ser humano que representava uma “outra face de si mesmo”, aspecto que a sua “brutal ignorância” desconhecia, o que o fez agir mais uma vez de “modo frio, perverso e doentio”, o que nunca lhe permitiu observar com propriedade as consequências das suas “tresloucadas atitudes”. Todo esse tempo, o Criador vem golpeando a si mesmo, e jamais percebeu isso!

Sei o quanto é sério o que acabo de afirmar, mas preciso deixar esse registro para a posteridade, pelos desdobramentos que esse aspecto, acima revelado, poderá provocar nas “moradas” do universo vizinho, devido a razões que, por agora, estou impossibilitado de divulgar.

Um antigo “plano de Vishnu”, apoiado discretamente por Shiva, pois que ambos aceitavam a “tese de Morus” – de que nenhum ser produzido diretamente pela “condição *daiva*” (doentia, cheia de câncer, dentre outros aspectos) conseguiria produzir a “seiva genética” que poderia ser útil à redenção de todos os “decaídos” –, foi posto em prática para que o “avatar decisivo” desta etapa da História Universal não fosse produzido diretamente por nenhum dos três “Logos Criadores”. Se a vida permitir, abordarei mais profundamente esse aspecto da questão em obras e em palestras futuras.

Assim, a cessão da “carga genética” constitutiva de Jesus coube a Sophia, que sabe tudo o que se passou para que esse “avatar decisivo” fosse gerado, como todo o contexto relativo à inseminação artificial de Maria, e também a “inquietação” que sentiu ao ver o psiquismo do seu avatar humano “enjaulado” na “missão do Messias profetizado” e que, mesmo assim, decidiu não cumpri-la, no uso da sua condição humana.

Não sei quantas pessoas na Terra – se é que existe alguém – sabem o que significa o aspecto de Jesus ter sido **o primeiro avatar “limpo” e “livre” da influência direta dos “Códigos-fonte Pessoais Definidores de Vida” dos três “Logos Criadores”, os “Senhores da Trimurti”**.

A teologia cristã se enganou a tal ponto, que inventou uma “Santíssima Trindade” e transformou em mentira, em fantasia, a “Trimurti”, descrita pelas mitologias – esta, sim, real, e que jamais parou de tentar atuar “covardemente”, como eles sempre fizeram com os seres biológicos produzidos no universo no qual vivemos. Todavia, não poderei explicar, no presente livro, muitas das circunstâncias que envolvem esse tema que

procurei expor em algumas poucas dezenas de palestras que se encontram disponíveis nos Institutos vinculados à “Revelação Cósmica”.

Nesse ponto da presente abordagem, apenas abordarei algumas conclusões, algo dispersas, sobre o modo como os três primeiros “Logos” produziram os seus resultados.

Nos primeiros tempos da História desta Criação, quando a vida somente existia no universo vizinho, em “formas eletromagnetizadas antimateriais”, o Criador “reconstruído” concluiu que o “comportamento coletivo” era a solução para a coexistência entre ele e os anjos-clones “robotizados”. Surgiu, assim, o *modus operandi* existencial que denominei de “sistema colmeia”, o qual foi discutido no livro “*A Divina Colmeia*”.

Quando os demos surgiram como uma derivação da primeira forma de vida, o “sistema colmeia-agregador” foi adaptado como uma solução também para eles, ainda que as classes desses seres – “não-robotizados”, e cada qual com sua “abelha-rainha”, o “demo dominante” – conflitassem entre si e com os anjos-clones.

Também para os seres demobios, urdidos mais tarde nesse universo paralelo, o “sistema colmeia-agregador” continuou a ser utilizado, mesmo com seus vários tipos de problemas.

Após a “semente da vida” ter sido transferida para o nosso universo, quando da eclosão da vida biológica, **esses dois sistemas em operação para os seres “robotizados” e para os “dominados” do universo vizinho, foram utilizados sobre as novas espécies, até porque não se conhecia nada além daquelas opções.**

Nesse ponto, teve lugar um evento marcante, ou seja, Javé e os outros dois “Senhores da *Trimurti*” perceberam que o “*Big Data*” que eles usavam para formatação, rastreamento e análise do “código-fonte definidor de vida” (CFD) de anjos-clones e de demos, não serviria para ser aplicado nas condições da “novidade” que a vida biológica começava a demonstrar.

Em termos aproximados, o conjunto do “*Big Data*” que eles utilizaram até então, foi transformado no que, atualmente, corresponde à área do nosso DNA chamada de “não codante” – antes denominada “lixo”.

Inicialmente, o “processo de controle” do “*Big Data*” do Criador teve que ser desorganizado ao ponto de produzir combinações de toda ordem para gerar espécies, as quais, no caso da natureza terrena, corresponderiam aos arcossauros, que deram origem aos dinossauros, pterossauros e crocodilos – introdução do cérebro reptiliano.

Quando os mamíferos surgiram como produto de um processo científico-mental levado a efeito no “Forno Replicador de Vida” de Shiva, o “*Awaylengan*”, associado ao de Vishnu, o “Forno *Awaymaion*”, uma nova formatação das informações genéticas – acréscimo do sistema límbico, com dois hemisférios cerebrais unidos e envolvidos por um córtex – começou a ser feita. Em seguida, vieram as inserções para as formatações – com um neocórtex mais desenvolvido – dos primatas e, por fim, das espécies ancestrais do *Homo sapiens*.

Nada pior, porém, para as Hierarquias envolvidas com a *Trimurti*, do que quando eles verificaram que a genética de Pandora, de Eva, e descendentes – via “etnia dos helenos” – não se enquadrava em nada do que o “*Big Data*” deles, de então, era capaz de memorizar e formular possíveis desdobramentos.

Para eles, foram cerca de 40 mil anos tentando criar uma nova “ferramenta” que pudesse armazenar a rica informação produzida pela desconhecida natureza humana recém-surgida.

Eles tiveram tanta dificuldade para superar o descontrole das informações, que isso os levou a somente terem certeza do que estavam fazendo ao tempo da vida de Jacó, neto de Abraão.

Dos treze filhos de Jacó, doze foram as “cobaias” de uma nova tentativa que Javé e os anjos-clones usaram para ajustar os acontecimentos da vida terrena ao pretense controle da “Aristocracia *Trimurtiana*”.

Deu certo? Não! Jesus praticamente estragou todo o esforço concentrado daqueles Seres cujos psiquismos somente podiam perceber os problemas depois dos fatos consumados.

Dando continuidade à desconstrução das certezas que os anjos-clones sempre tiveram sobre o “*Big Data*”, relativas aos campos mórficos vinculados à genética humana, apenas no ano terreno de 2016 é que eles perceberam que um outro “algo ou alguém” estava produzindo “modificações de modo não programado” no DNA humano, o que acabava com a presumível previsibilidade e o entendimento que julgavam ter sobre essa espécie.

Foi quando o “Quarto Logos” se apresentou, ficando claro, desde então, que o seu “canal” com os terráqueos, ou seja, o seu “atual agente” dentre os humanos, era a “fonte” que vinha promovendo o “desajuste” nos resultados esperados pela *Trimurti*.

Assim, aproveito para ressaltar que o “Quarto Logos” somente assumiu a

sua função abertamente quando a *Trimurti* passou a se desconstituir ao longo dos anos 2015 e 2016, finalizando em 2017. Ele se apresentou a pedido dos três “Logos Criadores” que, até então, compuseram a *Trimurti*, como também dos avatares de Shiva e de Vishnu, ainda em atuação.

Pela “lógica demo”, mesmo que não fosse do agrado deles, o que percebiam como produto da parceria entre alguns poucos humanos e o “Quarto Logos”, naquela altura dos fatos – os decorrentes da “dissolução da *Trimurti*” –, era melhor do que a ausência de parâmetros, aspecto que causa “pânico e pane mental” nos seus psiquismos. Estes somente reagem, pois jamais atuam de modo proativo. Penso que a personalidade excelsa de Olm, o Ser que personifica o “Quarto Logos”, somente se apresentou porque é necessário que haja uma “referência especial” para as diversas classes de seres envolvidas nessa questão.

Ainda mais porque um erro grosseiro e algo simplório foi cometido pelos pensadores da chamada “modernidade terráquea”, quando tomaram como premissa a “equivocada certeza” de que existe a dicotomia “fé e razão”, pois a realidade da vida e seus adornos são bem mais complexos.

Os “agentes presentes e futuros” do “Quarto Logos” serão, portanto, de uma nova etapa da evolução do conhecimento humano, promovida por cientistas esclarecidos, e não mais prisioneiros das suas especialidades, que possibilitarão a compreensão verdadeiramente emancipada sobre os alicerces da realidade e os aspectos decorrentes desta.

35ª Constatação:

O “Quarto Logos” apenas mostrou claramente a sua face aos membros da *Trimurti* quando esta “faliu” e o Criador “caído” precisou de uma “inusitada referência” para a sua nova situação de “acolhido”, cujo “Eu,” doravante, estará vinculado à egrégora gerada por mentes humanas, relacionadas com a produção de informações e de reflexões em torno das questões temáticas e pontuais da “Revelação Cósmica”.

Nessa conclusão do presente capítulo, peço desculpas por associar um assunto importantíssimo do “contexto cósmico” a um caso particular e mesmo corriqueiro das “esquisitices” da política brasileira, o que farei a seguir.

Ao tempo do governo eleito do presidente Tancredo Neves, que sequer

chegou a tomar posse devido aos problemas de saúde que terminaram ceifando a sua vida, tendo assumido no seu lugar o vice-presidente José Sarney, o Ministro da Justiça escolhido por Tancredo era o espirituoso deputado Fernando Lyra – que terminou sendo “aproveitado” por Sarney –, que deixou registrada, para a história, uma frase que ele disse por volta dos anos 80: “*Sarney é a vanguarda do atraso*”.

Sob a perspectiva cósmica, aproprio-me da frase para bem expressar e significar o que penso sob o “Suserano Cósmico”, cujos corpo e mente foram “engendrados” há cerca de 6 bilhões de anos, e que viverá, ocupando essa função, até o final dos tempos universais: “*Sophia é a vanguarda do atraso*”!

De todos os seres produzidos pelos fluxos avatáricos dos três “Primeiros Logos”, que representam todo o “atraso” da Criação personificado em sua Aristocracia distribuída nos dois universos que a compõem, Sophia, de fato, parece ser o mais “avançado”, ainda que a sua “condição biodemo”, quando comparada às das novas espécies que surgiram – e muitas delas geradas por ele mesmo –, na sua “Gestão Cósmica”, encontra-se “ultrapassada”.

Todos os seres, com exceção dos humanos terrestres – a espécie mais moderna e complexa surgida até o momento, na História Universal –, por melhores que possam ser em termos dos padrões do passado, representam tão somente a mais pura “vanguarda do atraso”. Esse aspecto da “realidade cósmica” é um dos mais inquietantes painéis que responde pelas dificuldades que ainda teremos até que se cumpram os prazos da “entropia cósmica”. Afinal, saibamos ou não, acreditemos ou não, vislumbremos ou não, essa realidade ainda desconhecida para o senso comum dos humanos, é a de que vivemos sob a “égide da obsolescência” – essa é a triste constatação que posso fazer.

E ainda assim, esta Criação, todo este “complexo sistema de produzir e de ceifar vidas”, opera desgraçadamente, desastradamente, mas funciona!

Só a “ingenuidade humana” para criar a “expectativa de que existe um Ser que cuida, com zelo, de todos os detalhes da vida humana e nos carrega no seu colo”!

Os “agentes da vida” produzidos pelos três primeiros “Logos” são os que podem ajudar uns aos outros, ou “infernizar” a vida de alguns ou de todos. Só precisamos ter “compreensão esclarecida” para bem identificá-los.

Quanto a Sophia, ele é tão somente a “última expressão, viva e atuante” neste universo, de um dos dois Espíritos que, originalmente, deram origem a esta Criação “problemática”, como discretamente demonstrado nas

entrelinhas do livro “*A Epopeia dos Agentes da Vida Universal*”.

A FALSA TRINDADE

PARTINDO da premissa de que “compreensão esclarecida” parece não ser uma faculdade psíquica fácil de se encontrar por entre as “criaturas-ferramentas” desta Criação, fui obrigado a perceber que Sophia, apesar de investido da função de “Autoridade Universal”, paradoxalmente, não dispõe dessa aptidão de entendimento no “jogo mental” que cada ser vivo, com algum grau de consciência de si mesmo, dela se utiliza para fazer uso produtivo da sua razão.

Infelizmente, faltou e ainda falta **“razão filosófica”** – faculdade psíquica que permite valorar as emoções, dentre outros aspectos dos potenciais da natureza humana – a Sophia, em nível parecido com o que qualquer ser terráqueo dispõe, e nisso reside uma questão central relativa ao **“tipo de futuro” que poderá ser construído**.

Apenas para bem ressaltar a sua “função de Potestade ou de Suserania”, atente o(a) leitor(a) que o conceito de “potestade” diz respeito ao atributo de um Ser que foi engendrado para impor a sua vontade, para exercer o comando, independente das circunstâncias que imperem. Em outras palavras, segundo a “lógica humana”, é ditadura pura!

O “homem Jesus” nasceu sob a sustentação de duas “componentes ditatoriais”, quais sejam, a do “teor profético” do “código genético” recebido de Sophia, com a “ordem mental”, nele impresso, de cumprir com a “missão messiânica” a qualquer custo, conforme definido nas escrituras judaicas, que eram meros repositórios dos vaticínios de Javé, e a do “patrulhamento” da parte do Criador sobre a “condição humana” de Jesus que, por se recusar a cumprir os tais termos de dominação sobre a humanidade, dele foi exigido que se submetesse à crucificação.

Para “espanto” de Javé, que jamais valorizou o aspecto que agora ressalto, a “condição humana” de Jesus tinha “poder mental” suficiente para não se deixar ser preso e crucificado. Apesar disso, Jesus fez questão de não utilizá-los para se livrar do “escândalo” da crucificação, e se deixou ser humilhado **como maneira de tentar enternecer o mais “frio” e “perverso” – ainda que não seja essa a intenção do Criador – dos seres**, que tive o desprazer de conhecer, que é o “Senhor Javé”.

O “espanto”, porém, não foi somente da parte do Criador “caído”, pois Sophia também se surpreendeu com esse aspecto da vida de Jesus. Na lógica de Sophia, o grau de exigibilidade de Javé para com o seu avatar terreno, **marcou-o negativamente até esses tempos atuais** em que ele ainda procura compreender certas nuances da questão.

Sophia ficou mais “espantado” ainda ao acompanhar a formulação da ideia da **“Santíssima Trindade”**, produzida pelo “Concílio de Niceia”, no ano 325.

36ª Constatação:

A partir do “Concílio de Niceia”, o personagem Sophia, que sempre foi amplamente divulgado na cultura hebraica e na dos cristãos helenizados, começou a desaparecer da História. Doravante, esta será escrita pelos poderosos prelados católicos que, no século IV, estavam fundando a “cúria romana” e entronizando o bispo da “Igreja de Roma” como sendo o “papa”. Foi assim que Dâmaso – que assassinou o seu oponente Ursino, que com ele disputava o cargo de bispo da “Igreja de Roma”, na capital do Império Romano –, tornou-se o “primeiro papa”. Atualmente, Dâmaso é um dos “santos” da Igreja Católica.

Desde que o “Espírito Santo” foi inventado pelos prelados participantes do “Concílio de Niceia”, a teologia cristã, que jamais se referira a tal “entidade”, mas devido a sua nova feição católica, passou a fazer de tudo para explicar e justificar a “misteriosa figura” e as implicações da sua “convivência” com o “deus” que se fez “filho de si mesmo”, nascendo como Jesus. E é exatamente nisso que os católicos acreditam, ainda que esse “deus” não tenha “aceito o pedido de Jesus para poupá-lo do cálice da crucificação” – se é que esse fato tem alguma importância lógica na exegese católica, em torno da *“Bíblia”*.

Jesus parece ter “complicado” a futura profissão de teólogo ao ter feito esse “pedido” ao seu “deus”, seja ele o agora “inaceitável Javé” ou o tal “deus” da “Santíssima Trindade” – que os teólogos não aceitam ser o mesmo Javé, ainda que também não saibam dizer quem seria – porque a negativa que ele recebeu transformava Jesus num “criminoso que foi condenado à morte” três vezes, pelo menos: primeiro, pelo Sinédrio judaico, nas pessoas de Anás e Caifás, que corromperam testemunhas e depois encaminharam o assunto para a autoridade romana da região; depois, por Pôncio Pilatos, a tal autoridade romana sediada em Jerusalém; e por fim, por “deus”, seja ele quem for.

Os teólogos, dois mil anos depois, simplesmente não conseguem dar qualquer versão razoável para o “evento do horto de Getsemani”, mas criaram um dogma de fé que valeu e vale até agora: “esse deus amou tanto o mundo que se fez homem e exigiu o sacrifício da crucificação sobre si mesmo, para que, com o sangue de um inocente, a imensidão dos pecados da humanidade fosse lavada pelos seus critérios de justiça perfeita, amorosa e impecável”. Deu para entender?

Slavoj Zizek¹ analisa um dos aspectos da “Santíssima Trindade” com a seguinte abordagem:

“A divisão doutrinária fundamental entre ortodoxia e cristianismo ocidental (incluídos aqui o catolicismo e o protestantismo) diz respeito à processão do Espírito Santo: para a tradição latina, o Espírito Santo provem tanto do Pai quanto do Filho, enquanto para a tradição ortodoxa ele provem apenas do Pai. Dessa perspectiva da “monarquia do Pai” como fonte única das três “hipóstases” (Pai, Filho, Espírito Santo), a ideia latina de dupla processão introduz em Deus uma lógica demasiado racional das relações: Pai e Filho são concebidos como relacionados um ao outro no modo de oposição, e o Espírito Santo surge como a reunião dos dois, e não genuinamente como uma terceira Pessoa. Portanto, não temos uma Trindade genuína, mas sim um retorno da Díade ao Um, uma reabsorção da díade no Um. Sendo assim, como o princípio da única tríade divina despersonalizando-a, de modo que, no fim, temos o Um impessoal, o Deus dos filósofos, de sua “teologia natural”.

A propósito da questão polêmica sobre a origem do Espírito Santo, Hegel cometeu um estranho deslize verbal: ele afirmou

equivocadamente que, para a ortodoxia, o Espírito Santo origina-se tanto do Pai quanto do Filho, e que, para o cristianismo ocidental, ele se origina apenas do Filho (da Ressurreição de Cristo na comunidade dos fiéis); nas palavras dele, o desacordo entre Oriente e Ocidente diz respeito a saber “se o Espírito Santo provenha a apenas do Pai — e minha opinião é que existe uma verdade nesse deslize verbal. A premissa subjacente de Hegel é que o que morre na Cruz não é apenas o representante encarnado de Deus na Terra, mas o Deus do Além: Cristo é o “mediador evanescente” entre o Deus-em-Si substancial transcendente e o Deus enquanto comunidade espiritual virtual. Essa “mudança de sujeito para predicado” é evitada na ortodoxia, ao passo que o Deus-Pai que continua manipulando os fios não é realmente capturado no processo.”

Se você, caro(a) leitor(a), teve dificuldade de entender o valor filosófico dessa argumentação cujo resultado não importa em nada, a não ser para contribuição, algo pedante, dos compêndios teológicos que nada provam e sobre os quais somente alguns poucos juram entender o real valor desse tipo de discussão, é importante que agora se prepare um pouco mais, porque o aspecto incompreensível e sem importância da questão em foco vai ficar ainda mais complexo, ainda que, paradoxalmente, forneça a única pista séria, não para a questão da “Santíssima Trindade”, pois isso é uma mera criação teológica dos bispos de Niceia e de alguns outros que os antecederam, mas para um outro enigmático aspecto que parece cercar o **“processo de gênese criativa da Pessoa de Deus”**.

“A ortodoxia explica a Trindade das Pessoas divinas colocando uma “diferença real” no próprio Deus: a diferença entre essência (ousia) e suas “hipóstases” pessoais. Deus é um com respeito à essência e triplo com respeito à personalidade; no entanto, as três Pessoas não estão apenas unidas na unidade substancial da essência divina; elas também estão unidas por meio da “monarquia do Pai” que, como Pessoa, é a origem das duas outras hipóstases. O Pai como Pessoa não se sobrepõe totalmente à sua essência, pois ele pode compartilhá-la com (transmiti-la para) as outras duas Pessoas, de modo que as três são consubstanciáveis: cada Pessoa divina inclui em si mesma o todo da substância ou natureza divina; essa substância não está

dividida em três partes.”

Essa “explicação” dada por Zizek, pode ser relacionada com o que, nos livros que tenho tentado produzir sobre o assunto, refiro-me como sendo o problema da **“Gênese Criativa da Deidade”**, o que tenho chamado de **“Fatiamento da Consciência”**, aspecto tão profusamente tratado na literatura do hinduísmo, quando ressalta às “expressões *Adhyajna* ou avatáricas” que dois dos três Seres da chamada “*Trimurti* hindu” produziram (os deuses Brahma, Vishnu e Shiva, sendo os avatares, as criações desses dois últimos) para poderem atuar em certos quadrantes da Criação.

Conforme penso, em termos de pontificar sobre a “Santíssima Trindade”, para nada serve factualmente, porque, como já referido, o “Espírito Santo” somente existe no discurso fácil dos líderes religiosos que afirmam ser ele quem elege os papas, como também é o responsável pela escolha dos bispos de determinadas igrejas protestantes – tarefa, a qual, convenhamos, a julgar pelos resultados, o “Espírito Santo” parece não ter “desempenhado muito bem” nestes dois mil anos. Contudo, continuemos com a abordagem de Slavoj Zizek, um dos mais respeitados filósofos da atualidade sobre a “Santíssima Trindade”.

“Essa distinção entre essência e suas hipóstases é crucial para a noção ortodoxa do humano, porque ela também ocorre no Universo criado/caído.

(...)

O fato primordial é a Unidade entre essência ou substância e a Trindade das pessoas em Deus – essa Trindade não é deduzida e relacional, mas um mistério original imperscrutável, em claro contraste ao Deus dos filósofos, que veem nele a simplicidade primordial da Causa. As antinomias na nossa percepção de Deus devem ser mantidas, de modo que Deus permaneça um objeto de atemorizada contemplação de seus mistérios, e não o objeto de análises racionalistas. A oposição entre teologia positiva e negativa, portanto, é fundamentada no próprio Deus, na distinção real em Deus entre a essência e as operações divinas das energias (a economia divina): “Se as energias são transmitidas para nós, a essência continua absolutamente inacessível. O principal modo dessa transmissão da energia divina é a graça.”

Convenhamos que “graça”, “benção” e demais conceitos abordados por Zizek, fazem parte do contexto teológico e não de um estudo filosófico livre, pois desde o seu início já se encontra prisioneiro de premissas impossíveis de serem aferidas, a não ser pela fé de quem a elas se refere.

O curioso, aqui, é que nada disso tem mesmo importância, porque o tal “Espírito Santo”, cultuado por cerca de 1500 anos, simplesmente não existe. É uma mera questão de fé – o repito!

Qual a importância disso? Por que reproduzi esses trechos? Simplesmente, para demonstrar um indício do porquê do personagem Sophia ter sumido do conhecimento dos cristãos nesses últimos dois mil anos, **tendo a curiosidade que antes era direcionada a ele, sido substituída por buscas dessa categoria de um Slavoj Zizek!**

Foi tanta “esquisitice teológica” que começou a surgir desde o “Concílio de Niceia”, que o personagem de outrora, das tradições mitológicas sobre Sophia, simplesmente desapareceu, e muitos são os católicos que visitam à Basílica de Santa Sophia², em Istambul, pensando visitar mais uma igreja dedicada à Nossa Senhora.

Sophia já conhecia as adaptações que a *Trimurti*, composta por Brahma, Vishnu e Shiva – a mais antiga e, portanto, primeira nominação criada pelo conhecimento humano sobre os três “Logos Criadores”, constante da mitologia ariana –, havia sofrido ao longo da sua expansão por entre as diversas culturas terrenas, que viriam a compor o contexto histórico desastrosamente chamado de “mitológico” pelos acadêmicos.

Ele apenas não imaginava que a sua ausência, naquela “estranha trindade”, como uma de suas hipóstases – cada uma das pessoas manifestadas da “Santíssima Trindade” –, promoveria o seu sumiço frente ao conhecimento das gerações humanas futuras.

Não estou afirmando que a mitologia ariana, mais tarde levada para a Índia e misturada com a dos dravidianos, seja a mais antiga, mas tão somente que, em termos específicos de “notícias” sobre os três “Logos Criadores”, é a que possui maior riqueza de detalhes e de grau de ancestralidade.

Apesar do seu nível de acompanhamento sobre o que se passava na Terra, em termos de adaptabilidade de um passado “incompreensível” para outro “lendário, mitológico”, segundo a lógica humana, **Sophia jamais pôde entender os descaminhos da especulação da racionalidade humana em torno do confuso quadro da “trindade católica”, absolutamente diferente do conceito da “Trindade ancestral” dos “Logos Criadores”.**

A *Trimurti* jamais foi entendida como composta por “deuses maravilhosos, amorosos e perfeitos”, até mesmo porque o conceito de “deus”, que atualmente impera no psiquismo humano, é recente e surpreendentemente desconhecido para o próprio Sophia e demais civilizações deste universo biológico.

As tríades celta, egípcia, como também a *Trimurti* hindu, dentre outras, sempre foram compostas por três seres cujas variações de nome-epíteto se deram tão somente pelo “jogo da transmissão cultural”, nos quais se reconhecia a condição de “Logos Criadores”, mas não de “deuses”, no sentido do romantismo humano. Eram “Entes Criadores decaídos”, com problemas de toda ordem para resolver.

A “trindade católica”, diferentemente, foi estabelecida de modo confuso sobre a premissa que o “deus-pai” era “perfeito”, ainda que tenha “mandado seu único filho sofrer o pão que, sabe-se lá, quem havia amassado” – no caso Javé – e pelo “honroso sacrifício do sangue da sua condição humana, o Espírito Santo agora se apresentava”, emergindo não se sabe ao certo de que condição anterior.

Se antes, qualquer um desses “Logos”, ou mesmo sua descendência ou prepostos, eram considerados uma “potestade”, agora surgia o conceito de hipóstase, aplicado exclusivamente a cada “pessoa” da “trindade católica”, doravante “santificada” pelo “selo de garantia” da racionalidade humana, que se julgou capaz de reconhecer esse “novo padrão” – com a invenção do “sagrado” – nos “Seres Ancestrais”, o que era desconhecido para os demais protagonistas dessa história.

Muitos estudiosos humanos consideram hermético o entendimento em torno da obra do Mestre Eckhart³, **cujo princípio central de suas ideias reside na “excentricidade do próprio Deus, que se obriga a precisar do homem para que, assim, possa se tornar ele mesmo”**. Dá para compreender?

Ou será que a confusão aqui repousa no aspecto de que o Mestre Eckhart **jamais conseguiu perceber que estava tratando de um Ente “caído”, refém das suas “criaturas”, notadamente da mais moderna que surgiu na sua Obra, no caso a humana, e por isso precisa nela se realizar para poder evoluir enquanto “Logos Criador”?** Como Eckhart não admite esse tipo de hipótese, confunde a situação do “Criador bíblico” com o conceito cristão que romanceou o perfil de um “deus amoroso e perfeito”, e por isso expressa afirmações como a que procurei ressaltar.

Em livros específicos sobre essas questões, cujos títulos são “*Onde estava a Filosofia?*”, e os “*Malabaristas do Pensamento*” ainda não publicados, procurei abordar essas incongruências desmedidas, produzidas por homens e mulheres que merecem – como os filósofos aqui citados – as minhas mais profundas expressões de gratidão e de admiração pela contribuição dada ao processo da evolução humana. Contudo, sou obrigado a deixar registradas essas reflexões como modo de facilitar o “divisor de águas” – antes e depois da compreensão em torno da existência real de um Ser do tipo de Javé, na função de Criador “falido” – que a “Revelação Cósmica” demanda que seja promovido com o passar das gerações.

Mesmo filósofos ilustres como Hegel⁴, pai da dialética, do idealismo absoluto, **não conseguindo se libertar da sua crença em um “deus romantizado pela ingenuidade humana”**, nos seus postulados sobre a “trindade do catolicismo”, ele afirmou:

“Independentemente da existência de criaturas, a Trindade se manifesta no esplendor de sua glória. Desde toda a eternidade, o Pai é “o Pai da glória”, o Mundo é “o brilho de Sua Glória” e o Espírito Santo é o “Espírito de Glória”.”

Em tese, qualquer filósofo digno desse epíteto, acha errado acreditar em qualquer suposta “verdade” se as evidências forem insuficientes para a correta medição conceitual, que é o que, por sinal, defende a doutrina da dialética de Hegel. Contudo, como passar pelo crivo de uma “razão não infectada pela fé” as afirmações acima? É impossível, pois se trata de uma mera afirmação – e não uma constatação –, assentada na visão pessoal de Hegel.

Assumir como sendo real e verdadeira a hipóstase de que cada uma das “componentes” da “trindade católica” corresponde a uma “entidade gloriosa”, como Hegel fez, é algo tão “infantil” como qualquer uma outra crença. Isso não deveria ser aceitável quando assumido por filósofos de referência, como é o caso de Hegel, a quem, particularmente, considero como sendo um dos gigantes da evolução do pensamento humano.

Sinceramente, desconfio que o grau de utilidade desse tipo de reflexão nada tem de filosófica, nem muito menos privilegia o bom uso da razão. Diferente disso, pois a fé inerente ao *zeitgeist* de cada época parece sempre

escravizar o uso da razão em torno de questões desprovidas de qualquer grau de viabilidade, ainda que tratadas com ares de seriedade, de intelectualidade e mesmo de sacralidade.

A função real da Filosofia jamais foi essa, e considero lamentável ver o mau uso dos mecanismos da razão humana, cega em relação ao “contexto espiritual”, sendo utilizados como se estivessem manipulados, a serviço da “ratificação da fé imperativa no psiquismo por ela infectado”.

Será que todas essas “fugas da razão infectada pela fé”, na procura de elaborar situações filosóficas “rocambolescas” – referência tanto ao nome de “Rocambole”, personagem de aventuras **inverossímeis** de vários romances de Ponson du Terrail, quanto à **guloseima** feita de pão de ló que, após receber uma camada de recheio, é enrolado –, com “gosto doce”, nas quais somente existiu sangue, suor e lágrimas, não representa aquilo que Freud⁵ chamava de “*Deck-Erinnerung*”, que significa uma espécie de “**lembrança encobridora**”, uma elaboração absolutamente fantasiosa cujo objetivo é o de **camuflar uma verdade traumática**?

Sophia tem estudado sistematicamente essa questão produzida pela natureza humana, notadamente no campo metafísico-teológico, para o qual convergiu a desesperada tentativa de alguns humanos de sistematizar o incompreensível.

A chamada “Santíssima Trindade”, para Sophia, é o mais claro aspecto da ingenuidade humana, do mau uso da sua capacidade crítica, ainda que ele próprio não vislumbre, em profundidade, o que se encontra mais além do universo em que vive, notadamente no seu aspecto espiritual.

Para ele, a ‘tríade do catolicismo’ representa mais um modelo, só que absolutamente desfocado de qualquer possibilidade real, porque, se há alguém, neste universo, que conhece os problemas que passaram a existir entre Jesus e Javé, esse “alguém” é exatamente Sophia. Além disso, ele sabe que a figura do “Deus-Pai” surgida a partir do “Concílio de Niceia” pode até existir, mas não corresponde ao “adoentado Criador caído”, sempre confundido com “Deus”, pelos desavisados humanos.

Por que ele tem conhecimento disso?

A resposta é simples: porque os problemas produzidos pelo seu avatar humano, ao desobedecer Javé, “sobraram” para ele!

SOPHIA E O “QUARTO LOGOS”

DO QUE ME foi dado observar sobre a conjuntura dos “Logos Criadores”, sinceramente, não consigo aplaudir nenhuma “providência” tomada por eles, ainda que eu compreenda o “drama” deles – sinto-me incapacitado para fazê-lo, apesar de reconhecer o “traço de gênio” em Javé, quando ele “se recriou” a partir do “caos”.

Nesta Criação, impera um tipo de “jogo” cujo palco operacional transforma todo e qualquer “processo existencial” em pleno “estresse extremo”, vivenciado no “inferno”. Entretanto, ficou evidente que tal “jogo” é inaceitável quando o transferiram para os ombros de algumas poucas espécies mais recentemente surgidas, dentre elas e, em especial, a dos terráqueos pensantes.

Vivemos num “teatro do absurdo”, como “cobaias” de uma “peça existencial”, cujo “enredo” é um inevitável “processo de busca pela complexidade”, a ser realizado pelos “azarados” que se percebem existindo em pleno “caos”, como maneira de se libertarem da dor e do sofrimento advindos de dificuldades e de necessidades que eles não geraram.

37ª Constatação:

“Sabotar” o “palco” do psiquismo de cada ser humano, para que nele possa “desfile toda a sujeira acumulada dos evos universais”, e ser apropriadamente “classificada, compreendida, diagnosticada e, por fim, curada”, é um “jogo” criminoso que jamais deveria ter sido destinado às espécies pensantes.

Desgraçadamente, sem qualquer tipo de consideração para com os egos

humanos, foi esse o “jogo” que os “deuses falidos” aplicaram nesta humanidade ao perceberem as nossas características mentais e psíquicas singulares.

Desse modo, somos e nos tornamos exatamente a mais “recente tentativa” de um “jogo de dados bioquímicos malucos”, que resultou numa habilidade mental, advinda da natureza humana, para “decifrar e compreender” tanto as questões mais grosseiras da vida como as mais sofisticadas e complexas.

Qual o “tamanho do drama” a ser reconhecido? Esse “crime” foi cometido contra todas as espécies que surgiram nesse “jogo diabólico”, que se transformou na vida que conhecemos, e a “artimanha”, aqui, foi o “trabalho desonesto e enlouquecido” dos “agentes” dos três “Logos Criadores”, que condicionaram a si mesmos e aos demais a acreditarem que participar disso era uma “dádiva existencial”!

Nem mesmo personagens singulares como **Krishna, Jesus e Sai Baba**, avatares mais recentes, conseguiram escapar à “infecção” que retransmitiram aos “desavisados” humanos por meio do “contágio” da fé religiosa.

Feitor e patrocinador, algo passivo, da sua contraparte humana chamada “Jesus”, Sophia é bem menos aquinhado de possibilidades no campo da sabedoria e das demais matérias sapienciais que esses três avatares vieram a produzir muito tempo depois que ele mesmo se viu engendrado lá atrás – para ser o “Suserano do *Bhuloka*”, ou seja, do universo físico biológico até a sua consumação. Ele tenta, agora, se manter ativo e construtivo, mas tem lhe faltado “criatividade e ousadia” para tanto. Pelo menos, é essa a interpretação possível de, na lógica humana, “alguém do meu tamanho” poder traçar em relação aos fatos, como eles se apresentam à minha percepção.

Aqui, porém, devo ressaltar que coube e cabe a Sophia, sempre associado a Olm – o Ser que personifica o “Quarto Logos” –, **a tentativa de, persistentemente, configurar a vida como sendo uma experiência boa, trabalhando para que a mesma venha a se tornar efetivamente um “evento agradável, produtivo e de princípios elevados”**. Com que objetivo? Para que, no final do processo temporal deste universo, tal modo de existir possa servir de base de elevação para os que dele ainda precisarem a fim de **promoverem a autorrealização de si mesmos, antes que se finde a função de “agentes da vida associada ao favor divino”, em curso**.

Por que Sophia atua com esse objetivo? Penso que por necessidade

própria – mas não abordarei, nestas páginas, essa possibilidade de análise, pois esse aspecto será devidamente estudado em livro específico.

Infelizmente, por enquanto, cada um é portador de toda uma “potencialidade espiritual” (desabilitada desde a “queda” do Criador) e de todo um “registro de caos” (“lixo genético acumulado”) no mais íntimo de si mesmo, e cabe ao ego humano despertar um ou outro desses aspectos, administrando esse “fardo feio dessa herança maldita”, transformando-a em algo decente e digno de se expressar.

No atual momento desta Criação, nenhum dos quatro “Logos” que conheci, consegue levar isso adiante sem a colaboração da espécie humana terrestre e de outras estirpes que têm ciência, nem que seja parcial, do “problema” que todos vivemos.

Jesus, na sua angústia entre cumprir a atribuição de “Messias guerreiro e superpoderoso”, que formaria um “império terrestre” para seu “*Abba*” – sobre ele anunciada e pela qual todos esperavam – e a de registrar uma “nova aliança” dos humanos terrestres com Javé, sem a necessidade do mais forte se utilizar sempre do mais fraco, mexeu de tal modo com o “**vespeiro da Trimurti**”, mas sem ameaçá-la do seu fim, que obrigou a que outros cumprissem com o que ele preferiu não fazer, ou seja, submeter os humanos aos desígnios do Criador.

Bem que ele podia logo ter largado aquela “casa de maribondos cair e se confundir com o pó, que dá guarida a tudo o que a ele retorna”. Todavia, ele não o fez, e deixou, propositadamente, esse “problema cósmico-espiritual” inoculado no DNA dos humanos, para que estes fizessem, mais tarde, o que não foi feito no seu tempo.

Mexer no “vespeiro da *Trimurti*” não é fácil, porque ali estão todas as “casas de maribondos” dos dois universos consorciados nesta “tragédia”. É “ferrão” para todos os lados! E ainda assim, estranhamente, foi finalmente cumprido!

Quem foi o vitorioso? A resposta é perturbadora, mas foi **alguém que não agiu**, não sei se por esperta omissão ou por continuar a não saber como agir frente a tanta prepotência concentrada numa só “Hierarquia dementada” e cheia de poder destruidor, ainda que miseravelmente despossuída de qualquer criatividade no campo da ousadia filosófica.

As “nulidades” congregadas nesta “Hierarquia” viram a “falência” deles todos emergir no cansaço meio que mortal que, finalmente e de maneira avassaladora, atingiu os que se pensavam “imortais”.

Desde o ano de 2017 do calendário terreno, sobrou Sophia, com o seu Espírito “à moda de Jesus”, tentando operar unido à “Personificação do Quarto Logos”, o que precisa ser doravante empreendido.

— Você, na sua condição humana, não faz ideia mais precisa de quem seja aquele que personifica o “Quarto Logos”, não é isso mesmo? – perguntei a Sophia, naquele que eu pensava ser o nosso último encontro na sua nave.

— Sim, realmente, pouco sei sobre esse Ser – respondeu ele. — O que dele coleciono é o que ele deixou perceber e o que consegui apreender da convivência tida lá atrás.

— Não se expresse assim... – alertei. — É sempre um único momento, um único agora, só que com muitas “sombras e dramas” que produzem os intervalos entre as modificações que nos levam a pensar no “fator tempo” como algo real, quando é somente um “fator de estruturação da realidade”, para que nela possamos trabalhar, realizar as transformações e viver.

Sophia pareceu hesitar alguns instantes sobre o que estava querendo me dizer.

— Também, pouco sei sobre o seu “Codificador” e “Mestre” – falou ele. — O fato é que me encontrei vivendo como Sophia, já urdido com esse nível de Consciência advindo de minha fonte imediata Mohen So, e da original, frente ao contexto desta Criação, que, na cultura narradora destas nossas conversas, foi Vishnu, o meu “Ser-Pai” ou a minha porção de Consciência que a partir dele e de outras partes suas me gerou. Diferente de mim, Olm, o ser “Personificador do Quarto Logos”, não é um avatar engendrado por ninguém, pois é expressão direta do seu elevado Espírito, e jamais se “infectou” pelas “energias criadoras” ou “*gunas*”, deste “drama”. Ele é muito superior, em Espírito, a qualquer um que jornadaie pelos caminhos deste “caos” que agora se organiza. Quando nos encontramos como seres vivos deste universo, percebi estar defronte a alguém que me era o amparo e, praticamente, o meu complemento, bem mais que os Seres que compõem a minha **“corrente existencial avatárica anterior”** (n.a. – Sophia estava se referindo a Vishnu e a Mohen So). Pelo que compreendo, somente a minha **“corrente existencial avatárica posterior”** é que se encontra à altura de interagir completamente com ele (n.a. – Sophia se refere a Jesus). Afinei-me com ele bem mais do que com os meus Progenitores. Isso foi mesmo um problema no início, não para nós dois, mas para os da *Trimurti* e seus níveis de Assessoria.

— Realmente, a minha condição não me permite ir mais além na

percepção do que você e o “Quarto Logos” representam ou possam representar – expliquei. — Apenas acho que a “receita” com a qual vocês trabalham, pretendendo com ela dar conta de todos os “problemas” que a “autópsia” constatou a respeito do “apodrecimento da condição mental/espiritual de um Ser”, é que não funcionou, não funciona e, sinceramente, não sei se funcionará num tempo futuro desta Criação. Entretanto, parece que é tudo o que existe, o que “sobrou de pé”, o que “restou funcionando”, capaz de seguir adiante e produzir um futuro, seja ele qual for! Preocupa-me, entretanto, o seu *modus operandi*, que se assemelha à tentativa de “retirar do Omelete o Ovo que o produziu”. Sabe do que estou falando? Compreende a metáfora? Não vejo como isso possa dar certo! Até agora não deu, mas diante de sua insistência com essa “agenda” que você herdou da *Trimurti*, seria o que, na Terra, costumamos exclamar, frente a situações aparentemente difíceis de resolver: “só deus dá jeito”! Contudo, o autoaclamado “deus”, em questão, não consegue dar jeito nem nele mesmo, quanto mais na Criação por ele gerada, o que implica que vocês, por também não conseguirem, viram-se obrigados a criar todo tipo de espécies, para ver no que é que dava. Simplesmente, seguindo a “receita” dos três primeiros “Logos”, imagino saber que não funcionou, e não funciona mesmo. Espero que a do “Quarto Logos” logre atingir o que jamais foi alcançado, ou seja, ver, dentre as micropartes das “fezes apodrecidas”, o que ainda pode servir de “adubo”, e destas retirar, dentre o “rebanho”, as “Consciências particularizadas” capazes de dar passos no sentido evolutivo, para ver no que vai acontecer. Espero que funcione!

— Já está funcionando, isso eu sei! – ponderou Sofia, ainda que eu percebesse a sua dificuldade em compreender o sentido do que eu havia lhe falado ou, pelo menos, devido ao modo como usei as minhas “expressões mentais”.

Observou-me por um certo tempo, como se procurando perceber as minhas emoções relativas ao que havia exposto, o que me inquietou. Pensei comigo mesmo que o que expressei, estava dito, e não havia existido, de minha parte, nenhum sentido pejorativo nos “termos mentais” que utilizei.

— Aguarde-me, pois me farei presente em breve, no contexto dos fatos do mundo terrestre – afirmou Sophia. — É imperioso que o faça! Preciso cumprir as promessas feitas pelo meu “Eu humano”, ainda que ele tenha agido de modo a contrariar o que, então, a *Trimurti* esperava, notadamente, Javé. Essas questões não estão de todo superadas, mas o seu peso já não

importa como impedimento para o curso dos fatos que precisam acontecer. Sei que, de sua parte e de muitos humanos, esse assunto não mais reflete a importância antes presente nas expectativas geradas por Jesus e mesmo por mim quando ratifiquei suas promessas via o livro “*Apocalipse*”, que foi produzido por minha ordem. Os três primeiros “Logos”, ordenadamente ou mesmo de modo caótico, lançaram suas “raízes” e tornaram operacional o que foi possível, e aqui falo por mim mesmo, parte que sou da expressão do “Terceiro Logos”. Entretanto, cabe ao “Quarto Logos”, de quem me considero um “Coagente”, só que na posição de comando sobre o que se encontra criado, porque assim foi adrede ajustado, ao tempo das convenções da *Trimurti*. Contudo, existem estirpes e outras tantas ainda virão a existir, que possuem “grau de complexidade mental-espiritual” superior ao que, por enquanto, ostento. Assim, caberá ao “Quarto Logos” a sua intransferível “atribuição de tutor e mentor” de todos nós, como também de todos os “processos que gerem conhecimento esclarecido”, e aqui me utilizo das expressões que você mesmo costuma aplicar ao “movimento de redenção cósmica” em curso. Ajude-me! Ajudem-me! Sou também um “elo” a mais nessa “corrente” que, doravante, passa a operar sem mais acrescentar “dramas” aos incontáveis já existentes. Eis que chegarei em breve!

Escutei em silêncio as expressões finais de Sophia, e com ele permaneci ainda algum tempo enquanto outros painéis eram abordados.

Considerarei como concluídas as minhas idas até aquela nave, para a qual as palavras terrenas não servem no sentido de bem descrevê-la, e isso no que se referia ao pouco que pude dela observar – era realmente gigantesca, como se fosse um mundo à parte, independente do universo!

Vi-me novamente acordando para mais um dia do meu “desajustado calendário existencial na condição humana”, e mais uma vez, o meu esforço de fazer levantar um corpo cujas “preferências” estavam a anos-luz de distância em relação às obrigações da “agenda diária” que tortuosamente me esperava e que se situava entre o “ridículo” e o “infelizmente necessário” de ser feito.

Permaneço sustentando o meu “solitário estandarte de repúdio filosófico” ao modo como tudo isso foi e vem sendo feito desde há muito, pelos “deuses” alojados neste “caos”, e que se pretendem “grandiosos”. A isso não deveriam pretender, mas a inevitável dose de “petulância” que marca os três primeiros “Logos” e seus descendentes, “pesa” de tal modo que, mesmo os mais evoluídos dentre eles, ostentam traços desse problema.

Muito provavelmente, o “homem Jesus” seja uma estranha exceção nessa “tormentosa” linhagem avatárica, mas Sophia, a sua “condição cósmica”, por ter vindo original e diretamente de Mohen So e indiretamente do próprio Vishnu, ainda disso não se libertou, e vê “mérito e progresso” onde a “sabedoria humana” costuma enxergar “afetação” – ou, pelo menos, assim penso.

Neste ponto da presente abordagem, não tenho como finalizá-la com “cores românticas” porque inimaginável é ainda a quantidade de esforços, no campo do “favor divino”, que nossos “psiquismos individualizados” terão que cumprir para que as “ondas mentais de ordenamento” dos três primeiros “Logos” possam ser absorvidas, sem maiores sequelas, pelas “gerações universais” do futuro.

“Gerações universais?”

Sim. Muitas civilizações edificadas a partir do “misterioso jogo biológico” que se ergue a partir do “enigmático código químico” que conhecemos como “DNA humano”, terão ainda que surgir, para absorver a natureza psíquica humana e suas possibilidades de progresso no campo da “especiação” e de outros modos da vida evoluir pelo universo afora.

A base para o senso crítico e a razão filosófica emocional dessas futuras civilizações é a que, agora, o “Quarto Logos” e seus “agentes” semeiam.

Esse trabalho perdurará por evos adiante, até que a “massa crítica racionalizada universal” possa agir, vinculada à grande e agora emergente “Consciência Biocósmica”, que conduzirá a Criação nas suas etapas finais, em que outros “agentes”, profundamente espiritualizados e associados aos quatro primeiros “Logos” concluirão o que for possível de ser realizado até a consumação dos tempos desta Criação “indevida”.

Sem “romantismos”, é “trabalho” que nos espera por todos os lados, cheios de desafios atualmente impensáveis, além das doses inevitáveis de anseios que requer a aventura existencial de pelejar em pleno “caos que se organiza, ao mesmo tempo em que entropicamente se desfaz”.

A crença, a fé “infantilizada” e o fundamentalismo, aqui, não terão lugar, posto que “ridículos” quando comparados à grandeza do “requinte filosófico” alinhado ao “amor supremo” entre os “pares e sócios do destino comum”.

Antes, porém, é preciso desenvolver a arte de se saber sorrir, sonhar, ousar, enfim, de “navegar pelo oceano da vida afora”, até onde o aparente destino-limite do “favor divino” nos levar, sempre obrigando a nossa sensibilidade a estar se investindo da “função de decifrador do sentido oculto

dos contextos”.

Sinceramente, não sei se consigo conjugar os verbos, acima referidos, com o grau de consciência que gostaria. De todo modo, penso saber que sou um “viajante” dotado de algum senso filosófico, rumo ao desconhecido, sendo obrigado a conviver com o que não possuo em mim, mas com o que vejo que há sobrando nos meus “parceiros de caminhada”, a saber, a fé, a crença, a ausência, a opulência, o êxtase e o desespero.

Assim, quase apartado desses painéis, sigo o caminho que me é possível trilhar, estimando que o mesmo, apesar das tortuosas curvas meio que impostas pelo falso destino que disfarça as necessidades de um Ser “caído”, no final da sua extensão, possa ter algo do “caminho do meio”, ensinado pelo Mestre Sidarta Gautama, este sim, o **“equilibrista perfeito”** no “circo de dramas” no qual fomos todos jogados.

Estar nesse “circo de horrores”, parece ser inevitável. Contudo, escolher ficar na “plateia” ou no “picadeiro”, foi uma opção que não pude fazer, pois pareço pertencer aos “palhaços”, que “sempre entram em cena quando algo dá muito errado”. E tudo deu “muito errado” nesta Criação!

Em situações como essas, faz-se o que se pode!

TEXTO COMPLEMENTAR

O APOCALIPSE: A “CÁPSULA DO TEMPO”!

Por insistência de Sophia, volto a reproduzir o texto “2001: A Chave do Apocalipse”, inicialmente apresentado no livro “**Recado Cósmico**”¹, em complemento elucidativo, cujo teor é profundamente significativo para quem estuda o sentido enigmático das páginas escritas pelo apóstolo-evangelista João, nos últimos dias da sua vida, quando ainda se encontrava “residindo” – na verdade, “mantido” obrigatoriamente pelo governo romano – na ilha grega de Patmos, cerca de dez anos após ter escrito o seu evangelho.

Não sei exatamente o porquê dessa solicitação, mas, pelo que atestei ao longo do livro, sou levado a pensar que a “vinda” de Sophia tem, na cultura humana, tão somente a sua “massa de manobra” mais complexa para que outras culturas menos ricas no campo do entendimento possam, de algum modo, perceber o seu real significado: **Sophia assume o controle doravante da “Gestão Universal”, que um dia foi da Trimurti!**

Devido a esse aspecto, reapresento, portanto, a versão do texto, na íntegra, sem nenhuma modificação, com o simples intuito de atendê-lo, tendo, de minha parte tão somente a preocupação de convidar o(a) leitor(a) a refletir sobre o aspecto de que somente a atual geração de seres humanos, que vivenciou a queda das torres do World Trade Center, de Nova York, no ano de 2001, teriam olhos e padrões informativos para compreender que, segundo o que Sophia e os seus Anjos disseram a João, esses seriam os tempos em que se cumpririam os termos finais do “Apocalipse”, com a sua “vinda”.

Essas informações proféticas inseridas na cápsula temporal do

“*Apocalypse*”, somente poderiam ser entendidas pelos humanos que estivessem vivendo nos tempos em que as mesmas claramente se cumprissem.

Desconfio que essa mesma “cápsula do tempo” também se endereçava aos “Senhores da *Trimurti*” – os três “Logos Criadores” – e à sua descendência, cujo “padrão de demência” os impede de compreenderem, com clareza e sensatez, os eventos que se passam no âmbito deste universo.

Talvez, a preocupação de Sophia esteja direcionada ao contexto formado pela descendência desses “Seres Primordiais”.

Eis que os tempos são chegados!

“2001: A CHAVE DO APOCALIPSE”

Considerações Necessárias

O que aqui será exposto deverá servir apenas como parâmetro para reflexão, jamais como verdade estabelecida, até porque o assunto focado eleva-se muito acima do que normalmente o atual nível da condição humana permite entender. Afinal, compreender o roteiro dos fatos proféticos constantes no livro do Apocalipse, a partir dos acontecimentos ocorridos no dia 11 de setembro de 2001, é tarefa que requer cuidadosa reflexão.

Mais complexa se torna ainda a questão pelo fato de estarmos vivendo um momento planetário em que diversos conflitos estão ocorrendo, e sabemos todos que a primeira vítima das guerras é sempre a verdade, já que os interesses antagônicos das partes em questão procuram revestir os fatos com as cores de suas conveniências. Mas não nos furtaremos a ofertar o que nos foi revelado, mesmo que sejamos os primeiros a ressaltar a nossa pequenez para tanto ao mesmo tempo em que reconhecemos que o presente estudo requer o devido aprofundamento, o que possivelmente será feito quando houver condições para tanto.

Assim, as profecias constantes no “*Livro da Revelação*” – “*O Apocalipse*” –, também poderão ser manipuladas conforme a estratégia da política de informação, ou de contra-informação, dos lados envolvidos e ali retratados, o que seria de todo lamentável.

O presente estudo propõe uma análise objetiva quanto aos fatos ocorridos no dia 11 de setembro de 2001, situando-nos no contexto geral do Apocalipse, para que se possa ter uma ideia do que ainda está por vir,

conforme o anúncio profético do apóstolo João. Para isso, nos despreocupamos em tornar agradável ou simpático para esta ou aquela parte do conflito o que aqui será exposto, até porque, no nosso entendimento, os profundos equívocos de ambas as partes é que produziram tudo o que de desagradável ultimamente vem ocorrendo no nosso mundo. São as eternas paixões humanas escudadas nas posturas comuns ao imperialismo econômico e político como também no fanatismo religioso e político, ambas as situações criando verdadeiros monstros – as feras apocalípticas – que devoram tudo a sua volta. O primeiro, concentrando riqueza e gerando miséria; o segundo, semeando terror.

Somos daqueles que pensam que nada justifica uma ofensa, um “arranhão” sequer, quanto mais atentar contra a vida de alguém, sob nenhum tipo de pretexto, seja este de ordem religiosa ou política. Afinal, se pretendemos construir um mundo pacífico, como defender o uso da violência sob qualquer prisma que se tente justificar? A violência é subproduto da ignorância quanto aos aspectos espirituais que regem a vida na Terra e, o repetimos, não a aceitamos sob nenhuma ótica de argumentação. Assim, com nada estamos alinhados e somente buscamos o esclarecimento espiritual.

Esclarecido este aspecto, pedimos desculpas caso as interpretações aqui ofertadas venham a ferir suscetibilidades de alguns irmãos ou irmãs da família planetária que estejam vinculados a algum dos lados do conflito, o que não é o nosso caso. Por quem somos, procuramos amar a todos os seres que vivem na Terra, indistintamente, pois enxergamos uma só família planetária vivendo neste mundo. E dia virá em que esta compressão será patrimônio moral e espiritual de todos os membros desta família, independente da singular diversidade que marca a vida terrena nos diversos campos que a compõem, diversidade esta que deverá sempre existir, pois talvez seja o que nos diferencie diante do cosmos. Existindo a consciência maior da cidadania planetária, a diversidade se preservará como um dos aspectos mais belos do nosso Planeta Azul.

Portanto, abordaremos o tema pretendido em três itens:

- Situação psicológica do apóstolo-evangelista João diante das circunstâncias de sua vida, em especial quando da confecção das duas obras a ele referidas;
- explicação da estrutura do livro do Apocalipse; e
- as chaves das revelações apocalípticas.

I. A PSICOLOGIA DO APÓSTOLO JOÃO EVANGELISTA E O APOCALIPSE

Jesus, quando de Suas aparições no estado de ressuscitado, sempre se portou com a costumeira simplicidade que O caracterizara em vida. Chegou mesmo a comer e beber “como se fora um deles”, sorrindo com ternura diante daqueles a quem escolhera para terem a graça de percebê-lo.

Após sua penúltima aparição, junto ao lago Tiberíades, e como consequência dos diálogos com os apóstolos, ocorridos naquela ocasião, as marcas vibratórias nos discípulos foram fortíssimas, desempenhando importante papel na elaboração dos livros evangélicos e no próprio desenvolvimento do Cristianismo.

Logo em seguida a esta aparição, o Mestre orientou-os a ir para Betânia onde subiu aos céus, conforme descrito no evangelho de Lucas (Luc. 24, 50 a 53). Ascendeu junto com Seus anjos para preparar o porvir. Fez cumprir em Si mesmo todas as profecias do Antigo Testamento a Ele referidas. Se cuidou com tanto zelo das profecias antigas, se cumpriu a estranha promessa da ressurreição, o que não fará para que se cumpram as referentes ao Seu próprio retorno, feitas por Ele mesmo?

Outra questão que precisa ser realçada é a dificuldade que o apóstolo-evangelista João, tinha de se referir a si mesmo no seu próprio evangelho. Preocupado em se posicionar como narrador dos fatos que ele mesmo viveu e ao mesmo tempo tentar ser o mais fiel possível às ocorrências e às palavras de Jesus, João foi o único dos evangelistas que se preocupou em apresentar o Senhor como sendo uma personalidade cósmica em missão na Terra. Ressalta, em seu evangelho, a Sua divindade e apresenta-O como o “Verbo de Deus”.

Os demais evangelistas se preocuparam, cada um deles, com assuntos ou aspectos específicos da vida e obra de Jesus.

Contudo, antes mesmo de escrever o seu próprio evangelho, teve que percorrer caminhos difíceis, carregando sobre os ombros o peso de ser o último sobrevivente dos apóstolos e fugindo continuamente da perseguição romana. Essa etapa de sua vida começou efetivamente a partir da destruição do templo dos judeus em Jerusalém. João, pelo simples fato de estar vivo, era procurado por diversos grupos cristãos que lhe apresentavam problemas relativos ao entendimento e ao significado das palavras do Mestre.

A dúvida mais frequente era a respeito da prometida volta de Jesus.

Afinal, Mateus, Marcos e Lucas haviam ressaltado nos seus evangelhos, de forma abundante, as próprias profecias de Jesus a respeito de Seu retorno, enquanto João pouco tinha citado, em seu evangelho, tal informação.

Durante a vida física, Jesus havia dito que a Sua volta seria percebida por todos, não necessitando que ninguém se deslocasse ou assumisse este ou aquele credo para se tornar um dos eleitos. Como Pastor cósmico que é, voltará para abraçar a todas as ovelhas do aprisco terrestre — *“Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco”* (Jo. 10, 16), já que *“Na casa de meu Pai há muitas moradas.”* (Jo. 14, 2). — e não somente aquelas inseridas em alguma religião, instituição ou em movimento de qualquer ordem, afirmam os mentores espirituais.

Disse o Mestre que todos *verão o Filho do homem vir por sobre as nuvens do céu cercado de glória e de majestade* e que *não passará esta geração antes que tudo isto aconteça*. Disse mais: *o céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. Quanto àquele dia e àquela hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do céu, mas somente o Pai* (Mat. 24, 29 a 36) referindo-se claramente a um tempo futuro, mas afirmava que tudo podia passar, menos o cumprimento da Sua promessa. Muitos, entretanto, achavam que Ele retornaria ainda naquela época.

Se Ele já havia ressuscitado como prometera, voltar não seria maior dificuldade, pensavam alguns. O problema é que ainda vinculavam, de maneira equivocada, a volta de Jesus com a constante esperança do povo de Israel em assumir um lugar de destaque entre as nações da Terra, conforme esperavam, já que não suportavam a dominação romana.

No ano 70 d.C., o general romano Tito destruiu Jerusalém e o templo sagrado dos judeus. Muitos dos cristãos-judeus esperavam a volta prometida de Jesus ainda para aqueles tempos. Por essa época, devido às brutais perseguições que Roma impusera aos cristãos, João teve que se refugiar procurando outras regiões para viver, fixando-se na Grécia por volta do ano 95.

João foi escrevendo o seu evangelho enquanto se deslocava por essas regiões, recordando-se constantemente do episódio da Transfiguração do Mestre. Os outros evangelistas – Mateus (17, 1-13), Marcos (9, 2-13) e Lucas (9, 28-36) – haviam se referido ao fato nos seus livros porém ele não o faria. Havia sido um dos participantes, junto com Pedro e Tiago, daquele evento inesquecível. Mas, ainda assim, não repetiria o que já estava dito.

Espremido pela pressão do povo judeu quanto ao retorno de Jesus e, sem

saber o que dizer pois nem ele mesmo sabia quando tal fato seria, tornou-se o evangelista que menos se referiu às promessas de Sua volta – aspecto do qual se arrependeria mais tarde.

Por aquele tempo, as expectativas quanto à volta do Mestre eram fato comum nos comentários dos cristãos, e mesmo dos judeus não-cristãos, fosse a título de crença ou mesmo de pilhéria.

João recordava a cada momento da vez em que o Mestre lhes aparecera como ressuscitado, em especial, das suas palavras, que diziam da Sua vontade de que João *ficasse até que ele viesse*. Perguntava-se o que significava “*ficar*”. Ele estaria vivo quando Jesus retornasse? Se assim fosse, o que deveria ele fazer? Jesus voltaria como? Como havia aparecido logo após a Sua crucificação? Mas Ele lhes dissera que haveria de vir sobre as nuvens do céu e que a Sua volta seria percebida por todos; como seria tal coisa possível?

Seu cérebro terreno, com o conhecimento que adquirira naquela existência, não lhe permitia ir mais além nas suas angustiadas reflexões. O próprio nível de conhecimento da época, as frustradas expectativas de vinda de um messias vencedor – e não de um que havia sido derrotado e crucificado –, limitavam qualquer tentativa mais produtiva no campo do entendimento. O “recado cósmico” de Jesus tornou-se inapelavelmente refém do limitado conhecimento dos evangelistas. E não podia mesmo ser diferente.

João, que havia testemunhado o poder pessoal do seu amado Rabi, sabia que Ele não poderia ter se enganado. Se tudo que Ele fez, o fizera de tal forma revestido de uma autoridade jamais vista por ninguém, se tudo que Ele dissera acontecera, até mesmo quanto à destruição de Jerusalém, por que não cumpriria exatamente a que mais ressaltara nas suas pregações, durante os últimos meses de sua vida na Terra?

Finalmente conclui o seu evangelho, preocupado em escrever, não para os judeus ou para os pagãos, como fizeram os outros evangelistas mas para os cristãos, ressaltando a origem celestial do Senhor que nem mesmo ele compreendia. Por não compreendê-la, resolveu, de modo diferente dos outros evangelistas, não revelar em seu texto evangélico o que já havia sido ressaltado pelos outros: a promessa de retorno do Mestre.

Essa decisão de João marcou uma grande inquietude como companheira constante durante muitos anos após escrever seu evangelho, porque perceberia que havia agido por conveniência pessoal, já que, se continuasse afirmando que Jesus retornaria, teria que fornecer maiores explicações sobre

a tão esperada volta.

Um dos seus muitos discípulos, também chamado João e que costumeiramente escrevia os seus apontamentos, atendia aos encargos de distribuir correspondências para os demais centros cristãos que haviam sido semeados pelo trabalho de Paulo de Tarso, Pedro e de outros trabalhadores da seara do Mestre.

João, o Evangelista, percebia claramente que não era para aquela época a tão prometida volta de Jesus, pois o Mestre dissera em diversas oportunidades, que a Sua mensagem haveria de ser divulgada por toda a Terra. Só depois disso, Ele retornaria.

João já tinha consciência que não era no tempo de sua vida que esse evento ocorreria. Isso, ele finalmente percebera. Arrependia-se, entretanto, de ter sido o único, entre os evangelistas, a não expressar claramente a promessa da Sua volta.

Ocorreu então que Jesus, de outras realidades existenciais, resolve convocar o espírito encarnado do apóstolo para um encontro esclarecedor quanto aos acontecimentos do futuro planetário. João, em desdobramento espiritual, é levado à Sua presença, como também à de Sua assessoria cósmica, para conversas e esclarecimentos que ficaram registrados nas páginas do livro Apocalipse.

Durante esse arrebatamento em êxtase, percebera seres com vestes resplandcentes como aqueles que vira no momento da Transfiguração de Jesus. Tivera a oportunidade de observar que as duas entidades que se projetaram quando o Mestre se transfigurou estavam também ali presentes.

Naqueles ambientes superiores, encontrou-se com o seu antigo mestre João Batista, de quem fora seguidor sob a roupagem fisionômica de um dos dois que se encontraram com Jesus durante a Transfiguração. Perguntava-se como podia tal fato ocorrer se ele, João, se lembrava perfeitamente que Pedro havia se referido aos dois seres ali presentes como sendo Elias e Moisés.

A resposta a essa indagação surgiu quando em sua mente veio a imagem do próprio Mestre dizendo, há mais de 75 anos, que Elias já “tinha vindo” na pessoa de João Batista.

De volta à sua consciência da materialidade, tendo despertado para os fatos terrenos, a sua mente espiritual começou a passar para o seu cérebro físico as lembranças e sensações do encontro ocorrido. De um modo geral era impossível compreender o significado do que presenciara.

Seus seguidores começaram a tomar nota das informações que o apóstolo

passava, coordenados pelo discípulo também chamado de João, dando origem às páginas do Apocalipse. Se antes, por dúvida preferira eximir-se de expressar a promessa da volta futura do Cristo, agora nada mais lhe retinha a renovada intenção antes sufocada pelas circunstâncias.

Externou aos seus discípulos tudo o que lhe veio à mente como sendo recordação da projeção vivenciada. Os mentores ajudavam-no para que a fixação, das lembranças experienciadas, ocorresse na sua memória apesar do pouco ou nenhum entendimento a respeito dos eventos futuros que lhe foram revelados.

João compreendera que ficaria reencarnando na Terra, ajudando ao progresso planetário, até que a promessa da vinda do Senhor fosse cumprida.

Apesar das perseguições promovidas por Domiciano – cristãos estavam sendo queimados, crucificados, decapitados e lançados às feras nos circos romanos – , os discípulos de João encaminhavam às Igrejas que já existiam, as informações percebidas durante aquele desdobramento espiritual quanto à volta de Jesus em tempos futuros.

Se quando da feitura do seu evangelho, faltaram-lhe discernimento e coragem para inserir a mais insistente promessa de Jesus ainda por ser cumprida, agora, nas páginas do Apocalipse, João realça de forma contundente a certeza do que lhe fora revelado em espírito, quanto ao retorno do Senhor.

Ciente da mensagem que recebera, compreendera finalmente todos os aspectos das muitas passagens da vida do Mestre, nas quais fora testemunha privilegiada. Sabia que, diferentemente dos demais apóstolos que saíram do contexto terreno, ficaria trabalhando na Terra até que os tempos fossem chegados. E eis que os tempos já são chegados.

II. ENTENDENDO O APOCALIPSE

Para o que pretende este estudo demonstrar, podemos dividir o Apocalipse da seguinte maneira:

1. A primeira parte referente as mensagens enviadas às sete igrejas, simbolizando com este número, a totalidade de todas as agremiações terrenas e, em última instância, a todos os que vivem na Terra.
2. O anúncio profético dos fatos futuros divididos em sete grupos de acontecimentos, sendo cada um desses grupos o que o evangelista chamaria

de “selo”, existindo, portanto, os sete selos do Apocalipse. No sétimo e último selo estão contidas as sete trombetas. Entre a sexta e a sétima trombeta está inserida a execução dos decretos do pequeno livro aberto onde, por sua vez, são descritas as chamadas sete taças da cólera de Deus. Também entre a sexta e a sétima trombeta situam-se os acontecimentos ocorridos em setembro do ano de 2001.

Assim, os sete selos referem-se aos grupos de acontecimentos até o prometido retorno de Jesus.

3. Após a chegada de Jesus começa a edificação do reino de amor do Pai Celestial com o início do processo de convivência entre os que vivem na Terra e os seres de outras moradas celestiais.

4. Epílogo, onde o evangelista atesta o recebimento das mensagens e conclui a revelação da vinda do Senhor repetindo a Sua promessa de retornar à Terra.

O grande problema de entendimento do Apocalipse como um todo reside nas dificuldades em descortinar as mensagens da sua segunda parte, ou seja, dos conjuntos proféticos selados que foram abertos para que João pudesse profetizar.

Não é objetivo do presente estudo, esclarecer as nuances proféticas que cercam as revelações dos seis primeiros selos, o que poderá vir a ser feito em outra oportunidade. Ressalte-se, por necessário, que urge o entendimento por parte da humanidade dos dias que correm a partir do ano 2001, para que possam todos se preparar convenientemente para o que ainda está por vir, sendo este o objetivo maior do presente estudo.

Assim, é importante que se parta da premissa de que todos os acontecimentos previstos nos seis primeiros selos já aconteceram ou tiveram as suas possibilidades proféticas já superadas, pois que as profecias predispõem mas não impõem e, assim sendo, nem tudo o que foi vaticinado realmente chega a ocorrer. Como exemplo maior desse aspecto, podemos citar o fato de que existiam no passado profecias referentes à destruição de Sodoma e de Gomorra como também à de Nínive. Para esta última, foi enviado o profeta Jonas que avisou a iminente destruição da cidade, caso os seus habitantes não fizessem penitência ou, em outras palavras, não se esforçassem por mudar de atitude. Os moradores de Nínive fizeram a penitência solicitada por Jonas e a cidade foi poupada. Já os habitantes de Sodoma e de Gomorra não modificaram as suas atitudes, o que teria criado ambiente propício a sua destruição.

É importante também notar que, o evangelista, ao abrir o chamado sétimo selo, percebeu que ao final do tempo e dos acontecimentos previstos para aquele selo, o Senhor retornaria. Desta forma, resolveu subdividir este selo em sete grupos de ocorrências aos quais chamou de sete trombetas. E como tudo culminaria com o retorno do Senhor Jesus, João simbolizou a importância desse fato sendo anunciado pelo tocar das trombetas pelos anjos anunciadores do novo evento Crístico na Terra. Por isso, cada anjo toca uma trombeta até o retorno glorioso do Senhor.

Entre a sexta e a sétima trombeta – esta última anunciando a chegada iminente de Jesus – ocorre uma série de acontecimentos espetaculares (para a ótica de João) que lhe foram apresentados à parte do contexto profético, e que no Apocalipse aparecem como sendo a “*Execução dos Decretos do Pequeno Livro Aberto*”. E é aqui que reside o que mais interessa a atual geração que está vivendo na Terra, pois os acontecimentos descritos referem-se aos problemas ocorridos desde o último dia 11 de setembro de 2001, os que estão ocorrendo e ainda por ocorrerem, até que se consume o retorno de Jesus no Seu papel de ser cósmico vivendo além das fronteiras terrenas, para religar a Terra à convivência cósmica com as demais moradas siderais.

Vamos a análise dos fatos e das descrições apocalípticas.

III. AS CHAVES E O ESTILO DAS REVELAÇÕES APOCALÍPTICAS

Observação estratégica: para facilitar a compreensão, focalizando a atenção daqueles que buscam perceber os aspectos espirituais e cósmicos por trás da limitada ótica comum a vida terrena, aqui somente serão ofertadas algumas das chaves para o entendimento referentes aos toques da quinta, da sexta e da sétima trombetas do sétimo e último selo.

É importante ressaltar que, conforme descrição do próprio João, o seu espírito foi “arreatado aos céus”, maneira pela qual teve acesso às informações que posteriormente revelaria no livro Apocalipse. Assim, imaginemos, por exemplo, que o apóstolo João, ao relembrar-se das revelações que lhe foram feitas quando do seu contato com o Senhor e suas hostes angelicais durante o arrebatamento, ao lhe ter sido mostrado um fato que ocorreria cerca de dois mil anos depois – um avião ou mesmo uma frota de aviões em combate –, diante do seu entendimento da época, como ele descreveria o que estava vendo? Com que palavras ele narraria os fatos que

se desenrolavam diante de sua percepção?

Hoje, para nós, avião é a coisa comum, porém, para aquela época, como podia o cérebro de alguém entender tal coisa?

João chamou-lhes de “gafanhotos” na quinta trombeta.

“O aspecto desses gafanhotos era o de cavalos aparelhados para a guerra. Nas suas cabeças havia uma espécie de coroa com reflexos dourados. Seus rostos eram como rostos de homem, seus cabelos como os de mulher, e seus dentes como os dentes de leão. Seus tórax pareciam envoltos em ferro, e o ruído de suas asas era como o ruído de carros de muitos cavalos, correndo para a guerra. Tinham caudas semelhantes à do escorpião, com ferrões e o poder de afligir os homens por cinco meses.” (Apoc. 9, 7 a 10).

Imaginemos, agora, que para o cérebro de João que jamais vira uma construção elevada, a única referência que tinha para essas coisas era a ideia cerebral que havia feito ao ter notícias, através dos estudos e das narrativas históricas do povo judeu, da já lendária questão para aquela época da Torre da Babilônia (de Babel). Assim, vamos supor o evangelista tendo acesso as imagens das quedas das torres do World Trade Center, em Nova York, como ele descreveria aqueles tristes acontecimentos? Com que palavras ele poderia se referir a tais fatos atordoantes para a sua concepção de mundo e de vida, à época em que viveu?

Prestemos, agora, atenção, ao que João descreve como sendo os acontecimentos entre o final da sexta trombeta e o início da sétima.

*“Depois disso vi descer do céu outro anjo que tinha grande poder, e a terra foi iluminada por sua glória. Clamou em alta voz, dizendo: **“Caiu, caiu Babilônia, a grande”**...; **“porque todas as nações beberam do vinho da ira de sua luxúria, pecaram com ela os reis da terra, e os mercadores da Terra se enriqueceram com o excesso do seu luxo.”** (Apoc. 18, 2-3).* Elementos observados: a queda das torres; o imperialismo econômico e político, aspectos de uma globalização sustentada em princípios cujos valores exaltam o capital e desprezam a vida humana, reduzindo-a a um mero exercício de mais valia financeira; e o poderio exercido no resto do mundo pelo maior centro financeiro do planeta, a cidade de Nova York.

“Hão de chorar e lamentar-se por sua causa os reis da terra que com ela se contaminaram e pecaram quando avistarem a fumaça do seu

incêndio. Parados ao longe, de medo de seus tormentos, eles dirão: “Ai, ai da grande cidade, Babilônia, cidade poderosa! Bastou um momento para tua execução!” (Apoc. 18, 9-10). Elementos observados: postura dos demais líderes mundiais diante da queda das torres; a queda repentina das mesmas.

“Também os negociantes da terra choram e se lamentam a seu respeito, porque já não há ninguém que lhes compre os carregamentos: carregamento de ouro e prata, pedras preciosas e pérolas, linho e púrpura, seda e escarlate, bem como de toda espécie de madeira odorífera, objetos de marfim e madeira preciosa; de bronze, ferro e mármore; de cinamônio e essência; de aromas, mirra e incenso; de vinho e óleo, de farinha e trigo, de animais de carga, ovelhas, cavalos e carros, escravos e outros homens.

Eis que o bom tempo de tuas paixões animais se escoou. Toda a magnificência e todo o brilho se apagou, e jamais serão reencontrados.

Os mercadores destas coisas, que delas se enriqueceram, pararão ao longe, de medo de seus tormentos, e hão de chorar e lamentar-se, dizendo: “Ai, ai da cidade, a grande, que se revestia do linho, púrpura e escarlate, toda ornada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Num só momento toda essa riqueza foi devastada.” (Apoc. 18, 11-17). Elementos observados: durante vários dias a bolsa de Nova York parou, diversos negócios deixaram de ser realizados; preocupação do evangelista em listar todas as mercadorias que ele conhecia ao tempo em que viveu para simbolizar o poderio econômico do centro financeiro representado pela cidade de Nova York e, em especial pelas duas torres que ruíram.

“Todos os pilotos e todos os navegantes, os marinheiros e todos os que trabalham no mar paravam ao longe e exclamavam, ao ver a fumaça do incêndio: “Que havia de comparável a esta grande cidade?”E lançavam pó sobre as cabeças chorando e lamentando-se com estas palavras: “Ai, ai da grande cidade de cuja opulência se enriqueceram todos os que tinham navios no mar. Bastou um momento para ser arrasada”. (Apoc. 18, 17-19) Elementos observados: pilotos de aviões além de comandantes e tripulantes de navios que ao longe observavam a fumaça das torres e depois da derrocada de ambas; o pó da derrocada cobrindo literalmente a milhares de pessoas que estavam próximas ao local dos problemas ocorridos; a ênfase em Nova York como centro de comércio para as nações que participam do circuito dos negócios mundiais; a rapidez com que as torres ruíram.

“Então um anjo poderoso tomou uma pedra do tamanho de uma grande mó de moinho e lançou-a no mar, dizendo: “Com tal ímpeto será

precipitada Babilônia, a grande cidade, – e jamais será encontrada.” (Apoc. 18, 21). Aqui se observa um anjo demonstrando com ênfase a João como as torres caíam. É importante perceber que os seres que procuravam simbolizar os acontecimentos profetizados foram todos chamados por João, de anjos.

Portanto, estas são algumas das passagens constantes no Apocalipse que se referem aos fatos ocorridos no mês de setembro de 2001. Na verdade, muito mais poderia aqui ser citado. Mas não é este o objetivo do presente estudo. Se tivermos conseguido deixar claro ao menos a possibilidade de que realmente os fatos ocorridos encontram padrões de referência sólidos nos avisos proféticos, já teremos atingido o objetivo a que nos propomos: a de chamar a atenção para um evento tido por muitos como algo impossível de acontecer e para outros, algo que esperam mesmo que aconteçam mas sobre o qual não fazem a menor ideia de como seria, que é o prometido retorno daquele que na Terra ficou conhecido como Jesus.

Assim, é importante observar que os acontecimentos anteriormente referidos, conforme a ótica de interpretação da qual estamos partindo, serão seguidos de mais três eventos distintos, facilmente observados como descritos no *Apocalipse*:

1. SEQUÊNCIA DE CONFLITOS ARMADOS

Conflito gerado a partir do ataque terrorista entre “... *os reis da terra com os seus exércitos reunidos para fazerem guerra ao cavaleiro e ao seu exército.*” (Apoc. 19, 19). Mas aqui, é importante que ressaltemos que este fato ocorre ao mesmo tempo em que um “exército celeste” já se põe a postos em outras paragens, como que observando os acontecimentos terrenos, prestes a se deixar perceber aos que vivem na Terra.

Observemos as palavras eleitas por João para se referir a fatos que ocorriam fora do contexto terreno enquanto que, na Terra, algumas forças entravam em conflito, após os ataques ocorridos nos Estados Unidos.

“*Vi ainda o céu aberto: eis que aparece um cavalo branco. Seu cavaleiro chama-se Fiel e Verdadeiro, e é com justiça que ele julga e guerreia. Tem olhos flamejantes. Há em sua cabeça muitos diademas, e traz escrito um nome que ninguém conhece, senão ele. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome é o Verbo de Deus.*” (Apoc. 19, 11-13). João descreve a

aproximação junto ao nosso mundo de um cortejo celestial comandado por aquele que na Terra ficou conhecido como Jesus. Este se apresenta na forma existencial normal ao seu estado de autoridade celeste e com o seu nome cósmico universalmente conhecido.

“Seguiam-no em cavalos brancos os exércitos celestes, vestidos de linho fino e de uma brancura imaculada. De sua boca sai uma espada afiada, para com ela ferir as nações pagãs, porque ele deve governá-las com cetro de ferro e pisar o lagar do vinho da ardente ira de Deus Dominador. Ela traz escrito no manto e na coxa: “Rei dos reis e Senhor dos senhores!” (Apoc. 19, 15-16). João continua a descrever os assessores celestiais presentes no cortejo e ao perceber que eles estão se deslocando em alguma coisa, por não encontrar maiores referenciais diante daquela tecnologia que jamais vira na Terra, denominou as “coisas” nas quais aqueles seres se aproximaram da Terra como sendo “cavalos brancos”, procurando deixar absolutamente claro que o comando era exercido por aquele a quem ele conhecera como Jesus.

“Eu vi a fera e os reis da terra com os seus exércitos reunidos para fazerem a guerra ao cavaleiro e ao seu exército. Mas a fera foi presa, e com ela o falso profeta, que realizara prodígios sob o seu controle, com os quais seduzira aqueles que tinham recebido o sinal da fera e se tinham prostrado diante de sua imagem. Ambos foram lançados vivos no lago de fogo sulfuroso. Os restantes foram mortos pelo Cavaleiro com a espada que lhe saía da boca. E todas as aves se fartaram de suas carnes.” (Apoc. 19, 19-21). O evangelista refere-se às forças em conflito e deixamos ao critério dos que por si mesmo possam analisar as expressões e aos fatos que se seguem referentes aos personagens citados. A eterna narrativa do embate empreendido pelas forças trevosas diante da luz do esclarecimento espiritual. O evangelista coloca a seu mestre na função de “cavaleiro pelejando motivado por nobres ideais”, afirmando que os seus ensinamentos triunfarão ante as forças da ignorância presentes em todos os lados envolvidos na questão.

Ao mesmo tempo em que tudo isso acontece, com a aproximação do cortejo celeste, inicia-se o julgamento geral de todos os que viveram e vivem na Terra, evento celeste que marca os primeiros momentos do cumprimento da promessa feita por Jesus de aqui retornar para pessoalmente presidir esses acontecimentos.

2. O TRIUNFO DAS TESTEMUNHAS DO CRISTO

Em algum tempo durante o desenrolar das últimas etapas dos acontecimentos consequentes à queda da Babilônia, eis o que o evangelista descreve como sendo o último evento digno de nota, conforme a sua apreciação pessoal, antes da já iminente chegada de Jesus.

“Foi-me dada uma vara semelhante a uma vara de agrimensor, e disseram-me: “Levanta-te! Mede o templo de Deus e o altar com seus adoradores. O átrio fora do templo, porém, deixa-o de lado e não o meças: foi dado aos gentios, que hão de calcar aos pés a cidade santa por quarenta e dois meses. Mas incumbirei às minhas duas testemunhas, vestidas de saco, de profetizarem, por mil duzentos e sessenta dias. São eles as duas oliveiras e os dois candelabros que se mantêm diante do Senhor da terra.” (Apoc. 11, 1-4).

Aqui o profeta se refere ao fato de que lhe foi dado observar quantos, entre os que viviam na Terra, já estavam aptos (tendentes ao bem) à convivência fraterna entre os seres. Aqueles, porém, que estavam fora do circuito espiritual dos que já se podiam considerar como ungidos pelo amor do Pai, teriam ainda “um tempo” para serem esclarecidos pelas duas testemunhas das lições eternas legadas ao mundo pelo Mestre dos Mestres.

O objetivo dessa última etapa antes da chegada de Jesus e, com isso, a consumação do julgamento denominado de Juízo Final, é exatamente a de fornecer uma espécie de última oportunidade para que cada um se defina de uma vez por todas diante do “Livro da Vida”, assumindo definitivamente os valores eternos do amor e do esclarecimento espiritual, deixando assim de se vincular às posturas empedernidas das forças trevosas que entronizam a ignorância e o orgulho espiritual colmo sendo a tônica de suas atitudes.

Quanto aos demais versículos deste capítulo, antes que chegue a hora em que o sétimo anjo toca a sétima trombeta, aqui também deixaremos a critério da análise de cada um, por não ser a preocupação central do presente estudo.

3. O TOQUE DA SÉTIMA TROMBETA ANUNCIANDO O RETORNO DE JESUS

Ainda no capítulo 11 do “*Apocalipse*”, denominado como o “*Triunfo das Testemunhas de Cristo*”, soa a última trombeta e ocorre o cumprimento da promessa feita por Jesus quando ele viveu na Terra: a de que um dia retornaria na sua forma celestial cercado por suas hostes angelicais para edificar o reino de amor e de paz do Pai Celestial.

“O sétimo anjo tocou a trombeta. Ressoaram então no céu altas vozes que diziam: “O Império de nosso Senhor e de seu Cristo estabeleceu-se sobre o mundo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.” (Apoc. 11, 15). Quem tiver ouvidos, ouça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais enigmas quanto a correta postura para se entender o roteiro dos fatos vaticinados no Apocalipse refere-se ao que particularmente denomino como sendo o “fator da simultaneidade”. Se não for levado em questão dificilmente se poderá ter uma compreensão razoável quanto ao que verdadeiramente o profeta pretendeu simbolizar. Mas o que é o fator da simultaneidade? Provavelmente nasceu, em primeiro lugar, devido à incapacidade cerebral do apóstolo João de entender o desenrolar dos fatos que lhe foram demonstrados em uma ordem lógica para o seu raciocínio; em segundo, pela dificuldade descritiva do apóstolo e de seus discípulos quando da formulação das idéias e da arquitetura da narração na nobre tentativa de não deixar sem abordagem qualquer dos fatos proféticos avaliados como importantes.

Assim, ao que julgamos entender, algumas das descrições presentes nos conjuntos de fatos por trás das aberturas dos seis selos, descrevem eventos, personagens, instituições, cidades e nações simultaneamente referidas quando das narrativas que se relacionam com o soar das seis primeiras trombetas pelos anjos, como também quando outro grupo de anjos mostram as sete taças da ira de Deus.

Além disso, ocorrências também simultâneas são abordadas em partes específicas de alguns capítulos, como por exemplo, o “*Derramamento da sétima taça*”, “*Castigo de Babilônia*”, “*Vitória de Cristo sobre as feras*”, “*Sorte do Dragão*”, “*Julgamento Geral*”, “*Triunfo das Testemunhas de Cristo*”.

Por mais estranho ou mesmo paradoxal que possa parecer, todos os epítetos citados referem-se a fatos que se entrelaçam e que estão correndo simultaneamente, alguns há mais tempo; outros já consumados, tendo, porém, suas consequências como fatores de influência no presente; alguns outros que já tiveram início com o desenrolar de suas etapas iniciais, estando todo esse contexto fortemente marcado nos dias do ano 2001 e nos que seguem.

Outro aspecto que muito tem confundido os estudiosos é o fato do evangelista ter colocado os “*Decretos do Pequeno Livro Aberto*” como uma espécie de apêndice após o que João relata ser o último acontecimento de sua profecia: que é a chegada de Jesus. Assim ele agiu provavelmente procurando não alterar o roteiro do entendimento quanto a uma possível ordem nos eventos profetizados.

Concluindo esta mensagem, obriga-nos o senso moral a informar que estes escritos foram realizados em três madrugadas de outubro de 2001 e imediatamente solicitado a logo divulgá-los, por questões outras dificilmente percebidas pelo senso comum; estimamos que venham a valer bem mais pela reflexão que possam semear naqueles que buscam do que propriamente pela forma, no que somos os primeiros a realçar a ausência de qualquer preocupação com estilo.

O propósito maior, além de provocar a necessária reflexão diante de avisos de há muito dados, os fatos do presente e os que porventura poderão nos envolver no futuro – e que também foram desde os tempos bíblicos também vaticinados –, é o de simplesmente chamar a atenção para o iminente retorno do Mestre Jesus, na Sua real condição de ser excelso e de autoridade cósmica, que vive em moradas que se situam muito além do horizonte da atual concepção humana sobre o grande conjunto de universos que nos rodeiam.

Muitos mestres cósmicos vieram à Terra, dando as suas contribuições para o progresso planetário. Moisés, Lao-Tsé, Zoroastro, Sidarta Gautama, Jesus, Maomé e demais mestres espirituais que, através de suas contribuições filosóficas e pelos seus testemunhos singulares cujos legados terminaram por semear as religiões que hoje marcam o panorama terrestre, todos eles marcaram o mundo com a essência das suas fragrâncias espirituais eternizadas nos livros sagrados das muitas religiões. Todos eles trabalharam em prol de um único objetivo: o de promover a redenção espiritual desta humanidade. Porém, somente um deles prometeu retornar, além de ter procurado oferecer um roteiro lógico quanto aos fatos futuros para que se

pudesse atinar com os tempos profetizados quando estes fossem chegados. E eis que os tempos são chegados. E somente a promessa de Jesus de aqui retornar é o único elo que temos com o futuro, pelo menos no que se refere ao conjunto das profecias feitas nos tempos bíblicos.

O que mais importa, por trás da prometida volta de Jesus, é o fato de todos os que vivem na Terra, independente da religião que atualmente professem – e mesmo de professarem alguma, já que valem pelo amor que carregamos no coração – voltarem a conviver com seres de outros orbes, dando um fim ao isolamento pelo qual passa o nosso planeta diante do cosmos, desde tempos imemoriais. Apenas caberá ao Mestre Jesus, em nome de todos os grandes mestres que já viveram na Terra, a coordenação amorosa dos instantes da renovação pelos quais passa o nosso lar planetário.

Nada de fim de mundo com a Sua volta e nem muito menos a ocorrência de acontecimentos negativos. Estes são promovidos pela nossa própria incúria espiritual, jamais por seres evoluídos e que amam incondicionalmente. Tão evoluídos são que provavelmente somente se deixarão mostrar para que tenhamos a certeza de que não estamos sós no universo. Mas eles sabem que, enquanto aqui estiverem, todos ficarão sob a influência de suas presenças vibratórias, o que nos impedirá de produzir o necessário progresso do nosso mundo, responsabilidades estas indelegáveis e intransferíveis.

Nenhum ser de fora virá fazer ao que cabe ao homem e a mulher terrestres realizar: o progresso material e espiritual do nosso mundo baseado no esforço e no mérito moral de seus habitantes. Por isso eles logo sairão do contexto terreno prometendo para breve o retorno contínuo de muitas equipes que virão visitar e conviver os seus irmãos terráqueos, a medida em que formos aprendendo realmente a amar uns aos outros – postura básica e essencial do exercício pleno da cidadania cósmica – aspecto comum aos seres evoluídos.

Portanto, que sejamos caminhantes que jamais se detêm na tentativa de entender a vida e o mundo que nos cerca, procurando nos afastar da ignorância que a tudo obscurece e na busca da consecução do ideal fraterno entre os que vivem na Terra.

Jan Val Ellam

NOTAS

1. OS “LOGOS CRIADORES”

1 “Queimas de arquivos”

Ao longo da antiguidade e da idade média, muitas foram as atitudes de imperadores e autoridades que terminaram por privar o mundo de muitos esclarecimentos.

A seguir, cito algumas “queimas de arquivos”:

» Nabon-Assar, rei da Babilônia, no ano 747 a.C., ordenou que se apagassem todas as inscrições, que se quebrassem todas as telas de bronze, que se queimassem todas as bibliotecas, enfim, que se destruísse, por todos os meios e modos, tudo quanto se referisse às épocas anteriores à do seu reinado.

» Em 213 a.C., Chin-Chi-Hoang-Ti, imperador da China, fez queimar todas as bibliotecas, que guardavam notícias sobre os últimos 25 séculos.

» A destruição de Jerusalém pelos romanos, no ano 70 d.C., não poupou documentos que, na atualidade, tanto poderiam ser considerados “sagrados” por parte do judaísmo e do catolicismo, como também, tidos como “escandalosos” pelos mesmos.

» Quando a biblioteca de Alexandria foi destruída ao tempo do imperador romano Júlio César, foram perdidos cerca de 700 mil volumes sobre a Grécia Antiga.

» Omar, discípulo de Maomé, fez queimar a “reconstruída” biblioteca de Alexandria, incomparável tesouro das tradições da humanidade, sendo esta a segunda destruição em Alexandria.

» Papas cristãos, intolerantes, destruíram monumentos antigos e tudo quanto se pudesse referir às primitivas religiões, chegando à ousadia de transformarem os templos pagãos em templos cristãos, aproveitando as próprias imagens da “Virgem Isis”, transformando-as na “Virgem Maria”.

» Por onde um frade ou padre católico passasse e visse uma estrela, um papiro, um tijolo gravado, tudo era destruído ou queimado, pois segundo diziam, uma vez que não entendiam aqueles rabiscos, é porque era “obra do diabo”, e erguiam logo, no local, uma “cruz de Cristo”.

» Muitos calendários solares, esculpidos em pedra, tornam-se de uso comum entre os maias. Eles construíram observatórios para traçar e calcular os complexos movimentos do Sol, das estrelas e dos planetas, registrando tais informações em “livros” (códices). Muitos códices foram queimados pelos espanhóis no século 16, em sua tentativa de converter os maias ao cristianismo.

» O primeiro arcebispo do México, Juan de Zumarraga, orgulhava-se de ter destruído 500 templos indígenas, 20.000 ídolos e incontável quantidade de livros, incluindo o conteúdo total dos livros e pinturas em exibição na Academia de Pintura de Tetzucó. O frade Diego de Landa, outro bispo espanhol, em uma única noite, na cidade de Mani, em Yucatan, pôs fogo em praticamente toda a tradição maia. Daquela destruição, três livros remanescentes formam a base de tudo o que se sabe sobre os maias na atualidade: o “*Códice de Paris*” (também conhecido como “*Códice Perez*” e “*Códice Peresianus*”), o “*Códice de Dresden*” e o “*Códice Troano*”.

» Durante a Segunda Guerra mundial, perdeu-se o maior repositório de conhecimentos sobre a Europa Medieval quando Monte Cassino foi bombardeada pelos nazistas.

» Mais recentemente, a destruição da Biblioteca Nacional do Camboja, pelo Khmer Vermelho, deu fim

ao estoque de informações sobre a civilização cambojana.

Foi assim, “de cretinice em cretinice”, que perdemos o elo com a história original.

2 Ingrid Irwin

Defensora pública da Austrália, fez uma declaração ao jornal “*Herald Sun*”, de Melbourne, sobre os problemas que enfrentam aqueles que delatam o abuso de menores aos cuidados da Igreja Católica, conforme informado em reportagem do jornal “*Folha de São Paulo*”, no dia 30 de junho do ano 2017.

3 Documentários sobre pedofilia

Para quem “tiver estômago” para tragar a mais desagradável das “pílulas vermelhas” sobre o mau uso do catolicismo por seres humanos desprezíveis e doentes, assista a diversos documentários sobre crianças mudas e surdas que sofreram abusos sexuais nos EUA, na Itália e na Argentina, dentre outros países, e agora, como adultos, resolveram processar os seus algozes, e por acobertamento, a Igreja Católica.

4 “Favor Divino”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2013.

5 “O Quarto Logos”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2017.

6 “Lógica demodharmica”

Lógica comum à “cultura demo”, associada à lei do “*dharma*”, que se referia ao cumprimento do “*varna*” – termo sânscrito que significa “talento de cada demo”, e que, mais tarde, passou a ser entendido como “casta” – como sendo uma questão de “honra demo”, e que foi uma das maneiras encontradas por Krishna, para fazer evoluir o baixo padrão do comprometimento do “psiquismo demo” com suas obrigações.

No sentido usado por Jan Val Ellam, em livros e palestras sobre o tema, “*demodharmico*” seria referente ao “modo de ser demo”, “modo demo de sentir”, enfim, “modo de pensar demo”.

7 “Personificações Adhydaiva”

As “formas de expressão Adhy” e a complexa denominação sânscrita

Os humanos ainda não têm o devido conhecimento sobre o assunto que aqui será abordado porque a “Revelação Espiritual” “estacionou” em torno da discussão dos conceitos menos incômodos no campo da moral, o que, obviamente, tem a sua serventia.

No que se refere, porém, ao “contexto espiritual”, preexistente a tudo e o que isto possa significar para o senso humano, nada foi acrescentado ao que Kardec codificou no século XIX.

Ocupo-me aqui, portanto, de atender um pedido dos mentores espirituais e de outras classes, para ofertar mais um modesto “tijolo no edifício da compreensão humana” em torno de temas que ainda se encontram como se situados para além da “camuflagem” que nos envolve.

Sobre esse aspecto, o tal “contexto espiritual”, que jamais teve início, posto que incriado, pode e deve ser considerado pelos humanos como sendo a “**Espiritualidade Superior**”, unificada ao “**Princípio Maior**”, a que chamamos de “**Deus**”.

A “**Espiritualidade Superior**”, considerada completa, perfeita, pela lógica humana, como se Deus residisse nela, vamos dizer, diretamente, contém uma outra, “menor”, na qual a “incompletude” foi ali verificada, como produto de um “Movimento de Consciência da Deidade”, havido em “tempos espirituais imemoriais”. No âmbito desse “contexto menor”, denominado “**Espiritualidade**

Operativa”, “almas completas, superiores” (“perfeitas”, para a lógica humana) se investiram de uma certa “condição espiritual” para ali “mergulharem” e experimentarem a “incompletude”, sem riscos de macularem a “Espiritualidade Superior” devido à sua “blindagem”. A **“Espiritualidade Superior”** contém e mantém “blindada” a **“Espiritualidade Operativa”** e dela independe. De modo diferente, a “matriz quântica secundária”, que compõe a “Espiritualidade Operativa”, foi edificada a partir da “matriz quântica primária”, a original do “contexto maior”, que é “incriado”.

Depois de tempos e tempos da “Eternidade”, a partir da “base vibratória” da “Espiritualidade Operativa”, um “novo contexto” foi gerado em seu âmbito, também “blindado”, fazendo surgir a **“Espiritualidade Laboratorial”**, na qual a “incompletude” foi levada a “experiências mais livres”. Assim, a “imperfeição” podia existir em padrões que dependeriam do que as mentes dos seres, que ali passassem a viver, viessem a produzir.

“Consciências Espirituais” da “Espiritualidade Operativa” se investiram de “programas mentais” diversos e “mergulharam” e/ou se “projetaram” na “Espiritualidade Laboratorial”, na qual a expressão crítica, no campo da geração de universos e de outros gêneros existenciais, poderiam ter lugar, como, de fato, vieram a ter.

A “Espiritualidade Superior” contém várias “Espiritualidades Operativas”, e cada uma delas pode “hospedar” uma ou mais “Espiritualidades Laboratoriais”. Esta Criação em que vivemos, foi gerada a partir de uma dessas “Espiritualidades Laboratoriais”.

Esta “Espiritualidade Laboratorial” passou a existir composta por muitas “sedes laboratoriais” e, em uma delas, chamada *“Perperion”*, um dos “gêneros de Espíritos” investidos de “programação mental cocriadora”, promoveu o “impensável”.

Em *“Perperion”*, existe um “gênero espiritual” cujo “nome definidor” da sua “linhagem operativa”, na linguagem humana, seria algo próximo à “expressão *Adhy*”, composto por cinco “espécies espirituais”, tendo sido uma delas, a *“Pashvnaj”*, a responsável pela expressão desta Criação “indevida”.

Esse “gênero espiritual” possui “propriedades mentais” que o dos espíritos que foram criados simples e ignorantes não logram ostentar. Espíritos criados simples e ignorantes somente dão suporte a uma personalidade transitória por vez, enquanto os *“Adhy”*, dependendo da constituição individual do poder mental deles, podem manter duas ou mais “formas de expressão”, dependendo das suas atribuições e de onde tenham que viver.

Este tipo de Ser, portanto, tem um psiquismo que repousa sobre uma multiplicidade de *“personas”* o que faz com que as suas mentes operem de modo diferente do que atualmente se conhece como sendo o *modus operandi* da mente humana. Assim, uma “Mente ou Consciência *Adhy*” admite mais de uma face na sua “natureza pessoal” e, conforme os costumes deste gênero, o “maior e anterior ancestral” sempre continha em si a “menor e posterior *persona* transitória”.

Se o “gênero espiritual” a que pertence o “espírito humano” tão somente admite que o mesmo se “imante” a um corpo transitório, o “gênero espiritual *Adhy*”, por sua vez, admite que o seu espírito possa “se fatiar” e se perceber “imantado” a alguns corpos ou formas transitórias, ao mesmo tempo.

A “espécie *Pashvnaj*”, do “gênero *Adhy*”, sempre foi composta por 147 seres, e foi de um subgrupo de 43 destes que a “semente do problema”, que mais tarde redundaria nesta Criação “indevida”, teve lugar.

A partir de *“Perperion”*, de um dos seus “laboratórios” – vamos dizer assim –, foi que uma “corrente vibratória”, composta pela mente de oito “Seres *Adhy*”, juntou-se com a mente do *“Adhy” Prabrajna*, e disso resultou a expansão da sua Criação para além do seu “Campo Mental”, causando a imediata e inusitada desintegração deste, seguida da “queda” do seu “Corpo Mental” no âmbito da mesma.

Pela primeira na “História da Eternidade”, uma “experiência laboratorial” redundara em algo

impensável, pois um “Ser *Adhy*”, que existia na condição “*atman*”, em “*Perperion*”, perdera esta sua expressão, e o que dele restava, então, buscou se “reconstituir” como “prisoneiro” da sua própria Obra, mas sem o menor grau de consciência de quem ele tinha sido e do ocorrido.

Foi desse modo que o “Espírito *Adhyagia*” (de uma das “Espiritualidades Operacionais”) do “Ser *Adhyatman*”, cujo nome era *Prabrajna*, habitante natural de “*Perperion*” (uma das “sedes laboratoriais”), sofreu “decomposição da estrutura mais íntima da sua Consciência particularizada”, passando doravante a se “recompor” numa “forma de expressão” que, mais tarde, seria chamada de “*Adhydaiva*” – a “reconstrução” de si mesmo, que ele conseguiu solitariamente produzir –, e a quem algumas tradições chamam de “Brahma”, “Javé”, “Caos”, “Atom” e “Alá”, dentre outros.

Dessa maneira, um Espírito de ordem superior *Adhyagia* “adoecera”, perdendo a sua “condição *Adhyatman*” que detinha em “*Perperion*”, no âmbito da “Espiritualidade Laboratorial”, restando, agora, do que “um dia” ele foi, tão somente um Ser “adoentado e reconstruído” em bases “apodrecidas e doentes”, cuja “condição *Adhydaiva*” assumiu-se como “Brahma”. Desde que assim ele fez, o seu “Eu” ficou “prisoneiro” desta “condição *Adhydaiva*” e nela se encontra até estes tempos atuais.

Formas ou expressões desdobradas da experiência do “gênero *Adhy*”, envolvido com a “queda”:

Adhyagia – “Espírito Superior”, “Instrumento Modelador e Consciencial”; habitante e agente da realidade única, absoluta; vive no plano da “Consciência absoluta”, isto é, a “Essência” inteiramente isolada de qualquer relação com a existência condicionada e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado.

Adhyatman – “Personificação dos *Adhy*” de “*Perperion*”, que é um “lugar-cidade-dimensão” da “Espiritualidade Laboratorial”. Foi de lá que as “formas *atman*” de três “Seres *Adhy*” se envolveram diretamente com a Criação “problemática”.

Adhydaiva – Formas de vida que surgiram como resultado da “queda” (experiência consequente) e que foram decorrentes do processo de estruturação possível ao contexto antimaterial ou universo paralelo, que se encontra situado como imediatamente “vizinho”; “base da forma demo”; “prisão” para as suas mentes. “Base divina” é uma denominação equivocada deste tipo de “expressão”. Brahma, Vishnu e Shiva foram as “formas” que suas Consciências pessoais puderam gerar nessa faixa de realidade, que “aprisiona” esses tipos de corpos nela gerados.

Adhybutha – “Perispírito menor”; “instrumento modelador biológico e demo”; também denominada “base dos seres elementais”. Foi parcialmente edificada pelas “formas *Adhydaiva*” para permitir o “mergulho” das suas Consciências no universo biológico e em outras áreas do universo demo.

Adhyajna – “Formas *avatáricas* demo ou homo”, de Vishnu e Shiva; também denominada “base sacrificial”. Foram criadas pelo fato das “formas *Adhydaiva*” de Vishnu e Shiva não poderem deixar o universo paralelo. Outros podiam, eles não. Shiva ainda se encontra no universo antimaterial, mas Vishnu se “desconstituiu” em 2016.

2. PERDIÇÃO E VEXAME

1 O Livro dos Espíritos

Livro codificado por Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hypollite Leon Denizard Rivail (1804-1869), que codificou a “Revelação Espiritual” na sua “primeira hora”, entre os anos 1855 e 1869, da segunda metade do século XIX. Kardec foi o formulador da “Doutrina Espírita”, ancorada nos seguintes livros:

» “O Livro dos Espíritos” (1857);

- » “O Livro dos Médiuns” (1861);
- » “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864);
- » “O Céu e o Inferno” (1865); e
- » “A Gênese” (1868).

2 A Epopeia dos Agentes da Vida Universal

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2019.

3. OS AVATARES E OS AGENTES DOS “LOGOS CRIADORES”

1 Orfismo

O orfismo, essencialmente é um conjunto de rituais de purificação vindo do mundo grego helenista e da Trácia, e tem sua origem nos ensinamentos do poeta Orfeu, que teria descido ao Hades (“morada” dos mortos) e voltado. Tais rituais, que se baseavam na crença da imortalidade da alma, tinham o objetivo de purificar o iniciado, visando libertá-la do ciclo dos renascimentos – ou seja, da “roda de Samsara”, citada na mitologia hindu.

2 “Projeto Talm: a Gênese da Vida Superior”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), ainda por ser lançado.

Esse livro explicará como a **“semente única da vida” migrou do universo paralelo para o nosso**, ressurgindo aqui já no modo “digital codificado” nos elementos da química local, e depois fez a não menos misteriosa “transição de fase” para a vida biológica.

3 “Cultura Demo”

Corresponde às páginas das mitologias, que jamais foram consideradas como dignas de estudos sob a perspectiva de não serem invenções dos nossos ancestrais que, segundo a ortodoxia que sempre prevaleceu sobre o assunto, possuíam a “estranha mania” de produzirem tradições orais e literatura abundante sobre temas ditos “fictícios”, mas cujas “cores preceituais mais profundas” são ratificadas pelos postulados quânticos, na atualidade.

As notícias sobre o modo como esses seres viviam nas suas “moradas” situadas no universo vizinho, composto de antimatéria, nunca foram analisadas a sério pelo academicismo.

A “cultura demo”, portanto, seria a que foi produzida nas diversas “moradas” do universo antimaterial, onde vivem inúmeras classes de seres demos, equivocadamente tidos como sendo “personagens mitológicos”, sendo que, parte da mesma, de algum modo, foi transmitida aos nossos ancestrais, exatamente o que foi equivocadamente considerado como “mito”.

4 “Bhagavad Gita”

Corresponde a um dos capítulos do “*Mahabharata*”, no qual o Senhor Krishna exorta Arjuna a cumprir o seu *dharma*, utilizando-se, para tanto, de inúmeras explicações e de ensinamentos que tornam esse livro um compêndio único e cheio de mistérios ainda por serem esclarecidos perante a lógica humana.

5 “Ramayana”

Épico hindu, anterior ao tempo do “*Mahabharata*”, que narra que antes dos tempos do próprio “*Ramayana*”, houve uma guerra entre os deuses “*devas*” (ou “olimpianos”, na mitologia grega) e os demônios “*asuras*” (ou “titãs”, na mitologia grega), e uma ainda mais específica entre Indra e Ravana, e é este último quem ganha. Humilhado, Indra (o mesmo ser que na mitologia grega é chamado de

“Zeus”) reclama para Brahma (também chamado de “Khaos”, na mitologia grega, e de Javé na mitologia judaica) dos poderes que Ravana concentrou nele próprio, o que o tornava o mais forte dos seres dessa época da História Universal. Brahma diz para Indra ir até Vishnu.

Segundo a mitologia, a comitiva de deuses humilhados por Ravana vai, então, falar com Vishnu, para reclamar da situação.

É dessa conversa, portanto, que resulta o providencial surgimento de Rama, um herói civilizacional que nasce para enfrentar Ravana. Rama destrói Ravana, restabelecendo o equilíbrio da “Geopolítica Universal”.

6 “Mahabharata”

Épico hindu que narra uma disputa dinástica que culmina com uma aterradora batalha entre dois ramos de uma mesma família dirigente indiana. O relato da luta entre os Kurus (Kauravas) e os Pandavas, pelas terras férteis e ricas da confluência dos rios Ganges e Yamuna, perto de Délhi, é realçado por histórias paralelas, que fornecem uma base social, moral e cosmológica ao clímax da batalha.

7 Evangelhos gnósticos

No ano de 1945, em Nag Hammadi, no Alto Egito, foi encontrado um conjunto de manuscritos, os quais, na sua maioria, eram textos gnósticos, os chamados “apocalipses gnósticos”. Foram, então, identificados 13 códices de papiros. No final dos estudos e conflitos entre pesquisadores e a Igreja Católica, 52 manuscritos coptas (língua da cultura cristã na qual esses manuscritos foram produzidos entre os anos 350 e 400 d.C.) sobreviveram.

Em páginas de muitos manuscritos de alguns dos livros dessa chamada “Biblioteca de Nag Hammadi”, aparece o nome-epíteto de “Sophia”:

- » “*Evangelho Segundo Tomé o Dídimo*”;
- » “*Evangelho de Felipe*”;
- » “*Evangelho da Verdade*”;
- » “*Evangelho dos Egípcios*”;
- » “*Evangelho Apócrifo de João*”;
- » “*O Livro Secreto de Tiago*”;
- » “*O Apocalipse de Paulo*”;
- » “*A Carta de Pedro a Filipe*”;
- » “*O Apocalipse de Pedro*”;
- » “*Apocalipse de Adão*”;
- » “*O Tratado da Ressurreição*”;
- » “*O Testemunho da Verdade*”;
- » “*A Natureza dos Governantes*”;
- » “*Pistis Sophia*”;
- » “*Protenoia Trimorfa*”; e
- » “*Evangelho de Judas*”.

8 “Bíblia Sagrada”

Edição Claretiana, 1982.

9 “Processador Genético Familiar”

“Processador Genético” de cada uma das espécies de biodemos, por meio do qual Sophia apropriava os padrões evolutivos dos seres desse gênero existencial.

10 “Jesus e o Enigma da Transfiguração”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Zian Editora, São Paulo, 1ª edição, 2002, e Conectar Editora, Natal, 2ª edição, 2017.

11 Gnosticismo

“Desde a divulgação, no final dos anos 70, da Biblioteca de Nag Hammadi (BNH), os estudos sobre o gnosticismo, especialmente o cristão, tiveram destaque na discussão acadêmica.

(...)

À sua época, os gnósticos se consideravam os únicos e verdadeiros cristãos, em contraste com os falsos crentes e iludidos adoradores de um Deus menor, os ortodoxos. O termo pecado, do grego hamartia, que significa errar o alvo, era, para eles, algo diariamente cometido pelos ortodoxos, que tinham perdido de vista a meta original dos dizeres de Jesus. Do ponto de vista dos valentinianos e marcionitas, foi a Igreja, e não seus descontentes, que deturpou a mensagem legítima do Cristianismo, desperdiçando os ensinamentos. É por isto que boa parte da literatura gnóstica é arquitetada como máximas de sabedoria, os logoi sophon.

(...)

Só há gnosticismo onde houver impaciência, rebeldia, temperamento voluntarioso, irreverência e, sobretudo, muita imaginação.”

(Extraído de “Apontamentos sobre o Enigma Gnóstico”, de Marília Fiorillo, [mfiorillo@usp.br], publicado na “Revista de Estudos da Religião”, de março de 2008, pp. 119-141).

12 “X-Men: Apocalypse”

Filme americano da série “X-Men”, dirigido por Brian Singer, e lançado em 2016.

4. SOPHIA, O “SOBERANO UNIVERSAL”

1 Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900)

Filho, neto e bisneto de pastores protestantes, professor, filósofo, filólogo e poeta, nascido na atual Alemanha, serviu como enfermeiro na guerra franco-prussiana.

Escreveu “O Anticristo” (obra iniciada em 1888, mas publicada em 1895) e “Assim Falava Zaratustra” (1891, sua obra mais conhecida, que mesclava um estilo bem peculiar entre a reflexão filosófica e a poesia, e que criticava o pensamento tradicional, estabelecendo um novo padrão de valores), “Além do Bem e do Mal” (1896) e “A Gaia Ciência” (1882), entre outras.

Em 1871, publicou seu primeiro livro, “O Nascimento da Tragédia”, dedicado ao amigo Wagner. A segunda edição foi publicada em 1875, com um adendo sobre “Helenismo e Pessimismo”. Na obra, ele contrasta os deuses Dionísio e Apolo.

Em 1879, com a saúde abalada, com crises constantes de cefaleia, problemas de visão e dificuldade para falar, vê-se obrigado a se aposentar. Sua fase criativa foi interrompida em 03 de janeiro de 1889, com uma crise de loucura.

Sua morte foi decorrente de paralisia cerebral progressiva.

(Fonte: https://www.ebiografia.com/friedrich_nietzsche/, em 09/09/2017).

2 “Mente bicameral”

Tese de Julian Jaynes, apresentada no livro “*A Origem da Consciência no Colapso da Mente Bicameral*”. A ideia principal reside na perspectiva inquietante do homem jamais ter tido consciência crítica de suas ações. E se a consciência não for, como pensava Darwin, um fator evolutivo, mas cultural? Por meio de diversos relatos e provas consistentes, Jaynes mostra que a consciência humana não terá começado até há cinco mil anos. E o que aconteceu, portanto, há cerca de cinco mil anos? **A resposta é, a invenção da escrita. Então, o que haveria antes disso? Segundo Jaynes, antes do “eu”, havia o processo da “mente bicameral”,** que escravizava os humanos ao controle dos “deuses”.

A mente bicameral, ou mente de duas câmaras, consistia no aspecto da consciência se dividir em duas partes distintas: o deus ou a voz do deus e o homem.

A parte direita do cérebro alucinava o “deus” (que sempre representava uma “entidade superior” ou a “voz dos deuses”, incidindo em um dos hemisférios cerebrais) e a parte esquerda do cérebro recebia as ordens dessa alucinação divina, na qual uma espécie de “proto eu” humano se educava na racionalização, mas não em senso crítico.

Os homens não pensavam no sentido como atualmente julgamos compreender. Respondiam simplesmente a estímulos alucinatórios, e sua única perspectiva era a de obedecer “racionalmente” à “voz dos deuses”, que fluía continuamente pelo seu psiquismo.

5. A “ARTE DEMODHÁRMICA” DO POSSÍVEL

1 Maniqueísmo

Doutrina religiosa propagada por Maniqueu (Mani ou Manes) que, na Pérsia, durante o século III, concebia o mundo como uma fusão dualista do espírito e da matéria, respectivamente do bem (luz) e do mal (trevas). Portanto, segundo essa doutrina, o mundo se divide em dois princípios, o bem (Deus) e o mal (Diabo).

(Extraído de <https://www.dicio.com.br/maniqueísmo/>, em 27/03/2020).

2 Santo Agostinho (350-430 d.C.)

Agostinho de Hipona ou *Aurelius Augustinus Hipponensis*, mais conhecido como “Santo Agostinho”, foi filósofo, teólogo e escritor dos mais atuantes, cujas obras influenciaram decisivamente o cristianismo, no seu viés católico, e a cultura ocidental, em muitos dos seus aspectos.

3 “Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2017.

6. A “SACRALIZAÇÃO DO ABSURDO”

1 “Mentalma – O Yoga do Cotidiano”

Cerca de 0,1 segundos antes de alguém pensar sobre o que quer que seja, um impulso vindo não se sabe exatamente “de onde” e “como” acontece, faz com que surja um personagem que, através do cérebro do seu corpo, “pensa que é ele que está pensando”.

Será mesmo possível a uma cota particularizada de informações apropriadas num psiquismo que pensa ser um “eu”, alguma iniciativa e livre arbítrio a partir de si mesmo? Ou em outras palavras: o ser que

surge no pós-impulso o qual, em última instância, define o que entendemos como ser humano, pode ter algum livre arbítrio?

As teses do “*Mentalma*” afirmam que sim e as suas vivências mais profundas podem demonstrar esse estágio da mente pessoal.

O “*Mentalma*” foi criado como sendo um método que, dentre outros aspectos, busca por meio de vivências vinculadas a ritmos respiratórios voluntários, a identificação precisa entre o misterioso “impulso anterior” e o pensamento e/ou sensação-sentimento que dele surge. Ao mesmo tempo, promove a pacificação mental e emocional, por meio da compreensão esclarecida e da prática de meditação e da contemplação dirigida. A meta maior é a de propiciar condições para o despertar espiritual e a consequente emancipação pessoal.

O seu objetivo é a conquista da pacificação mental e emocional por meio da compreensão esclarecida e da prática de vivências no campo da meditação e da respiração.

O “*Mentalma*” foi dividido em sete partes, ministradas em palestras, sendo que o livro referente ao “*Mentalma I*” está para ser publicado.

» “*Mentalma I – Arquivo Mental e Compreensão Esclarecida*”;

» “*Mentalma II – Gestão Psíquica e Memórias Complexas*”;

» “*Mentalma III – Autoconhecimento e Emancipação*”;

» “*Mentalma IV – Consciência Pessoal e Soberania Espiritual*”;

» “*Mentalma V – Autorrealização*”;

» “*Mentalma VI – Qualia e o Laboratório Mental*”; e

» “*Mentalma VII - O Eu como Computador Quântico*”.

2 “Matrix”

Produção cinematográfica estadunidense e australiana, do ano de 1999, baseada na trilogia “*Matrix*”, “*Matrix Reloaded*” e “*Matrix Revolutions*”. Os filmes partem do princípio de que a realidade na qual vive o principal personagem (Neo) é, na verdade, uma simulação de supercomputadores.

3 “A Divina Colmeia”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2019.

4 “O Big Data do Criador”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2016.

7. O “CRISTO CÓSMICO” SE FAZ JESUS

1 “A Sétima Trombeta do Apocalipse: a Volta de Jesus”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Zian Editora, São Paulo, 2ª edição, 2005.

2 Institutos virtuais

Fundados por Jan Val Ellan: Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos – IEEA; Instituto de Estudos Espirituais Profundos – IESP; Instituto de Estudos da Alma e da Mente – INSTALM; Institutos de Estudos da Política Planetária – IEPP.

3 “O Drama Cósmico de Javé”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2010.

4 “O Drama Espiritual de Javé”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2011.

5 “O Drama Terreno de Javé”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2012.

6 “O Sorriso de Pandora”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2015.

7 “Jesus e Nietzsche”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2019.

8 “Xadrez Cósmico”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), ainda por ser lançado.

9 “A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2018, e 2ª edição, 2019.

10 “Forno Awaylengan”

Primeiro “Forno Replicador de Vida” do “Projeto *Talm*”, a surgir neste universo. Sob o controle de Shiva, dele emergiram, principalmente, os gêneros existenciais demol e demobiol.

Diversos avatares de Shiva, que atuaram neste universo, foram produzidos a partir das suas instalações.

Nas obras de Jan Val Ellam, o “Projeto *Talm*” aparece como sendo o nome do “plano de transferência do “Código-fonte Definidor de Vida” do Criador “caído”, desde o *Brahmaloka* (em sânscrito, significa a “morada de Brahma” ou universo antimaterial, onde vivem os demos) para o *Bhuloka* (universo material, onde vivem os seres biológicos de “vida curta”). Em outras palavras, foi um projeto edificado pelos “Senhores da *Trimurti*”, a saber, Brahma, Vishnu e Shiva, que conseguiu trazer o “código da vida” do universo antimaterial para o de ordem material biológica, onde vivemos.

11 “Forno Awaymaion”

“Forno Replicador de Vida” do “Projeto *Talm*”, que surgiu neste universo sob o controle de Vishnu. Dele emergiram, principalmente, o gênero existencial biodemo.

Sophia e alguns outros avatares de Vishnu que atuaram neste universo, foram produzidos a partir das suas instalações.

12 Cérebro radiata e cérebro bilatério

Em termos do que se pode observar na natureza terrestre, com exceção de umas poucas formas primitivas – como as esponjas e águas-vivas –, os demais animais existentes são bilaterais, ou seja, animais cujo corpo apresenta simetria bilateral (isto é, o lado direito e o esquerdo são imagens espelhadas um do outro), inclusive e principalmente, os seus cérebros.

Os cientistas presumem que todos os bilatérios descendam de um “ancestral comum”, surgido no início do período Cambriano, entre 550 e 600 milhões de anos atrás. Imaginam também que este “ancestral” tinha a forma de um simples verme tubular de corpo segmentado, e este formato de verme continua presente no esquema dos corpos e sistemas nervosos de todos os bilatérios modernos, inclusive o ser humano.

A forma geral de corpo bilatério é a de um tubo com uma cavidade digestiva oca, indo da boca ao ânus, e um cordão neural com um alargamento (uma espécie de gânglio) para cada segmento corporal, com um gânglio excepcionalmente grande na frente, chamado de “cérebro”.

Em muitos invertebrados – como insetos, moluscos e vermes de vários tipos –, os componentes do cérebro e a sua organização difere tanto do padrão dos vertebrados que se torna difícil fazer comparações com algum significado, exceto com base na genética. Dois grupos de invertebrados possuem cérebros notavelmente complexos: artrópodes (insetos, crustáceos, aracnídeos, e outros) e cefalópodes (polvos, lulas e moluscos semelhantes).

Os cérebros dos artrópodes e cefalópodes chegam de dois cordões neurais paralelos que se estendem pelo corpo do animal. Artrópodes possuem um cérebro central com três divisões e grandes lobos ópticos atrás de cada olho, para processamento visual. Cefalópodes têm os maiores cérebros entre os invertebrados. O cérebro do polvo, em particular, é altamente desenvolvido, comparável em complexidade com os cérebros de alguns vertebrados, apesar dele e dos exemplos citados não serem bilaterais – os quais, aqui, estou informalmente chamando de “radiata”, para poder melhor explicar o que foi produzido nos dois “Fornos Replicadores” do “Projeto *Talm*”, num primeiro momento em que ambos somente produziam seres com organização cerebral semelhante ao que aqui classifico como “radiata”.

As espécies bilaterais são, de fato, bem mais recentes, em termos de tempo geológico e evolutivo, porque representam a união das faculdades psíquicas dos dois tipos de seres radiatas num só cérebro, mas com dois hemisférios representativos das mesmas.

(Mais informações sobre o cérebro e seus aspectos radiata e bilateral: <https://pt.wikipedia.org/wiki/cerebro>).

9. A “JAULA” DE CADA ESPÉCIE

1 “*Terra Atlantis*”

Trilogia composta pelos livros do mesmo autor (Jan Val Ellam), descritos abaixo:

» **“*O Sinal de Land’s End*”** – Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2016.

Primeiro livro da trilogia “*Terra Atlantis*”, que resgata as páginas esquecidas da “Rebelião de Lúcifer”, como também a relação deste com Sophia, o “Cristo Cósmico”, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada dos “rebeldes” ao planeta, conhecidos nas tradições do passado como “anjos decaídos”, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro “Império Atlante”, cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

» **“*A Frota Norte*”** – Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2017.

Abordagem da saga dos biodemos capelinos – incluindo o quartel-general da “Rebelião de Lúcifer” – agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio. Os “rebeldes” agrupados em Benem passam a compor uma força-tarefa que, por milênios, foi denominada como sendo a “Frota Norte”, em torno da nave “Espheron”. Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses”, da mitologia grega), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas na Terra, ao mesmo tempo em que os humanos começaram a imperar como os possíveis “herdeiros” do planeta. Enquanto todos se

enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

» **“A Era Sapiens”** – Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2019.

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a “herdeira” – antes, a mais improvável do planeta –, como terminou acontecendo. Len Mion e Yel Luzbel perseguem a vinda do “Messias” anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo em que procuravam compreender se Jesus era o “conquistador” há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, e daí decorre a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da “Rebelião Luciferiana”, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele enxergasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir na Terra a última trincheira do “movimento rebelde”, para confrontar Sophia.

10. “OLHAR ADULTO”

1 Noam Chomsky

O filósofo estadunidense contemporâneo, com base na crença que possui sobre o aspecto da capacidade de comunicação de um ser humano residir nas ferramentas gramaticais inatas à sua condição cultural e educacional, ou seja, do compêndio de recursos simbólicos disponíveis no seu psiquismo cerebral, reflete que:

“A maneira inteligente de manter as pessoas passivas e obedientes é limitar estritamente o espectro de opiniões aceitáveis, mas permitir um debate muito animado dentro desse espectro, até incentivar as opiniões mais críticas e dissidentes. Isso dá às pessoas a sensação de que há livre pensamento em andamento, enquanto que, o tempo todo, os pressupostos do sistema são reforçados pelos limites impostos ao alcance do debate.”

Sei que todas as ideologias, sejam as de ordem política e mesmo religiosa, usam desse tipo de artifício, vamos dizer, psíquico, que, inclusive, os humanos aprenderam a partir dos seres que, apesar de “dementes e limitados”, conseguiram criar, no campo da dominação psíquica, para poderem, desse modo, controlar os “sagazes humanos”.

Sob essa perspectiva, o “nosso olhar” jamais consegue ser “adulto”, livre, porque ele sempre parte da premissa já definida pelo circuito mental que o impulsiona a ver.

11. O “MODO TRIMURTIANO” DE SOPHIA

1 45. Stevens Rehen

Diretor do Instituto D’Or de Pesquisa e Ensino, e professor da UFRJ, em artigo na revista “*Scientific American*”, Brasil, de fevereiro de 2018.

2 Ressonância mórfica

Texto de “*A New Science of Life*” (“*Uma Nova Ciência da Vida*”), de **Rupert Sheldrake**,

apresentando ao mundo científico o fundamento teórico para uma visão nova e revolucionária da gênese morfológica, ou seja, para o surgimento das formas no mundo orgânico e inorgânico:

“Quando estava para me formar em Cambridge, fui apresentado à poesia do alemão Goethe, a qual me inspirou a buscar a ciência numa forma holística. Comecei a perceber o quão limitada era a visão mecanicista. Após minha graduação, estudei Filosofia em Harvard, ampliando ainda mais a minha perspectiva. E concluí que as revoluções científicas envolvem rompimentos paradigmáticos e a teoria mecanicista não passava de um paradigma de um modelo da realidade que poderia ser alterado, invés de ser mantido como um aspecto necessário da própria ciência. Comprovei existir, sim, diversos problemas que não podem ser solucionados por uma concepção mecanicista. Comecei a me interessar pelos campos morfogenéticos, campos que “moldam as formas”. É uma ideia já bastante conhecida inicialmente proposta nos anos 20. Ninguém sabe o que são estes campos. Tornei-me convicto de serem eles uma nova espécie de campo para além dos conhecidos pela Física. E ainda, de que eles detêm uma espécie de memória, uma vez que se mostram capazes de desenvolvimento.

*Isto me levou à hipótese dos campos mórficos e ressonância mórfica, por meio dos quais, influências pretéritas afetariam acontecimentos presentes, na base da similaridade. Esta hipótese leva à ideia **de que cada espécie possui um tipo de memória coletiva, alimentada e compartilhada por cada um dos seus componentes, simultaneamente.**”*

3 Rupert Sheldrake

Biólogo, bioquímico e escritor inglês contemporâneo.

4 “Causação formativa”

“Leis Eternas” e “Causação Formativa”

Para a Ciência objetiva, o “Observador” não tem relação com o objeto observado. São diferentes, pois aqui aparecem uma “Consciência” e um objeto sendo observado. Entretanto, será que um ser vivo pode definir a vida sem que sofra a limitação de estar inserido no próprio processo da existência? Uma Ciência “epistêmica” levaria em conta o processo em si, da busca humana na sua tentativa de conhecer, de fazer ciência e de pensar a vida.

Sob essa perspectiva, queiramos ou não, a existência será sempre um espelho da nossa maneira e capacidade em percebê-la. Assim, o que conseguirmos vislumbrar, ótimo; o que não nos for possível notar, não existirá para a nossa observação.

Esse é o outro aspecto que nos limita a percepção, fazendo-nos crer que observamos tudo, quando, na realidade, captamos somente o que a nossa mente está condicionada a ver.

A Ciência Quântica, não tão objetiva assim, pois trata exatamente da aparente subjetividade, vem fazendo afirmações que chocam os postulados da Ciência objetiva.

Os simples mortais e até mesmo diversos cientistas ainda não registraram, nas visões de mundo que possuem, os dois principais aspectos, ou vieses distintos, que o conhecimento científico acumulado até o momento oferece como modos de entendimento da realidade.

Do que conheço, nada existe de tão refinado como o prefácio que Rupert Sheldrake fez para a edição do seu livro *“Uma Nova Ciência da Vida”*, que reflete exatamente esse contexto que somente é percebido por poucas pessoas:

“Este livro trata-se da hipótese da causação formativa, que propõe que a natureza segue hábitos. Todos os animais e plantas valem-se de uma memória coletiva de sua espécie e contribuem com ela. Cristais e moléculas também seguem os hábitos de suas espécies. A evolução cósmica envolve um jogo entre hábito e criatividade.

Essa hipótese difere radicalmente da premissa convencional de que a natureza é governada por leis eternas. Mas acredito que a ideia dos hábitos da natureza terá de ser levada em consideração mais cedo ou mais tarde, gostemos ou não dela, pois a cosmologia moderna solapou as premissas tradicionais sobre as quais a ciência se baseava.

Até a década de 1960, a maioria dos físicos considerava como fato consumado a eternidade do universo, governado por leis imutáveis e constituído por uma quantidade constante de matéria e de energia. Essa ideia das Leis da Natureza tem sido fundamental para a ciência moderna desde a revolução científica do século XVII, e baseia-se nas filosofias pitagóricas e platônicas da Grécia antiga. O patriarca da ciência moderna, sir Francis Bacon, asseverou em 1620 que as Leis da Natureza eram “eternas e imutáveis”, e os pais-fundadores da ciência, entre eles, Kepler, Galileu, Descartes e Newton, viam-se como ideias matemáticas imateriais da mente de Deus. As Leis da Natureza eram eternas porque participavam da natureza eterna de Deus, e, como Deus, transcenderiam o tempo e o espaço. Elas eram postas em prática pela onipotência de Deus.

Enquanto se acreditava que o universo todo era eterno, constituído por uma quantidade constante de matéria e de energia, as leis eternas não representaram um problema. No século XIX e no início do XX, a maioria dos físicos acreditava que todos os aspectos fundamentais da física estavam fixos para sempre — a quantidade total de matéria, de energia e de carga elétrica era sempre a mesma, segundo as leis da conservação da massa, da energia e da carga elétrica.

Só a segunda lei da termodinâmica era um pouco diferente. A quantidade total de entropia aumentaria até todo o universo congelar para sempre — um estado que foi celebrizado em 1852 por William Thompson, mais tarde lorde Kelvin, como “um estado de repouso e morte universal”. Porém, embora a “morte pelo calor” ocorresse quando a entropia atingisse o máximo, o universo congelado ainda duraria para sempre, bem como as leis da natureza.

Tudo mudou com a grande revolução na cosmologia na década de 1960, quando a teoria do Big Bang tornou-se a nova ortodoxia. Desde então, a maioria dos cosmólogos acredita que o universo teve início há 15 bilhões de anos. Quando tudo surgiu do nada — não havia espaço nem tempo antes do cosmos — ele era menor do que a cabeça de um alfinete e imensamente denso e quente. O cosmos tem se expandido e se resfriado desde então. Todos os átomos, moléculas, estrelas, galáxias, cristais, planetas e formas de vida surgiram ao longo do tempo. Eles têm históricos evolutivos. Hoje, um universo se parece com um vasto organismo em desenvolvimento, não como uma máquina eterna cujo vapor está se esgotando lentamente.

(...)

O surgimento repentino de todas as Leis da Natureza é tão avesso a testes quanto a metafísica ou a teologia platônicas. Por que deveríamos presumir que todas as Leis da Natureza já estavam presentes no instante do Big Bang, como um código napoleônico cósmico? Talvez algumas delas, como aquelas que governam os cristais das proteínas, ou os cérebros, tenham surgido com o aparecimento dos primeiros cristais de proteínas ou cérebros. A preexistência dessas leis não pode ser testada antes do aparecimento dos fenômenos que elas governam.

Além de todos esses problemas, logo que pensamos nas Leis da Natureza não podemos deixar de observar que esse conceito é antropocêntrico. Só seres humanos têm leis, e mesmo assim, nem todos os humanos. Só sociedades civilizadas têm leis; sociedades tradicionais têm costumes. Aplicar ao universo o conceito de lei envolve a metáfora de Deus como uma espécie de imperador universal, cujos decretos aplicam-se por toda parte e sempre. Esta premissa foi sempre aceita pelos fundadores da ciência moderna, que acreditavam num Deus de mente matemática e onipotente. Mas agora as Leis da Natureza flutuam num vácuo metafísico.

A cosmologia evolutiva torna ainda mais problemática as Leis eternas da Natureza. Talvez nem todas as leis da natureza sejam sempre fixas, mas evoluam juntamente com a natureza. Novas leis podem surgir quando os fenômenos se tornam mais complexos. E assim que admitimos essa possibilidade, percebemos que a fonte metafórica das Leis da Natureza, ou seja, as leis humanas, não são de fato eternas, mas evoluem junto com a sociedade. (...)

Sugiro uma nova possibilidade. As regularidades da natureza não são impostas a ela desde um reino transcendente, mas evoluem dentro do universo. Aquilo que acontece depende daquilo que aconteceu antes. A memória é inerente à natureza. É transmitida por um processo chamado de ressonância mórfica, que atua em campos chamados de campos mórficos.

Neste livro, discuto a hipótese da causação formativa, basicamente no contexto da biologia e da química. No meu livro “The Presence of the Past” estendo essa discussão a evolução psicológica e cultural.”

Desse modo, Rupert Sheldrake introduziu no ano de 1981, o viés da “causação formativa” como sendo a sua visão de realidade plenamente apoiada na mais ousada das vanguardas dos postulados quânticos. Obviamente, os reducionistas ou crentes das “leis eternas”, relutam por aceitar esse cenário porque, das duas uma: não o conseguem compreender ou mesmo porque não querem.

As evidências, porém, são largamente explícitas e contundentes, tanto sob a ótica do empirismo como no âmbito das mais sofisticadas equações matemáticas da complexidade quântica.

5 Classes dos Seres Universais

Os fatores “demo” (demoníaco), “demol” (demoníaco animalizado com ou sem capacidade sexual) e “bio” (biológico) foram oriundos do que atualmente, entendemos ser o “Código de Vida Original” do Criador.

Esse contexto teve início com o “Projeto *Talm*”, que trouxe do universo paralelo, antimaterial – onde existem os seres demos, em múltiplas *lokas* – o “código da vida demo” transmutado para a condição biológica adequada a este universo material.

Os dois seres que se prontificaram para o “sacrifício”, transformando-se em “expressões *Adhyajna*” ou, em outras palavras, em “modelos-protótipos”, a partir dos quais novas linhagens pudessem ser geradas, foram aqueles conhecidos, nas suas “formas *Adhydaiva*”, como “Vishnu” e “Shiva”.

Shiva gerou a linhagem “demobio” e, mais tarde, a “biodemol”, dentre outras e suas derivações, enquanto Vishnu a “biodemo” e outros desdobramentos. Cito apenas essas para facilitar o entendimento, mas esses dois seres, antes das linhagens aqui citadas, promoveram outras experiências que lhes permitiram chegar até elas.

Depois dessas, a questão da função sexual seria ainda introduzida em variantes de todas elas.

Assim, passaram a existir diversos tipos de gêneros, dentre os quais posso aqui citar:

- » gênero demol assexuado;
- » gênero demol sexuado;
- » gênero demobio assexuado;
- » gênero demobio sexuado;
- » gênero biodemol assexuado;
- » gênero biodemol sexuado;
- » gênero biodemo assexuado;

» gênero biodemo sexuado.

Apenas a título de complemento de informação, que pode ser “precioso” para os que buscam compreender as possíveis faces de uma “verdade esquecida”, pertenciam ao gênero biodemol (ou homodemol) sexuais, os seres como Arjuna e demais personagens do épico hindu “*Mahabharata*”.

A composição dos fatores evolutivos bio e demo em Arjuna era de $\frac{2}{3}$ bio + $\frac{1}{3}$ demol + $\frac{1}{3}$ demo. Já o “*mahavatar Krishna*” possuía $\frac{1}{3}$ bio + $\frac{1}{3}$ demol + $\frac{1}{3}$ demo.

O aspecto central a ser observado é o de que o gênero “*homo*” é produto evolutivo, geneticamente adequado/manipulado a partir desses gêneros ancestrais.

Tempo virá em que esse assunto complexo deverá ser melhor esclarecido em trabalho específico.

12. SOPHIA E O GÊNERO BIODEMO

1 “A Caminho da Luz”

Livro de Emanuel (espírito), psicografado por Chico Xavier, Editora da FEB, São Paulo, 1939.

2 “Os Exilados de Capela”

Livro de Edgard Armon, Editora Aliança, São Paulo, 1949.

13. JOÃO E A “CÁPSULA DO TEMPO” DE SOPHIA

1 Morus

Também conhecido como “Aeon” e como “Cronus” (o primeiro, pois o outro era “pai” de Zeus), foi um demo, um dos “Seres Primordiais”, que criou as “Moiras”. Surgiu cerca de 4,2 bilhões de anos após a Criação e “sumiu” aproximadamente 1,4 bilhão de anos mais tarde – portanto, cerca de 5,6 bilhões de anos após o “*Big Bang*”.

14. SOPHIA E A RESSURREIÇÃO DE JESUS

1 Hesíodo

Um dos maiores poetas gregos da Idade Arcaica. Autor da “*Teogonia*” e de “*Os Trabalhos e os Dias*”. Viveu aproximadamente no ano 800 a.C., na Beócia, no centro da Grécia. Sua obra se encontra ao lado da de Homero, e os dois se destacam por serem os pilares da cultura grega antiga.

2 “Reintegração Cósmica”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Navegar Editora, São Paulo, 2ª Edição, 1996, “*Cosmic Reintegration*”, Zian Editora, São Paulo, 3ª edição, 2002, e Conectar Editora, Natal, 1ª edição atualizada, 2015.

15. OS “AGENTES” DO “QUARTO LOGOS”

1 Hugo Grotius (1583-1645)

Jurista holandês que escreveu um tratado, no ano de 1625, justificando a guerra. É um dos fundadores do Direito Internacional com base no Direito Natural.

2 Immanuel Kant (1724-1804)

Prussiano, considerado o mais importante filósofo da era moderna.

3 Martin Heidegger (1889-1976)

Filósofo e escritor alemão, reconhecido como um dos filósofos mais originais do século XX.

4 Campos mórficos

Os campos mórficos explicam como os organismos vivos estão integrados e como as suas diferentes partes trabalham juntas. Naturalmente, esse conceito não nega a influência de campos eletromagnéticos e da química, justamente por incluí-las, e aos conhecidos aspectos da Física, em sua moldura mais abrangente.

Sob este foco, a herança não é exclusivamente genética. Os genes permitem aos organismos produzirem determinadas proteínas e alguns estão mesmo envolvidos no controle da síntese proteica. Todavia, gerar as proteínas certas não é suficiente para construir vida, muito menos dotá-la de suas herdadas maneiras de comportamento, seus instintos; o que se dá justamente em virtude dos campos mórficos, que não são transmitidos geneticamente, mas sim por intermédio da ressonância mórfica, uma influência direta do passado no presente, através do tempo.

Campos mórficos não só nos ajudam a compreender o desenvolvimento da forma e do comportamento, mas igualmente a organização dos grupos sociais. Uma revoada de pássaros ou um cardume possuem um campo mórfico que ligam seus membros entre si. Mesmo quando um deles abandona o grupo, este campo não se rompe, ao contrário, “se estica” atrás do “desertor”, mantendo a conexão original como se por meio de um “elástico invisível”. Penso até que esta conexão entre membros de um mesmo grupo constitui a base da chamada telepatia.

5 Erwin Laszlo

Filósofo da ciência, teórico de sistemas, pensador integral e pianista clássico húngaro. Autor do livro *“Um Salto Quântico no Cérebro Global”*.

17. A FALSA TRINDADE

1 Slavoj Zizek

Filósofo esloveno, professor do Instituto de Sociologia e Filosofia da Universidade de Ljubljana e diretor internacional da Birkbeck, Universidade de Londres.

2 Igreja de Santa Sophia

Santa Sofia ou, como chamam os turcos, *“Ayasofya”*, é o símbolo de Istambul. Foi construída durante o mandato de Justiniano, entre 532 e 537, e é uma das obras-primas da arte bizantina. Entre 1204 e 1261, Santa Sofia foi a igreja do Império Bizantino. Em 1453, foi tomada pelo Império Otomano e transformada em mesquita. Os otomanos dotaram a igreja de quatro minaretes, uma escola teológica e um refeitório público. Em 1935, Atatürk transformou o templo em um museu.

3 Eckhart de Hochheim

Mais conhecido como “Mestre Eckhart”, foi um frade dominicano, reconhecido por sua obra como teólogo e filósofo, e por seu misticismo.

4 Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831)

Filósofo germânico, uma das luzes do “Idealismo Alemão”, e pai do “Idealismo Absoluto”, que é um

sistema filosófico que se denominou capaz de compreender discursivamente o absoluto (de atingir um saber do absoluto), por meio da Dialética.

5 Sigmund Freud (1856-1939)

Médico neurologista e psiquiatra, criador da psicanálise.

TEXTO COMPLEMENTAR

1 “Recado Cósmico”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Zian Editora, São Paulo, 2ª edição, 2002.

SOBRE O AUTOR



Com 40 livros publicados no Brasil até o momento, tem se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão sendo resgatados de um passado esquecido, que antes se encontrava oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Programas na Rádio Atlan: Projeto Orbum, Acompanhando o Mundo, Reinvenção da Vida, Mitos e Conspirações, Para Onde Caminha a Humanidade, Imagens e Reflexões, Livros que fazem Pensar.

Formulador do Instituto de Estudos da Política Planetária – IEPP (www.orbum.org)

Formulador do Projeto MENTALMA – A Yoga do Cotidiano (Ciclo de Cursos -Palestras).

Para mais informações:

www.janvalellam.org
contato@janvalellam.org



LIVROS PUBLICADOS:

Como escritor espiritualista, com o pseudônimo de Jan Val Ellam, editou os seguintes livros até o momento:

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- Nos Céus da Grécia
- Recado Cósmico
- Nos Bastidores da Luz I, II e III
- O Sorriso do Mestre
- Muito Além do Horizonte
- Jesus e o Enigma da Transfiguração
- Fator Extraterrestre
- A Sétima Trombeta do Apocalipse
- O Testamento de Jesus
- Jesus e o Druida da Montanha
- O Drama Cósmico de Javé
- O Drama Espiritual de Javé
- O Drama Terreno de Javé
- Crônicas de um Novo Tempo
- Cartas a Javé
- Favor Divino
- O Guardião do Éden
- O Sorriso de Pandora
- O Big Data do Criador
- Homoafetividade - O Segredo do Éden
- Memórias de Javé
- Terra Atlantis - O Sinal de Land's End
- Terra Atlantis - A Frota Norte
- Terra Atlantis - A Era Sapiens
- Inquisição Trimurtiana
- Inquisição Filosófica
- O Dharma e as Castas Hindus
- O Quarto Logos
- A Rebelião dos Elétrons
- A Divina Colmeia
- A Epoia dos Agentes da Vida Universal

Outras obras como Rogério de Almeida Freitas

- Inquisição Poética
- Teia do Tempo (com o astrônomo José Renan de Medeiros).
- Homo Sapiens : da Guerra ao Esporte
- Autor do Manifesto da Cidadania Planetária (Projeto Orbum).
- Autor do Manifesto Onda Vírus (IEPP)



ENTREVISTA COM JAN VAL ELLAM

Dentre sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central de seu trabalho?

A necessitada, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão de realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras. Afinal, somos racionais: seres que antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar, estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumamo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionamos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse

processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

Os estudos desenvolvidos em seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas se perdem nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente penso não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registrei em um dos livros que até o momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

Diante da nova realidade que suas obras literárias apontam, a

humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kierkegaard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma se equivocar de duas maneiras: uma, acreditando no que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos painéis importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspectos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto. As elites religiosas não têm interesse em que seus fieis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fieis como prisioneiros dos seus circuitos.

Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretendo deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo

exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros até hoje lançados encontra-se o “Manifesto Orbum da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. *O homo consumus, o homo religiosus, o homo nervosus, o homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no fato da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amor, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a

elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso! Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados por que podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do toma lá dá cá, viciaram todos os seus fieis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai se perpetuar?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspecto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente lançado, aborda de modo inusitado essa questão.

Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual

milenarmente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

** Entrevista Revista Acontece, agosto de 2019*

GUIA E ROTEIRO DE LEITURA DOS LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I.

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**.

Reintegração Cósmica.

Caminhos Espirituais.

Carma e Compromisso.

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte. Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico. Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre. Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus. Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia. Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas

contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I, II e III. Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 - ETAPA II.

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração. O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre. Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus. Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final e da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha. Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo. Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética. O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo. Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 - REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III.

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos quatro grupos distintos:

GRUPO 1 – CONTEXTO DEMO COM FOCO NAS FIGURAS DE BRAHMA, VISHNU E SHIVA E DAS DIVERSAS EXPRESSÕES AVATÁRICAS TRIMURTIANAS.

O Drama Cósmico de Javé. Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé. Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé. Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino. Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé. Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador. Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé. Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica. Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia. Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva

— em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

O Dharma e as Castas Hindus. O que sempre esteve por trás das castas hindus e a humanidade nunca soube? Qual o significado real do Dharma?

Por que será que na Terra existe uma multidão de miseráveis e somente uns poucos nascem com possibilidade de dar um bom curso as suas vidas?

Este livro responde a essas questões, dentre outras jamais abordadas na cultura humana, e apresenta um inquietante mecanismo psíquico que sempre pretendeu impedir o ser humano de se inconformar perante o absurdo de alguns painéis da existência.

Mitologia, religião, espiritualidade, filosofia, história e cosmologia se encontram numa abordagem ímpar, que ultrapassa os limites do trivial em torno da imoralidade que é a situação de um ser humano que, por força do seu nascimento se vê obrigado a ser o que a tradição religiosa impõe.

GRUPO 2 – ASSUNTOS MITOLÓGICOS E TEMÁTICA
EXTRATERRESTRE VINCULADA AO PROJETO TALM QUE
“TRANSPLANTOU A VIDA” DO CONTEXTO DEMO (UNIVERSO
PARALELO COMPOSTO DE ANTIMATÉRIA) PARA O UNIVERSO
BIOLÓGICO MATERIAL ONDE VIVEMOS.

O Sorriso de Pandora. A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden. O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser

que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End. Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Frota Norte. Abordagem da saga dos biodemos capelinos — incluindo o quartel general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio. Os rebeldes, agrupados em Benem,

passam a compor uma força-tarefa que, por milênios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”. Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas ao mesmo tempo em que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra. Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Era Sapiens. Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou acontecendo. Len Mion e Yel Luzbel perseguem a vinda do Messias anunciado pela veia profética do povo hebreu ao mesmo tempo em que procuravam compreender se Jesus era o “conquistador” há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel, dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar de todas as maneiras, qualquer interesse que ele enxergasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir na Terra a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.s

GRUPO 3 – TEMAS COMPLEMENTARES.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte. Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

GRUPO 4 – TEMAS AVANÇADOS.

A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador. Dentre as partículas fundamentais da matéria, apontadas pela Física, os elétrons têm uma característica incomum e pouco conhecida: a de hospedar, na sua “intimidade”, as informações produzidas desde o “momento zero” da sua história que começou com o Big Bang.

Os psiquismos das diversas espécies da natureza universal, que nasceram programadas (as mais fortes, as predadoras) para liquidar outras formas de vida, para, assim, por meio da violência imperativa, manter a “sobrevivência dos mais fortes” como sendo a tônica da vida inclemente, têm sujado a “vida interior” desses agentes da informação cósmica.

Os elétrons parecem não ter premissa lógica – pelo menos por enquanto – para se perguntar sobre o porquê das coisas serem assim, mas, estranhamente, sobram indícios e evidências de que, algum tipo de premissa neles, não mais suporta acumular marcações de sofrimento e de outros naipes que enfeiam e criminalizam a existência.

Esse tema jamais foi abordado nos cânones da cultura humana, mas por “urgências e necessidades” ainda desconhecidas para a lógica planetária, tornou-se agora imperiosa a sua abordagem.



Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

POR QUE O IEEA?

Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos



Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
- Assista vídeos de palestras não públicas
- Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smartphones.

LISTA DE ALGUMAS PALESTRAS:

- Buda: O Homen a Revolução e os Mistérios Budistas
- Análise da Trilogia Matrix
- Jainismo : A Revelação Esquecida
- A Falência da Religiosidade
- Os Anéis do Poder e os Portais
- DNA Homo Terráqueo : Interesse Universal
- As Duas Testemunhas do Purana e a Vinda de Kalki
- Mente, Cérebro e Consciência
- O Princípio do Despertar Espiritual
- Os Estranhos Desígnios de Javé : Aprofundamento
- Avatares X Spinoza e Nietzsche : O Jogo não acabou
- Reforma Íntima e o DNA II - Aprofundamento
- Javé e a Justiça Divina
- Você e a Espiritualidade
- Humanidade em Disputa: A Descendência De Pandora
- Talentos e Linhagens Espirituais
- Você e o Criador
- O Ser Humano: A Mais Enigmática Singularidade
- Pactos de Javé
- Religiosidade Afetada e Estacionamento Espiritual
- Favor Divino: Tempo de Ruptura
- As Quatro Faces de um Ser - Vishnu, Mohen So, Sophia e Jesus
- O DNA Helênico e o Quarto Logos
- Zeus e Prometeu: Parceria Impensável
- A Ressurreição do Criador
- A Face mais Enigmática do Ser Humano: O Daisen de Heidegger
- A Consciência Humana e os Conceitos Profundos
- O Gênero Adhydaiva e suas Espécies Demodharmicas
- A Geometria Sagrada e os Campos Morfogenéticos

- Mitologia Chinesa e a Destinação do Império do Centro
- Forças Invisíveis em Ação
- O Sonho dos Templários e seus Desdobramentos
- Revelações do Alto
- Fator Carma: O Sentido Gradual das Leis Morais
- Sophia e o Pêndulo Cósmico
- O Incompreendido Norte Divino: Mitologias Celta e Nórdica
- O Desvio de Rota de Pandora e o Quarto Logos Universal

Entre muitos outros fascinantes temas.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

MANIFESTO PROJETO ORBUM



“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente

direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Filie-se espiritualmente a esta idéia.

Jan Val Ellam

MAIS INFORMAÇÕES

Para mais informações sobre o ator, novos lançamentos de livros e sua agenda de palestras e eventos, acesse nossas redes:

Website e Livros

www.janvalellam.org

Youtube

www.youtube.com/janvalellam1

Facebook

www.facebook.com/janvalellam

Ebooks Amazon

www.amazon.com/author/janvalellam

Programa de Rádio

www.radioatlan.com